

ROMANCE ESPÍRITA

Sonata ao Amor

PSICOGRAFIA DE
CHRISTINA NUNES

PELO ESPÍRITO
IOHAN




LUMEN
EDITORIAL

ROMANCE ESPÍRITA

Sonata ao Amor

PSICOGRAFIA DE
CHRISTINA NUNES

PELO ESPÍRITO
IOHAN




LUMEN
EDITORIAL

Sonata ao amor



Pelo espírito

IOHAN

Psicografia de

CHRISTINA NUNES



LUMEN
EDITORIAL

Sonata ao Amor
pelo espírito Iohan
psicografia de Christina Nunes

Copyright © 2012 by
Lúmen Editorial Ltda.

Diretor editorial: *Celso Maiellari*
Diretor comercial: *Ricardo Carrijo*
Coordenadora editorial: *Fernanda Rizzo Sanchez*
Revisão: *Maria Aiko Nishijima*
Capa: *Casa de Ideias*
Conversão em epub: *Studio Schäffer*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iohan (Espírito).

Sonata ao amor [livro eletrônico] / pelo espírito Iohan ;
psicografia de Christina Nunes. -- São Paulo : Lúmen, 2012.
1,5 Mb ; ePUB

ISBN 978-85-7813-093-0

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Nunes,
Christina. II. Título.

12-13633

CDD-133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : Espiritismo 133.9



Rua Javari, 668

São Paulo – SP

CEP 03112- 100

Tel./Fax (0xx11) 3207- 1353

visite nosso site: www.lumeneditorial.com.br

fale com a Lúmen: atendimento@lumeneditorial.com.br

departamento de vendas: comercial@lumeneditorial.com.br

contato editorial: editorial@lumeneditorial.com.br

siga-nos nas redes sociais:

twitter: [@lumeneditorial](https://twitter.com/lumeneditorial)

facebook.com/lumen.editorial1

2013

**Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora**

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Soneto da dúvida eterna

*Queres saber de mim... Que faço agora,
Onde estou e se penso em ti, também;
Dos versos meus, me indagas donde vêm;
Se deste instante ou d'um instante d'outrora!*

*Na dúvida, que dentro d'alma aflora,
Te perguntas – bem sei – Serão pra quem?
– Terá o amor do bardo outra refém?
Que sofrimento a mente te assenhora!*

*Por que sofres assim, inutilmente?
As memórias que trago em minha mente
Serão tuas, hoje, agora e em qualquer dia!*

*Pois que são, embora a nossa distância,
Cá dentro de minh'alma, com constância,
Doces lembranças da tua companhia!*

*Nelson de Medeiros
Publicado em 9/6/2011
Recanto das Letras*

~ Sumário

Agradecimento

Introdução

1. *Num sábado ensolarado*
2. *O maestro*
3. *Durante um ensaio*
4. *A primeira aula*
5. *Conversa entre mãe e filha*
6. *O telefonema do professor*
7. *Na viagem para Cabo Frio*
8. *Conflitos íntimos*
9. *Um dia de lazer*
10. *Cortinas de fumaça*
11. *Em meio à enchente*
12. *A força do destino*
13. *A primeira noite*
14. *Encruzilhada*

15. *A revelação*
16. *O caso de Bryan*
17. *Conflitos*
18. *À deriva dos sentimentos*
19. *O resultado*
20. *Por um descuido*
21. *Entre o amor e a razão*
22. *Tombo das nuvens*
23. *O rio contorna as pedras*
24. *Desagradável descoberta*
25. *Impasse profissional*
26. *Dias difíceis*
27. *Reveses*
28. *Prova de amor*
29. *A visita de Otávio*
30. *Conclusões inevitáveis*
31. *Entendimento de pai*
32. *Viagem a Gales*
33. *Em Cardiff*
34. *Sonata ao amor*
35. *De volta ao Brasil*
36. *O casamento*
37. *A explicação*
38. *Quando o amor prevalece*
39. *Tempos de expiação*
40. *Diálogo confidencial*
41. *Ode à alegria*
42. *Despedida*
43. *Epílogo: em nossa intenção*

~ *Agradecimento*

Sou profundamente agradecida ao maestro Bryan Lowe pela distinção da confiança depositada na minha intermediação mediúnica, para transmitir aos leitores esta história tão bela quanto tocante. Trata-se de um testemunho comovente, que no decorrer da leitura nos eleva com facilidade a uma compreensão da vida situada acima das aparências das situações e das considerações superficiais, sobre um dentre os dilemas mais difíceis atualmente vivenciados pela humanidade reencarnada – o drama dos portadores do vírus HIV.

Durante todo o processo de recepção e desenvolvimento do texto, fatores ímpares contribuíram para a conclusão bem-sucedida do trabalho conjunto entre as duas esferas da vida, em razão da empatia indescritível entre o espírito comunicante e a médium – servindo-me, ainda desta vez, como ferramenta maravilhosa de aprendizado acerca das sutilezas e particularidades da transmissão mediúnica.

Já apreciadora da música clássica, durante este período vi-me atraída irresistivelmente para a minha coleção de clássicos ligeiros, o que funcionava como tão necessária quanto poderosa ferramenta de inspiração. A

impressão, sem nenhuma margem de dúvida, era de experimentar todas as nuances das emoções e percepções do autor, como se em mim se estabelecesse, efetiva e surpreendentemente, uma continuidade sua, o que certamente demandou dos meus mentores iniciativas particularizadas para me resguardar das sensações associadas aos pormenores mais difíceis das vivências dos personagens principais, ainda bastante latentes na sensibilidade apurada do músico e espírito autor.

O leitor amigo poderá constatar ser a história de vida do estimado maestro destas que, de tão emocionantes quanto belas, nos oferecem sensações díspares – a vontade de que fosse a nossa história e o nosso romance. E, a um só tempo, a comoção de só se imaginar como se daria para nós tal espécie ímpar de sofrimento, que normalmente rejeitamos intimamente para as trajetórias por nós eleitas, durante a nossa permanência nos palcos terrenos.

Mais que rejeitar, todavia, cabe-nos compreender, sem julgar, que qualquer acontecimento marcante a nos colher em qualquer instante da caminhada possui sempre as suas raízes nalgum contexto de passado mais ou menos distante. É a lei da colheita e das responsabilidades individuais para cada iniciativa. E é importante que se entenda que os reveses, a isso associados, seja por conta da intemperança, invigilância ou imaturidade, em tempo certo haverão de nos atingir, a cavaleiro de importante ensinamento para a continuidade eterna de nossas jornadas rumo ao infinito.

Dedico, assim, esta obra, em relação à qual nutro carinho todo especial, aos artistas clássicos. Aos musicistas, maestros e professores. Aos estudantes, compositores e instrumentistas, por ajudarem, de maneira atemporal, a sustentar acesa, neste mundo ainda alimentado por luzes e sombras, a chama da música que cura.

CHRISTINA NUNES

Médium

~ Introdução

O leitor haverá de me perdoar a liberdade de relatar esta história em terceira pessoa, à exceção do epílogo, embora contando a respeito de mim mesmo em época não tão distanciada do seu tempo de agora.

É que tudo é tão entranhado, e ainda tão latente, que tal forma de narrar, segundo orientação de meus próprios mentores, me favorece com maior equilíbrio íntimo, resguardando-me das dores bastante acirradas que ainda me fustigam a alma por conta dos meus elos recentes com pessoas e vivências difíceis.

Os pactos de união estável celebrados por algumas religiões do mundo proclamam, nas cerimônias e altares onde os noivos trocam votos de fidelidade, o legendário “na saúde e na doença, na alegria e na tristeza”, como forma de compromisso de lealdade mútua ante todos os futuros embates da vida.

Forçoso reconhecer, porém, que votos tão promissores não encontram resistência da parte dos que assim entrelaçam seus destinos, em muitas das vezes, diante dos primeiros desafios com que a vida em comum os convida a

confirmar amor autêntico e apoio mútuo em instantes mais difíceis, nos quais o que prevalece não são as horas de venturas ou de sorrisos.

E é justo nestes momentos, amigos em passagem pela Terra, que se faz mais refulgente aquele amor abençoado pelas luzes da compaixão, do entendimento e da autenticidade residente nas afeições cujas raízes se perdem em tempos, lugares e épocas longínquas. Tal amor é sempre redivivo, quando seres assim entrelaçados se reúnem em instantes-chave da jornada para missão de apoio mútuo e troca daquela afetividade que, mais que embevecer, enleva, fortalece e cura!

Hoje, com a mente e o coração alentados em Jesus, a grande inspiração de todas as épocas, posso afirmar, com grande regozijo íntimo, que fui um desses bem-aventurados, a quem a rápida quanto atribulada última passagem pela Terra agraciou com a presença de uma dessas almas que nos comparecem nos instantes mais críticos da trajetória como anjos iluminados, amenizando, com a força de seu amor e da sua simples presença, toda a bagagem de vivências muitas vezes ríspidas que a Lei de Causa e Efeito nos confronta, para o nosso aprendizado e melhor engrandecimento interior.

É desta etapa do longo caminho que venho lhes dar testemunho, agradecendo aos mentores da médium com os quais venho obtendo aprendizado precioso para a renovação de meus rumos na continuidade das fases nestes horizontes surpreendentes. Agradeço também pela oportunidade desta iniciativa, que, além de funcionar como esclarecimento útil aos que buscam a literatura espírita para um entendimento maior do que nos aguarda para além da sepultura, num nível muito pessoal, me auxilia a sustentar a esperança de que, embora estejam nomes e lugares circunstanciais compreensivelmente mudados, a personagem principal destes fatos talvez que, intuitivamente, ou pela ação ininteligível da Providência, venha a acessá-la – nem que ao menos de modo indireto, acolhendo o meu amor e os meus melhores sentimentos de gratidão eterna.

Porque, pela sua rara compreensão do que realmente dá sentido à busca de todos nós pela felicidade, coube-me conquistá-la quando menos contava com isso, e enquanto ainda aí, entre os que passeiam transitoriamente pelo

mundo material, em tempos em que nem eu mesmo mais cria que a vida pode, sim, e a qualquer momento, ser feita dos nossos melhores sonhos.

IOHAN

Rio de Janeiro, 7 de outubro de 2011

CAPÍTULO I

Num sábado ensolarado



Quando Varínia estava para ser apresentada àquele que viria a ser o seu professor de música, num primeiro momento não se sentiu entusiasmada. Amanda, sua amiga mais próxima, viu-se, compreensivelmente, na necessidade de lhe enumerar alguns pormenores da situação.

– Este professor é estrangeiro? – Varínia indagou, em certa tarde agradável de sábado durante a qual ela e Amanda compartilhavam momentos de lazer a passeio pela cidade do Rio de Janeiro. – Por que este nome, Bryan?

– Tem ascendência no País de Gales. Não é de admirar que, tão moço, já seja maestro, além de violinista. – Amanda meneou, com ar de dúvida. – Não conheço direito a história da família dele, pois comecei minhas aulas há pouco mais de sete anos, e o professor Bryan é um pouco misantropo...

Varínia estranhou, parando de tomar o seu suco de goiaba, enquanto a outra percorria o olhar meio distraído pelas ondas do mar rebentando lá longe, na orla da praia do posto dois de Copacabana.

– Como, misantropo, se várias vezes já comentou comigo que costuma sair com o grupo de musicistas para se divertirem?

Amanda voltou sua atenção para ela.

– Oh, não, por favor! Não foi isso que eu quis dizer! Ele é até muito divertido! Disse “misanthropo”, porque acho que ele tem uma vida muito solitária, apesar de tudo! Pelo que sei, sua família, seus irmãos, vivem fora, no exterior, e nunca concordaram com a vinda dele para cá! A mãe ainda vive, fala inglês, mas nunca veio ao Brasil! Ele vive sozinho num apartamento nas Laranjeiras. Pelo que falam, ele foi atraído para cá por uma turista que se aventurou no seu país muitos anos atrás! Só que o relacionamento não deu certo, por iniciativa dele próprio, e, desde então, nunca mais se envolveu com ninguém! – arrematou, com um sorriso algo malicioso brincando com os lábios fartos. Mas, a isso, Varínia a encarou de modo um tanto quanto inquisitivo.

– Então ele deveria venerar bastante essa beldade, não? Nunca mais se envolveu com ninguém?! E para quem não sabe muito da história dele, acho que você sabe demais! Tem certeza de que não é boato, fala-fala do pessoal da orquestra ou dos alunos?

Amanda deu de ombros.

– Bem, não sei, mas o seu estilo de vida isolado confirma, em parte, estas suspeitas! – A moça olhou a outra, que ainda a fitava cheia de interrogações na fisionomia. – O que eu sei para o momento, e para o que lhe interessa mais de perto, Varínia, é que, além de antiga estudante de música e viúva recente, *você* está se tornando misantropa! E já que deseja sair da sua toca de lamúrias se dedicando com vontade ao estudo do canto e do violino, esta sua amiga aqui veio bem a calhar, pois não conheço ninguém mais indicado do que o professor Bryan para testá-la e oferecer esta oportunidade! – Agora Amanda ria diante do ar de desconfiança tímida com que a outra a ouvia atenta. – E não precisa recluir nada do que eu disse! Você parece que ficou cismada com a história sobre o professor! Vai descobrir, durante a convivência com ele, que, embora seja um quarentão, possui mais ares de um materialista e *bon vivant* inveterado, jovial e apreciador de diversão saudável, do que de um velho casmurro que, bem o vejo, você já teme!

– Ele fala bem o português? Como são as histórias das pessoas! Como um homem desses veio parar aqui? E por que será que não foi embora, depois que as coisas não deram muito certo?

– Fala português fluentemente! Ora, mas o que você está dizendo? Nem parece que nasceu no Rio de Janeiro! Há certos setores desta cidade que aparentemente abrigam mais estrangeiros permanentes do que gente daqui mesmo! – A morena Amanda riu com divertimento, acrescentando um comentário pueril e bem-humorado: – Vou lhe contar uma coisa, dependendo de onde são, adoram minha cor de pele, viu! É muito engraçado!

– Ele se interessou por você?!... – Mais desanuviada, Varínia dividia com ela a pilhéria. – Mas como são brancos, descolorados, não? – E voltava-se para um grupo de turistas que atravessava a avenida, rentes à lanchonete onde elas conversavam nas mesinhas bem postas na calçada larga, passando em direção ao mar. – Chamam a atenção, destacando-se nas ruas! O professor Bryan é assim?

– Nem de longe! – disse a amiga, sem responder à sua irônica e primeira pergunta, surpreendendo-a, enquanto enveredavam pelo assunto de teor habitualmente feminino acerca de aparências, signos e humores. – Não sei se já foi mais branco antes e o sol daqui o fez mudar de cor de algum modo; mas o fato é que é bem mais tostado do que você, por exemplo, com essa sua brancura leitosa! E os cabelos castanho-escuros e os olhos amendoados fecham a aparência de quem nasceu aqui!

– Deve, então, ter sido brasileiro em vidas passadas... – brincou Varínia, adepta das convicções espíritas em expansão nos séculos recentes. – E sentiu necessidade, por carma ou obra qualquer do destino, de voltar para o país de origem agora, nesta presente vida!

– Ah, você tem mesmo certeza dessas coisas, não? – Amanda desviou os olhos escuros do grupo de turistas que agora já ia longe para a moça sentada à sua frente, ouvindo-a, interessada.

– Mas, como não? Como explicaríamos tantas histórias impressionantes sobre os mais diversos destinos, e tantas disparidades de sorte ao nosso

redor, senão com um entendimento de fio contínuo, num universo tão perfeito em volta e acima de nós?!

– Concordo com você! Tem lógica! – Voltou a outra, tomando mais do seu mate. – Todavia, por vezes considero se este tipo de compreensão não é cultural, produto mais da índole de um povo do que propriamente de uma verdade definitiva! – Aventou, desviando para o tema de antes o assunto que havia se modificado um pouco. – Pessoas como o professor Bryan, por exemplo, vindas de terras celtas, aparentemente nem ao menos consideram a vida desta ótica; então, minha amiga... Se fosse mesmo como você acredita, como se situariam na hora em que fatalmente deixarão este mundo?

Varínia terminou o seu suco e se empertigou na cadeira onde se sentava.

– Ora, mas você se equivoca ao atribuir o interesse por este assunto apenas ao brasileiro ou a quaisquer outras nacionalidades, única e exclusivamente! Os estudos do Espiritismo declinaram justamente na terra natal de seu Codificador, Allan Kardec, mas inúmeros são os cientistas europeus, na atualidade, que pesquisam seriamente os fenômenos de quase morte e produzem documentários eletrizantes com os resultados de suas descobertas! Penso que a realidade das vidas sucessivas, de há muito, já extrapolou o território das crenças, e mesmo da religiosidade, para se aliar, com a base moral do cristianismo, à ciência de vanguarda dos tempos em que vivemos! Isto porque estes fenômenos, Amanda, de quase morte, de regressão espontânea de memória, dentre tantos outros da alçada mediúnica, constituem leis naturais, apenas que ainda mal compreendidas pelo homem comum. Vivem acontecendo mundo afora, indistintamente, e à revelia de crenças e de convicções particulares!

E como Amanda agora somente se dividisse entre ouvir, reflexiva, e contemplar a paisagem ensolarada daquele fim de semana na zona sul do Rio, Varínia suspirou. Examinou seu relógio e lembrou-se de um compromisso ainda para aquela tarde.

– Bem... Tenho de finalizar aquela coleta de objetos pessoais que ficaram no apartamento antes de buscar o Tadeu na mamãe, já que os novos proprietários em breve farão a mudança. Você me acompanha? – Convidou,

em parte num desabafo melancólico. – Espero que seja a última vez em que retorno àquele lugar cheio de recordações fortes da minha vida com Otávio!

Amanda na mesma hora concordou.

– Como não? Depois continuaremos aproveitando o sábado! – Concordou, enquanto fazia um gesto ao garçom para que fechasse a conta. – Oh, não, minha cara, não pense que largarei do seu pé, até conseguir tirá-la em definitivo deste seu luto! Afinal, já se vai mais de um ano! Sua vida precisa ser preenchida de luz, de renovação!...

Entre agradecida e reconfortada, Varínia sorriu. Logo deixaram a lanchonete, conversando arejadamente ao longo da avenida alegre e movimentada sobre as perspectivas dos dias posteriores.

CAPÍTULO 2

O maestro



O professor Bryan apreciava música popular brasileira, e era um tanto saudosista.

Gostava em especial de duas delas, *Freesom*, e *Na Chuva, na Rua, na Fazenda*, uma das quais cantarolava sozinho, distraído, dedilhando um sintetizador na saleta do estúdio onde costumava ensaiar seus alunos, sem reparar quando Amanda entrou sem fazer ruído, na companhia da agora encolhida Varínia.

– Professor Bryan! – Ela chamou, pregando-lhe ligeiro sobressalto.

Ele se levantou do assento num impulso, como se arrancado de devaneios que o levavam para muito longe. Ao fazê-lo, Varínia pôde afinal examinar melhor o personagem de quem sua amiga lhe falara dias antes com tanto entusiasmo. Esta última, enquanto isso, avançava com desembaraço até onde o músico, de seu lado, também esquadrinhara discreta, porém integralmente, de uma só olhada, e de dentro de uma argúcia admirável, a sua visitante e candidata.

– Que horas são? – Perguntou à cantora, estendendo-lhe amigavelmente a mão. – Faz talvez uma hora e meia que cheguei aqui para a entrevista,

adiantado, e acabei me descuidando do tempo.

Amanda consultou o seu relógio de pulso.

– São quatro horas da tarde... Oh, bem, estamos também adiantadas alguns bons quinze minutos. Mas Varínia tocou-me de casa com afobação, temendo um atraso logo no primeiro dia. O trânsito intenso desta hora...

Fez um gesto, atraindo a outra, que avançou uns passos, ainda sem encará-lo muito. Varínia julgava que já reparara nele o suficiente, de relance, para um início de contato. E constatava que não correspondia em nada, num primeiro momento, às suas expectativas, baseadas nas descrições ouvidas da amiga. Se o encontrasse por acaso numa condução ou na rua – considerara para si – jamais imaginaria nele um professor de música, e menos ainda um maestro. Pensou que aquela altura avantajada, combinada à jovialidade flagrante e inesperada naqueles olhos escuros de falcão, um tanto atrevidos, que a mediram sem cerimônia tão logo Amanda o chamou, denunciariam de cara nele, numa avaliação inicial, um frequentador de boates inveterado da zona sul do Rio ou um ilusionista; um médico-cirurgião bem-sucedido e empavonado; qualquer coisa assim, ou outras... Nunca, todavia, um professor de música. E menos ainda um maestro!

Na sua concepção prévia, e esquecida de que na atualidade mesmo jovens dedicados à carreira musical por vezes atingiam a excelência que os alçava, cedo, a esta posição privilegiada na carreira artística, presumia que músicos deste naipe deveriam ser de aspecto bem mais convencional ao seu estilo, ao menos numa primeira impressão. Qualquer coisa entre Arthur Moreira Lima e Isaac Karabtchevsky. Mas não aquele homem, na faixa dos quarenta anos, de roupas escuras, mas despojadas: um *jeans* preto e uma camisa social azul-petróleo de punhos dobrados, contrastando elegantemente com cabelos bem cortados, fartos e escuros, levemente ondulados.

Poderia ser que a sua avaliação do ser humano fosse bem pífia, no fim das contas. O que haveria na aparência dele que lhe transmitia essas impressões atrapalhadas e destituídas de base lógica?

Fosse como fosse, já se sentia insegura. Aquele brilho intenso no olhar de Bryan, mesmo à distância, transmitia-lhe qualquer coisa que, contra toda

a sua resistência em contrário, deixava-a desassossegada, embora não soubesse dizer bem por quê.

Mas Amanda a apresentou e ela teve de engolir em seco aquelas impressões perturbadoras para dar atenção ao curso de acontecimentos dos quais não podia mais se arrepender de ter com eles consentido.

– Eis, professor Bryan, Varínia, a amiga de quem lhe falei. Espero que ela consiga ser bem avaliada para ocupar aquele seu horário vago para as aulas de violino. Mas tenho comigo que a viagem não será perdida!

Bryan olhou-a, de maneira inquisitiva, o que causou em Varínia certo mal-estar.

– Ah, sim, Amanda? Por quê? – Ele indagou, denotando uma curiosidade estranha e sincera.

A isso, a moça também o encarou, desconcertada, sem saber se entendia naquilo um interesse real ou uma ironia. Mas tratava-se de um viés de comportamento que já flagrara nele anteriormente, assim, não se deixou impressionar tanto e respondeu, com um gesto franco:

– Ela estudou música durante muitos anos no passado, professor! Penso que está somente meio destreinada!

Bryan voltou a encarar a recém-vinda, e novamente ela se encolheu intimamente, quase desencorajada.

Teve viva vontade de convocar Amanda e, sob um pretexto qualquer, ir embora; mas não houve tempo para isso, pois o professor já se acercava mais, agora intimando, decidido, na entonação polida e discreta que costumava usar sempre com os que lhe eram apresentados de maneira mais formal.

– Bem, vamos ver... Varínia... – vacilou um pouco no nome que não se recordou de pronto, sua fisionomia denunciava que o achara um tanto incomum, e estendeu também para ela a mão. – Passemos à sala de instrumentos; preciso ligar os amplificadores... – Convidou, acenando à Amanda para que os acompanhasse. E enquanto o fazia, desandou a falar: – O que você estudou anos atrás? Aprender música não é exatamente como andar de bicicleta, que nunca mais se esquece, como reza o ditado. – Varínia notou que um sorriso algo pueril acompanhou suas palavras. – Não é questão pura e simples de equilíbrio! – Explicou enquanto fazia a instalação

de alguns aparelhos de som. – O que não se usa, atrofia-se, perde-se, por destreino! Suas lições foram instrumentais ou de voz?

– Aprendi teclado e também cantava no grupo coral da igreja que minha mãe frequentava, e no da Universidade... Durante uns seis ou sete anos...

Bryan voltou-se, interessado, parando por um momento.

– O que você estudou na universidade?

Varínia olhou para Amanda, encolhendo os ombros, e um sorriso incerto também perpassou pelos seus lábios.

– Arquitetura e Urbanismo... Terminei me especializando em projetar jardins públicos! Não me serviu de nada. Hoje em dia trabalho em um banco! Lá conheci Amanda!

– Antes de estudar música gastei um tempo trabalhando como garçom. Isto foi no meu país de origem... – ele comentou em tom casual, como se aquele dado em particular, a seu ver, fosse destituído de importância. – Mas a sua família possui algum histórico vocacional para a música?

A isto, Varínia pareceu se animar um pouco, evocando algumas lembranças oportunas.

– Oh, sim... Dos meus três irmãos, dois são instrumentistas, mas apenas amadores. Não são profissionais, tocam porque gostam. E minha mãe também fez parte do coral da igreja durante muitos anos, e teve aulas de canto!

Bryan ouviu. Aproximou-se, agora a olhando analiticamente, como se avaliando alguma coisa com base no que falava. Amanda, de seu lado, limitava-se a escutar, transparecendo na fisionomia pouca coisa do que lhe ia aos pensamentos.

– E você, Varínia? Gosta mesmo de música? Por que decidiu retomar o estudo depois de todos esses anos?

– Bem... – ela vacilou um pouco, desconcertada, sem saber de pronto o que responder. Isso porque a resposta talvez contivesse obrigatoriamente elementos da sua vida pessoal mais recente que não desejava expor assim, sem mais nem menos, a um desconhecido. E afinal, no que aquela informação contribuiria para a sua aprovação como aluna dele?

Notando nela a indisposição, Amanda tentou socorrê-la.

– É... professor Bryan, acho que Varínia quer recuperar o tempo perdido indevidamente para aquilo que ela de fato gosta de...

– Amanda, é você quem quer ser avaliada? – Agora a ironia era explícita, indubitável na entonação com que ele se lhe dirigiu, fixando nela uns olhos entre argutos e ferinos que a desconcertaram a ponto de levá-la a perder a voz. – Mas *já não é* minha aluna?!... – Enfatizou.

– Enviuei há quase dois anos, professor! Minha vida tomou um novo rumo, modificou-se, e tem me sobrado algum tempo para que, de fato, me dedique a esta atividade, que anteriormente havia deixado de lado por força dos compromissos prioritários com a família!

– Oh, sinto muito... – ele voltou-se para ela outra vez, pausando, enquanto se sentava num banco próximo a um violoncelo, dedilhando-o com casualidade. – Mas... Você não tem filhos?

Varínia suspirou diante daquela segunda pergunta que considerava especialmente invasiva.

– Sim. Um menino pequeno, professor Bryan! Mas, dependendo de como o senhor me avalie, e talvez venha a combinar horários comigo para as aulas, isso não oferecerá nenhum obstáculo!

– Claro... embora isso não seja uma certeza! – Bryan concordou, gesticulando com tranquilidade. E acrescentou uma explicação que a reconfortou do nervosismo que aquela entrevista inusitada lhe provocava, à sua revelia. Ali, o europeu de Gales se revelou mais aos seus olhos, de certo modo, pelo jeito formal com que fez por onde se explicar. – Por favor, não leve a mal os meus questionamentos, que podem fazer pouco sentido para você! É que um aluno de música não pode ser examinado apenas da ótica da sua capacidade; uma visão geral da sua vida é sempre importante para se ter uma noção da compatibilidade das circunstâncias no decorrer da duração do curso!... – E como Varínia agora somente assentisse, trocando com Amanda um olhar ininteligível, para a sua surpresa, inesperadamente Bryan dirigiu-lhe um sorriso largo, revelador daquela jovialidade insuspeitada já entrevista no momento de sua chegada, advertindo-a: – E, por favor, não me chame de *senhor*! Ou vou lhe chamar de *senhora* também, o que, penso, haverá de ser pouco prático no caso da nossa convivência! Mas – esboçou um

novo gesto, desta vez insinuator da mesma ironia entrevista por Amanda anteriormente, à qual esta já estava acostumada – ...se prefere que nos tratemos assim...

– Oh, não! De jeito nenhum! – Varínia, ainda desta vez, embatucou-se, confusa, sem saber mais como se comportar diante daquele homem que, a princípio, lhe comparecia imprevisível nas suas atitudes.

E se surpreendeu ainda mais, estremecendo, quando, em contínuo, ele deixou o assento onde havia se instalado para ligar uma última tomada, chamando-a com breve gesto enquanto o fazia.

– Venha com a Amanda. Vou lhe pedir que faça com ela um *backing vocal* para uma música...

CAPÍTULO 3

Durante um ensaio



Decorreram alguns dias.

Numa sexta-feira ensolarada daquele fim de inverno, o telefone tocou na nova residência de Varínia, antes das oito horas da manhã, bem quando ela se via correndo de um lado para o outro com Tadeu no colo, enrolado numa toalha após o banho.

– Pronto! Era o que faltava para acabar de me atrasar!... – Resmungou de leve, avançando até a saleta e atendendo, afobada, com a mão que lhe sobrava livre.

Do outro lado, ouviu a voz de Amanda, que lhe soou um tanto espevitada.

– Varínia? Adivinhe! O professor Bryan já ligou para você?!

– Bem... Não! Estou aqui correndo com o Tadeu, isso sim, Amanda. E ainda prometi tomar um café com a mamãe antes de ir trabalhar! Há dias ela resmunga nos meus ouvidos que tem sido mais fácil se avistar com o papa, desde que me mudei!

– Esqueça a correria um pouco! Não aguentei e vou lhe antecipar a notícia! Mas, por favor, quando o professor lhe telefonar, faça de conta que

ainda não sabe!

Varínia prendeu o telefone sem fio no queixo para continuar se movimentando com o menininho agora amolado, esperneando entre as toalhas.

– Nossa, Amanda! Assim você me deixa nervosa! – E franziu as sobrancelhas, entrando no quarto e largando Tadeu sobre a cama.

O menino saiu correndo, molhado e sem roupas, às risadas, fazendo com que ela gesticulasse, irritada, e gritando nos ouvidos da amiga do outro lado da linha.

– Tadeu!! Volte aqui!!!

– Você não me pega!! – Devolveu o filho de longe, sem dar a mínima para a sua agitação.

“Que hora para me telefonar!”, Varínia pensou. Mesmo assim, deu atenção à outra enquanto andava pela casa atrás do menino, para terminar de uma vez com o assunto e poder desligar.

– Fale de uma vez, Amanda! O dia está só começando, e agora você me deixou curiosa!

– Atormentei o Bryan e ele acabou deixando escapar que a aprovou no teste! – E enquanto Varínia parou de andar, embasbacada com a notícia, ela continuou: – Varínia! Varínia?! Perdeu a língua?! – Ria. – Ele após uma ressalva, comentando que principiar você no violino e conduzi-la até o ponto em que afinal pudesse compor uma orquestra provavelmente seria tarefa para concluir na próxima reencarnação, mas que nem por isso não valeria a pena, porque reconheceu que você tem talento para a coisa!

– Oh! Ele é espírita? – Meio tonta, Varínia se deteve noutro aspecto do que ouvia, fazendo Amanda suspirar do outro lado.

– Maneira de dizer, né, Varínia? Que mania de levar tudo para esse lado! Não, não creio! Ele aparenta ser a pessoa mais materialista deste mundo, paquerador e folgazão! Mas nem parece que você ficou feliz com o que ouviu! Escute... – arrematou – haverá uma audição da orquestra dele em Teresópolis, e o primeiro ensaio será neste próximo fim de semana! Sua presença é obrigatória nestes eventos a partir de agora! Vai comigo, não vai?

Até porque participarei como soprano do coral que acompanha uma das peças!

– Sim, sim, vou!... – Devolveu Varínia, um tanto atordoada com o tiroteio de notícias e comentários inesperados bem no começo de uma manhã que de início prometia ser comum. – E fiquei feliz, sim, naturalmente, com a notícia! Mas o que quis dizer, por sua vez, com essa história de paquerador?! Você havia dito que o professor era misantropo!

Ela ouviu Amanda dar uma gargalhada do outro lado da linha.

– Deixe de ser arisca! Estava brincando! Aliás, este é um aspecto da vida dele que, com o tempo, você haverá de achar bem enigmático, como é da opinião de todo mundo com quem convive! Bem, ele deve lhe telefonar hoje, ainda! Vá para a sua correria, minha amiga, pois sei que a estou atrapalhando, e não quero que dona Carmem ralhe com você por minha causa! Você anda mesmo muito reclusa e ela tem toda a razão de reclamar!

– É natural que tenha ficado reclusa após enviuar aos trinta e quatro anos com um filho de apenas quatro! Mas preciso mesmo ir agora, obrigada pela novidade! À noite lhe telefono para combinarmos o fim de semana. Também lhe conto as notícias, se for o caso de ele me ligar mesmo! Um beijo, Amanda!

Desligaram e Varínia voltou a correr pela casa atrás do menininho travesso e molhado, seguindo o rastro d'água que ele ia deixando pelos cômodos por onde passava.



Na subida para Teresópolis com Amanda, no começo da tarde de sábado, Varínia lembrava os acontecimentos, desde o dia anterior no qual, de fato, e como a cantora anunciara, o professor lhe telefonara à noite com a notícia que julgava que ela ainda não sabia.

Seu olhar se perdia na paisagem exuberante das serras enquanto o carro de Amanda ondulava pelas estradas sinuosas da subida íngreme, e as cenas

desfilavam em retrocesso por sua mente.

Primeiro, a polêmica barulhenta que teve de aguentar com Carmem, sua mãe, já de saída, no café da manhã daquela sexta; depois, quando deixara Tadeu sob os seus cuidados, antes de se ausentar com a amiga para a audição. Isso porque Carmem, nos seus sessenta e seis anos, já se sentia fatigada de vários anos cuidando de netos em sequência aos filhos, que foram se casando gradativamente, num total de quatro. Assim, obviamente que ela não encarou muito bem mais aquela incumbência, ao Varínia lhe anunciar que provavelmente precisaria dos seus préstimos com o irrequieto Tadeu naquela sua nova fase de estudos da música, quando vez por outra precisasse se ausentar para as aulas. No bate-boca acalorado, Carmem só capitulou por, intimamente, reconhecer que aquela ameaça depressiva nos modos da sua caçula não indiciava nada de bom para curto prazo, tendo ela emprego e um filho pequeno para dar conta devidamente. Mãe extremosa, calou por fim o seu cansaço e os seus pruridos, e conseguiu também aplacar os pareceres desencontrados de Lobato, o pai daquela numerosa família.

Apesar de tudo, o dia se fazia esplendoroso, e os ares salutareos da serra, invadindo os vidros abertos intencionalmente, encarregavam-se de revigorar o seu ânimo, instilando-lhe nova cota de otimismo e clareando as suas expectativas enquanto ouvia o matraquear entusiasta de sua amiga de alguns anos.

– Você sempre se entusiasmou com estes eventos noutros tempos, Varínia! Anime-se! Esqueça a discussão com dona Carmem! No fim, ela entendeu!

Varínia meneou.

– A dúvida, volta e meia, é se *eu* me entendo, Amanda! Ainda não estou certa de que esta iniciativa tenha valido a pena, ou se foi apenas fruto de um impulso impensado que não saberei honrar, desistindo logo, mais ali à frente! – E inspirou os ares frescos e perfumados da serra florida, na subida que seguiam em velocidade de passeio. – Quando estudei música era bem mais nova e não possuía outros compromissos! O trabalho no banco é fatigante, e, honestamente, nos fins de semana, o que mais tenho vontade de

fazer é dar atenção ao Tadeu, ver novelas e dormir! Bryan marcou minhas aulas aos sábados!

Escondendo que aquele comentário a preocupava, Amanda serenou um pouco, para lembrar:

– Ora... Mas música é terapia, minha amiga! Você sabe! Com a sua sensibilidade, não preciso lhe dizer isso. Na pior das hipóteses, você renovará mais o seu estado de ânimo! Conheço o Bryan há muitos anos, você haverá de gostar de estudar com ele, apesar dos seus temores!

Assim, conversando sobre temas amenos e admirando a beleza majestosa da paisagem da serra, chegaram por volta de duas da tarde no conservatório onde aconteceriam três ensaios até a data da audição da orquestra sinfônica regida pelo maestro Bryan.

Era a segunda vez em que o encontrava antes do começo oficial de suas aulas, e Varínia ainda não se sentia exatamente à vontade na presença do professor.

Ele, no entanto, naquele dia, aparentando ainda mais jovialidade, cumprimentou-a com um sorriso cativante, assim que as avistou se aproximando do local onde os músicos se organizavam ruidosamente.

– Olá, Amanda! Então trouxe mesmo a minha nova vítima... Digo, aluna! – Saudou, em tom de brincadeira, conseguindo arrancar de Varínia um sorriso mais descontraído, que, todavia, logo amainou quando ele concluiu, estendendo-lhe a mão amistosamente: – Como vai, Valquíria? Animada para começar o curso?

– É *Varínia*, professor Bryan... – Amanda corrigiu, aos cochichos, e prendendo uma enorme vontade de rir, ao que ele se desculpou com sinceridade, desconcertado.

– Ah... – E passou a mão na testa, num gesto tonto – *God...* – Largou um riso preso, depois de proferir aquele estrangeirismo, remanescente dentre alguns outros dos quais não conseguira ainda se livrar. – Desculpe-me, seu nome é um pouco exótico! Ainda vou me acostumar com ele, prometo!

“Exótico é o senhor!”, Varínia pensou, suspirando imperceptivelmente, amolada. Mas como os trabalhos estivessem na iminência de começar, foi

convidada gentilmente a se acomodar logo nos assentos próximos aos ensaios.

Amanda se despediu com um sorriso, afastando-se para o ângulo da sala onde esperaria o momento de sua participação. E dali a mais alguns momentos a audição se iniciou, com a execução da peça da Sinfonia Número 7 de Beethoven, em Lá Maior, com um movimento sonoro retumbante que, afinal, arrancou a nova aluna do seu impulso de medir, numa quase impertinência, os modos do professor, para passar a admirar progressivamente a atuação exímia do maestro.

Decorreram cerca de vinte minutos. Entrementes, algo insólito pareceu roubar a atenção de alguns músicos, que, incertos, detiveram-se. Amanda alteou a visão de onde estava, e, com ela, Varínia, despertando do estado de enlevo ao qual já se abandonava, embalada pela sonoridade potente e melodiosa da sinfonia.

A execução prosseguia, da parte de alguns. Mas notava-se que outros componentes da orquestra se demoravam, como se em dúvida entre continuar tocando ou avançar na direção do maestro Bryan.

Estabeleceu-se progressiva perturbação, até que Amanda, em primeiro lugar, denotou compreender. Sem parar o que fazia, todavia, Bryan, de súbito, havia dado mostras de algum inusitado mal-estar.

Suava frio, e havia levado uma das mãos às têmporas, num esforço de se concentrar para não prejudicar o bom andamento dos ensaios; mas agora a agitação já havia se estabelecido, e vários componentes da orquestra tinham parado de tocar.

Outros – dentre estes Amanda e, relutantemente, Varínia, visivelmente admirada – se lhe acercaram, atenciosos, indagando sobre seu estado.

– Está tudo bem! – O professor ergueu as duas mãos, e fez por onde imprimir aparências de veleidade à situação, para não alarmar os circunstantes, o que não adiantou muito, pois todos se entreolharam, com ares entre perplexos e interrogativos. – Já volto! Saí de casa hoje com uma dor de cabeça infernal... Alguma coisa que comi... E me esqueci de tomar remédio, mas o trouxe! – E dirigiu-lhes um sorriso ameno, antes de se

afastar para a sala contígua: – Desculpem-me pelo contratempo, logo estarei de volta!

Os músicos se espalharam pela sala ampla, trocando com discrição comentários desencontrados sobre o incidente.

Varínia olhou para Amanda e julgou notar na sua fisionomia um quê qualquer de acentuada preocupação ou dúvida. Mas a outra, adivinhando suas interrogações, se lhe acercou e soltou um comentário a esmo, em tom que quis de caso pensado inaudível aos demais.

– Não é a primeira vez que isso acontece com ele...

– N... não? – Aturdiu-se Varínia – Mas... o que ele tem? O que é?

Amanda deu de ombros, percorrendo nos componentes da orquestra espalhados no ambiente o seu olhar dispersivo.

– Aparentemente, um problema qualquer de estômago! – E agora fitando a amiga, que a ouvia sem saber o que pensar, disse, provavelmente na intenção de desfazer aquele mal-estar, logo na primeira vez em que reencontrava seu professor antes do começo de suas aulas: – Bem, não deve ser nada... Vai ver ele se alimentou mal! Sabe como é... – Deixou escapar um riso mal achado: – *Fast food*... Mania de americano!

– Mas ele não é galês?

Ambas interromperam o diálogo, pois Bryan já voltava ao estúdio, com a brevidade prometida, e algo refeito, como se nada de importante houvesse, de fato, acontecido.

Dirigiu-lhes o seu sorriso largo e despreocupado, o que de fato contribuiu para restabelecer a segurança no grupo, após a situação tensa.

Todos retornaram aos seus lugares, e, antes que Varínia se dirigisse ao seu assento da plateia, reparando-a algo pálida, ele beliscou-lhe de leve o rosto, causando-lhe, com este gesto inesperado, ligeiro quanto encabulado rubor.

– Está assustada, *my dear*? Não aconteceu nada! Já passou! Uma vez um dos meus instrumentistas dos metais desmaiou no meio de um concerto! – Riu, deixando-a mais ainda sem saber como encarar o que ouvia. – Acontece!...

Depois, voltou-se para os músicos, altivo e centrado. Descreveu um gesto firme, imponente, e a sinfonia recomeçou, sendo executada com virtuosismo ímpar e sem mais nenhuma interrupção.

CAPÍTULO 4

A primeira aula



O amplo apartamento de Bryan nas Laranjeiras, bairro aprazível na cidade do Rio de Janeiro, fora convertido com o passar dos anos numa mistura utilitária de residência com estúdio. Atendia convenientemente as necessidades de acomodação confortável do professor, e também oferecia condições adequadas para que ministrasse suas aulas aos alunos que o procuravam com interesses diversificados sobre música, de modo que a agenda do galês vivia cheia. De fato, a fama de bom mestre se consolidara ao longo do tempo basicamente na divulgação boca a boca.

Ele recebeu sua nova aluna, às quatro horas da tarde de um sábado ventoso, com o mesmo sorriso largo e cativante que exibia habitualmente em momentos de descontração, não se detendo muito em formalidades.

Apertou a mão delicada que lhe estendia, um tanto retraída, e foi logo indagando:

– Então? Gostou da audição daquele dia?

A pergunta intencional acendeu-lhe a vivacidade, como pretendido, e teve o efeito útil de arrancá-la daquele acanhamento inicial.

Não percebia que o professor era um hábil avaliador de almas humanas, e que o que ele falava e fazia em relação a um aluno não era necessariamente de feição ingênua.

– Oh, que maravilha! Comentei com Amanda sobre as minhas impressões! Sempre me emocionei diante dessas apresentações musicais! Considero que há muito lixo artístico hoje em dia, que somos forçados a engolir em seco! – Agora ela permitia-se exibir um sorriso mais descontraído.

– Ora, sem dúvida, mas também há gente fazendo coisas boas por aí... – respondeu Bryan, denotando algo do seu caráter eclético.

E como Varínia, já dentro da sala bem decorada, ameaçasse recobrar a postura tímida de antes, ele passou de uma vez ao que interessava mais de perto a ambos.

– Bem, você havia me dito que não tem a mínima intimidade com um violino, não é? Deixe-me examinar o seu! É um *Eagle*... – reconheceu à primeira olhada.

– Sim. Pedi opiniões. Algo que me atendesse, mas que coubesse no meu bolso de bancária, que você deve saber, não é exatamente o de um banqueiro... – ela brincou, mas Bryan dirigiu-lhe o olhar percuciente, comentando:

– Não adianta o melhor deles nas mãos de quem não tem a menor vocação. Você pode fazer um bom estudo com este aqui. Vamos ao estúdio. Mas, antes, deixe que lhe ofereça algo para beber. Está calor hoje, apesar da ventania. Quer suco ou um refrigerante?

Varínia o acompanhou até uma saleta contígua, examinando com discreto interesse algumas obras de arte que ornamentavam o mobiliário aqui e ali, ao gosto clássico, pinturas, e também o que parecia ser uma mania do professor de colecionar águias, presentes em esculturas de variados tamanhos e feitos em mais de um dos seus móveis.

– Obrigada. Um suco, pode ser... Está uma primavera com cara de verão. – Então ela lembrou-se, perguntando, interessada: – O senhor está melhor daquela indisposição?

– *Senhor?* – Ele se voltou, encarando-a com falso ar repreensivo e enfatizando, com ironia. Mas respondeu à dúvida dela de maneira educada: – Aquilo não foi nada. A altitude volta e meia me ocasiona estas reações. Creio que foi uma queda de pressão...

– Então não foi o estômago, como supôs no início?

Bryan parou. A pergunta o colheu desarmado, pois havia se esquecido do que dissera naquele momento inconveniente, uma semana antes, no estúdio de Teresópolis.

– Sim, sim... de fato não estava bem do estômago, mas acredito também que a altitude tenha influenciado. Tome... – Ofereceu um copo multifacetado com desenhos caprichosos no vidro, continuando: – Gosta deste sabor? – Aproveitou-se para mudar de assunto.

Varínia agradeceu e ele também tomou o suco, ambos mantendo-se em silêncio durante alguns momentos. Instantes depois, já se encontravam instalados no estúdio bem aparelhado de Bryan.

Enquanto Varínia se acomodava, ainda se sentindo um tanto deslocada na nova situação, o professor a analisava de modo disfarçado que, todavia, terminou por ser percebido pela intuição aguçada da moça.

Ela continuava se questionando sobre o que havia naquele personagem peculiar que mexia tanto com suas impressões e disposição de espírito.

Não sabia definir para si mesma se era atração, repulsa ou uma mistura de ambas as emoções.

A passagem dos dias a surpreenderia, contra todas as suas expectativas, comprovando-lhe que, depois de quase dois anos de reclusão quase absoluta quanto a relacionamentos renovados, tratava-se, na verdade, da primeira alternativa.

– Sabe ler uma partitura? – A pergunta inicial dele a arrancou daquelas cogitações que nada tinham a ver com o momento.

– Ah! Sim... com alguma facilidade!

Bryan postou diante dela um cavalete onde se via uma delas, descomplicada, aberta numa página previamente escolhida.

Depois ele se aproximou, sentando-se ao seu lado. Fez uma apresentação preliminar do instrumento, explanando sobre afinação e peças fundamentais.

Depois, empunhou o seu próprio violino.

– Sabe segurar um violino? Suponho que não... – E, ante o mutismo da aluna, que confirmava, assim, a sua assertiva, fez um gesto com o arco, pedindo: – Preste atenção em mim!

De improviso, e ante a observação encantada de Varínia, desde sempre uma admiradora do instrumento, ele executou o trecho da partitura que tinham diante deles. E como notasse, a certa altura, que ela se detinha mais na hipnose da execução do que nos detalhes técnicos do manuseio do violino, dirigiu-lhe ligeira, mas bem-humorada, advertência, sem parar o que fazia.

– Pegou no sono, *my dear*? Preste atenção! – Repetiu.

Varínia estremeceu ligeiramente, acordando. Deu mostras de entender e passou a observar como ele lidava habilidosamente com o instrumento caprichoso que tinha em mãos.

Ao término, com um sorriso ininteligível nos lábios, Bryan analisou-lhe as reações, mais uma vez desassossegando-a com aquela postura indefinível.

– Você sabe... – comentou, reticente: – um violino pode se transformar numa obra-prima ou numa arma para os ouvidos de quem o escuta, dependendo do modo como é tocado! – Gesticulou, com o arco na mão, amenizando o comentário austero com nova nota mais amena: – Mas não é nenhum bicho-papão, como vocês dizem aqui no Brasil! – Levantou-se, acercando-se e intimidando-a com aquela proximidade, embora houvesse uma intenção bem definida. – Pegue o seu violino! Tente colocá-lo aqui. – Apontou a região do corpo entre o queixo e o ombro e continuou: – ...repetindo o que fiz há pouco! Devo lhe mostrar de que modo você vai trabalhar o arco!

Varínia obedeceu. Ele sentou-se ao seu lado, quase às suas costas, muito próximo. Uma vez posicionado o instrumento corretamente sob o queixo, embora meio desajeitada, o professor segurou, com ela, o braço do violino e a mão que usava para empunhar o arco, dominando-lhe os movimentos com gentileza, para mostrar como se fazia.

Aquela sobreposição aos seus movimentos e a proximidade excessiva, quase roubaram, na feição tímida da aluna, a capacidade de prestar atenção

devidamente ao que ele fazia e dizia. Ela teve de lutar consigo mesma para manter-se concentrada no que lhe era ensinado, porque sabia que a postura do instrumentista era o pilar necessário à boa evolução de todo o resto.

– Preste atenção... – Bryan repetiu, rente ao seu ouvido – ...no peso que estou imprimindo à sua mão direita, e no modo como estou sustentando o violino, aqui! Vou tocar com você um pequeno trecho, e vai somente sentir, observar meus movimentos. Vamos repetir isto algumas vezes, e depois você vai tentar fazer sozinha... Mas, espere! Estou sentindo-a tensa demais! O que há? – Ele interrompeu as instruções, estranhando.

Ela foi honesta na resposta.

– Estou nervosa!

A isto, Bryan divertiu-se, quase numa risada incontida e jovial.

– Mas, por quê?! *God!* Ainda nem é uma audição! É somente a primeira aula! Como espera fazer parte da minha orquestra um dia?

Varínia voltou-se um pouco para olhá-lo de soslaio, deixando escapar um riso preso.

– Fazer parte da sua orquestra?! – Admirou-se, como se achasse a ideia absurda, de início.

Mas, a este seu estupor, o professor se deteve, distanciando-se um pouco e fitando-a, como se pretendendo esquadrihar-lhe as intenções e pensamentos.

– Para quê alguém estuda violino, senão para participar um dia de uma sinfonia, Valquíria?

– *Varínia!* – Ela o corrigiu, olhando-o, entre desconfiada e sem saber como encarar o que ouvia.

– Desculpe... mas, explique-me: quer aprender para tocar melancolicamente sob as palmeiras da beira de uma praia? Para o vento, talvez? – Ainda sorria, embora sem intenção de constrangê-la.

A aluna meneou a cabeça, desconcertada, sem saber se levava a sério ou não a pergunta.

– Bem, não seria má ideia... Mas é que participar de uma orquestra, para lhe ser franca, nunca me passou pelos pensamentos, professor Bryan.

Entreolharam-se. Bryan lançou-lhe os olhos escuros e perscrutadores, com suposta incredulidade, e comentou apenas, a mais, antes de novamente se aproximar para retomar o que fazia.

– Vou fazer de conta que não ouvi o que disse, *my dear*...

Tornou a segurar o violino com ela, dando fim ao assunto. Tomou-lhe a mão direita e pediu que atentasse ao que ia fazer, recomeçando a executar o mesmo trecho que reproduzira anteriormente, um minueto de Bach, ante a atenção agora automatizada de Varínia buscando obedecê-lo e, ao mesmo tempo, ignorar o desassossego que lhe provocava aquela proximidade excessiva.

CAPÍTULO 5

Conversa entre mãe e filha



– Você anda dispersiva!... – foi um dos primeiros comentários de Carmem para a filha, tão logo, dias depois, ela entrou em seu apartamento situado no décimo andar de um prédio de classe média, num bairro familiar da zona norte do Rio, na volta do seu expediente bancário. – Eu e seu pai, e até mesmo o Dalton, sempre desligado, vimos notando, de uns dias para cá, e estamos preocupados!

– Como assim, dispersiva? – Varínia franziu a testa, largando o irrequieto Tadeu, que correu para o colo da avó distribuindo-lhe vários beijos no rosto.

– Está tendo problemas em seu trabalho? – Questionou a mãe.

– De jeito nenhum!

– E como espera pagar suas contas em dia com esse ar de quem está no mundo da lua, que vimos observando em você, de uns tempos para cá? Aquela queimadura em seu braço na segunda-feira retrasada foi feia, fruto de pura distração na hora de preparar o ensopado!

Varínia meneou a cabeça, lembrando-se do episódio com certo aborrecimento.

– Precisei de quinze dias para me recuperar dessa chateação! E perdi uma aula de violino por isso, além de não poder ir à Casa Espírita para participar da palestra que eu tanto havia esperado!

Mãe e filha se acomodaram na sala espaçosa e generosamente iluminada pela claridade vinda da varanda de portas abertas de par em par, que davam para um bem cuidado jardim de inverno.

– Então... – continuou a mãe, contemplando Varínia detidamente –, o que está acontecendo com você?

– Bem, nada que eu saiba... – ela disfarçou.

Mentia, e de caso pensado. Sabia exatamente do que a mãe falava, do seu estado de alheamento peculiar dos últimos tempos. Mas ainda não se encorajara a falar sobre o assunto com ninguém. Em parte, por retraimento natural do seu temperamento, mas também por razões outras, bem resguardadas no seu universo íntimo.

Além do mais, mesmo com Amanda, a sua habitual confidente, viu-se inexplicavelmente cerceada na sua necessidade de se abrir sobre a sucessão de novidades que aconteciam neste território inédito da sua vida. Nalgum momento, sem compreender exatamente a razão, um sexto sentido lhe confidenciou que não o fizesse. Talvez pela impressão fugidia que lhe acometera de forma recorrente, de que a sua amiga se referia a Bryan, nas vezes em que conversavam sobre o assunto, com um interesse avantajado demais.

Não se sentia, assim, pronta para confidenciar-lhe os seus sentimentos, naquele particular. Não depois de tanto tempo reclusa e devotada às lembranças do marido que se ausentara da forma mais inesperada havia apenas pouco mais de dezoito meses.

Entretanto, Carmem era percuciente, e, mãe zelosa de uma numerosa família, não se conformou com aquela resposta inócua de significados.

– Sei... – Ela saltitava Tadeuzinho nos joelhos, ao passo que olhava para Varínia de forma direta, analítica, depois daquela resposta lacônica: – E está tudo bem com o meu neto? – Indagou, beijando gostosamente o rostinho sadio que tinha próximo a si.

– Graças a Deus, mamãe! Escute, pare de se preocupar! – A filha tentou desviar o assunto: – Como estão papai e os manos? Tem notícias do Maurício? Como se desenrolou a história daquela proposta de emprego?

– Seu pai deve voltar logo das compras! Se soubesse com certeza da sua vinda, talvez as tivesse adiado para a noite. Seus irmãos estão bem, cada qual com a sua correria. Maurício não lhe telefonou para contar do desfecho da proposta de emprego? Com a experiência que ele tem na área de marketing, o muquirana do empregador ofereceu um salário pouco maior que o de um *office boy*! Apesar da decepção de todos, ele me disse que prefere morrer de fome a passar por tal humilhação!

Varínia meneou a cabeça, sinceramente preocupada. Tratava-se de uma família unida, solidária, e ela se condoeu vivamente com a situação delicada do irmão mais velho.

– Meu Deus! O pior é que Maurício é orgulhoso, jamais pede ajuda! Vou ligar para ele mais tarde para me oferecer no caso de qualquer necessidade!

– Seu pai já o fez! Foi inútil! Ele afiançou que ainda tem algumas economias, e também algum ganho com o trabalho avulso como professor de matemática... Como se isso servisse para nos tranquilizar! – replicou a mãe resignada.

Interromperam-se brevemente, e Varínia se levantou, anunciando que queria um copo com água. Dirigiu-se até a copa com a mãe em seu encalço brincando com o menininho que ainda trazia em seu colo.

– Mas não pense que desistirei assim fácil, Varínia! Conheço meus filhos o suficiente para saber exatamente quando falam de macarronada pensando em futebol! – Parou diante dela, que bebia a água que retirara da geladeira, e continuou: – Vamos! É evidente que alguma coisa está acontecendo! Não quer me contar?

– De novidade, apenas as aulas de violino, mãe! – Ela teimou em se esquivar.

– Sim! Então, fale-me sobre elas! O que está achando? Satisfatórias?

– Sim, são... embora o professor seja um tipo meio esquisito! Passou mal durante uma audição que regia em Teresópolis. Depois se contradisse,

falando de queda de pressão, depois de ter mencionado que era um mal do estômago...

Varínia se atrapalhou na resposta pouco satisfatória para as preocupações de Carmem, que logo pressentiu uma nota em falso. E calou-se, andando ao acaso pela cozinha olhando, sem ver, algumas plantinhas viçosas enfileiradas no parapeito da janela espaçosa.

– Mas o que tem isso a ver com as aulas?

– Nada, as aulas são excelentes, e o professor, um maestro exímio!

– Gosta das aulas ou não?

– Gosto, mãe! – Devolveu a filha, olhando-a já um tanto amolada daquele interrogatório.

Mas Carmem desviou de abrupto o tom do assunto, antes de desistir de questioná-la. Era evidente, apesar das evasivas da filha, que o sexto sentido da mãe conseguia captar em alta frequência as nuances que ela queria ausentes daquela conversa.

– E dele? Você gosta? Há empatia? E a saúde dele a está preocupando?

– Sim, claro! Quero dizer, não! – A moça confundiu-se, perturbada, e agora verdadeiramente enfadada com o modo como as perguntas sucessivas a encurralavam cada vez mais contra si mesma. – Não há uma ligação direta disso com as minhas aulas, mas espero que ele fique bem, ou deixarei de tê-las! Todavia, isso aconteceu há umas quatro semanas! – Embaralhou-se. – Bem, mamãe, vamos mudar de assunto? Você está se preocupando à toa, não está acontecendo nada comigo! Talvez ande somente um pouco cansada!

Carmem ouviu. Mais com o ouvido interno. Serenizou-se, reflexiva, e deu trégua à conversa, como se cedesse à ânsia de Varínia de imprimir ao que tratavam falsos aspectos de desimportância.

Colocou o neto no chão e ele passou a se entreter com suas brincadeiras. Ela convidou a filha para ajudá-la a preparar um lanche.

CAPÍTULO 6

O telefonema do professor



Por volta das dez da noite de quinta-feira, mal acomodara Tadeu na cama, o telefone tocou e Varínia correu para atender, temendo que o ruído o acordasse.

Atendeu da extensão do seu quarto e admirou-se ao reconhecer a voz de quem falava do outro lado.

– Professor Bryan?! Boa noite!

– Boa noite, Varínia! Você pode falar agora?

– Acertou o meu nome, hein? – A moça riu.

– Não há nada que não se aprenda depois de algum tempo... – ele devolveu, também de bom humor.

Fez-se um silêncio.

– Bem, professor... está tudo bem?

– Sim... Estou lhe telefonando para perguntar a mesma coisa. Já se recuperou do acidente? Estive com Amanda ontem e ela não soube me dizer se você já poderia comparecer à aula sábado!

– Como não?! Vejo-a todos os dias, e disse a ela que iria! Aliás, minha licença médica no banco foi de apenas alguns poucos dias! – Respondeu

Varínia, com estranheza.

Repetiu-se o silêncio, algo constrangido de ambas as partes, até que Bryan retomasse a iniciativa para falar. Varínia notou um alívio nítido no seu tom de voz peculiar, que, à primeira vista, sempre denunciava um indivíduo mais jovem do que o professor realmente era, nos seus quarenta e seis anos.

– Fico feliz com isso. Mas estava certo de que Amanda havia conversado com você sobre o assunto! Inclusive porque a avisei da minha intenção de convidá-la para outra audição que farei no fim de semana, no domingo, em Cabo Frio!

A aluna ouviu, inerte por um momento. Algo naquilo a confundiu de pronto, e era evidente. Não entendeu como Amanda pôde se esquecer de mencionar o assunto, já que trabalhavam a mãos atadas todos os dias, como caixas bancárias.

– Não, professor, ela não comentou nada! Creio que tenha se esquecido. Longe, desta vez, o lugar da audição, não? Onde acontecerá, exatamente?

– Ora, não mais afastado do que o conservatório onde ensaiei em Teresópolis! Falando nisso, a apresentação será daqui a uma semana, e a *senhora* deve saber que está intimada a comparecer, ok?

– Sim, claro, a menos que o *senhor* continue a me tratar desta forma! – Ela devolveu a brincadeira.

– Conseguiu ensaiar um pouco os exercícios que lhe passei na última aula?

– Um pouco, professor, mas confesso que saíram horríveis!

Varínia ouviu uma gargalhada bem-humorada do outro lado.

– É natural! A menos que se tratasse de um Bach reencarnado, não me admira a sua dificuldade, que costuma ser a de todos!

Mas, a isso, Varínia o interrompeu, não se contendo.

– Desculpe-me, mas me esclareça uma coisa, já que não é a primeira vez que profere essa menção! Noutro dia, a Amanda me contou que você falou para ela que me ensinar até que eu pudesse tocar uma sinfonia provavelmente o ocuparia até uma próxima reencarnação! Por acaso é espírita?

A pergunta o colheu de surpresa, de certa forma. E, após hesitar um pouco, respondeu, embora em tonalidade casual que demonstrou à Varínia o tanto de desimportância que provavelmente conferia àquele tema:

– Não, não, *my dear...* Todo mundo usa essa expressão o tempo todo, hoje em dia! Creio que a tenha adotado por analogia, em certas situações que a pedem! Só isso...

– Ah... – voltou Varínia, respeitosa, mas visivelmente um tanto decepcionada.

Bryan adivinhou-lhe os pensamentos do outro lado da linha.

– Por quê? Você é espírita?

– Sim, sou! Mas respeito inteiramente a visão dos outros no que se refere a esses assuntos!

– Ainda conversaremos mais sobre isso! Não nego que tinha vontade de entender melhor o que para mim, em vários pormenores deste tema, não faz o menor sentido! Mas é para outro momento... – ele antecipou, antes que ela pudesse questioná-lo acerca do que ele queria dizer com a declaração. – Então estamos acertados para o próximo sábado! Não vou aceitar um não como resposta para o evento de domingo! Estaremos hospedados numa pousada próxima à praia para aproveitar o feriado próximo de setembro, e tenho certeza de que apreciará bastante a oportunidade! Sábado, durante a aula, vou lhe dar as coordenadas!

– Bryan... – ela hesitou um pouco –, há o meu filho! Se não houver possibilidade de deixá-lo com a minha família, creio que não poderei ir!

– Leve-o! Vocês vão comigo, será um prazer! Bem, tenho de desligar! Pense a respeito! Fico feliz que tenha se recuperado bem do acidente doméstico, Varínia! Mais cuidado com os próximos ensopados! – O tom jovial retornara à voz dele.

– Obrigada, professor Bryan, pelo seu interesse e pelo convite!

– Por nada. Uma boa noite, *my dear!*

Varínia colocou o telefone no gancho, perdida em reflexões desconstruídas, e, lentamente, recostou-se nos travesseiros macios de sua cama.

Estava se reconhecendo, relutante e progressivamente, tomada de verdadeiro encanto pelo timbre com que volta e meia ele pronunciava aquele *my dear*.



Passado um quarto de hora, e como não conseguisse se desfazer de certas dúvidas incômodas que a corroíam interiormente desde que Bryan desligara o telefone, Varínia se decidiu, de um impulso, a ligar para Amanda, apesar do adiantado da hora.

Afinal, eram ou não amigas?

– Amanda! Desculpe pelo horário. Mas sei que costuma dormir tarde e queria lhe contar o que aconteceu há pouco!

– Olá, Varínia! Não tem importância! Estou sem sono hoje e assistindo a um filme sem graça na TV por assinatura! Nando viria aqui, mas voltou moído do trabalho. Não aguentou!

Varínia sorriu um pouco.

– O professor Bryan me ligou ainda agora...

Fez-se uma pausa natural, de expectativa de ambos os lados da linha.

– É? E o que ele queria?

A voz de Amanda se modificara nalguma nuance leve, mas de início Varínia não percebeu.

– Achei que foi muito atencioso. Imagine, ligou para saber sobre a minha recuperação! – Ela deu a deixa, esperando. E julgou ouvir, quando Amanda pareceu chapar a mão na testa.

– Ah! Imagine, menina! Desculpe! Ele estava mesmo interessado sobre o seu estado de saúde esta semana! Chegou a me perguntar, quando estive com ele para pagar a minha reciclagem do curso! Mas acabei me distraindo com a correria que tem sido o trabalho e não comentei com você!

– Você disse para ele que eu não ia à aula no próximo sábado?

– Bem, eu não sabia... julguei que não... O fato... – ela esquivou-se, com certa astúcia. – É que não podia falar por você, sabe?

Varínia mudou de posição na cama confortável onde se acomodava.

– Mas cheguei a comentar com você que iria à próxima aula, Amanda! Você na certa esqueceu!

– Mas não é que esqueci mesmo?!

Nova pausa. Varínia, dessa vez, julgou algo lacônico, como nota em falso, essa última frase de sua amiga.

Mas Amanda acrescentou um comentário, distraíndo intencionalmente a outra daquele pormenor do assunto.

– O Bryan costuma mesmo ser assim: atencioso. Uma vez fui acometida por uma caxumba extemporânea; pouca vergonha, com mais de trinta anos de idade! – E ela riu, lembrando-se do acontecido, e continuou: – Ele também me telefonou para saber do meu estado. Costuma cuidar dos seus pupilos desse jeito, assim, envolvido!

– Acho engraçado que você o trate pelo nome. Não consigo me dirigir a ele tirando o *professor* antes do Bryan!

– Ora, Varínia, ele não é tão mais velho do que nós!

– Eu sei! Mas não tenho com ele muita intimidade... sei lá.

De sua casa, Amanda tentou atinar qual a real intenção da outra por detrás daquele comentário dúbio. Mas não conseguiu, e, de seu lado, devolveu, como um espelho, outro comentário de mesmo jaez.

– Pelo que estou notando, o entrosamento entre vocês está progredindo impecável! Apesar de tudo, não creio que ele telefone para a orquestra em peso, sempre que algum componente se resfrie!

– Bem, não foi um resfriado, mas uma queimadura, que, aliás, doeu horrores, e bem no braço esquerdo, o que sustenta o violino! Mas não foi você mesma quem acabou de dizer que ele cuida dos pupilos da orquestra e se envolve com seus problemas?

– Escute, Varínia, vou lhe contar uma coisa... Mas me prometa a sua discrição... até porque, hoje em dia, estou comprometida! – Amanda largou a declaração de supetão, surpreendendo-a e obedecendo a esquisito impulso íntimo que a ela mesma soava sem sentido, bem na hora em que Varínia ia

lhe contar sobre o convite inesperado que recebera de Bryan para a audição em Cabo Frio.

– Fale! O que é? – Pediu Varínia com a curiosidade aguçada ao máximo.

O que ouviria em seguida, contudo, e sem que compreendesse, provocaria um baque gélido no seu estômago.

– Há algum tempo atrás... uns anos... rolou um clima entre mim e o Bryan, sabe?

– O *quê?*! – Varínia chegou a perder a voz.

– Quero dizer... não nos envolvemos, propriamente. Mas houve um clima forte... mais da minha parte, devo admitir... Não sei por que, mas senti de repente que devia lhe contar isso.

– Eu também não entendo por que, minha amiga, mas tudo bem, vá em frente! Sabe que sou discreta!

Havia um *quê* qualquer irritadiço, embora grandemente oclusivo no tom de voz de Varínia ao dizer aquilo; mas Amanda, ou não se deu conta, ou mais provavelmente quis ignorar, porque prosseguiu, com entonação que soava estranha aos ouvidos da outra.

– Quis lhe contar porque o Bryan lhe telefonou. E, não sei por que, estou percebendo alguma semelhança entre o começo da sua convivência com ele e o que me aconteceu!

– Ah, Amanda! Você está é me deixando apreensiva! O que há? – Varínia voltou a mudar de posição na cama.

– Calma, Varínia, não é nada de mais! Nada para que você se assuste deste jeito! Queria somente preveni-la de que se, eventualmente, no futuro, acontecer entre vocês dois algo a mais, além de uma convivência entre o professor e a aluna, você não estranhe alguma eventual conduta esquisita dele! Porque, para mim pelo menos, não fez nenhum sentido!

– O que ele fez com você, criatura?

– Deu a entender que estava acessível, e depois, quando eu já estava praticamente envolvida, retrocedeu para o estado de um pingente de gelo! Isto só não comprometeu mais seriamente a nossa convivência porque eu praticamente já concluía o curso com ele, e ambos soubemos ser profissionais! Hoje não dou mais importância ao fato, mas, na época, o que

mais me incomodou foi reparar que o Bryan me tratava como se absolutamente nada houvesse acontecido; nenhum clima! Fez com que eu sentisse que, na verdade, *eu* é que fora vitimada por alguma alucinação emotiva!

Varínia franzia rudemente o cenho ao final da narrativa.

– Que coisa mais estranha! E por que ele se comportaria desse jeito?

– Vai saber... – foi a resposta lacônica.

– Mas chegou a rolar alguma coisa a mais, pra valer, entre vocês?

– Bem... não propriamente... Mas ele vinha se desmanchando em atenções comigo durante um tempo, e começou do mesmo jeito como está acontecendo com você! Por essa razão resolvi lhe contar. Para que fique atenta, minha amiga, afinal, você vem saindo de uma fase delicada desde a sua viuvez, com a sensibilidade quebradiça como um cristal fino!

Silenciaram.

Depois, Amanda fez por onde mudar radicalmente de assunto, para coisas mais desanuviadas. No entanto, já havia depositado o gérmen da desconfiança no espírito daquela a quem reputava como amiga.

E de maneira efetiva, porque durante todo o resto da madrugada Varínia não conseguiu mais conciliar o sono.

CAPÍTULO 7

Na viagem para Cabo Frio



Bryan estava com o seu carro estacionado diante do prédio já havia cerca de quinze a vinte minutos. Ele consultou o relógio, embora sem enfado e aborrecimento. Era que, por razões bem justificadas, possuía um modo peculiar de encarar a vida, naquela fase de sua história, que o favorecia a não se inquietar com fatos que para outros muitas vezes eram razão de grandes contrariedades.

O caso é que Varínia, lá em cima, estava com dificuldade para desligar o telefone.

Ela nunca imaginaria que um simples telefonema para se despedir da mãe, avisando-a de sua saída para a viagem, viria a ser motivo de tensão também com o seu pai, que, de início nada pretendesse falar, tomou do fone bem na hora em que já se encerrava uma conversa até certo ponto cheia de diferenças com Carmem.

Ela compartilhava exatamente das opiniões que o marido externou, tão logo começou a falar com a filha.

– Varínia! Vai mesmo se hospedar em Cabo Frio numa pousada, com um professor que você não conhece ainda nem há dois meses?! – Inquiriu, quase

impertinente. – Sua mãe tem toda a razão de se preocupar! Você carrega também o nosso neto, e parece que a acomete uma falta de juízo que não lhe cabia nem quando você tinha dezesseis anos!

A moça suspirou, revirando os olhos com preocupação, ao mesmo tempo em que sabia que os ponteiros do relógio corriam acelerados, com Bryan esperando-a pacientemente lá embaixo havia pelo menos vinte minutos.

– Pai! Por favor! – Ela se encaminhou até a sacada da varanda do apartamento e, vendo que ele se inclinava, olhando para ela justo naquele instante, através do vidro aberto do carro, fez-lhe um sinal de que já desceria. – Não posso ser indelicada com o professor, que há um tempão já me espera lá embaixo!

– Mas você mal o conhece, Varínia!

– Mas a Amanda o conhece há pelo menos sete ou oito anos!

– Isso não quer dizer nada para mim!

– Está bem! – Ela procurou ser, mais uma vez, compreensiva. – Pai, escute! Tenho de descer! Tadeu está impaciente, fazendo uma algazarra aqui, e o senhor tem razão. Não tenho mais dezesseis anos, mas lhe prometo que, tão logo chegue e me instale lá, telefone para vocês!

– Você e este professor... – teimou Lobato, inconformado.

– Não, pai! Eu, o professor Bryan, a Amanda e toda uma orquestra, que fará a audição!

Lobato suspirou mais uma vez, sem querer se convencer. Mas não havia mais o que falar, resolveu reconhecer não ser ela mais nenhuma adolescente e teve de capitular e liberá-la.

– Cuide do meu neto, pelo menos!

– Pode deixar, papai...

Cinco minutos depois, ela aparecia lá embaixo, na portaria, com algumas bagagens leves para ela e para a criança.

Sorridente, Bryan saiu do carro, um belo *Peugeot* branco, e acenou para eles.

Ao mesmo tempo, refletia para si mesmo acerca do destino ingrato reservado àquela sua aluna; com um filho ainda pequeno, tão moça. E tendo

já sofrido uma perda dura de suportar tão precocemente.

Varínia o alcançou, com ar de quem pedia desculpas.

– O Tadeu não é fácil, professor... Deu trabalho acabar de arrumá-lo! – E riu, sem graça, sem querer mencionar a inconveniente teimosia dos pais ao telefone.

– Eu também não sou... – foi a resposta, quase debochada.

Quando a aluna o encarou, deparou com uma expressão entre pueril e compreensiva, e entendeu que ele queria fazê-la se descontraír, denotando que estava tudo muito bem.

– Aliás... – arrematou o maestro, a propósito: – queria combinar com você que, pelo menos durante este nosso passeio, esquecerá de se dirigir a mim com este *professor* antes do meu nome! *God*, Varínia! – Ele ainda ria, pegando das mãos dela a bagagem e depositando-a no porta-malas enquanto falava. – Vamos simplificar nossa relação, ao menos numa situação menos formal. Está bem?

– Já estou acostumada, mas prometo que vou tentar... – foi a resposta, meio distraída.

Varínia estava se dando conta de que aparentemente iam com Bryan somente ela e o filho, quando tinha entendido que Amanda iria junto.

Questionou dele este pormenor, mas foi-lhe dado compreender que tinha entendido errado.

– Amanda avisou que vai com o noivo... Como é mesmo o nome dele?

– Fernando.

– É isso!

Depois, Bryan voltou para o seu lado. Agachou-se, ameaçou fazer cócegas no menino, que até aquele instante estivera um tanto retraído, apenas ouvindo aquele diálogo que pouco o interessava. O garotinho soltou uma gargalhada involuntária, e Bryan arrematou o cumprimento com uma lembrança que terminou por cativar de vez a simpatia do menino.

– E então, garotão? Está animado para ir à praia? O banho de mar de lá é ótimo!

– Mamãe, você não me disse que íamos à praia!

Aquilo a pegara também de surpresa, e, sem saber num primeiro momento o que dizer, entreolhou-se com Bryan, explicando:

– Oh, bem, sabe... eu não trouxe roupas de banho, nem para mim, nem para ele! Pensei que iríamos apenas para comparecer à audição e...

– Não se incomode, poderá resolver isso facilmente no comércio da cidade, que é muito próximo da pousada! – explicou, convidando-os, enfim, a entrar no carro. – Vamos indo? É um começo de feriado, e embora estejamos saindo cedo, quanto antes melhor, para que evitemos os engarrafamentos em Manilha!



A viagem decorreu sem maiores problemas ou retenções. Bryan possuía um dom todo particular de se adaptar às mais diversas situações com pessoas com quem habitualmente convivia somente no âmbito profissional de sua vida de professor.

Como Amanda contara a Varínia de início, ele cultivava o hábito da vida social, compartilhando lazer com os alunos e componentes da sua orquestra.

Dotado de um temperamento envolvente, também possuía o dom de colocar à vontade quem se mostrava grandemente encabulado, como estava visível nos modos da sua aluna, sentada no banco do passageiro, ao seu lado, durante vários minutos sem emitir palavra, parecendo absorta pela paisagem que ia desfilando do lado de fora dos vidros.

Quanto a Tadeu, já se julgava em casa, brincando com um jogo eletrônico, acomodado no banco de trás.

– E os exercícios, *my dear*? Melhoraram de qualidade? – Ele puxou o assunto, trazendo-a de volta do alheamento cujo conteúdo tinha vontade de adivinhar, àquela altura.

– Pouco provável, tenho de ser honesta, pr... digo, Bryan! – Ela lembrou. – Tenho pouco tempo para ensaiar durante a semana, e ainda com a

complicação deste braço queimado nos últimos dias, e tendo Tadeu para cuidar sempre... – meneou a cabeça, como quem se desculpa.

O trânsito dera uma parada naquele trecho da saída da Ponte Rio-Niterói. Com naturalidade, surpreendendo-a, o professor puxou-a gentilmente pela mão esquerda, examinando-lhe brevemente o ferimento no braço, em via de cicatrizar completamente.

O gesto inusitado, ao mesmo tempo em que a ruborizou vivamente, recordou-lhe, de modo involuntário, o que ouvira de Amanda na conversa noturna de quinta-feira.

– Deixe-me ver isto. Ainda a incomoda muito?

– Já está bem melhor... – foi a resposta, cheia de constrangimento.

– A última aula não foi desagradável? Não precisaria forçar nada, se você precisasse de mais alguns dias de recuperação!

– De jeito nenhum, não dói mais!

Entreolharam-se. Bryan dirigiu-lhe breve e desanuviado sorriso, antes de, afinal, soltar gentilmente a sua mão para mudar a marcha do carro.

E Varínia aproveitou-se para desviar o assunto, voltando a atenção para o filho sentado no banco traseiro, a fim de disfarçar também o rubor intenso que lhe coloria a face à sua revelia.

CAPÍTULO 8
Conflitos íntimos



As duas pousadas onde foram feitas as reservas para os músicos eram espaçosas o suficiente para abrigar todas as oitenta pessoas que participariam da audição na aprazível cidade praiana do estado do Rio de Janeiro, dentre músicos e pessoal de apoio.

Numa delas, e uma vez encaminhada grande parte do pessoal com as suas bagagens para as suas acomodações durante o feriado prolongado de quatro dias, Bryan despediu-se brevemente, após recomendar Varínia e o pequeno aos profissionais da recepção.

Sentiu repentina necessidade de isolamento. E, uma vez que Varínia, agora um tanto empolgada ante a beleza natural do lugar, alegasse que desejava esperar Amanda no *ball* de entrada, prestes a chegar a qualquer momento com Fernando, ele se dirigiu aos seus aposentos, avisando que tão logo terminasse de se instalar devidamente a procuraria, onde estivesse, para promover um passeio pela cidade, já que tinham chegado ainda em horário propício da manhã.

Fechou-se, portanto, no quarto confortável que lhe fora destinado, examinando os arredores e experimentando alguma satisfação pelo aspecto do cômodo. Reparou que dispunha de janelas amplas, com vista direta para a praia e para o mar azulíneo daquele princípio de manhã ensolarada. Abriu as vidraças limpas de par em par, e ignorou, de início, a bagagem deixada próxima ao leito pelo pessoal de serviço. Permitiu-se debruçar durante largo momento na sacada do pequeno jardim de inverno contíguo, inspirando com prazer o aroma do ar marinho que invadia em cheio os arredores.

Gradativamente, mergulhou em reflexões que, se de início se detinham, esparsas, nos eventos dos próximos dias, aos poucos foram se desviando e entremeando outros pensamentos que, no decorrer das últimas semanas, vinham ocupando sua mente e seus sentimentos de forma recorrente, e mais do que queria admitir para o momento.

E o centro daqueles pensamentos era justamente a sua nova aluna: Varínia! Reconhecia-se na plenitude da maturidade característica de um homem da sua faixa etária, portador de um histórico de vida cheio de peripécias e bem vivido, até ali. Portanto, não poderia mais ser ingênuo quanto a determinadas percepções que lhe chegavam sem dificuldades, e de maneira espontânea, a respeito das nuances de comportamento das mulheres. Menos ainda – nem o poderia, ali sozinho, em monólogo mudo consigo mesmo – conseguiria atribuir sentidos dúbios ao que se referia a si mesmo, naquele contexto, ao que vivia e que não poderia deixar de admitir que sentia.

E a verdade é que vinha se reconhecendo – relutantemente, era fato, e pelas melhores razões! – Gradativa e irresistivelmente atraído pela ressabiada moça que lhe fora encaminhada em confiança para as aulas de música. E justo por Amanda!

A história que Amanda contara para Varínia acerca daquele passado entre ambos, diga-se, guardava certas características de verdade; no entanto, nem tudo! Houve particularidades que, intencionalmente, ela procurou desvirtuar e omitir do conhecimento da amiga, por motivos inteiramente pessoais.

Todavia, Bryan se recordava bem daqueles acontecimentos, embora atualmente revestidos de menor importância, a seu ver. Por conseguinte, não poderia deixar de tecer as correlações, durante aquele instante de reflexões solitárias na sua acomodação confortável da Pousada Oceânica.

Não admitiria de forma alguma que alguns inconvenientes daquela história, já distante no passado, se repetissem agora, com o que se insinuava claramente no seu relacionamento algo delicado e cheio de nuances e incertezas com aquela nova aluna! Não permitiria aquilo. Não com ela!

Pensando assim, e involuntariamente se sentindo inquieto com aquelas conjecturas que lhe invadiam o mundo íntimo sem que pudesse evitá-las, Bryan, debruçado na grade branca que dava frente para a bela vista da vasta praia adiante, pendeu num ângulo o rosto, desviando do mar distanciado os olhos castanhos aquilinos, nos quais um observador oculto notaria claramente espelhado um estado de preocupação acentuada, quase sofrida, relacionada a fantasmas que pareciam assombrá-lo somente no âmbito da sua subjetividade.

Decorrido longo intervalo, suspirou de leve. E meneando a cabeça, como se conversasse apenas consigo mesmo, o virtuoso maestro murmurou, no silêncio reconfortador do cenário que o cercava, investindo ventos suaves contra o seu semblante alheado do momento presente.

– Não posso... Não posso me deixar envolver novamente. Não com ela, em especial...

Empertigou-se um pouco. Bateu com uma das mãos no gradeado da varanda ornamentada com decorativas plantas tropicais, como se ditando a si mesmo decisões que se prometia cumprir à risca.

Todavia, era visível em seu olhar agora entristecido que se tratava de decisões não exatamente fáceis ou agradáveis.

– Você não tem esse direito, Bryan!

Voltou-se, dirigindo-se pensativamente ao interior do aposento na intenção de tomar um banho, arrumar-se, e tornar a sair em busca dos amigos e da convidada que o acompanhava naquela expedição metade turística, metade profissional, à região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro.



De seu lado, por sua vez, e sentindo-se mais descontraída da tensão inicial experimentada no começo daquela viagem, Varínia já se encontrara com a entusiasmada Amanda, acompanhada de seu noivo, no *hall* de entrada da pousada. Cumprimentaram-se, efusivos, enquanto o pequeno Tadeu corria alegremente nas cercanias, e dirigiram palavras de animada expectativa para o período de hospedagem que compartilhariam naquele local aprazível.

Após um quarto de hora nessa troca feliz de planos e comentários elogiosos ao lugar, assim como fizera o professor, despediram-se. Varínia alegou a necessidade de se acomodar com o filho, e cada qual se dirigiu ao seu quarto, prometendo um encontro oportuno assim que houvessem desfrutado de algum repouso.

Varínia, porém, tão logo se pilhou a sós com Tadeu no aposento igualmente confortável que lhe coube, enquanto cuidava do filhinho que desfiava sem parar os ditames felizes e eufóricos relacionados às suas expectativas lúdicas do lugar, esqueceu-se momentaneamente da promessa feita aos pais, de telefonar tão logo chegassem, para se deixar dominar pelos sentimentos insistentes que vinham lhe dominando o coração ultimamente, embora para grande constrangimento de si mesma quando refletia na sua viuvez recente.

Jamais, de fato, imaginaria, meses antes, que o destino lhe pregasse tal peça, fazendo-a descobrir-se dominada por inegável interesse por outro homem quando, após a sua perda, quase dois anos antes, chegara a jurar para si mesma, sob o peso de seu sofrimento, que não haveria mais de se interessar por ninguém a ponto de se envolver ou de assumir com quem quer que fosse qualquer compromisso.

Amara o marido, enternecidamente. Vivera com ele uma curta história de seis anos, que, entretanto, fora a *sua* história, cheia de ternura, importância e de significados felizes e inesquecíveis. E que, de resto, havia

lhe deixado como maior presente Tadeu – o retrato exato da fisionomia do pai!

“*Como?! Como? por Deus*”, já se perguntara repetidamente em várias noites antes de adormecer, e ao dirigir suas preces e pedidos de aconselhamento aos seus amigos e orientadores da espiritualidade – tal cilada a tinha pego assim, de improviso, desprevenida e pior – *impotente* contra os seus próprios sentimentos?!

Reconhecia-se, inevitável, embora inegavelmente, apaixonada pelo professor de música! Com apenas pouco mais de um mês de convivência, e da maneira mais imprevisível! Contra toda a sua relutância em admitir, até mesmo para si, o que ainda e nem tão cedo, estava certa, não se sentia com coragem para confessar a ninguém!

De resto, via-se como indigna traidora ante o espírito do marido! O que estaria pensando Otávio nas paragens invisíveis, ao constatar aquele seu impulso que certamente reputaria vil, depois de tão pouco tempo de sua passagem?

Não conseguia imaginar o quadro sem chorar amargamente! O quanto o marido se sentiria triste, percebendo, de algum modo, da vida invisível, o que se passava!

Ademais, suas preocupações se agravavam por não ter sido, ele, exatamente um adepto das convicções que ela mesma nutria acerca da continuidade pura e simples da vida. Otávio até mesmo admitia a possibilidade; mas, definitivamente, isso nunca fora um fator condutor das suas diretrizes de vida. E se fosse, ele, aquele tipo de alma que, após a passagem, havida de modo tão abrupto, com uma parada cardíaca durante uma cirurgia banal, insistisse em permanecer colado ao lado da família formada na materialidade, participando de tudo, zelando, interferindo?

Por outro lado, no entanto, e com as modificações naturais da vida, viera ao seu encontro a convivência com Bryan, que procurara de livre vontade, obedecendo ao impulso renovador necessário ao seu estado de ânimo recluso, depressivo!

Não havia como ignorar a forma como tudo ia se dando como num processo arrebatador, que a arrastava diariamente ao encontro daquelas

novas circunstâncias!

E a cada vez que se via na presença do maestro, e que sentia nitidamente, no modo como ele a olhava e tratava, que provavelmente não apenas ela experimentava aquele entrosamento natural, forte, que os empurrava um ao encontro do outro... perdia-se de si mesma! Sentia-se sem chão, fora do controle de tudo!

A química crescente entre eles sobrepunha-se, imperiosa, a todas as demais considerações!

Mas, de outro lado... – hesitava, enquanto levava o matraqueante Tadeu para debaixo do chuveiro, colocando-o sob a água morna – aquela história que lhe contara Amanda...

E a estranheza que não conseguia ainda explicar para si mesma nalgum traço comportamental do próprio Bryan, sempre que se encontravam...

– Tenho de ligar para papai... – Varínia se esforçou por espantar, durante algum tempo ao menos, aqueles pensamentos desencontrados, para conseguir se concentrar no momento presente.

CAPÍTULO 9

Um dia de lazer



Como a audição estivesse programada para o dia seguinte, músicos e técnicos se espalharam pela cidade em grupos entretidos em planos e assuntos entusiastas, a fim de aproveitarem a oportunidade de folga para alguns momentos de lazer e de descontração, enquanto outros preferiram permanecer descansando.

Bryan e Varínia voltaram a se encontrar no pequeno restaurante da hospedagem depois de breve procura do músico pelos arredores. Viu que ela compartilhava um lanche ligeiro com Amanda e Fernando, entretidos em palestra animada e descontraída, tendo o menino consigo a distrair-se nas cercanias com alguns filhotes de gato.

Juntou-se a eles, de bom ânimo. Sentia-se revigorado após a longa viagem de pouco mais de duas horas do Rio de Janeiro até ali.

– Então? Vejo que estão dispostos, que bom! Não pensaram numa praia? A esta hora da manhã ainda está em tempo – indicou Tadeu, com um meneio proposital. – E o garoto haveria de adorar! – Propôs, dirigindo-se mais propriamente a Varínia, enquanto Amanda silenciava, apenas observando, com atenção peculiar, o começo do diálogo.

Houve breve silêncio, em que se entreolhavam, consultando-se, incertos.

– Bem, poderíamos mesmo sair a passeio... – considerou Amanda em primeiro lugar. – Passaríamos o dia fora, e com um sol lindo assim, e num lugar paradisíaco destes, não há lugar melhor do que a beira do mar!

Uma vez com todos de acordo, arrumaram alguns pertences e em meia hora se encaminharam a uma das praias turísticas mais acolhedoras daquela grande extensão litorânea da região dos Lagos. Aproveitaram o restante da manhã em pitoresco quiosque próximo às areias, dividindo mais tarde um almoço composto basicamente de frutos do mar.

O pequeno Tadeu espalhou-se, alvoroçado, nas proximidades, sob o cuidado aguçado da mãe, dividida entre conversar com o casal de amigos e o seu professor de música, ao mesmo tempo em que observava a brincadeira irrequieta do filho nas cercanias.

Isso propiciou a ela e Bryan se entrosarem mais, de maneira espontânea, tendo a oportunidade de comentar sobre episódios informais e mais ou menos recentes da vida de ambos.

Não notavam que, nada embora de forma discreta, eram observados constantemente por Amanda, sentada próxima, na companhia de Fernando, em dado momento ocupado em atender a um telefonema recebido por seu celular, que insistia em cair.

Ao conseguir atender e falar, anunciou a todos, após curta conversa:

– Marcelo e alguns outros combinaram de nos encontrar aqui. Passaram a manhã no comércio de Cabo Frio e, ao que vejo, pretendem empreender um sarau na praia, pois o Cláudio me contou que estão trazendo violão e instrumentos musicais a tiracolo! – Riu Fernando, com divertimento.

Bryan não estranhou, habituado àquelas novidades de viagens em grupo, em outras ocasiões, com aqueles dentre os músicos que lhe eram mais chegados. Tampouco Amanda. No entanto, para a novata Varínia, tudo soava inédito aos seus hábitos condicionados, na maior parte do tempo até ali, aos compromissos com seu emprego e com os cuidados do filho, sem muitos episódios diferenciados de lazer.

A pergunta seguinte da amiga, sentada ao seu lado, surpreendeu-a ainda mais.

– Vai cantar para a gente hoje, Bryan?

– Vamos ver... – ele riu de leve, evasivo.

Ladeava, como sempre, a curiosa Varínia e, naquele instante específico, aparentava estar com os pensamentos longe.

– Não imaginei que um maestro cantasse em rodas de amigos nos fins de semana – ela comentou, de bom humor, apreciando a novidade.

– Não está habituada. Com a convivência, ainda terá chances de compartilhar muitas vezes dessas coisas conosco – Bryan respondeu. – O que, aliás, para você, reputo uma necessidade, já que lhe convém se libertar um pouco desta timidez! Não comentou outro dia que também tinha intenção de retomar as aulas de canto, deixadas para trás nos tempos do coral?

– Sim, mas isso faz muitos anos... – replicou Varínia, encolhendo-se um pouco, desconcertada.

Amanda deu uma risada animada. Inclinou-se, tocando no braço da outra com afabilidade.

– Calma, minha amiga! Nossa má companhia haverá de contagiá-la! Não é, Fernando? – Indagou do noivo, que concordou, com divertimento. – Ora, vamos, Varínia, quem aprende música é para exibi-la para os outros, não apenas para si mesmo ou para o círculo familiar!

– É o que tenho dito a ela... – atalhou o professor, reclinado em seu assento de braços cruzados, um tanto modificado em seu aspecto mais formal ao qual a aluna se via acostuada, à vontade naqueles trajes de passeio, vestindo bermuda azul-claro e camiseta regata branca, que lhe conferiam um aspecto bem mais jovial.

Aquilo atraía involuntariamente os olhares descuidados de admiração de Varínia na sua direção, que ele notava, e como também não conseguisse se forçar a desviar os olhos da figura graciosa da moça em vestes mais à vontade de verão, volta e meia os olhares deles se encontravam, presos entre si, e isso revestia a ocasião de uma aura peculiar que não escapava à percepção do casal de amigos que os acompanhava.

Decorreu, desta forma grata, parte do dia. Os demais músicos e companheiros de viagem, num total de uns seis, os encontraram, como

combinado, estabelecendo pouso no amplo quiosque que lhes dera acolhida não apenas para as refeições, mas também para bebericarem cerveja e eventualmente se banharem, refrescando-se do calor intenso.

Desfrutaram do cenário marítimo magnífico mais adiante, ao rumor repousante do rebrantar das ondas nas areias. Alguns se aventuraram mar adentro; outros, como Varínia, Amanda e Bryan se contentaram em se entreter com a beleza do lugar, com conversas entremeadas de ditames humorísticos e com planos para os dias posteriores.

Ao longo da tarde, portanto, o grau de entrosamento de Varínia com o grupo já progredira bastante do acanhamento inicial para um estágio no qual ela se via mais à vontade com os novos conhecimentos que prometiam estar bastante presente em sua vida nos tempos vindouros.



De fato, tudo agora era muitíssimo diferente de apenas dois anos antes, quando, embora ainda moça, preencheria seu tempo somente com os compromissos familiares do casamento recém-efetivado e as canseiras costumazes do trabalho cotidiano comum.

Via-se que se sentia mais feliz e radiante, e Amanda, notando, felicitava-se por isso.

Quanto a Tadeu, dormitava ali por perto, em esteira improvisada, após o almoço farto e o cansaço da correria de várias horas nas areias brancas, totalmente alheio ao animado alarido em volta dele.

– Conseguiu, afinal, telefonar para seus pais, tranquilizando-os sobre a sua chegada, Varínia? Eles pareceram preocupados, pelo que você me disse ao sairmos do Rio... – comentou Bryan de repente, sentado ao seu lado, enquanto dedilhava o violão levado por um dos músicos.

Haviam se transferido para o lado de dentro do quiosque, à sombra, para se resguardarem de um dia inteiro de calor solar, de modo que todos se viam agora mais bronzeados.

Ela não se lembrava mais do episódio, mas confirmou, com um sorriso saudável, agradecendo o interesse dele.

Então, para a sua surpresa, em meio ao ruído das conversas desencontradas em torno da mesa ampla onde se agrupavam, ele exclamou qualquer coisa para um dos músicos sentados lá na outra ponta, chamando-o para que se aproximasse com um instrumento de percussão deixado a um canto.

Falou para ele e para mais dois amigos próximos algo que Varínia não conseguiu entender, e principiou a tocar uma música, acompanhado dos demais instrumentistas: uma daquelas suas duas preferidas da MPB, mencionadas no início desta narrativa, *Na Chuva, na Rua, na Fazenda*, de Hylton, célebre nas décadas de setenta a oitenta, mas que toca frequentemente nas melhores rádios musicais do país ainda nos dias atuais.

Todos silenciaram para ouvir, e a cena peculiar atraiu a atenção prazerosa de outros frequentadores do quiosque. O músico começou a cantar a letra singela, sem esconder que o fazia de maneira exclusiva para uma pessoa presente rente a seu lado, que, em o percebendo, olhou em volta grandemente perturbada, com um rubor involuntário invadindo o seu rosto:

“(...) Jogue suas mãos para o céu / e agradeça se acaso tiver / alguém que você gostaria que / estivesse sempre com você / na rua, na chuva, na fazenda / ou numa casinha de sapê...”

Varínia e sua amiga mais próxima se entreolharam, a primeira sem saber o que pensar ou fazer, imensamente constrangida. A segunda, dizendo-lhe coisas silenciosas, apenas com o olhar significativo, no qual se liam notas de advertência.

O clima gradativamente se tornou festivo na mesa. Outras músicas foram revezadas, amizades foram travadas com outros dos presentes no estabelecimento, cujo dono se felicitava pela oportunidade propícia de boa música de graça criando um evento inesperado no decorrer de um dia de começo de feriado, que haveria de servir de atrativo para mais gente que passava pela região.

Algum tempo depois, Bryan se acercou de Amanda e lhe fez um pedido em surdina, indicando o filho de Varínia já acordado, brincando com outro menino, filho de um casal presente numa das mesas das proximidades, com quem travara amizade fácil, ao modo de toda criança.

– Olhe o Tadeu um pouco, Amanda?

– Por quê? – A cantora quis saber, curiosa.

– Varínia vai dar uma volta comigo...

Amanda trocou com ele um olhar indefinível. Da parte dela, inevitavelmente tisonado de acentuada malícia, mas Bryan não deu mostras de notar ou de se importar com aquilo. Sabia que o nível de convivência entre ambos era bastante satisfatório, apesar de certos lances havidos no passado.

Ela concordou, afinal, aproveitando-se do distanciamento momentâneo de Fernando para observar discretamente a cena que se desenrolava a certa distância, quando o professor se aproximou de Varínia dizendo-lhe qualquer coisa que lhe provocou indisfarçável surpresa.

– Vamos dar uma volta pela praia? Está abafado aqui dentro, podemos pegar um pouco de ar fresco!

– Mas o Tadeu...

– Amanda ficará cuidando dele para você!

Por mais que Bryan relutasse contra si mesmo, seus sentimentos, todavia, arrastavam-no exatamente para o lado contrário de suas considerações lógicas.

E Varínia, de seu lado, não conseguiu dizer que não.

CAPÍTULO IO
Cortinas de fumaça



– Não você é do País de Gales? Não consigo imaginar nada mais diferente do Brasil, para que você tenha concordado em se transferir definitivamente e, mais que isso, se adaptado a uma cultura tão absolutamente disparatada da do seu país de origem! – Comentou Varínia refletindo interesse sincero, enquanto caminhavam devagar pela linha de praia agora mais deserta, banhada pelos raios de magnífico sol poente.

Um vento intenso varria a praia em toda sua extensão, levantando lufadas de areia que começavam a investir contra os dois de maneira incômoda, fazendo a moça se encolher um pouco e cruzar os braços.

De novo aquele sorriso carregado de ironia retornou aos lábios do professor, como acontecia de forma recorrente, encabulando-a.

– Você não é daquelas que pensa que todo inglês é racista ou preconceituoso com países da América do Sul, é?

Varínia encarou-o, desconcertada, e não pôde deixar de largar sem querer uma risada mal achada.

– Meu Deus! O que o leva a fazer um comentário desses?!

– Algumas coisas que tive de ouvir bastante no começo da minha estada aqui, e outras tantas atitudes que não encontraram, até hoje, registro no meu entendimento!

– Não, não sou esse tipo de pessoa... – respondeu Varínia, confusa, meneando a cabeça, como se estivesse se resguardando de algum mal-entendido.

Não disse mais nada. E, notando que Bryan permanecia fitando-a analiticamente, com insistência, desviou-se.

– Meu país é mesmo diferente, como todos os outros... – ele, afinal, respondeu com objetividade. – Mas isso não representa nada. Fatos, circunstâncias, pessoas, arrastam-nos de um lugar para outro. Há vantagens e desvantagens tanto aqui como lá...

– Mas, no seu caso, tratou-se de uma pessoa, a responsável pela sua vinda definitiva para o Brasil... – arriscou Varínia.

– Já comentei isso com você? – Ele estranhou, detendo-se, incerto. Mas a aluna preferiu ser sincera, sorrindo, meio sem graça.

– Amanda me contou alguma coisa sobre você...

– Ah... Foi isso mesmo – ele admitiu de pronto, sem dar mostras de ter se importado com a ligeira indiscrição da cantora de seu grupo.

Mas também não denotou que se estenderia no assunto, o que fez com que a sempre polida Varínia se retraísse outra vez. Contudo, para sua surpresa, o músico o fez. Embora de maneira um tanto esquivada.

– Tive um relacionamento com uma conterrânea sua, que fazia turismo no meu país. Envolvemo-nos e achei que daria certo, ao menos o tempo suficiente que justificasse a minha vinda para cá. Mas não deu. Por boas razões... – E evadiu-se deste pormenor, apesar de ter deixado sua ouvinte curiosa ao extremo com as implicações do que relatava. – E eu já me estabelecera no Rio de Janeiro como músico, gostando do que fazia, e não achei que valesse a pena voltar. A carreira deu mais certo para mim aqui, do que em Gales...

– Não viu mais sua família?

– Viajo para lá, em visita, de tempos em tempos.

Varínia notou que ele lhe relatava aquelas coisas com expressão quase vaga, o olhar perdido nos horizontes marinhos banhados pelo dourado hipnótico do esplendoroso pôr do sol daquele fim de tarde.

– Então, está aqui há muitos anos... – ela arriscou outra pergunta, depois de alguns instantes em silêncio. Caminhando muito próximos um do outro, ambos se esbarravam involuntariamente, despertando-a e levando-a, instintivamente, a afastar-se.

Não queria de modo algum, a despeito do teor da conversa que mantinham, que ele sequer imaginasse algum indício de interesse especial de sua parte.

– Ah... há uns... quinze anos! – Ele pareceu parar para contar nos dedos.

– Tanto tempo assim?! – Admirou-se a moça, o que o despertou, levando-o a sorrir com puerilidade outra vez.

– Quinze anos é “tanto tempo” para você, *my dear*?

– E não é? – ela devolveu o sorriso, meio chocada.

– Talvez... – ele admitiu. – Sou alguns anos mais velho que você, não? – E, sem medir muito o que dizia, retomou o assunto, desviando para ela o contexto da conversa. – E você, quanto tempo ficou casada?

– Seis anos... – Foi a resposta reticente. Depois, ela se calou, desviando-se de abrupto para o mar.

Chegou a parar de andar, detendo-o. Ele logo temeu que o assunto talvez ainda fosse impossível de ser abordado por ela, pelo menos no momento.

Olhou-a demoradamente, enquanto ela se alheava, detida na contemplação do extenso horizonte caldaloso adiante, com os pés mergulhados nas ondas mornas que iam e vinham, sem notar que o músico analisava-lhe, sem disfarce, as reações.

Só acordou quando o sentiu entrelaçar uma de suas mãos com gentileza, dizendo, em tom de escusa:

– Varínia, desculpe se toquei nalgum assunto que ainda lhe incomoda muito, ok?

Aquilo lhe deu um susto semelhante a um choque. Ambos se encararam em silêncio durante alguns segundos. Ela somente meneou a cabeça,

sorrindo de leve; depois, como se a pergunta dele houvesse aberto algum precedente no seu natural retraimento, cedeu a outro impulso e perguntou:

– Você não se envolveu com mais ninguém depois?

Bryan sorriu também. Demorou um pouco para responder.

– Envolver-me? Sericamente? – Perguntou. Agora foi sua vez de desviar os olhos castanhos, ensombrados pelo cair da tarde, para o mar agitado. – Não, *my dear!* – E em tom mais baixo, quase inaudível, como se não falasse a ela propriamente, continuou: – Não posso!

Varínia ouviu, agora francamente surpreendida, sentindo à revelia uma angústia inexplicável se assenhorear de seu coração.

– Não pode?! – Devolveu, com certa perplexidade. – Por quê? Há algum impedimento sério? Você é casado ou está preso afetivamente a alguma pessoa?

O músico tornou a pousar nela o seu olhar profundo. Enxergava com clareza os sentimentos misturados que se refletiam na entonação com que lhe dirigia aquela pergunta. E aquilo lhe devolveu, na mesma hora, a presença de espírito algo perdida durante aquele breve instante em que se deixara arrastar para uma atmosfera envolvente, que já os enredara a ponto de se verem de mãos entrelaçadas, intencionalmente de sua parte, e sem resistência visível da parte dela.

– Eu não *devo*, Varínia! Não *devo*... – frisou, modulando o tom de voz para algo ainda mais ameno, como se estivesse preocupado em não molestá-la com o que dizia, apesar de tudo.

Sabia que, para ela, o que afirmava agora soava incoerente, completamente destituído de sentido. E interrompeu-se de novo, deixando no ar e na mente de sua aluna, dominada pelo aturdimento, uma confusão de dúvidas que ela não teve tempo de externar.

Quase alarmada, o coração oprimido, sem que conseguisse explicar para si mesma a razão, Varínia teve como reação imediata, soltar de chofre a mão dele.

Mas uma ventania impetuosa os colheu de súbito, levantando rajadas de areia em todas as direções e despertando-os daquela hipnose mútua, para reparar que, de inopino, um aglomerado plúmbeo de nuvens avançava com

velocidade impressionante, escurecendo tudo e toldando os céus inteiramente, a partir do sul.

De uma hora para outra, tormentas se anunciavam, violentas, para bem breve.

– O traiçoeiro vento sudoeste! Vamos tentar correr ou tomaremos um grande banho! – Bryan comentou, preocupado, e reparando o tanto que já haviam se distanciado do quiosque, a passeio, deixando-o longe, um réles pontinho luminoso a mais de um quilômetro tremulando em meio à avalanche de areia que voava em todas as direções, formando imensos redemoinhos.

CAPÍTULO II

Em meio à enchente



Bryan se viu naturalmente compelido a segurar Varínia pela mão novamente e enquanto corriam o mais que podiam, ele a ajudava a acelerar o passo. Ambos não sabiam se riam da emergência, mas o nervosismo, nela, era o que mais se evidenciava diante do inusitado da situação, sobretudo porque, antes mesmo que se aproximassem o suficiente do seu destino, verdadeira tromba-d'água desabou em toda a extensão da orla, por entre ventos furiosos que fustigavam o mar em ressaca e a areia, quase a ponto de obstruir-lhes a visão.

No bolso da bermuda, Varínia ouviu tocar o celular e breco Bryan um pouco, exaurida.

Era Amanda, preocupada.

– Varínia?! Por Deus, onde vocês estão? Está tudo voando aqui, um pandemônio! Temos de sair já! – Exclamava, com dificuldades para se fazer ouvir em meio ao tumulto da debandada no quiosque onde agora toalhas de mesa voavam e empregados corriam de um lado para o outro para

recolher, naquele episódio ao qual já se viam acostumados nas praias da região dos Lagos do Rio de Janeiro.

– Quase chegando aí! – Ela arfava, com Bryan sem lhe dar trégua, puxando-a, insistente, pela areia afora.

– Vamos, vamos, *my dear!* – Chamava, embora aparentemente achasse mais graça do que incômodo na situação.

– E Tadeu, Amanda? – Voltou Varínia, tentando acompanhá-lo na corrida puxada, já quase sem fôlego.

– Vou levá-lo para a pousada com o Fernando! Já o arrumei, fique sossegada. Volte com Bryan! Não podemos esperá-los, Varínia, vai alagar tudo! Tratem de se apressar!

– Ok, obrigada! – Ela enfim desligou, olhando o professor a seu lado. Já se aproximavam do quiosque tumultuado, podendo ver, de onde estavam, a movimentação intensa lá dentro e as pessoas debandando, correndo, e os carros nas proximidades indo embora.

O aguaceiro, enfim, desabou com vontade. E, atingindo as cercanias de um estabelecimento vizinho já fechado, Bryan a empurrou para debaixo de um toldo fustigado pela ventania, cercanda-a com o seu próprio porte avantajado, mas tomando, por sua vez, um banho, do qual não havia mais como se livrar.

– Bryan!! Você vai se encharcar!! – Ela exclamou, atordoada.

– É natural sair encharcado da praia! – Foi a resposta, apesar de tudo, galhofeira.

Agora muito próximos, na conjuntura que os obrigava praticamente a se comprimirem um de encontro ao outro, abraçados, não havia como evitar a situação que, de resto, contribuía para arrastá-los para emoções que existiam, embora, nos dois, ainda não tivessem vindo à tona de maneira muito clara.

Entreolharam-se, com o rosto muito próximo. Varínia sentiu fugir-lhe a respiração com o contato da umidade do rosto dele, os cabelos respingantes, notando-lhe a expressão do olhar intenso, inteiramente desarmada, pelo menos naquele momento.

Desviou-se. Todavia, movendo-se assim, quando tornou a encará-lo para dizer mais qualquer coisa que a socorresse naquele constrangimento, roçaram, sem querer, os lábios. E Bryan, não conseguindo se controlar, atraíu-a com firmeza contra si.

Não permitiu que ela se afastasse num impulso, como já ia fazendo, e a beijou apaixonadamente, sem encontrar resistência.

Quando se distanciaram, Varínia se surpreendeu ao perceber nele um nervosismo inexistente antes.

Todavia, antes que pudesse esboçar qualquer reação, ele anunciou, desviando-se estranhamente e tomando uma decisão súbita, que nada tinha a ver com o momento único que viviam ali, naquela situação insólita.

– Escute, fique aqui. Vou até o carro pegar algo para protegê-la. Volto e a levo até lá, está bem?

– Há um guarda-chuva na minha bolsa! – Ela respondeu, a esmo, horrivelmente constrangida, mas aquilo fez o professor de música rir de novo, incontinente.

– Você trouxe um guarda-chuva para a praia?!

Varínia deu de ombros, desconcertada.

– Bolsa de mulher!

Uma vez no carro, ambos estavam encharcados. Fora um custo chegar até ali contornando enormes piscinas de lama e saltando de um lado para o outro. De nada adiantara a sombrinha insuficiente que o professor trouxera, às pressas, na intenção de tentar protegê-la ao menos um pouco.

Entraram no *Peugeot*, agora ilhado em meio a um mar lamacento formado no estacionamento do quiosque, experimentando emoções diferentes no contexto; mas Varínia, agora, reconhecia-se extremamente perturbada, e, depois de vasculhar às pressas em sua sacola uma das toalhas que trouxera, passou-a ao professor, num gesto agoniado.

– Tome, Bryan, pelo amor de Deus, seque-se!

– Não precisa, *my dear!* Use-a em você, pode pegar um resfriado!

– E você, não? É o super-homem, por acaso? – E insistiu, metendo a toalha teimosamente nas mãos dele, que acabou aceitando-a, com um meneio algo divertido, e passando-a ao acaso nos cabelos molhados.

No entanto, surpreendeu-se com a continuação do seu discurso, que o colheu desprevenido, soando-lhe, de alguma forma, como um desabafo súbito.

– Escute, Bryan! Queria lhe pedir que não fizesse mais aquilo!

– O quê?! – Ele se esquivou um pouco, retraindo-se e voltando-se para encará-la.

Varínia sentia-se mal e agitada. Mudou de posição no banco e o encarou, agora ignorando a tormenta a desabar furiosamente lá fora para declarar, adoradamente:

– Por favor. Temos uma relação de professor e aluna! E, de meu lado, Bryan, apesar da situação informal que vivemos aqui, e do que aconteceu há pouco, não tive tempo de lhe dizer que, assim como inexplicavelmente você *não deve* se envolver com alguém, como alegou, eu, por minha vez, depois de uma viuvez recente, também *não posso* e *não quero* dar trela a um tipo de coisa indefinível como esta, que aconteceu conosco ainda agora!

Pela primeira vez, desde que se conheceram, Varínia teve a oportunidade de observar no sempre centrado Bryan aquela expressão fisionômica perdida, ao acabar de falar.

Passando ainda uma vez a toalha pelo rosto úmido, o maestro suspirou, silencioso.

– Varínia... – ensaiou uma explicação qualquer. Mas desistiu. E perturbou-se, desviando-se. – Desculpe, *my dear...* Você não entende. Não foi minha intenção aborrecê-la. – Arrematou, após breves segundos de tensão durante os quais a moça o esquadrinhou entre ansiosa e aturdida.

Aquela escusa, entretanto, permanecia sem fazer o menor sentido ao seu entendimento. E, desta vez amolada, ela deixou entrever um tanto do seu gênio por vezes tempestuoso, empurrando para o lado a mão carinhosa que o professor havia lhe deslizado, afável, nos cabelos molhados.

– Não entendo mesmo, professor! Sinto muito! – Revidou, quase aflita.

“Meu Deus!”, ela pensou, amuando-se ligeiramente naquela situação impossível, silenciando e percorrendo o olhar perdido pelo cenário de aguaceiro que os detinha ali. “Já me arrependo de ter procurado pelas tais aulas de violino! Onde isso vai acabar?!”

Bryan ligou o som do carro, colocou uma música, talvez com a intenção de desanuviar um pouco os ânimos.



Ambos só conseguiram deixar o local devastado pela enchente e alcançar a pousada duas horas depois, com a noite fechada.

“Só mesmo Deus sabe”, refletia Varínia, adiantando-se a Bryan em busca do filho, “o quanto foi difícil sustentar essa situação com o maestro, presa com ele dentro do carro, improvisando assuntos banais depois de todo o episódio confuso que vivemos, a fim de dar tempo a que o temporal cedesse, a água baixasse, e conseguíssemos, enfim, retornar para o necessário descanso”.

Afinal, o dia seguinte seria o da audição, para todos os músicos ali reunidos.

Antes que se esquivasse, dirigindo-se aos aposentos de Amanda para saber do paradeiro de Tadeu, Bryan ainda uma vez a reteve, segurando-a, agora contido e gentil.

– Varínia, escute. Ainda voltaremos a conversar. Espero poder me explicar melhor a você...

Mas, a isso, e querendo evitar novos sobressaltos, ela apenas se desvencilhou, visivelmente impaciente. Embora soubesse que era inútil.

Não era mais uma adolescente. Conhecia-se o suficiente, e tinha plena consciência do que se passava com suas emoções.

Estava apaixonada pelo professor de música. Contra todas as suas resistências e hesitações íntimas. E, depois do lance nebuloso dividido por ambos, a certeza só fazia com que sofresse mais.

– Não precisa, professor! Esqueça, é melhor. Agora, deixe-me procurar o meu filho! Precisamos descansar! De toda forma, estou agradecida pelo passeio, foi muito bom...

Tentou dirigir-lhe um sorriso de reconhecimento, que saiu tímido, quase forçado. E enveredou às pressas entre o vaivém de gente entrando e saindo da pousada, naquele horário do jantar, deixando o maestro ali parado um pouco, a contemplá-la se afastando, dominado por sentimentos convulsionados no seu íntimo.

CAPÍTULO 12

A força do destino



Bryan abotoou os punhos de sua camisa social, em frente ao espelho do quarto, sentindo-se irritado. Um estado de espírito péssimo para conduzir uma audição importante como aquela, na qual compareceriam certas autoridades políticas da cidade de Cabo Frio.

Reconhecia-se perdendo o controle de si mesmo em relação a uma determinada situação importante. E, homem habitualmente centrado, frio de raciocínio, detestava ter de admitir isso.

Malgrado isso, sua firmeza de personalidade e segurança profissional já o salvara de disposições semelhantes no passado, de modo que sempre se saíra bem dessa espécie de contratempo extemporâneo que, por mais de uma vez, encurralara-o contra si mesmo.

Afinal, para além do profissional de música, havia o ser humano e o homem, com toda a sua história de percurso, e esta contara, necessariamente, noutras oportunidades, com envolvimento com mulheres – que se deixaram seduzir fácil pelo seu belo aspecto de galês, aliado à sua

postura diferente de estrangeiro, que atraía com facilidade muitas atenções femininas.

Houve ao longo dos anos alguns casos banais, além de pequenos episódios que se apagaram com facilidade do seu repertório de recordações, dada a desimportância das circunstâncias nas quais aconteceram.

Mas existiram poucas ocasiões em que se sentiu atraído e atraiu, com ou sem intenção, personagens que mereceram uma consideração mais demorada, como Amanda, por exemplo – recordava-se, dispersivo, ajeitando agora a gola da elegante camisa azul que usaria sob o *blazer*.

Lembrava-se com nitidez. A cantora, nos primeiros meses de seu relacionamento com o professor, tornara-se uma paixão avassaladora, cujo impacto emocional nele mesmo, não fez exatamente por onde rejeitar. Todavia, os acontecimentos se encaminharam de um modo que fez arrefecer a ideia que fizera da moça no início. Saíram algumas vezes juntos, sem nenhuma consequência mais séria, num preâmbulo de envolvimento. Mas acabou por pesar na sua mente e no seu coração que o máximo que conseguia experimentar por aquela jovem, algo voluptuosa, não ultrapassava um interesse fugidio, sem consistência, que desaparecia tão logo ela deixava as aulas e apresentações em sua companhia, abandonando-o a uma multiplicidade de preocupações outras, que absorviam por completo os seus pensamentos até reencontrá-la de novo.

E acabou que, ao fazer pesar na balança o pormenor de maior importância nas suas considerações no momento de se permitir um envolvimento afetivo mais sério com quem quer que fosse, desde que se vira vitimado pela sina malfadada de anos antes, concluiu que não valeria a pena contornar aquele obstáculo grave, sob pena de perder a excelente profissional que ela era, por causa da ameaça de um caso sem liga, sem a menor possibilidade de sugerir qualquer vínculo mais sério para o futuro.

Nunca, portanto, chegou a mencionar para Amanda o que já se arriscara a dizer para Varínia, com tão pouco tempo de convivência, menos de dois meses!

E assim se esclarece, ao leitor, a versão pouco elucidativa que a cantora lançara de supetão sobre Varínia com mais de uma intenção, na noite em que

conversaram confidencialmente ao telefone, pois que, astuta, já se apercebera de algo que se insinuava no ar entre a amiga e o maestro, de quem, em verdade, nunca se desligara emocionalmente por completo.

Contudo, Bryan sabia que, no que dizia respeito a Varínia, a situação era outra, muito diversa. Os sentimentos, definitivamente, eram diferentes e o estavam arrastando, à sua revelia! Absorviam-lhe o espírito durante a quase totalidade do tempo nas últimas semanas. Não poderia se enganar quanto a isso. E agora se perguntava, angustiado, sobre como se arranjaría para resolver a contento o grande dilema, uma vez que, homem vivido, já avaliara até que ponto ela também estava suscetível, a despeito de toda a relutância que fazia por onde colocar entre ambos como salvaguarda, como anteparo. E a última coisa que admitiria, de outro lado, seria perder de vista a aluna recente, com grande promessa de virtuosismo musical para um futuro nem tão distanciado, por causa das suas vacilações mal conduzidas.

Brian olhou sua imagem no espelho durante alguns instantes, desassossegado, mergulhado naquelas cogitações inquietantes. Queria a sua aparência impecável, já que a vaidade era um dos componentes de sua personalidade, mas não apenas considerando a plateia seleta e numerosa que assistiria a ele dali a algumas horas. Pensava, acima de tudo, numa única mulher presente naquela plateia.

Depois, esforçou-se por afugentar da mente os pensamentos contraditórios, ao menos durante algum tempo. Voltou-se, sobraçando partituras e instrumentos de regência, e deixou o quarto num impulso decidido.



A audição durou duas horas e teve início às sete da noite. Reconfortada e arrumada com esmero para a ocasião, com elegante traje de corte despojado em tons de água-marinha, Varínia ocupara um setor privilegiado do grande teatro lotado e observava o jeito hipnotizado com que o filhinho deixava-se

atrair prazerosamente pela novidade que representava aquele espetáculo grandioso para os seus poucos anos de vida.

Mas, à parte disso, ao ter sua atenção voltada para o que acontecia no palco, agora que também Amanda se apresentava fazendo solo vocal num trecho de ópera, não conseguia evitar se alhear do todo da apresentação musical solene à frente para deter-se somente num único personagem. Que imenso conflito íntimo aquilo vinha lhe ocasionando!

Para onde, afinal, fora a sua devoção fiel à alma do marido recém-egresso às dimensões invisíveis, como lealmente cultivara até pouco tempo atrás?

Debalde já dirigia sofrido pedido de perdão ao espírito de Otávio, e reiteradas solicitações de orientação aos mentores das esferas espirituais. As inspirações recebidas habitualmente pareciam ter emudecido de chofre, e, numa percepção errônea, aquilo lhe sugeria ter sido abandonada pelos benfeitores do invisível devido ao seu provável erro terrível, ao se deixar arrastar desse jeito por um sentimento avassalador por outro homem, decorrido tão curto intervalo da sua viuvez!

Os olhos úmidos passeavam pela audição grandiosa que se desenvolvia à sua frente, ante a plateia presa de silencioso estado de enlevo e admiração. Não lhe ocorria que talvez as dimensões etéreas se calassem exatamente para lhe dar a liberdade plena de agir segundo os ditames do coração sofrido. Talvez não houvesse erros, mas meras transformações, naturais ao curso de uma vida. No entanto, ainda grandemente dominada pelo entrechoque emotivo no qual se via mergulhada, Varínia ainda não possuía a mínima condição de avaliar, entender e, conseqüentemente, agir adequadamente.

Findo o espetáculo, haviam combinado de celebrar nalguma casa noturna da movimentada cidade praiana, aproveitando a noite morna de primavera. No dia posterior, Bryan e alguns componentes da orquestra atenderam a convites para almoços formais e, assim, com o fim do feriado prolongado do início de setembro, encerraram os compromissos musicais na região dos Lagos do Rio.

De começo, e com certa razão, Varínia recusou o convite do maestro para o qual não admitia recusa, de fazer-lhe companhia no jantar em perspectiva. Todavia, a sua alegação de ter de atender às necessidades de sono de Tadeu

foram por terra, quando Amanda, ainda daquela vez, ofereceu-se para cuidar e acomodar devidamente o menino, justificando a sua escusa ao evento com uma dor de cabeça incômoda que a acometera de uma hora para a outra, quando, em verdade, o que de fato a incomodava era o progresso visível do envolvimento da amiga com o antigo alvo de seu interesse amoroso.

Acompanhada de Fernando, portanto, não permitiu que Varínia inventasse novos pretextos, como ainda ensaiou fazer. Uma vez que sempre desfrutara de grande empatia com o menino, tomou-o pela mão, prometendo-lhe um belo lanche a caminho da pousada com direito a uma parada para brincadeiras no parquinho, e deixou-os. Tadeu deu um beijo corrido na mãe, acenou para Bryan e fugiu para o lado do casal que o aguardava mais à frente.

Permaneceram à saída do teatro. A agora um tanto perdida Varínia, Bryan e mais alguns componentes da orquestra, joviais e amáveis, os acompanhariam de bom grado a uma das casas noturnas mais bem cotadas de Cabo Frio. Ela procurou se manter também próxima às amizades que travara durante o dia anterior no passeio à praia, mas, antes, como não poderia deixar de fazer, teve de cumprimentar devidamente o professor pela grande beleza da apresentação finalizada havia pouco.

– Foi muito emocionante, professor Bryan! Sou agradecida por ter me proporcionado a chance de vê-los tocar, pois poucas foram as vezes em que pude comparecer a um evento dessa natureza! – Sorriu-lhe, contidamente, mas o rubor visível em seu rosto contava ao maestro a natureza do que sentia ao lhe dirigir aquelas palavras. Assim, ele ironizou de novo.

– Vai voltar a me chamar de *professor*, Varínia?

Ela, porém, não se deixou enredar pela dubiedade entrevista na aparente brincadeira inocente que lhe dirigia.

– Mas não é o que você é e faz? Não é o meu professor de música? – Devolveu, conscienciosamente.

Dirigiu-lhe breve sorriso e depois se deixou ser conduzida para o carro, seguindo para a segunda etapa do evento daquela noite.

CAPÍTULO 13

A primeira noite



Uma vez no local, que era um misto de boate e restaurante seletos, os músicos, todos com boa disposição, após a audição bem-sucedida que lhes rendeu infindáveis aplausos e cumprimentos de personalidades importantes presentes, acomodaram-se numa mesa espaçosa e já reservada desde cedo.

O tempo todo ladeada por Bryan, Varínia fez por onde se sentar perto de uma das violinistas, com quem havia estabelecido amizade grata e promissora, devido ao campo dos interesses comuns.

Hortênsia, a musicista, havia lhe contado, entusiasmada, durante o passeio na praia, sobre toda a duração do curso preparatório com o maestro galês, e do prazer proporcionado pelas aulas e posterior convite para integrar o elenco de uma das orquestras mais bem conceituadas da cidade do Rio. Ao seu lado, também estava presente outro instrumentista de sopro, mais jovem, da ala dos metais, que, de resto, apreciava dançar, e logo se mostrou disposto, assim que alguém o acompanhasse.

Não era exatamente um convite que Varínia recusasse; todavia, ausente das festas dançantes já havia vários anos, reconhecia-se um tanto destreinada,

além de retraída para tal gênero de cometimento. A menos que, com o passar das horas, a bebida social ingerida coletivamente com o jantar se encarregasse de afrouxar-lhe as cordas da timidez, como acabou acontecendo. Ela refletia, ouvindo o comentário do rapaz algo folgazão. Isso também favoreceria a que não se mantivesse durante todo o tempo sob a influência ameaçadora à sua sensibilidade exasperada, do maestro, agora estranhamente silencioso, sentado ao seu lado, apenas ouvindo a conversa e bebericando um *drink*.

Ela, por sua vez, aceitou uma taça de champanhe. E assim se entreteve por longo tempo com a conversa generalizada que se estabeleceu na mesa ampla, onde os músicos dividiam anedotas e conteúdos descontraídos, no ambiente de luminosidade fosca e esbatida por luzes coloridas da elegante casa noturna.

Bryan participava de tudo apenas circunstancialmente, detido de forma quase obsessiva no que dizia e fazia a sua acompanhante, e provocando-lhe, com isso, enorme constrangimento, que ela não sabia mais como contornar. Até que ocorreu ao instrumentista Vagner convidá-la ou a quem se dispusesse a acompanhá-lo até a pista de dança, mais uma vez.

– Olhe esta *Maria* de Steve Martin não dá para ouvir parado! Quem me dá a honra? – Chamou em tom de brincadeira.

Para a surpresa de todos, quem de pronto o atendeu foi a própria Varínia. Como ela mesma previra, após algumas doses oportunas de champanhe de boa qualidade servida no lugar, adquiriu coragem.

Escusou-se com Bryan com delicadeza; deu a mão a Vagner, e os dois se distanciaram, animadamente, para a espaçosa e agitada pista de dança, onde os que ali permaneciam ao ritmo das músicas mal podiam ser distinguidos pelo rodopiar confuso de luzes multicores por todo o ambiente.

Formou-se uma coreografia bem marcada para a música eletrizante do cantor porto-riquenho, com movimentos provocantes que realçavam a beleza natural da moça, arrumada com esmero em vestes de tecido leve que aparentavam bailar ao ritmo empolgante da música. E, contemplando-os, um tanto inerte de início, ao lado dos demais músicos que se divertiam com entusiasmo dividindo o farto jantar, ele se demorou vários minutos

observando a cena inusitada. Refletia na fisionomia alheada pelos efeitos involuntários da bebida forte sentimentos contraditórios, que os demais não chegavam a reparar na obscuridade baixa do local.

Estava visto que, cada qual a seu modo, professor e aluna fugiam de um dilema que nalgum momento seriam levados a solucionar, de um ou de outro modo. Isso acabaria acontecendo, ainda naquela noite. Com o correr ininterrupto das horas, e como Varínia mal se detivesse à mesa para o que quer que fosse, tornando-se mais parceira de dança de Wagner do que propriamente convidada de seu professor, aquela situação seguiu insustentável a tal ponto que, em dado horário, já alta madrugada, e sob a observação discreta de alguns componentes de sua orquestra, Bryan, de modo abrupto, levantou-se.

Sentindo-se levemente tonto, avançou até a pista onde a aluna ainda se detinha dividindo com o instrumentista outra dança animada. Sem pedir licença ou oferecer qualquer explicação ao rapaz, que se deteve um pouco parando e olhando-o, sem ação, tomou com firmeza a mão de Varínia, e, sob o seu patente sobressalto, puxou-a pelo ambiente lotado da *boate* na direção da mesa, onde pegou a sua bolsa, entregando-a e acenando para os circunstantes, em breve despedida.

Sob as exclamações praticamente inaudíveis da agora atordoada aluna, arrastou-a para fora do estabelecimento até onde estacionara seu carro.

Sério, aparentemente atormentado por algum tipo de emoção forte, em meio ao silêncio da madrugada abriu a porta e empurrou-a para dentro. Depois, dando a volta no veículo, entrou, sentando-se ao volante.

Mas antes que desse a partida rumo à pousada, e a exasperada Varínia pudesse lhe dirigir qualquer pergunta, atraiu-a a si com rudeza e abraçou-a. Calou-lhe as palavras de perplexidade com um beijo na boca, ardente e angustiado.

Pouco mais de meia hora depois, ambos haviam dado entrada na hospedagem àquela hora já silenciosa e isenta de maior movimento. Ignorando a saraivada de questionamentos desencontrados desfechados pela moça no trajeto até ali, sem mudar a atitude, para autêntico pasmo de Varínia, que não conseguira arrancar do professor nenhuma palavra de

explicação, ele tornou a arrastá-la pela mão, decididamente, pousada adentro, ganhando a ala dos elevadores e avançando pelos corredores do sexto andar. Enfim destrancou, num impulso impaciente, a porta de seu quarto.

– Bryan!! – Ela enfim alarmou-se de vez. – *Pare!!* Pare com isso, está me apavorando! Meu Deus! Que maldita ideia foi procurá-lo para estas aulas de violino! Você é louco!

– Cale-se, *my dear*, ou acordará a pousada inteira! – Ele a cortou, afinal pronunciando alguma palavra, numa impaciência quase ríspida.

Entraram. A moça com grande relutância, quase empurrada. Bryan trancou a porta, e, sem se deter em maiores explicações, parou diante dela. Varínia havia recuado instintivamente até uma parede. Num primeiro momento, ele somente a fitou.

Mas ela meneou a cabeça com energia, antes que ele dissesse qualquer coisa, mais temerosa de si mesma, das suas reações, do que pelo que ele pudesse vir a fazer.

– Bryan, por favor! Está visto que a bebida forte que ingeriu o tempo todo na *boate* fez o seu efeito, assim como a champanhe me deixou meio atordoada, descontraindo-me acima do que me é usual! Mas apelo para o seu bom-senso! Tenho um filho pequeno dormindo aqui, noutra quarto desta pousada! Não deixe que eu perca o que me resta de respeito e admiração pela sua pessoa!

O maestro avançou mais alguns passos, e ela recuou ainda mais, encurralada contra a parede.

Sentiu as mãos ardorosas dele invadirem seus cabelos, puxando-a pela nuca. O olhar profundo do músico paralisou-lhe a respiração, transmitindo-lhe ao espírito, agora inerte, mensagens confusas, embora cheias de uma ânsia sofrida. Seu hálito quente, carregado, aqueceu-lhe o rosto lívido, ao mesmo tempo que esvaiu incompreensivelmente, suas forças.

A princípio, num movimento defensivo, levou-lhe as mãos aos ombros. Mas, com isso, foi atraída e abraçada de vez, sem que houvesse como, ou mesmo quisesse, de fato, desvencilhar-se.

E de novo foi beijada ardentemente pelo músico. Sentiu-o sôfrego contra si. Quase sem fôlego.

As luzes se apagaram no apartamento de número 3 do sexto andar da Pousada Oceânica, com as lufadas perfumadas da aragem marinha invadindo o ambiente silencioso do cômodo.

CAPÍTULO 14

Encruzilhada



Amanhã seguinte, ensolarada e límpida, veio colher o casal largado displicentemente sobre o leito, aconchegados um ao lado do outro.

Raios do sol matutino invadiam com parcimônia o cômodo amplo, e, gradativamente, projetaram sobre o rosto de Varínia uma nesga de claridade que fez com que, afinal, despertasse, um tanto aturdida, e sentindo a mente oca.

Entrementes, tão logo se deu melhor conta de si, o primeiro pensamento que a acometeu foi para o filho, a quem não via desde a noite anterior.

Isso fez com que se levantasse, sentando na cama de um só impulso.

– Deus... – ela levou ambas as mãos aos olhos zonzos. – Tadeu! Como estará a esta altura? Tenho de sair logo...

Fez um movimento, mas foi contida pelo músico, que despertara em seguida sem que ela percebesse. Ele a segurou por um braço, carinhoso, a despeito da dor de cabeça infernal da qual na mesma hora se apercebeu.

– Espere! – murmurou. – Aonde você vai?

– Tenho de ver meu filho, Bryan! Estou abusando da boa vontade de Amanda! – Ela replicou, desvencilhando-se dele, decidida, em parte por também ainda se reconhecer grandemente perdida naquela situação que não compreendia muito bem em todas as suas implicações.

– Ok. Mas primeiro me dê um beijo... Para que eu tenha certeza de que está tudo bem... – ele pediu, num timbre de voz rouco, obstruído na garganta fragilizada pelas doses generosas de bebida da noite anterior.

Perdida de iniciativas adequadas, ainda desta vez Varínia obedeceu ao impulso do coração, atendendo-o. Inclinou-se, abraçando-o ternamente. O músico a atraiu de volta, enlaçou-a, e eles se beijaram prolongadamente.

Quando enfim conseguiu se libertar, recolhendo suas roupas largadas a esmo por ali, reparou de passagem, sem se deter realmente, no detalhe curioso de que havia vários remédios postados sobre uma cômoda afastada, próxima ao armário embutido. Mas não quis parar para considerar melhor sobre aquilo, preocupada com as necessidades de Tadeu àquela altura.

Vestiu-se, correu para o lavabo da suíte, sob a admiração silenciosa do maestro. Demorou-se algum tempo se higienizando. Depois passou de volta, despedindo-se, e o viu já sentado no leito, ensaiando se levantar.

– Nossa! – Ela reparou, parando um pouco, não sem certa preocupação pelo aspecto fatigado que ele exibia: – Você está bem, Bryan?

– Estou... Exceto pelo fato de que você já vai saindo assim, correndo. – comentou em resposta, esfregando os olhos embaciados pelo sono. – Precisamos conversar mais, *dear...* – E como ela se detivesse, incerta, durante alguns momentos, ele se levantou, avançando, e a alcançou, próxima à porta. Abraçou-a de novo e pediu: – Espere-me para o café, está bem?

– Sim, eu vou procurar Tadeu, e tão logo cuide dele, desço para o restaurante!

Fez nova menção de sair. Outra vez foi contida, mas desta vez sob um pretexto mais desanuviado, descontraído, improvisado por Bryan com o intuito de impor mais leveza ao clima entre ambos, ainda bastante dominado por incertezas e hesitações, era forçoso reconhecer.

– Escute... Se acontecer de novo de me deixar sozinho para dançar a noite inteira com um músico da minha orquestra, paro de lhe dar aulas de

violino. Ouviu? Terá de procurar outro professor! – avisou, sem esconder na entonação da brincadeira um quê qualquer enciumado.

Sorriram um para o outro e se beijaram novamente, entreolhando-se, de modo apaixonado. E Varínia, enfim, saiu porta afora, deixando-o ali, mergulhado num emaranhado de pensamentos desencontrados.

– Como eu vou fazer? *God...* – Bryan jogou-se de volta na cama, pesadamente, passando as mãos pelo rosto e pelos cabelos em desalinho e largando em surdina o comentário desassossegado, dirigido a si mesmo.

Via-se, sem sombra de dúvida, num impasse delicado, cujas origens apenas ele mesmo conhecia. Sobretudo, sabia que não poderia protelar por tempo demais as explicações para a aluna com quem, agora, encetara irremediavelmente um grau intenso de ligação afetiva. Mas também não admitiria mais se desfazer deste elo, pois isso acarretaria insuportável abalo emocional, em primeiro lugar, desfechado contra si mesmo!

Não saberia mais viver sem Varínia – constatava, para seu próprio atordoamento!

Conhecia os riscos, desde o princípio, quando se reconheceu a cada dia mais atraído para aquela mulher ainda muito moça; bela, com seus grandes olhos amendoados e tez clara, quase transparente – mas de índole singela e personalidade acentuadamente sensível.

Contudo, não conseguiu resistir às circunstâncias da noite anterior, apesar de toda a sua rígida determinação em não ceder aos seus impulsos antes de medir friamente os perigos, as consequências.

Aos seus olhos, Varínia lhe compareceu irresistível, assistindo-lhe, da plateia, à regência solene, magistral na audição daquela noite. Notou-lhe, de relance, a beleza e o esmero fascinante da apresentação, a contemplá-lo do auditório, ao lado do filhinho pequeno, com um olhar em cujo brilho leu com clareza toda a intensidade dos sentimentos que já lhe votava, muito embora de maneira velada, sem denotá-lo abertamente em nenhum instante da convivência de ambos até ali.

Depois, no ambiente movimentado da *boate*, alheado dos demais presentes, sob os efeitos entorpecedores das luzes coloridas agitando-se sobre os convivas que se agrupavam em mesas, ou na esfervilhante pista de

dança, e em observando o jeito ostensivo como ela o evitava – certamente temendo o que ele mesmo receava e conhecia de antemão – não pôde mais consigo!

Entendeu, de uma vez por todas, a natureza dos sentimentos que lhe convulsionavam o coração desassossegado, determinando que tentasse afogar aquele turbilhão íntimo em doses exageradas de bebida que não costumava ingerir tão descontroladamente.

A realidade era inegável, e de nada adiantava inventar subterfúgios para si mesmo! Amava Varínia. E a queria! Mesmo com todos os empecilhos, que julgava incontornáveis.

Afinal, por quantos anos já vinha se tolhendo e lutando contra envolvimento daquela natureza, reprimindo aquele seu aspecto muito humano? Por medo... Sabendo que, mais cedo ou mais tarde, algo poderia acontecer que o confrontaria com o impasse mais difícil de sua vida, desde que descobrira a contingência impossível de sua privacidade, muitos anos antes.

Nalgum momento, haveria de se apaixonar seriamente por alguém, por mais que evitasse, conduzindo, até ali, a sua vida quase que numa feição de eremita ou de solitário convicto, sem causa.

Bryan conhecia-se, contudo; e sempre soubera que sua natureza não era para aquilo. Enquanto ainda na primeira juventude, no seu país de origem, fora namorador inveterado, e homem de muitas mulheres, no princípio de sua maturidade.

E, de tempos àquela parte, contra toda a sua consciência de que a sua vida mudara radicalmente, por força das determinantes incomuns à maior parte das pessoas, não se conformava, agora, em simplesmente desistir de Varínia em razão dessas mesmas determinantes.

Todavia, compreendendo que tudo entre eles já se via consumado, não sabia ainda como se conduzir. Dirigiu-se mecanicamente até a cômoda onde estavam os medicamentos e, procurando entre eles, escolheu uma aspirina comum, deixando-a perto de suas roupas.

Mergulhado em intenso conflito interior, algo abatido, meteu-se durante longos minutos sob uma ducha fria, tentando amenizar a enxaqueca

avassaladora, relaxar a musculatura tensa, acalmar os pensamentos rescaldando em atormentador conflito.



Mais tarde, cerca de uma hora depois, como prometido, descia, com aspecto e disposição mais apresentáveis.

Consultou os arredores. Viu, no restaurante já bastante movimentado, Amanda e Fernando acompanhando alguns músicos no desjejum. E, do lado de fora das vidraças espaçosas dando visão para o atraente jardim paralelo ao lugar, Varínia, vigiando a correria do pequeno Tadeu por ali, esperando-o lealmente, como combinado.

Experimentando indisfarçável admiração pelo que presenciava, avançou para encontrá-los, esquecendo-se um pouco da presença dos outros conhecidos espalhados pelo local e entretidos com o café da manhã. E, provocando ligeiro sobressalto na sua aluna, ao alcançá-la, abraçou-a carinhosamente, beijando-a, e fazendo, com isso, que a moça ruborizasse até onde era possível.

– Bryan! – Ela advertiu, esquadrinhando os arredores, inclusive reparando na imediata curiosidade de Amanda, do lado de dentro do restaurante, olhando-os, atenta, ao lado do noivo e demais amigos ao redor da mesa. – Por favor, está atraindo atenção para nós! Não consegue prever o falatório de que seremos alvo, denunciando tão já o que nos acontece?

– E por que você se preocupa com isso? – Ele sorriu-lhe, agora aparentemente seguro, desanuviado.

Entrelaçou-lhe a mão. Depois, chamou Tadeu, e, inclinando-se, também cumprimentou o menino, brincando com ele.

– Venham, vamos ao café, porque devem estar famintos! Desculpe a demora para descer, *dear!* É que fiquei debaixo do chuveiro mais tempo do que o normal para aplacar pelo menos um pouco a maldita ressaca!

Foi a vez de Varínia ironizar ligeiramente.

– Uísque, não, Bryan? Deus me livre! Que bebida insuportável!

O músico a encarou, metade zombando, metade a sério.

– É o que acontece, quando a nossa acompanhante nos deixa sozinhos numa *boate* para dançar o tempo todo com outro, sabe, meu amor?

Ignorando a repetição da acusação enciumada, ela preferiu deter-se no “meu amor”, que soou encantador à sua sensibilidade aflorada intensamente pelo começo impetuoso daquele romance.

Sorriu-lhe, apenas, graciosa, abraçando-o. E se encaminharam para uma das mesas próximas de onde a então perplexa Amanda se achava.

Ela mantinha, a custo, o diálogo descontraído com Fernando e os demais, para não denunciar, na fisionomia, o susto de que se via tomada ante a novidade que se apresentava, desencadeando, nas suas emoções, uma mistura perturbadora de contrariedade com sentimentos outros, desencontrados.

Amanda não gostava de admitir para si mesma, depois de tantos anos, que o que acontecia com Bryan ainda a afetava daquele jeito. Até mesmo por gostar com sinceridade do seu noivo, a quem não pretendia magoar com reações inconvenientes neste sentido.

Foi por tudo isso que, disfarçando o mais que podia a sua perturbação, tão logo o casal se aproximou com a criança, exclamou:

– Bom dia! Por que não sentam conosco?

Todavia, o que ela omitiu das palavras iniciais, os demais músicos que os ladeavam na mesa, e nas proximidades, externaram com espontaneidade nos modos e cumprimentos.

Alguns somente olharam o maestro e sua companheira, com natural curiosidade. Outros, com nuances maliciosas nas feições; mas os que lhe eram mais próximos, como Marcelo, Cláudio e Hortênsia, presentes na mesa da cantora, não conseguiram conter as exclamações de incentivo.

Quanto a Wagner, acomodado numa mesa mais afastada em conversa com um violoncelista, interrompeu-se a conversa de abrupt, presenciando tudo, em estado de quase pasmo.

– Ora, vejam! Bom dia, maestro! Olá, Varínia! Pelo visto a noite da audição foi agradável em mais de um sentido, não? – Disse Marcelo. –

Varínia, conte-nos: como fez para conseguir o que julgávamos impossível? Ver o Bryan acompanhado e comprometido com alguém, pelo visto com seriedade, e assim, abertamente?

Vermelha como um tomate e, principalmente, intimidada pelo peso do olhar inquisitivo que sua amiga lhe dirigia, no começo, a aluna de violino somente sorriu para todos, desconcertada, sem poder emitir palavra. Mas o maestro, mais desenvolvido e maduro, soube resguardá-la, respondendo com subterfúgios, nos quais imprimiu, de caso pensado, certo tom de troça.

– *Look...* – Começou, acomodando Varínia e sentando-se ao lado dela e do risonho Tadeu. Como sempre, pronunciando estrangeirismos de sua língua pátria acompanhado do sotaque ainda ligeiramente visível no modo como falava o português. – Por favor! Pode haver jornalistas presentes aqui, e vocês não vão querer nos expor assim, depois da noite da audição! – Falou, sorrindo com jovialidade. – *Please!*

– De jeito nenhum, maestro Bryan Lowe! – Hortênsia ergueu a mão que segurava um copo com suco de laranja, de bom humor, mas compreensiva. – Perdoe-nos o entusiasmo! De qualquer modo, apenas externamos, desta forma, nossos cumprimentos e felicitações pela novidade!

Bryan somente assentiu, por sua vez servindo o suco à Varínia e, em seguida, ao menino, enquanto trocava com os amigos um olhar bem-disposto de significações variadas.

– É isso mesmo. Boa sorte! – Brindou Amanda, concordando e sendo imitada pelo noivo; mas somente Varínia captou a expressão peculiar de seus olhos, dirigida significativamente apenas para si mesma.

CAPÍTULO 15

A revelação



Ficou para trás aquele feriado, próximo ao fim de ano, marcante para a vida de um regente de orquestras e sua aluna de violino.

Os acontecimentos de rotina retomaram sua prioridade. De outra feita, completamente apaixonados, dominados por aquele tipo de sentimento avassalador que por vezes só acontece depois da fase mais impetuosa da primeira juventude, seguiram o relacionamento, com encontros frequentes, passeios e saídas, que lhes ocorriam sob qualquer pequeno pretexto que justificasse que se vissem em praticamente todos os dias da semana, quando os compromissos assim lhes permitiam.

Zeloso, de forma quase obsessiva, daquele romance, visivelmente rejuvenescido nos seus modos e até mesmo na maneira de se vestir, Bryan volta e meia a buscava na saída do banco, de surpresa. Jantavam juntos. Ele procurava ser atencioso ao máximo com os assuntos que diziam respeito a Tadeu, e Varínia até mesmo já lhe confiara a saída do garoto da creche, em ocasião em que fora acometida por gripe extemporânea, na secura quente do clima dos últimos meses do ano.

Gradativamente, assim, o músico ganhou sua confiança para visitá-la com frequência em seu apartamento. E ela se abriu, até certo limite, sobre o seu novo envolvimento amoroso com os pais e irmãos, renovada de ânimo como se achava, e experimentando gosto inédito pela vida.

Na Casa Espírita que frequentava habitualmente, Bryan chegou a acompanhá-la uma vez, assistindo com ela a uma das palestras de sábado à noite. Respeitava-lhe as convicções sobre o assunto. Mas, de sua parte, não enveredava nas implicações mais profundas da doutrina com maior interesse.

Varínia tinha a impressão de que algo, um bloqueio interno qualquer, mantinha-o inacessível àquelas considerações; todavia, de sua parte, já conciliava os acontecimentos mais recentes sem tanta culpa, depois de trocar ideias com alguns confrades, tendo em vista os receios anteriores no que se relacionava à passagem.

Um palestrante da Casa, certa vez, a aconselhara qual pai lúcido, advertindo-a para que não se culpasse ou se cobrasse tanto. Se a Deus aprouvera o retorno do companheiro amado às paragens invisíveis, permitindo a ela, doutra sorte, a renovação de rumos aqui, no mundo da matéria, é que haveria aprendizado e planos para os envolvidos, que, talvez, ela ainda não conseguia compreender.

“Nada acontece nesta vida sem uma causa e finalidade maiores”, lembrou-lhe o velhinho simpático e mentor oportuno.

À parte esse quadro animador para o seu estado de alma, contudo, era-lhe impossível deixar de reconhecer, ainda, uma nota em falso nos cenários atuais que protagonizava com o dedicado músico e para a qual não atinava com a razão, o que vinha roubando-lhe, até mesmo, algumas horas de sono, em variadas noites.

Era que, embora a intensidade do envolvimento que compartilhavam com grande exaltação apaixonada, nunca mais se repetira a noite de idílio que dividiram naquele primeiro e inesquecível fim de semana da audição em Cabo Frio, que lhes marcara para sempre o destino!

Debalde se questionava sobre a razão da conduta inexplicável de Bryan quanto a este pormenor. Nenhum dos dois era mais adolescente, ou mesmo

compunha a faixa etária da primeira juventude. Amadurecidos e senhores dos rumos que imprimiam à vida, envolveram-se daquele jeito arrebatador com plena consciência do que sentiam um pelo outro, e que não era pouco!

“Então”, refletia, noites seguidas, quando já recolhida no silêncio reconfortador e solitário do seu quarto, depois de acomodado o filho, “por que todo aquele freio, visível nas atitudes do regente sempre que, nos seus momentos a sós mais carregados de ardência amorosa, acabava por não permitir que chegassem à intimidade vivida anteriormente com tanta intensidade, alinhavando subterfúgios vários?”.

Aconselhara-se com Amanda sobre o caso; mas isso só contribuiu para agravar os seus receios. Em vez de se empenhar em elucidar ao espírito da amiga o impasse, usando de raciocínio e bom-senso, apegara-se, a cantora, ao teor de sua própria história, vivida com o professor de música em dias já distanciados no tempo.

Esquecia-se, convenientemente, de que ela e Varínia eram episódios diferentes na vida do maestro, cuja personalidade refletia, antes de qualquer característica, uma firmeza de personalidade férrea, que normalmente não lidava com leviandade com assuntos que envolviam sua vida pessoal. Pusera-se, assim, a alertá-la, de maneira pouco refletida, e só contribuindo para agravar na outra a sua ansiedade.

– Varínia, é claro que fico feliz pelo que vocês vêm vivendo que, sem dúvida, alentou-a e contribuiu para tirá-la da sua reclusão doentia anterior. Contudo, lembro-me bem de que a avisei de que a forma como se deu o começo do interesse do Bryan por você se pareceu muito com o que eu mesma vivi! E você não pode negar, agora, que o que vem acontecendo lembra também o que me aconteceu, infelizmente, naquela época, para o que até hoje não encontro explicação!

E como a amiga se mantivesse um tanto amuada, desfalecida de ânimo do outro lado da linha, sem dizer nada de início, acrescentou:

– Temos de considerar, querida, que, apesar de todo o sentimento autêntico que, está visto, ele lhe devota com tanta dedicação e entusiasmo, trata-se de uma pessoa de quem você não conhece a história de vida na sua quase totalidade! Bryan é de outro país! Outros hábitos e cultura! Quem

sabe não esteja aí, nesse longo passado escondido na esteira dos tempos, a chave para este ponto enigmático do seu comportamento? Vai ver, teve alguma decepção grave antes, que não lhe permite mais se envolver com inteireza com quem quer que seja! – E arrematou, de forma não inteiramente ingênua: – Os europeus costumam lidar com a afetividade de um modo mais frio, mais desapegado do que os povos dos países latinos!

Fez-se uma pausa natural no diálogo. Varínia consultou o relógio de parede, surpreendendo-se pela hora: uma da manhã! Não notara que já estava ao telefone havia tanto tempo, e aquilo lhe serviu de pretexto digno para dar conclusão àquela conversa incômoda que em nada estava contribuindo para tranquilizá-la nas suas aflições!

– Bem, Amanda... Tenho de desligar. Amanhã há o banco, cedo, e o despertador tocando. Agradeço sua opinião. Vou pensar sobre o assunto.

E deitou-se, apressada, como se fugindo de si mesma, ao menos durante o período de sono noturno.

Decidiu-se, intuitivamente, a interrogar Bryan com sinceridade, tão logo a oportunidade chegasse. Não havia outra opção, a seu ver, para recuperar a plenitude de seu sossego íntimo. E confiava na sinceridade do amor do músico. De algum modo, sabia que ele não se negaria a explicar.



A oportunidade não se fez esperar. Mas não exatamente para o desafogo pretendido da aprendiz de violino.

Chegara a hora, para o maestro, do entendimento difícil com a companheira, que não pôde se furtar a evitar o mais que pôde, temendo grandemente as consequências.

De uma forma ou de outra, no entanto, já o esperava, para qualquer momento, porque conhecia o que a sua atitude ininteligível vinha provocando, sem querer, no estado de espírito da moça, sempre que, quando a sós nos seus momentos mais envolventes, não permitia que fluísse

livremente para os dois a plenitude da sua intimidade amorosa, cuja repetição, paradoxalmente, tanto ansiavam, desde a noite em Cabo Frio que inaugurou o relacionamento.

Era domingo de uma noite quente. Carmem e Lobato, mais uma vez, notando na filha a melhora sensível do estado depressivo desde que iniciara a relação amorosa com o professor, não se importaram de ficar com o neto para que ela desfrutasse de um pouco de privacidade com o novo namorado.

Tinham passeado pela orla da zona sul do Rio e parado para tomar água de coco. Abraçados, haviam conversado extensamente, trocado carinhos, beijos e assuntos agradáveis; todavia, para a argúcia atenta de Bryan, não estava passando despercebida uma nota qualquer de tristeza que volta e meia perpassava a fisionomia de Varínia.

Após demorada caminhada pela calçada larga e iluminada da orla das praias da Barra da Tijuca, ao entrarem no carro para dar continuidade ao lazer de fim de semana, combinando outro destino, e como era inevitável quando isentos da observação direta dos circunstantes, abraçaram-se. E, com mais liberdade, beijaram-se prolongadamente, dando larga vazão ao impulso das carícias mútuas.

Como vinha acontecendo, porém, em dado momento Bryan pareceu travar. Ainda a abraçava com carinho, olhando em silêncio para a paisagem noturna do mar revolto do lado de fora. Mas ouviu, enfim, a pergunta, proferida em tom de voz tenso, que denunciava grande soma de temor para ser externada.

– Bryan... O que está acontecendo?

Acordando de certo estado dispersivo, ele depôs a atenção nela, com sinceridade, sem imaginar, de início, a que poderia se prender aquela indagação feita em entonação tão estranha.

– O quê? Como assim, *my dear*?

Varínia empertigou-se e o encarou, franca.

– Bryan, por favor! Não somos mais crianças! O que está havendo conosco? Explique! Você sabe a que estou me referindo! – ela gesticulou com certa impaciência. – Falo deste momento nosso, aqui, agora, sem explicação, igual a muitos outros que já vivemos sem que eu entenda muita

coisa! – E como o maestro a encarasse um tanto pálido, aparentemente refletindo certo aturdimento, cujas origens não conseguia decifrar, decidiu-se, enfim, a romper em si mesma a barreira da inibição para declarar, com total clareza: – Por que só vamos até a página dois, Bryan?

Para a sua forte surpresa, porém, a palidez nele se acentuou. Denotou, por dilatados instantes, se ver obstruído na sua capacidade de falar, e isso só contribuiu para acentuar, nela, a preocupação já de há tanto tempo reprimida. Segurou-o pela mão, carinhosa, quase súplice.

– Por favor, meu amor! Está visto que há algo errado, mas precisamos dividir também as coisas que incomodam! Ou não fará nenhum sentido o nosso envolvimento!

– Eu sei!... Eu sei, *dear*! – Ele replicou, reticente, ainda tolhido, com o olhar brilhoso perdido nas cercanias sombrias daquele trecho do estacionamento à beira-mar. Varínia sentiu que ele comprimia, carinhoso, quase obsessivo, a mão delicada que tinha entrelaçada à sua. Lembrou-lhe, momentaneamente, o seu filho, em instantes de insegurança; um menino assustado. E isso a lançou num confuso conflito de emoções íntimas.

Sem saber bem o motivo, sentiu piedade daquela inesperada vulnerabilidade, flagrante num homem habitualmente tão centrado, tão seguro!

Estava claro que Bryan padecia de algum rude sofrimento, que o minava interiormente, sem que ninguém soubesse. Ela inclinou-se, beijando-o nos lábios de leve, para que despertasse. Mas, antes que se decidisse a interpelá-lo outra vez, ouviu, de inopino, a última coisa que esperaria:

– Quero que escute, meu amor! – Ele de repente a encarou, dominado por uma decisão súbita, voltando-se e segurando-a, zeloso, o olhar aquilino invadindo-lhe magneticamente os olhos agora assustadiços. – Quero que confie em mim, em primeiro lugar, antes de ouvir o que tenho a lhe dizer! Não duvide em nenhum momento de que eu a amo! De que eu não tenha nos preservado, tomado as devidas precauções, naquela nossa primeira noite... Está bem?

Entreolharam-se, muito próximos, com expressões diferentes, demoradamente. Varínia sentia-se trêmula.

– Bryan... – a voz lhe saía, agora, num sussurro: – A que você se refere? Do que está falando?!

Outra pausa, dolorida para o maestro. Subitamente, teve o olhar marejado de lágrimas, e, em notando-o, a moça se sobressaltou ainda mais.

– Varínia... – ele começou, fitando-a de muito perto. A voz grave, melodiosa, soava novamente obstruída, e a outra mão afagava-lhe, com enternecimento, os cabelos bem-arrumados: – Eu sou soropositivo, meu amor!

A isso, uma exclamação surda, quase alarmada, escapou-se da garganta de Varínia e a fez recuar num impulso, involuntariamente, desprendendo-a das mãos dele.

CAPÍTULO 16

O caso de Bryan



O rumor do mar rebentando nas areias iluminadas pelas luzes noturnas do elegante bairro praiano do Rio de Janeiro atingia, sem incomodar, os frequentadores daquele restaurante à beiramar para onde Bryan levava Varínia, a fim de que pudessem conversar em situação melhor.

Após o impacto do que revelara, quando ainda estavam no carro, ambos se tomaram de um desnorteamento das ideias que lhes roubou a iniciativa para se conduzirem de modo minimamente equilibrado. Varínia, pelo choque da novidade, que quase a levou a uma síncope de pressão, e ele, por não saber o que fazer, no transtorno do momento, para acalmá-la e, ao mesmo tempo, manter-se centrado em suas iniciativas.

Lágrimas grossas escorreram incontidamente pelo rosto empalidecido e delicado da moça, e Bryan não se houve consigo mesmo para lidar, a contento, com o extremo impacto gerado pela situação no seu estado emocional fragilizado.

Só conseguiu, como providência imediata, tentar acalmá-la com beijos e com afagos, que ela, em completo estado de desnorteamento, num primeiro

instante repeliu, chorando, quase desatinada.

Apenas depois de muitos minutos naquele impasse, o maestro conseguiu recuperar algo da fleuma. Compreendeu com clareza, pelo rumo que tomava o diálogo tumultuado que mantinham, que se não dominasse a si mesmo e à situação com um mínimo de lucidez, talvez o resultado mais provável daquele encontro seria um rompimento extemporâneo e definitivo.

Mas lutaria com todos os seus recursos contra aquele desfecho, que não admitia. Sentiu que precisava conversar extensamente com Varínia; afinal, sabia que o sentimento que lhe devotava era igualmente profundo e sincero, e que, provavelmente, tanto quanto ele mesmo, no fundo ela não queria, e não suportaria de bom grado, uma separação entre ambos.

Sentados, portanto, um diante do outro na pequena mesa que recebia as aragens perfumadas do mar próximo, a estudante de música encontrou forças para externar suas primeiras perplexidades pela inusitada situação.

– Por que não me contou, Bryan? Você deveria ter feito isso! Você sabe!

Encaravam-se doloridamente. E ele meneou a cabeça, pesaroso, entendendo integralmente o que ela sentia ao lançar-lhe em rosto aquela acusação.

– Porque eu a amo, Varínia! Por medo de perdê-la, antes mesmo de tê-la comigo! Acredite, não é a primeira vez que vivo essa situação, por essa razão entendo o grande dilema que a está martirizando neste momento, mas, por favor – suplicou –, lembre-se o tempo todo do que eu lhe disse há pouco! Não há riscos para você! Não mesmo! Faço questão que você faça um exame, o mais rápido possível, e quero acompanhá-la! Sei que você tem um filho que depende inteiramente de você, meu amor! Eu não a colocaria em risco!

Nova pausa, em que se viam presos do olhar e da angústia um do outro.

– Como isso foi acontecer com você, afinal? – ela perguntou, profundamente chocada.

Ele tomou fôlego para, enfim, relatar a sua história, durante tanto tempo mantida em segredo para a maior parte das pessoas de sua relação naquele país que o acolhia havia vários anos.

– É preciso que entenda que o vírus, em mim, é latente. Não se manifesta, com os cuidados devidos, e isso me confere alguma vantagem

sobre os casos nos quais a versão da doença é mais agressiva! E eu venho me cuidando impecavelmente durante todos esses anos! – acariciou as mãos dela, ainda trêmulas e frias, entre as suas. Ofegou de leve, revestindo-se de coragem para continuar: – Varínia, quando a Bárbara entrou na minha vida, muitos anos atrás, eu era muito mais moço! Ela foi fazer turismo nos países britânicos, e isso fez com que cruzássemos nossos caminhos durante a sua estada! Eu tinha, então, cerca de trinta e um anos! Ainda, gozando de boa saúde, e, devo dizer, de uma autoconfiança obtusa, que muitas vezes nos engana com a noção errada de que nada nos acontecerá, ainda que abusemos da sorte, costumava ser impulsivo, descuidado, e em mais de uma ocasião, quando o assunto se prendia a relacionamentos com mulheres! – Gesticulou, ao acaso, a expressão do rosto espelhando o incômodo que aquelas recordações agora distantes lhe provocavam. – Conhecemo-nos num passeio comum que empreendíamos pelas montanhas de Gales, já que naquele tempo, a par do interesse pela música, durante alguns anos fui alpinista! A empatia foi forte, imediata; e nos envolvemos, quase que instantaneamente...

Pausou, a voz morrendo na garganta por breve intervalo, como se repentinamente um desânimo avassalador lhe dominasse o estado de espírito; mas Varínia, de seu lado, agora queria ouvir tudo, denotando pelo menos um pouco mais de calma.

– Fale, Bryan! Por favor! O que aconteceu? Tenho a impressão de que também para você é uma necessidade real me contar essas coisas, que, desconfio, trouxe guardadas dentro de si durante um tempo extenso demais!

O músico pousou de volta nela o olhar cheio de paixão incontida.

– Foi com ela que me contaminei... Por pura imprudência, meu amor... E, desde então, uma vez descoberta esta realidade impossível, que nos arrastou a um rompimento duro e definitivo, cheio de rancor e mágoas de ambas as partes, minha vida seguiu como se equilibrando sobre um fio tênue! Mas não poderia deixar de viver! Isso, eu não admitiria. E a passagem dos anos terminou por me devolver pelo menos a esperança de seguir a vida com relativa normalidade, porque os tratamentos medicamentosos avançaram na sua eficácia, proporcionando que alguém como eu tenha uma

qualidade de vida quase normal! – Inclinou-se para ela. Replicou, afagando-lhe o rosto descomposto pelo choro incontido que ainda a empolgava. – Uma vida na qual certamente aconteceria outra vez, nalgum momento, de me apaixonar por alguém! Por mais que demorasse! E foi o que acabou se confirmando, quando conheci você, *my dear!* – Murmurou.

Varínia não conseguia desviar o olhar da fisionomia quase súplice dele. Sentia-se profundamente desalentada, perdida, sem saber o que fazer.

Cegavam-na a paixão e o amor incondicionais que nutria pelo professor de música, misturados ao desespero pelo rumo que as possíveis implicações dos últimos acontecimentos poderiam imprimir ao seu destino.

– Bryan... o que posso dizer a você? – Soluçou.

– Que você ainda me ama, Varínia! Vejo isso nos seus olhos! Por favor! Por pior que lhe aparente a situação do momento, não deixe que isso apague a história que estamos vivendo, porque seria muito difícil para nós dois!

Mas, para a sua surpresa, a moça, naquele minuto, descontrolou-se repentinamente. Soltou-se, levou as mãos ao rosto, encobrindo-o, e soluçou como uma criança.

– Ah, Bryan! Estou com medo, Bryan! Você tinha de ter me contado, me dado direito de opção! Estou assustada e com medo!

Ele se achegou mais, abraçando-a.

– Deixe-me ficar ao seu lado! Vamos achar um meio de conciliar a situação. Acredite!



Horas depois, Bryan a deixava em casa, mas, uma vez que o pequeno filho estivesse sob os cuidados dos pais, noutra endereço, não foi difícil Varínia ceder ao impulso de aceitar que o músico subisse, desistindo de se preocupar com a hora, que, àquela altura da madrugada, já ia alta.

Ambos se sentiam esgotados emocionalmente, exauridos de espírito. Subiram em silêncio, cada qual mergulhado nos próprios pensamentos, e, uma vez acendendo as luzes de sua sala, a moça jogou-se no sofá. Bryan sentou-se perto dela. E, durante vários instantes, não disseram mais nada.

– O que vamos fazer agora? – Foi a primeira coisa que ocorreu a ela falar, quando enfim se dispôs a dizer alguma coisa, a esmo, no silêncio absoluto que reinava tanto ali quanto nos arredores noturnos do prédio onde morava.

– Varínia... eu não peço a você que me perdoe, por não ter tido a coragem de contar a você logo de início. Todavia, gostaria que me compreendesse. Você não sabe como é difícil... Administrar algo assim durante todos esses anos! Não sabe o tanto que já me tolhi, as muitas rejeições que sofri no começo, e não somente de mulheres com quem eu não podia me relacionar, mas da sociedade, de modo geral! – Suspirou, desalentado e continuou: – O preconceito é muito grande. Por vezes, esmagador! É como se, por ser soropositivo, todo um lado da vida, necessário e comum a todas as outras pessoas, se tornasse impeditivo para mim! Como se me fosse vedado me envolver afetivamente pelo resto da minha vida, *my dear*! Só que os soropositivos se apaixonam. E amam. Por mais complicada que se apresente a prática dessa situação em tal contexto!

– Eu compreendo. Mas, por favor, não cobre de mim decisões agora. Estou impossibilitada de pensar! Jamais esperaria ouvir isso de você quando iniciei o assunto em seu carro! Tudo ia tão bem entre nós, Bryan!

Interrompeu-se. Chorava de novo, e ele se aproximou, preocupado, ensejando abraçá-la mais uma vez. Não se continha. Não aguentava em si a culpa por vê-la naquele estado!

Atraiu-a para junto de si e beijou-lhe a face de leve. Varínia não resistiu, estava destroçada emocionalmente.

– Não, não vou lhe cobrar nada. Eu sei dos seus sentimentos por mim. Sei que isso prevalecerá na sua disposição, quando afinal recuperar um pouco a calma – ele murmurou, buscando extrair forças de algum lugar de si mesmo que desconhecia. – Mas não me peça para parar de procurá-la, meu amor. Vamos continuar suas aulas, ok? – Propôs, afagando-lhe os cabelos,

tentando refrear em si a emoção dolorida que experimentava por se considerar o causador daquele horrendo abalo que ela sofria, justo quando estava feliz, depois do longo sofrimento desde a sua viuvez. – Só lhe peço, *dear*, que, de fato, faça o exame! Para se tranquilizar e constatar que lhe falei a verdade, e que você está bem! Deixe-me acompanhá-la! – Beijou-a, carinhoso e concluiu: – Por favor!

Voltando-se para ele, ela somente conseguiu fazer que sim, sem dizer mais nada. Beijaram-se mais uma vez intensamente, apesar de tudo.

Ela passaria o resto daquela noite em claro, com o desolado músico a lhe fazer companhia, zelando pelo seu bem-estar.

No dia seguinte, praticamente exânime, sem forças, não conseguiu juntar forças para ir trabalhar, improvisando hábil desculpa e pedindo a Bryan, logo de manhã cedo, que buscasse para ela o filho na casa dos pais.

CAPÍTULO 17

Conflitos



Vai um dia.

Enquanto Bryan esteve ao seu lado, e a despeito de toda a tormenta se desencadeando no seu universo emotivo, Varínia conseguiu se manter relativamente de pé. Entretanto, com a sua ausência e a passagem das horas, inevitavelmente a sua fortaleza interior foi por água abaixo.

Ela gastou todo aquele primeiro dia de falta ao trabalho reclusa, sem atender a porta ou o telefone. Uma única vez ligou para o banco e engendrou uma desculpa de emergência, um mal de saúde súbito. Não se importou muito com o modo como justificaria isso depois. Não se sentia preparada para considerar nenhum outro assunto. Estava em destroços!

Chorando o dia inteiro, largada no sofá da sala até o cair da tarde, estava convicta, para seu profundo estarrecimento, de que não se dá contraordens ao coração a pulso de imprevistos, por mais graves que se confirmem. A aluna de violino rememorava as cenas inesquecíveis que desfilavam com inexplicável fidelidade na sua tela mental.

Os momentos amorosos incontáveis que, naqueles poucos meses de envolvimento, ela e Bryan já tinham vivido. Quando, esquecidos do tempo e das horas, dançaram lindas músicas românticas em baladas do Rio de Janeiro; e também de certa vez quando, sozinhos no estúdio particular do músico, em sua residência, ele cantou para ela a bela canção *Lady In Red*, uma das músicas preferidas dos dois, e tocando o seu teclado. As brincadeiras, as piadas e as risadas. As prolongadas carícias, os beijos. A poderosa empatia comum, a cada dia mais sólida com o avanço da convivência!

Aos poucos mais de dois meses, portanto, a fatalidade que agora os afastava, com um intervalo de apenas um dia, fazia-a sentir como se lhe faltasse uma metade de si mesma; como se lhe houvessem arrancado, à foice, o próprio coração!

Durante aquele intervalo, conseguiu apenas se desincumbir, com imenso sacrifício, dos cuidados devidos a Tadeu, que, sensível como toda criança, não deixou de perceber a tristeza súbita e acentuada na fisionomia descomposta da mãe, nos seus olhos avermelhados pelo choro ininterrupto e pela noite em claro. Levou-o à creche próxima ao seu endereço. Depois, enfurnou-se, recusando-se a atender os telefonemas insistentes que soaram durante todo o resto do dia, por adivinhar, com razão, que grande parte deles vinha de Bryan.

Todavia, quem também passou a ligar com insistência a partir de certa hora, preocupada com o seu estado de saúde, foi Amanda, tão logo encerrado o expediente bancário, e ao tomar conhecimento, da parte de um colega, da falta da amiga, por razões obscuras, que não conseguiu entender bem.

E Varínia ainda teria de se desincumbir das explicações também para a mãe, quando enfim se dispusesse a falar ao telefone e ela se apercebesse do seu estado incomum de espírito, em seguida a uma fase tão desanuviada!

Para a estudante de música, os tempos de conflito estavam apenas começando! Uma vez de volta com Tadeu da escola, e após cuidar dele, ajudando-o a banhar-se e oferecendo-lhe lanche e algum carinho, que

desfizesse na criança a impressão desagradável da manhã, ela afinal avançou até o telefone e o recolocou no gancho.

Não se passaram cinco minutos, e o aparelho já tocava de forma insistente. Varínia se revestiu de coragem para atender. Afinal, não poderia se esconder para sempre das situações cotidianas, nem mesmo de Bryan. Assim, num impulso decidido, tomou do fone.

– Sim?

Houve um silêncio momentâneo. Mas quem ligava enfim se encorajou para falar.

– Varínia. Sou eu, meu amor. Bryan.

Nova pausa, durante a qual a moça empalideceu drasticamente. Chegou a perder a voz por alguns segundos, mas, com enorme esforço, obrigou-se a responder.

– Olá.

– Escute... – ela notou que também ele lutava consigo mesmo para conduzir com algum equilíbrio aquele primeiro contato, depois do encontro dramático do dia anterior. – *My dear*, precisamos fazer o que combinamos ontem. É importante, principalmente para você! Lembra-se de que prometi que a encaminharia a um exame importante, que desfaria em você os temores imensos que sei que está enfrentando? Tenho certeza de que quando se certificar de que está tudo bem, conseguiremos enfrentar isso com outra disposição, Varínia! Você vai encarar este caso com outros olhos!

Do outro lado da linha, a violinista suspirou, desfalecida de forças. Levou a mão aos olhos, passando-a pelo rosto empalidecido. Experimentava a impressão de que vivia um pesadelo malsão.

– O vírus não se desenvolveu em mim, Varínia! – ele a lembrou, aflito. – Não no meu caso! É apenas latente, sou um portador! Mas também sei compreender a insegurança que você sente, e que é a de muitos, que não entendem direito a doença e suas formas de contágio!

– Sim, Bryan, eu me recordo do que combinamos! Mas você precisa me dar um tempo, pelo menos para organizar melhor as minhas ideias. Para me recuperar do susto! Desde ontem não falo com ninguém, e o telefone não

para. Faltei ao trabalho! Meus pais devem estar preocupados! – respondeu, cedendo, por fim, à pressão dele.

– Vai dividir o problema com eles?

– Não sei.

O maestro meneou a cabeça preocupado.

Varínia não sabia. Mas também ele se achava com o aspecto acentuadamente descomposto, por falta de sono, de sossego íntimo. Ela não sabia que, ao deixá-la e retornar à sua residência, após buscar o menino, o músico fraquejara e tornara a beber. E mais uma vez passara mal. A mistura da bebida com os medicamentos quase o nocauteou no decurso daquele dia difícil, com o risco sério de ir parar num leito de hospital.

De algum modo, contudo, ele se cuidou, e se pôs de pé. A preocupação obsessiva com o estado de sua aluna o conservou firme, levando-o a se ocupar mais das tentativas insistentes de contatá-la ao telefone, do que dos cuidados consigo mesmo, ainda que sob os efeitos das fortes dores de cabeça e enjoos sucessivos que o molestaram durante toda a tarde.

– Não faria isso por enquanto, se me permite a sugestão! Deve, primeiro, refazer-se, acalmar-se um pouco; avaliar melhor a situação num segundo momento, depois de fazer o exame, pensando com mais clareza! Não sem razão, a sua família haveria de se preocupar de imediato; todavia, *dear*, o excesso de preocupação da parte deles não nos ajudaria em nada agora!

– Eu sei disso também! Vou fazer o exame, Bryan! Claro que vou! Mas mesmo para isso preciso me preparar emocionalmente, e peço-lhe que me dê apenas um tempo! Depois, concordo que me acompanhe, que me leve a algum lugar, ok? Mas, deixe-me respirar!

Aquele modo de falar agoniado afligiu-o grandemente. Houve outra pausa tensa no diálogo. Depois, ele não conseguiu conter a própria ansiedade.

– Do jeito como me fala, tenho a clara impressão de que dar-lhe este “tempo” representará, mais exatamente, perdê-la de vista para sempre, *my darling*... – murmurou, nitidamente desalentado.

A garganta de Varínia se contraiu e ela quase se impacientou, argumentando, a esmo.

– Bryan... – E ele ouviu que ela ofegava ligeiramente: – Por favor! Você não percebe? Estou atarantada, sem capacidade de raciocinar direito! Escute... *eu sei* que você não fez nada de caso pensado! *Sei* que não faria nada para me prejudicar! Eu acredito nos seus sentimentos! – enfatizou. – Mas... Não posso fingir que isso não me assustou terrivelmente, que não me deixou sem chão! – Ela gesticulou, perdendo-se nas palavras. Ameaçou chorar de novo. – Você deveria ter me dado direito de escolha! Ter me contado tudo *antes* que nos envolvêssemos! Eu tenho um filho, Bryan! E, pense! Você acabou repetindo comigo a mesma coisa de que acusou a tal Bárbara, com quem, afinal, contaminou-se!

Ouvindo aquilo, o maestro sentiu um baque no estômago. E esmoreceu profundamente. Suas palavras eram irrepreensíveis – e a consciência súbita daquilo, para ele, se fazia ainda mais dura, porque, no que a ela dizia respeito, não se conduziu com a mesma leviandade da personagem do seu passado, em questão; mas, de fato, por amar Varínia, como nunca lhe acontecera antes a respeito de mulher nenhuma!

– E você cederia ao que sente por mim... se eu tivesse lhe contado? – Replicou, por fim, denotando claro e amargo desamparo, originado no temor do que ouviria. – Você não iria me rejeitar?

Era pressão demais. Novamente ela perdeu os argumentos e a voz desfaleceu na garganta; ouviu dele, em entonação extremamente desconsolada:

– Tive medo de perdê-la, meu amor! – Insistiu, encarecidamente, e ainda uma vez, naquele argumento: – Por favor! Procure entender. *Não quero* perdê-la, *my darling...* *Não posso!* – enfatizou, o olhar perdido percorrendo, sem ver, os arredores silenciosos do cômodo onde se achava, solitário, na sua moradia.

Varínia chorava. A conversa difícil se encerrou naquele impasse. Mais tarde, teve de enfrentar Amanda no telefone.

– Meu Deus, Varínia! Mas que voz é esta? O que houve com você? Ninguém soube explicar direito por que você faltou ao banco! Entendi que estava doente, mas também não consegui ligar para você de jeito nenhum, o dia inteiro! Seu telefone estava quebrado?

– Não, Amanda! Não! Eu é que estou quebrada!

Era por volta de oito da noite àquela altura, e o pequeno Tadeu agora brincava, desanuviado, com o videogame em seu quarto.

A voz de Varínia, longe dela, contudo, era quebradiça, desfalecida, e, de forma intermitente, embargada de lágrimas. Não conseguiria disfarçar da perspicácia da colega do banco, portanto, que o seu mal, em verdade, enraizava-se mais na alma do que no corpo. E, embora os seus subterfúgios, a outra era intuitiva o suficiente para adivinhar que, dado o histórico recente da vida de Varínia, muito provavelmente aquela mudança abrupta de ânimo se originava nalgum contratempo no seu relacionamento com o professor de música – baseando-se, como sempre, nos episódios vividos por ela mesma no passado.

E como a moça a tivesse em grande consideração sempre, à guisa de confidente, não precisaria espremê-la muito para levá-la a se abrir, desesperada por um desafogo como se encontrava.

– Por favor, Varínia! Quebrada como? Por quê? Sua vida ultimamente era um paraíso de amor, o que aconteceu? Está me deixando preocupada, pois está visto que algo grave aconteceu! – E como adivinhasse agora, no mutismo tenso da amiga do outro lado da linha, a sua relutância, que de certa forma vinha confirmar as suas suposições, insistiu: – Oh, minha amiga, você não quer desabafar? A última vez em que a vi neste estado foi na ocasião da morte de Otávio! Meu Deus, o destino não a poupa? Conte-me!

– Ah, Amanda... – E ela engoliu um soluço. Não se aguentou, afinal, declarando: – Estou com a impressão de que agora sofrerei uma perda mais dura! Uma morte em vida... de alguém por quem estou absolutamente escravizada pelo amor!

E, com palavras entrecortadas, narrou, embora relutante, à agora assombrada Amanda, o dilema difícil que desde o dia anterior vinha vivendo. Não tinha condições ali, naquele momento de fundo atordoamento, de perceber que o desabafo, embora necessário, dava-se, talvez, de modo prematuro, e não exatamente para alguém que se via em condições de aconselhá-la com acerto, sem lhe recrudescer as angústias íntimas. Porque, tão logo terminou a narrativa triste, Amanda comentou,

em tom de voz no qual não conseguia disfarçar o susto, mais como se dirigindo a si mesma.

– Oh, meu Deus. Só agora, então, consigo entender o que se passou comigo tempos atrás! Que risco eu corri!

Sem que ninguém sequer pudesse suspeitar do que a motivava intimamente, ainda naqueles tempos, nem do que sentia, mesmo atualmente, pelo professor – uma mistura angustiante de amor com mágoa. Amanda principiou um aconselhamento grandemente prejudicial ao estado já fragilizado de Varínia.

Disse-lhe, enfática, revoltada, que ela deveria, claro, fazer imediatamente o exame de HIV; mas não pensando em manter qualquer vínculo com ele! Rotulou-o, indignada, de traidor da confiança ingênua da amiga; afinal, ela era uma pessoa que enviudara havia pouco tempo e que se via fragilizada em seu universo emocional. Deveria fazê-lo para aliviar-se, tranquilizar o coração, e retomar a sua vida em paz! Mas, por mais que isso lhe custasse, teria de impor à sua vida afetiva novos rumos. Novas pessoas, mais dignas de seus sentimentos, apareceriam no futuro!

Impetuosa, Amanda desfechou a enxurrada de palpites exaltados à agora desnorteada Varínia, que, se antes já se via desorientada, ouvindo-a, então, sentiu-se quase desfalecer!

Reconhecia a lógica em muitas coisas que ela falara. Mas, não obstante o seu desatino de momento, ela mesma já sabia, de antemão, que um sentimento como o que até então aprendera a nutrir pelo seu professor de música não se tratava, em absoluto, de algo frívolo, superficial, que conseguiria descartar e atirar ao lixo com tanta facilidade, por mais que as circunstâncias, talvez, lhe indicassem que aquilo era o mais adequado a fazer! Conhecia-se! Amava Bryan Lowe! Incondicional e profundamente! E, para a sua infelicidade, viria a descobrir, mais adiante, e quando tudo viesse à tona para os demais, que, por razões bem justificáveis do âmbito dos afetos familiares, a opinião externada impetuosamente pela bancária seria também a de seus pais e de seus irmãos – à exceção de apenas um!

Assim, findo aquele difícil diálogo confidencial, a abatida Varínia amargaria em claro ainda uma madrugada inteira, indagando de Deus e da

espiritualidade de onde conseguiria tirar forças para os acontecimentos dos dias seguintes.

CAPÍTULO 18

À deriva dos sentimentos



Três dias. Foi o prazo máximo que o maestro Bryan conseguira suportar, respeitando o pedido de Varínia para que lhe desse algum tempo para apaziguar as ideias.

No quarto dia, uma sexta-feira, sem esconder sua ansiedade pela reação com que depararia, ele se acercou dela na saída do banco, fazendo por onde ocultar a sua presença sob o disfarce parcial de um par de óculos de sol, já que a claridade da tarde ensolarada e escaldante o justificava.

Não avisara a moça de que a esperaria, inclusive por não ter mais conseguido contatá-la com telefonemas, de tempos em tempos dirigidos tanto ao seu telefone de casa quanto ao celular. Dessa forma, a aluna de violino tomou imediato e flagrante susto, evidenciado de abrupto na sua fisionomia empalidecida, ao ver o músico se aproximando, tão logo deixou o banco na companhia da então também surpreendida Amanda.

– Boa tarde – o professor se dirigiu à cantora em primeiro lugar, sério e contido, sem imaginar que ela também estava ciente do drama que ele e Varínia viviam. E, como obtivesse como resposta apenas um aceno de rosto

esquivo, desviou-se para o alvo de sua presença, notando afinal a disposição de espírito ainda grandemente fragilizada da violinista. – *My dear...* Não pude esperar mais para falar com você! Estava preocupado. Você não atendeu mais os meus telefonemas!

Fez-se um impasse à saída da agência bancária grandemente movimentada pelo ir e vir de transeuntes e funcionários, que debandavam em direção de suas residências, naquele trecho de avenida tumultuada do centro do Rio de Janeiro.

E, como ela não lhe respondesse nada de início, entreolhando-se com a amiga, sem ação, ele envidou um pretexto mais convincente.

– Precisava saber também se você vai à aula de amanhã! – Acrescentou com um pedido incisivo: – Deixe-me levá-la para casa, *dear*. Precisamos conversar!

Com um meneio de cabeça praticamente mecânico, ela assentiu. Notou, de relance, um olhar de velada advertência por parte da cantora; todavia, compelida, como sempre, pelo que a arrastava, a partir das diretrizes imperiosas do coração, acenou para ela, somente, despedindo-se e desejando-lhe um bom fim de semana.

– Depois conversamos, Amanda! – Disse com um sorriso esmaecido.

Amanda olhou de um para o outro. De seu lado, dirigiu um sorriso forçado a Bryan, acenando em silêncio, e fazendo, com isso, que afinal ele se desse conta de alguma nota em falso nos seus modos.

Ele e Varínia puseram-se a andar devagar, dirigindo-se ao carro do músico. Não se tocaram; ele não ensejou nem mesmo beijá-la, nada embora a imensa vontade de tratá-la como habitualmente, depois daqueles quatro dias que lhe pareceram uma eternidade sem nem ao menos ouvir-lhe a voz. Mas, observando Amanda se afastando pela calçada, aparentemente ressabiada, na direção do ponto de ônibus onde pegaria a condução para casa, Bryan voltou a falar, arriscando uma pergunta:

– O que Amanda tem, meu amor? Achei-a esquisita.

A outra olhou para ele durante um momento, mas não disse nada, temerosa de dizer-lhe o que de fato acontecia. Mas Bryan era arguto o

suficiente. Entretanto, a despeito de ter compreendido sem que ela falasse, soube respeitar e entender.

– Vocês conversaram. Ela está sabendo de tudo, não está?

Varínia assentiu positivamente com a cabeça.

– Você não deve considerar isso um problema. Há muitos anos somos amigas, e eu precisava falar com alguém. Senão, explodiria!

– Sim, claro... Só espero que... bem – ele vacilou, pensativo, ainda observando a moça se afastando por entre o movimento tumultuado da avenida.

Ela o encarou, estranhando qualquer coisa.

– O que foi?

– Nada com que deva se preocupar. Num outro momento lhe explico. Agora não se faz necessário.

Varínia fixou nele o olhar agora mais vívido, aceso com uma luz qualquer, inquisitiva.

– O que é, Bryan? Há algum problema em relação à Amanda?

– Não, meu amor, não devemos pensar nela agora, e sim em nós dois! – Ela notou algum desassossego na resposta dele, respondendo daquela forma, e, fazendo por onde mudar o assunto, continuou: – Conheço-a há mais tempo do que você, e espero que ela não a confunda com interpretações inoportunas do que nos acontece agora! – Varínia entendeu um pouco daquilo a que provavelmente ele se referia, mas não falou nada. Preferiu, de fato, esperar um momento mais adequado para deixá-lo abordar aquele caso que realmente, no que a eles dizia respeito, não se aproveitaria nada naquele momento.

Como, visivelmente ainda alquebrada interiormente, sem disposição para contestá-lo naquele fator de menor importância, ela se limitasse a consentir, silenciosa e melancólica, enfim não aguentando, o músico ousou tomá-la pela mão, brecando-a, antes que pudessem entrar no carro.

– Varínia... – Ele anunciou, novamente, surpreendendo-a: – Tomei a liberdade de marcar aquele exame para você, *my dear*! É importante que não esperemos muito. Para nós dois! Para você, a fim de que de fato se tranquilize! E para mim, para ao menos contar com alguma esperança de

que, ao meu lado, você supere todo esse dilema, e encontremos alguma saída para nós! – Declarou, com emoção sincera. – Eu posso buscá-la na próxima sexta-feira, antes de ir ao banco, não posso? Será feito num laboratório perto da sua casa, e é um procedimento simples!

Um nó contraiu a garganta da moça. Todavia, ela sabia que o que ele providenciava era mesmo o mais sensato. Fez que sim, claramente desamparada, desviando os olhos umedecidos para os arredores. Mas o professor de música, notando sua extrema vulnerabilidade emocional, terminou por atraí-la a si, sem resistência.

Depois de toda a tormenta desencadeada desde o último fim de semana na vida de ambos, eles se abraçaram. E o calor intenso daquele abraço inundou a violinista com uma onda de bem-estar, a despeito de todo o tormento que, quanto a ele, ainda padecia interiormente!

– Por favor! Confie em mim! – Ele continuou, sensibilizado: – Sei que não tenho o direito de lhe pedir isso depois de tudo, mas, ainda assim, acredite que estou tentando fazer o melhor! – Premiu-a mais estreitamente, procurando lhe transmitir segurança e firmeza: – Ainda faremos muitas coisas boas juntos, Varínia! Pretendo levá-la ao meu país! – Sorriu, olhando-a nos olhos, tentando melhorar o nível do entendimento: – O que acha de ir comigo a Gales conhecer a minha família, o lugar onde nasci e vivi?

– Onde você nasceu? – Perguntou inibida. Como se novamente principiassem o seu conhecimento, ela sustentou irresistivelmente o olhar enternecido com que agora ele a fitava.

– Em Cardiff. A capital de Gales, Varínia. Tenho certeza de que você gostará de conhecer!

Rapidamente, sem que se dessem conta, ambos foram arrastados pela força dos sentimentos, resgatando a ternura mútua da qual se viram dolorosamente privados durante aqueles dias em que ficaram afastados. E Varínia, de seu lado, não podia envidar forças contra aquilo.

Continuou ouvindo, enredada pelo tom apaixonado com que ele tecia aqueles planos para o futuro, pelo menos ali, sem levar em conta os empecilhos, os desafios ríspidos que certamente os aguardariam no caso de

assumirem aquela união tão delicada em suas nuances, com todos os riscos, a qualquer preço!

E deixava-se prazerosamente embalar por eles; e se permitia, pelo menos durante alguns momentos depois de todo o abalo experimentado nos últimos dias, viver um refrigério, o que sentia como inusitado sonho bom.

– Acredite, *my dear...* – o músico insistia – ainda viveremos coisas maravilhosas juntos!

Nenhum dos dois poderia contar com garantias para aquilo. Mas, apesar disso, enfim e de novo se atraíam e se beijavam, demorada e apaixonadamente, sem se importarem com o enorme movimento em torno, com os carros, com os passantes e os guardas agitando-se em grande alarido, como se se refugiassem de todas as angústias e temores mais prementes num outro mundo, sem ameaças, sem doenças.

Num mundo bom.

CAPÍTULO 19

O resultado



A pesar de Amanda reputar loucura da amiga a manutenção do romance com o maestro, que se evidenciou naturalmente com o passar dos dias, o casal gradativamente conseguiu se impor uma cota suficiente de equilíbrio íntimo para vencer as etapas necessárias àquele período de transição no seu envolvimento.

Com mais facilidade, ela extraía forças do fato de se conservar ao lado do músico, sem violentar os sentimentos que evidentemente não deixara de lhe nutrir, o que constataria com facilidade depois da dolorosa crise inicial. E Varínia aceitava-lhe a orientação madura no sentido de se manterem discretos e contidos, na intenção de velar, ainda durante algum tempo, a situação do conhecimento de pessoas que poderiam vir a causar problemas, no que se referia à família da moça.

Infelizmente, esse esforço não daria certo indefinidamente.

Na tarde de quinta-feira, imediatamente anterior ao dia marcado para o resultado do exame, Varínia retornou do banco, pegou Tadeu na escola e recebeu Bryan para jantar.

– Bryan, a sua família sabe do que aconteceu com você? – Ocorreu a ela perguntar, de repente, num momento em que, na sala, após o jantar, ele tinha o menino no colo, mostrando-lhe algumas fotos suas antigas, em Gales.

– Sim, sabe. Talvez por essa razão o meu relacionamento com eles não seja dos melhores. Ninguém concordou com a minha vinda para cá. E não me perdoou, particularmente, pelo desgosto de que desde então minha mãe padece... – respondeu com sincero pesar.

– O que aconteceu com você, tio Bryan? – O pequeno perguntou, denotando atenção também ao que a mãe e o professor de música conversavam, e isso colheu os dois um tanto mal achados. Entreolharam-se, mas foi ele quem mais rápido teve presença de espírito.

– Bem... Aconteceu que resolvi sair do meu país para o seu, muitos anos atrás, Tadeu! E os meus familiares não gostaram; afinal, fiquei muito longe para que pudesse vê-los sempre!

– Sua mãe brigou com você? – Questionou o garotinho, sério, fazendo o músico sorrir com a pergunta.

– Sim, um pouco. Sabe, gente da minha idade também leva broncas da mãe... – respondeu, com humor, olhando o modo como Varínia se divertiu com a resposta que ele deu ao seu filho.

– O que ela lhe falou? – Tadeu se mostrou interessado em continuar o assunto, ainda com as fotos de Bryan nas mãos, mas àquela altura, em parte para livrá-lo do embaraço do assunto que inadequadamente abordaram na frente do menino, Varínia consultou o relógio na parede da sala e levantou de onde estava, aproximando-se e pegando o garotinho no colo.

– Bom, Tadeu, *eu* vou lhe falar o seguinte: hora de dormir! – avisou, apontando a parede e arrancando do menino um muxoxo amuado.

– Você não deixou o tio Bryan me contar a bronca que levou da mãe dele! – Protestou.

– Escove os dentes, Tadeu, você tem escola amanhã cedo!

– Não quero ir à escola amanhã!

– Mas é sexta-feira! A semana passou rápido!

Ela dirigiu ao maestro um olhar significativo enquanto sumia durante alguns minutos com o menino no corredor de acesso aos quartos da moradia, piscando-lhe um olho.

– Até amanhã, Tadeu! – Bryan se despediu de longe, acenando para Tadeu, por quem gradativamente ia se tomando de afeição sincera.

Quando Varínia afinal acomodou o filho e voltou, sentou-se ao seu lado no sofá com um suspiro aliviado. E se mantiveram durante algum tempo em silêncio.

– Amanhã é o dia, não? – Ela falou de repente, reflexiva, colhendo-o de surpresa.

Ambos se entreolharam. E Bryan estendeu uma das mãos, afagando-lhe, carinhoso, os longos cabelos, rebeldes e castanhos.

– Sim, *my dear*. É amanhã o dia de, finalmente, você se tranquilizar – garantiu. – Sentirá talvez o maior alívio da sua vida e poderá confiar um pouco mais em mim... – completou sorrindo.

Ela não respondeu, ficou pensativa. E o músico, aproximando-se um pouco, inclinou-se para beijá-la. Mas não teve tempo, porque o telefone, de súbito, tocou.

– A esta hora? – Estranhou a violinista, erguendo-se, de má vontade, para alcançar o aparelho postado em uma mesinha ao lado.

Bryan inquietou-se um pouco, ao compreender de quem se tratava.

– Oi, Amanda! – E, consultando de novo o relógio, Varínia franziu levemente o cenho, constatando que já se avizinhava das onze da noite. – Tudo bem?

– Sim, tudo bem. Você já estava dormindo?

– N... não... – ela relanceou os olhos em Bryan, reticente de início.

– Liguei somente para saber de você. Tenho reparado em como anda abatida e angustiada ultimamente. Não quer conversar?

– Não, Amanda... Quero dizer, obrigada! E estou bem! Na verdade, apenas sonolenta. – confundiu-se um tanto na resposta. O músico achegou-se a ela, abraçando-a, e resolveu brincar um pouco para descontraí-la, entendendo-lhe o estado de espírito.

– Diga a ela que vai dormir acompanhada hoje... – cochichou, arrancando um beliscão de advertência da sua aluna; todavia, para infelicidade, os ouvidos sensíveis de Amanda, do outro lado, captaram aquele sussurro, embora sem identificar quem falava ou o que fora dito.

– Varínia? Há alguém aí com você? O Tadeu ainda está acordado?! – A cantora estranhou. Mas nesse ponto, Varínia se cansou daquilo e resolveu não mentir.

– Não, Amanda. É Bryan quem está aqui. Jantamos juntos hoje!

– Ah... Nossa, então me desculpe!

Deu-se uma pausa constrangedora na conversa; mas antes que se escusasse para desligar, Amanda não se conteve em arriscar um comentário sugestivo, aproveitando-se da amizade sólida que mantinha com a outra havia vários anos.

– Bem, pelo que vejo, decidi enfrentar toda a situação, não, minha amiga? De qualquer modo, fico feliz que esteja mais fortalecida... Embora, talvez, eu mesma não tivesse essa coragem!

Varínia pensou no que responderia, grandemente incomodada por ser abordada quanto àquele assunto ali, justo na presença de Bryan, que àquela altura se mantinha ao seu lado sem esconder a preocupação pelo que a namorada poderia estar ouvindo.

– O sentimento, quando é real, faz isso, Amanda.

– Ok, então... De qualquer modo, cuide-se, ouviu? E agora tenho de desligar. Não quero incomodá-los, vocês devem ter muito o que conversar.

Pensou em indagar dela se passariam a noite juntos, mas seria o cúmulo da indiscrição, e teve de trancar a curiosidade dentro de si.

– Obrigada, então, por ter ligado. Boa noite. Amanhã conversamos.

Varínia pôs o fone no gancho, aliviada.

– A Amanda, além de amiga, ao que parece se autoelegueu seu anjo da guarda, não é, *my dear*?

A moça olhou para ele. Viu que sorria despreocupadamente, de maneira intencional, enquanto falava. Não quis ser invasivo à privacidade da amizade que as duas mantinham e isso serviu, de certa forma, para transmitir-lhe alguma segurança.

– É que não teve como a Amanda não notar o meu abatimento ultimamente, Bryan, e como sabe que fico aqui, sozinha com o Tadeu... Ela é sempre muito prestativa, sabe?

– Eu sei – ele preferiu mudar de assunto. – Mas agora que enfim estamos sozinhos, você está lendo nos meus olhos o que estou lhe perguntando, não?

Sorria ainda, com a jovialidade que quis transparecer de caso pensado. Encarando-o, Varínia notou, clara como água, a sua intenção.

– Eu não me importo que fique aqui comigo, Bryan; afinal, vamos ao exame amanhã, ainda cedo. Mas... É que... – E parou de falar, desviando-se, hesitante.

– Você está temendo mais as suas reações a mim, do que a minha presença não é, meu amor? Escute, olhe para mim! – O regente atraiu novamente a sua atenção, segurando-a gentilmente. – Embora seja difícil para nós dois, e eu sei disso perfeitamente, eu quero que se lembre e sossegue: não vou forçá-la a nada, Varínia! Nada vai acontecer novamente entre nós, antes do momento certo! Do modo correto e respeitando, em primeiro lugar, o seu bem-estar! A sua tranquilidade! Está bem?

Mais reconfortada, ela somente assentiu concordando. Afagou-lhe o rosto, enternecida e grata. E beijou-o delicadamente nos lábios, antes de se recolherem e desfrutarem de uma noite juntos que os beneficiou, mais do que tudo, com a paz de espírito de prosseguirem até ali, e de comum acordo, compartilhando o seu intenso sentimento mútuo. Com compreensão. Sem separação e sem mágoas.

Na manhã seguinte, após um desanuviado café da manhã dividido com leveza e de boa disposição da parte de ambos, e tendo deixado o menino na escola, o casal dirigiu-se ao laboratório do bairro onde, afinal, iria se desvencilhar de mais uma etapa importante para o sossego íntimo da violinista.

Deram entrada no prédio onde, naquele primeiro horário da manhã, a movimentação de pessoas ainda era fraca, e, embora reparando a companheira com o coração praticamente a saltar da boca, o músico conseguiu passar equilíbrio e confiança a ela.

Segurava com firmeza a mão fria da moça, entrelaçada na sua, quando se dirigiu à atendente, entregando-lhe um protocolo de exame. E, notando-lhe o nervosismo acentuado, que chegava a banhar-lhe os olhos de lágrimas, ele a atraiu, mais uma vez, e abraçou-a estreitamente.

Não tiveram de esperar muito. Algum tempo depois, a atendente voltava com um envelope, que lhes entregou com gentileza.

Bryan atraiu a trêmula aluna de música até um assento mais reservado da sala, e se prontificou a tomar a iniciativa de abrir o envelope. Varínia reparava, apesar de tudo reconfortada, no modo como em nenhum momento ele aparentou se desfazer da sua segurança íntima.

O sorriso com que ele leu rapidamente o que havia no papel, passando-o em seguida para que ela mesma confirmasse, fez com que adivinhasse a novidade feliz, sentindo-se antecipadamente inundada de imenso desafogo ao nervosismo extremo de quando deram entrada no prédio.

Passeou o olhar emocionado nos indicadores do exame, desviando-o depois para o músico, que ainda lhe sorria com serenidade, embora compartilhando integralmente de sua alegria.

Celebrando, abraçaram-se e se beijaram com fervor, ali mesmo, trocando palavras de amor e dizendo-se coisas felizes, dando vazão ao alívio depois de tantos dias de tensão, de temores e de sofrimentos.

CAPÍTULO 20

Por um descuido



Decorreram algumas semanas. Durante esse tempo, a relação entre o casal se sustentou relativamente estável, apesar das peculiaridades. Varínia sentia-se numa corda bamba, por ter de ocultar a essência da situação vivida da família, e mesmo de Amanda.

Passou a conviver com Bryan com mais consciência do que consistiria a sua vida dali para a frente, e sem ignorar ou interpretar equivocadamente fatos incomuns para a maioria das pessoas de suas relações, com os quais passaria a ter de se familiarizar: a rotina dos medicamentos, na medida em que conviviam próximos, durante muitos momentos sob o mesmo teto, embora ainda não vivessem oficialmente juntos; e também com determinados efeitos colaterais dos mesmos, como incômodos e mal-estar que o músico sentia de maneira recorrente, e que tinham permanecido fora do seu conhecimento até então.

Mas amava-o, sincera e enternecidamente. E cuidava dele com espontaneidade, apesar da sua resistência. Ele era cheio de brios em aceitar esses cuidados. Agora ela compreendia melhor, de outro lado, a extensão do

sofrimento, e que o decurso da sua vida fora, até ali, mais atribulado do que ele queria que ela soubesse.

Chegava, em consequência, a se maldizer por toda a reação descalibrada demonstrada de início, excessivamente preocupada apenas com o seu próprio bem-estar – embora as razões bem o justificassem – sem se dar conta de que, ao seu lado, o que o músico vivera até ali fora uma séria e silenciosa tragédia emocional, de longo prazo, com consequências múltiplas no âmbito geral da sua existência e com a qual se veria envolvido, inevitavelmente, até o fim da vida!

Pouco a pouco, foi entendendo que a sua decisão de permanecer ao seu lado, fazendo prevalecer o amor profundo que lhe nutria, a despeito de todos os desafios, implicaria grandes exigências de desprendimento e do seu amor e abnegação. E, à parte isso, envolver-se-ia em outros contratempos.

Em determinado dia no serviço, antes da hora do almoço, Varínia descobriu ter esquecido em casa justamente o seu cartão bancário. Lembrando-se de que seu irmão Maurício há pouco tempo afinal arranjava emprego em uma empresa próxima de onde trabalhava, com horário de expediente diferenciado, que lhe permitia entrar na parte da tarde, telefonou-lhe.

– Querido, desculpe lhe pedir este favor! Mas é o único que pode me valer agora. Tenho um montão de contas para pagar hoje e esqueci o bendito cartão do banco. Como mora perto de mamãe, que tem a chave do meu apartamento, queria lhe pedir para ir lá, pegá-lo e trazer para mim!

– Pague suas contas aí mesmo, na agência bancária, oras... – falou Maurício. Não exatamente animado com a maratona em perspectiva, em momento no qual ainda contava com a caminhada diária que habitualmente empreendia antes de sair para o serviço.

– Não dá! Há boletos para serem pagos em bancos específicos! Além do mais, tenho outros compromissos que me exigirão este cartão hoje, Maurício! Ora, por favor... Para a sua irmãzinha querida! – Varínia pilheriou um pouco, com chantagem, para aquele irmão que, dentre todos, era com quem, desde criança, entendia-se melhor.

– Você está cobrando caro a intermediação do meu emprego lá na empresa! – Ele disse, sem seriedade, arrematando: – Está bem, chorona! O que eu não faço por você? Aguarde a mão aí! Num instante pego o metrô e levo o bendito cartão a você!

Varínia não imaginaria que viria a amargar bastante aquela sua providência. Maurício de fato fez como prometido. Apressado, passou na casa dos pais, aproveitando para visitá-los brevemente. Apanhou a chave e seguiu para o apartamento da irmã mais nova, àquela hora silencioso.

Abriu a porta e percorreu o olhar em torno, demorando-se durante alguns minutos na procura da cômoda onde Varínia lhe explicou guardar a carteira nova, esquecida numa das gavetas, num total de quatro.

Remexeu uma por uma, ligeiramente incomodado com a incumbência, e deparando com itens de cuidados femininos aqui e ali por entre as roupas: esmaltes, lixas, alicates, caixas de joias etc.

Ao abrir a terceira gaveta, e afinal achar a carteira, contudo, deu com um papel dobrado com os caracteres de um laboratório, virados para cima, onde leu de relance alguma coisa que lhe chamou forçosamente a atenção.

Maurício franziu a testa, sério e tenso. De início, tentou relutar em abrir um papel que não lhe dizia respeito. Mas o zelo espontâneo pela irmã o compeliu a deixar de lado os escrúpulos para fazer exatamente o contrário.

Empertigou-se. Abriu a folha, receoso, e leu o que continha.

– Anti-HIV... TAN... Imunomatografia? – Maurício sentiu um baque gélido na boca do estômago... Este exame foi feito há pouco mais de um mês! Mas... Por quê?!

Leu um pouco mais, a mente rodava. E, tomado de súbita resolução, dobrou novamente o papel e o guardou consigo. Apanhou o cartão prometido à irmã, e, entre apressado e aflito, deixou a moradia de Varínia, trancando-a e ganhando os elevadores, quase a correr.



Antes de alcançar a agência bancária, telefonou para o celular da moça.

– Varínia? Já estou com o seu cartão. Daqui a pouco estarei aí! No entanto, preste atenção! Temos de ter uma conversa séria! Dispense suas amigas, porque almoçaremos juntos hoje!

Varínia na mesma hora estranhou aquele tom. O que estaria acontecendo? Em raras vezes percebeu Maurício daquele jeito, agitado.

– Aconteceu alguma coisa? O que houve, Maurício?! Você está com uma voz de quem acaba de ser assaltado!

– Antes fosse... – ele rebateu, até certo ponto irritado. – Mas estou me perguntando, Varínia, o que anda acontecendo de sério na sua vida sem que você nos conte! *A nós!* – frisou, em tom acusativo. – *Sua família!*

– Meu Deus! – Varínia agonizou-se na mesma hora do outro lado. – O que é isso, Maurício? Do que você está falando?

– No almoço conversaremos! – O moço desligou, deixando a irmã sentada em sua mesa de trabalho, no auge da preocupação.

E de nada adiantaram suas perguntas insistentes quando enfim ele chegou e lhe entregou o cartão de banco, porque, resolutamente, Maurício prometeu e cumpriu, abordando o assunto somente quando se encontraram para almoçar, horas depois, nem tampouco as respostas imediatas e pouco convincentes, ao se encontrarem e se acomodarem na mesa de um restaurante bem-posto do centro do Rio, próximo ao local de serviço de ambos, que lhe ocorreram de maneira atabalhoada para justificar ao arguto irmão o conteúdo do papel que ele lhe estendeu, de chofre, sem aviso, após terem feito o pedido ao garçom.

– Exames de rotina da ginecologista? – Ele meneou a cabeça agoniado, fitando a irmã insistentemente do outro lado da mesa. Apontou o papel sobre a mesa, notando com clareza o nervosismo com que era ouvido, e atalhou: – Você, por acaso, está grávida, Varínia? Por favor! Não pense que, por ser homem e estar à parte de sua vida, envolvido com meus próprios assuntos, sou desinformado a este ponto! Lembro-me bem de que a última vez em que você mencionou este exame foi durante o pré-natal do Tadeu! Que necessidade há, por Deus, de se fazer uma coisa dessas em meros exames preventivos anuais, pedidos por uma ginecologista?

Deu-se uma pausa tensa no diálogo, com a moça desviando o olhar expressivo, e agora um tanto desnordeado, para os arredores. O tom elevado com que o irmão falava atraía algumas atenções das mesas em torno deles, no restaurante cheio, e ela imediatamente se enervou.

– Maurício, por favor! Fale baixo, o que deu em você?!

– Além do mais... – agora apontava algum detalhe do papel aberto à frente de ambos. – Conheço sua médica! E quem fez esse pedido foi outra pessoa! Pelo que consta aqui, um imunologista! – Parou um pouco. Tentou tomar fôlego, ainda assim procurando se conter para não molestar demais a sensibilidade da irmã, que reconhecia altamente vulnerável. – Varínia! Desculpe a invasão da sua privacidade, mas este papel estava bem onde você esqueceu o seu cartão! Quase aberto, à vista! Não me contive, minha irmã! Estou seriamente preocupado com você!

Perdendo um tanto da paciência, ela agora o encarava, buscando forças no efeito benéfico que a lembrança de Bryan lhe provocava.

– Você leu o resultado do exame? Leu? – Ela se esquivou da abordagem férrea do outro. – Se leu, então, por Deus, Maurício! Por que todo esse desespero?

– Pois dê graças a Deus pelo resultado, Varínia, mas, por favor, não se faça de boba! O ponto, aqui, não é este! – O irmão voltou à carga, gesticulando e debruçando-se na mesa, de braços cruzados: – Com quem você anda se relacionando?! Com um filho pequeno dependendo de você! Está louca?! – Cobrou, quase autoritário.

– Não fale desse jeito comigo, Maurício! Eu entendo sua preocupação! Mas você não é o papai, e eu não tenho quinze anos! – agora era ela quem se exasperava.

Mediram-se um pouco, em silêncio, e em doloroso estado de constrangimento.

O garçom se aproximou, impondo uma interrupção na conversa, e servindo-os à mesa. Ambos se contiveram, apenas se entreolhando naquele intervalo, com bem pouca vontade, àquela altura, de comer o que quer que fosse.

– É o tal maestro, não é? O problema é com ele! Conheço você, Varínia! Nunca foi leviana, e só se envolve com alguém quando existe seriedade! – Maurício arriscou um palpite que, no íntimo, acreditava verdadeiro, quando o homem enfim se afastou.

Denotando claramente o seu desconsolo, a irmã, de começo, apenas gesticulou com cansaço. Mas aquilo só serviu para confirmar as suspeitas do outro.

– Maurício... Deixe o Bryan em paz, ok?

– “Deixe o Bryan em paz”? Então tenho razão, trata-se mesmo dele? – Sem querer acreditar no que, apesar de tudo, o seu íntimo ainda relutava em aceitar, e de outro lado assombrado pelo que lhe comparecia como um impulso quase suicida da parte daquela irmã, a quem tanto estimava, Maurício passou ambas as mãos no rosto e descaiu para trás no assento, lutando para extrair de dentro de si as últimas réstias de paciência que ainda lhe restavam. – Varínia! Se “deixar o Bryan em paz” significa permitir que ele acabe com a sua paz e com a sua saúde, e com o sossego da nossa família, por extensão, o que você, obviamente, cegada pela paixão por este homem, não está conseguindo enxergar, não vou deixá-lo em paz; sinto muito! Mas não vou mesmo! – Enfatizou.

– Não se meta na nossa vida, Maurício! – A irmã agora atacou, abandonando toda a fleuma e confrontando-o, de fato, e grandemente magoada. – Você absolutamente não sabe o que diz quanto a isso! É desumano!

– Desumano?! – Maurício retrucou, segurando com firmeza sobre a mesa a mão meio trêmula da irmã, nervosa com a alteração com a qual jamais contaria para o decorrer daquele dia, pois isso lhe impunha uma situação delicada com a família, que buscou evitar o mais que pôde, por antever o imenso volume de aborrecimentos que lhe traria. – Deixe-me lhe dizer o que é desumano, minha irmã! Desumano é o Tadeu perder a mãe, lastimavelmente, depois de perder o pai! Pior! Por imprudência *sua*, Varínia, ao deixar que um sentimento, por mais forte que seja, arraste-a deste modo inadmissível à irreflexão!

Varínia mediu-o. E seus olhos castanhos, de forma involuntária, banharam-se imediatamente em lágrimas.

Dali por diante, ela teria de enfrentar uma nova e amedrontadora tormenta. E se perguntava se saberia fazer com acerto.

CAPÍTULO 21

Entre o amor e a razão



A discussão acalorada entre Varínia e seu irmão se estendeu por todo o horário do almoço, naquela tarde tumultuada por mais de um contratempo.

Debalde a moça tentou explicar a Maurício a diferença de peso entre o portador do vírus, que faz tratamento constante de prevenção e controle do quadro, e o indivíduo que tem a doença de fato desenvolvida – na verdade, os que sofrem pelas graves sequelas da falência do sistema imunológico, que os levam à morte devido às moléstias que os acometem por falta de defesa do organismo.

Para ele, o que deveria importar à irmã era o fator único e exclusivo do risco constante de se relacionar, e ainda mais amorosamente, com alguém vitimado por tal doença. Alegou duramente que sua opinião não se devia a nada de caráter pessoal contra o professor de música; mas sim a favor da sua salvaguarda e a do sobrinho pequeno.

Concluiu declarando, em definitivo, que se empenharia, sim, encarniçadamente, a demovê-la daquele desvario, apelando para os recursos que lhe fossem cabíveis – e o que ela mais temia, ele disse, o que a levou a

quase romper em definitivo as relações com ele –, inclusive no ambiente familiar, se para tanto se fizesse necessário.

O grande dilema da violinista, contudo, era reconhecer integralmente as razões bem justificadas que Maurício possuía para agir daquela forma, e que passavam longe do sentimentalismo e sentido humanitário que ela, comprometida amorosamente até a alma com o maestro, colocava em relevo nas suas considerações do assunto.

Tratava-se de duas percepções para o mesmo problema: a de quem não se via envolvido no nível pessoal com o pivô da situação e a de quem se via completamente enredada emocionalmente com a pessoa em si, e com todos os desafios gerados pela questão.

Entrementes, no seu desatino de momento, Varínia deliberou apelar não para qualquer um do seu círculo pessoal, familiar ou de amizades, de vez que não reconhecia em nenhum deles preparo e perfil abalizado para aconselhamento eficiente no caso, num nível mais impessoal.

Talvez por intuição, sentiu-se inclinada a, mais uma vez, dirigir-se aos seus companheiros e orientadores da Casa Espírita, intentando se desafogar e acalmar suficientemente o espírito, antes de dividir com Bryan os seus dilemas e enfrentar a tormenta prestes a se desencadear nos seus dias.

Debalde, nas horas seguintes e após aquele dia, Bryan indagou dela, nas vezes em que se encontraram, o que lhe provocava aquela letargia de espírito que subitamente retomara o seu ânimo, quando desde o resultado do exame ela se mostrava gradativamente mais alentada e otimista quanto às saídas viáveis para que mantivessem a qualidade do relacionamento sem grandes sobressaltos e sustos.

Contudo, o mais que deixara escapar, malgrado o imenso conflito interior no qual se via mergulhada desde a discussão com o irmão, em outra noite em que jantaram e ficaram juntos três dias depois, era que no momento certo conversariam a respeito.

A resposta, antes de esclarecê-lo, desassossegou-o mais. Mas ele procurou disfarçar a ansiedade. Passou, de outra feita, a observar mais detidamente as nuances de humor da companheira, tentando atinar com o que poderia estar acontecendo.

Varínia, porém, presentindo a iminência dos problemas familiares, não fez por onde esperar muito para decidir por um rumo adequado às suas atitudes. No sábado imediato, antes de tomar as aulas de violino com Bryan, deixou, como às vezes costumava fazer ao visitar a Casa Espírita, o filho em visita aos avós paternos, moradores de um bairro vizinho, e procurou na instituição o mesmo mentor atencioso e sábio que já lhe valera em ocasiões anteriores, Valério.

Era dia de passe, palestras, e sessões de desobsessão na Casa Espírita. Vendo a moça ganhar o ambiente profilático, onde recebia os visitantes para encaminhá-los ao atendimento adequado, com lágrimas incontidas escorrendo dos olhos expressivos, sem esperar que o abordasse, correu ao seu encontro, com o desvelo paternal de sempre nos modos serenos.

– Como vai, filha? Que bom vê-la de novo! Mas noto que algo a perturba. Certamente busca nossa Casa Espírita, hoje, em busca de reconforto para si mesma!

– Oh, sr. Valério! Poderia me atender em caráter particular?

– Sem nenhuma dúvida! Os amigos espirituais vão nos valer no aconselhamento, com toda a certeza!

Assim, encaminhando-se com ela a uma saleta reservada, onde oportunamente se efetivavam atendimentos de ordem espiritual que exigiam condições especiais da atmosfera circundante, o prestimoso trabalhador da instituição espírita cerrou por detrás deles a porta, isolando os rumores da movimentação intensa do lado de fora.

Convidou-a a se acomodar em assento próximo e, colocando-se adiante, iniciou o atendimento, durante o qual deixou Varínia desabafar quanto a toda ordem de circunstâncias que aos poucos foi se configurando no seu destino, desde que surgira nos cenários até então rotineiros de sua vida a figura decisiva do seu professor de música e maestro galês.

Valério, ao passo em que a ouvia com atenção, serenava o espírito, recorrendo à inspiração superior, na medida em que se inteirava da questão obviamente delicada. E, ao término da narração, que ela encerrou com a descrição do último episódio difícil havido entre ela e o irmão mais velho

no decorrer da semana, suspirou, compreensivo. Inclinou-se pegando na mão da pupila e comentando:

– É visível que ama esse homem com sinceridade, minha irmã! Só um sentimento genuíno dá origem à conduta de que você dá mostras neste contexto problemático!

Varínia meneou a cabeça, as lágrimas escorriam de seus olhos.

– Sim, sr. Valério, sem nenhuma dúvida! Mas já começo a me perturbar e me questionar se amar assim é um erro grave de minha parte! O discurso de meu irmão deixa entrever que sou culpada no que diz respeito ao meu filho, por causa dos supostos riscos que a situação sugere!

Mas, a isso, sério e contido, como se mergulhado em reflexões, o senhor encanecido fez que não.

– Não, o caso não pode ser visto dessa forma simplista. É precipitado. – E medindo a moça com expressão percuciente, indagou: – Este músico, Bryan... Não é mesmo este o nome dele? – Varínia fez que sim. – Pelo que me conta, ele é absolutamente cuidadoso em toda esta questão, no que lhe diz respeito, não é assim?

– Sim! Ou está claro que nem mesmo me permitiria manter-me a seu lado até agora! No começo, eu também me revoltei! – Ela se recordava dos lances acontecidos nos dias já distanciados, vividos durante a época em que se conheceram e se envolveram, na ocasião da audição realizada em Cabo Frio. – Mas tive de admitir que, mesmo ali, no momento de maior risco para mim, ele adotou todas as precauções! É de uma severidade rígida para consigo mesmo quanto a isso, sr. Valério!

– E não poderia ser de outra forma, minha irmã, mesmo tendo errado ao não ter lhe confiado lealmente, desde o começo, o histórico da situação!

– Sim, ele sabe disso. E me pediu inúmeras vezes perdão, alegando que o medo de ser rejeitado o compeliu a esta atitude.

– É compreensível também, embora imaturo. – Valério anotou, para depois se deter no que certamente Varínia necessitava, ali, naquele instante em que buscava, desalentada, o seu aconselhamento. – Mas a verdade, filha, é que todas as situações em nossa vida são um aprendizado e um risco. Quaisquer delas, por mais insignificantes que nos pareçam, porque, sem que

nos apercebamos, conduzem-nos às inevitáveis tomadas de decisões, para as quais não há garantias de acerto!

Varínia meneou a cabeça em desamparo.

– Então, sr. Valério, como me conduzir num caso assim? Confesso com sinceridade ao senhor: não saberei viver longe do Bryan! Eu o amo! Aos trinta e seis anos, senti isso somente em duas ocasiões. Pelo meu finado Otávio, e agora, por ele! E não sinto como coisa certa e justa abrir mão deste relacionamento, lançando-o a uma terrível rejeição, quando sei que também me devota a mesma qualidade de amor, só porque a lógica racional me oprime, por intermédio daqueles que me cercam com as suas ideias preconcebidas, dizendo-me que até mesmo como mãe eu falho, ao me permitir envolver-me com alguém neste tipo de relacionamento incomum para a maior parte das pessoas!

Valério sorriu levemente.

– Você se julga uma mãe má?

– Por Deus que não, sr. Valério! – Ponderou a moça, enxugando os olhos molhados com um lenço delicado retirado de sua bolsa. – Amo meu filho! E sei que Bryan também o estima com sinceridade! Eu jamais faria algo para prejudicá-lo conscientemente e estaria disposta a qualquer sacrifício pessoal para salvaguardá-lo de um destino triste!

– Então me escute – pediu o mentor, lúcido, dirigindo-lhe um sorriso tranquilo. – O que lhe importa para o momento é muita segurança íntima, confiando na inspiração que lhe possa vir de Jesus e da espiritualidade superior! Se vocês se sentem conscientes e seguros de que detêm o controle do caso para assegurar, mais que a felicidade mútua, o futuro feliz do menino; se a sua convivência em comum pode ser conduzida de modo a deixá-la resguardada, como mãe, para o seu filho, tudo o mais são temores e opiniões, embora talvez bem-intencionados, daqueles que também lhe querem bem. Eles têm todo o direito de se preocupar com você. Mas em qualquer ocasião, a decisão final será sempre sua! Você só deve aceitar interveniência direta nos acontecimentos da sua privacidade se for, reconhecidamente, mais válida e oportuna do que aquilo que você mesma sente como o melhor para os seus caminhos, nesta passagem rápida pelo

mundo. E quem dita isto é o aconselhamento infalível da sua consciência, nos seus momentos mais solitários. Varínia – afirmou, paternalmente –, ninguém, por mais bem-intencionado que seja, tem o direito de viver a sua vida em seu lugar, filha!

E como a moça o escutasse, agora grandemente reconfortada, as lágrimas ainda escorrendo esparsas pelo seu rosto jovem e delicado, ele falou mais, dotado da sensibilidade mediúnicamente usada na Casa Espírita em favor dos aflitos das mais variadas procedências.

– É visível, para qualquer um mais sensível, a qualidade elevada dos sentimentos que lhe ditam a conduta neste momento. Traga aqui o seu companheiro, se ele assim quiser e o permitir, nalguma outra ocasião propícia! – Disse, de forma significativa entrevista no brilho inspirado de seus olhos, que acendeu em Varínia emocionada curiosidade. – Há sempre as origens! Existem determinantes ocultas por detrás da sua história, filha, que talvez conviesse que fossem esclarecidas a vocês dois, em circunstância oportuna!

– Que quer dizer, sr. Valério? – A moça indagou, comovida, embora intuísse a resposta.

– Há amigos espirituais presentes, que poderiam esclarecê-la melhor. Mas noutro momento. Não agora – confidenciou.

Entreolharam-se.

E Varínia, mais alentada, experimentando como que um clarão íntimo a lhe conferir forças novas para as ocorrências dos próximos dias, pegou a mão do mentor amigável, beijando-a, profundamente reconhecida.

– Tentarei trazer o Bryan. Vamos ver! Obrigada, sr. Valério! Tomara que eu consiga!

CAPÍTULO 22

Tombo das nuvens



As aulas de violino, daquela vez, foram ministradas na própria residência da aluna, de vez que já se fazia ocorrência comum o maestro passar os fins de semana ao lado de Varínia e do menino.

Em decorrência, a moça rareou a frequência das saídas com outras amizades e mesmo com Amanda. A cantora, tomada de indecisão e receios sobre como lidar com os acontecimentos na vida da amiga, espaçava mais os seus telefonemas, embora ainda almoçassem juntas nos dias de semana e, curiosa, não deixasse de ligar vez por outra, para se inteirar das novidades.

Tadeu brincava em seu quarto, e Bryan tinha gasto alguns minutos observando a moça tocando breve peça que lhe passara para exercício, já com algum domínio do instrumento, para cujo trato ela possuía indiscutível vocação.

Entre a análise técnica própria do professor, que já entrevia ter a moça entre os violinistas de sua orquestra, e a contemplação enamorada da companheira, ele se demorou assim durante algum tempo, com um sorriso de admiração visível nos lábios. E, para surpresa dela, de repente, levantou-

se de onde estava e a interrompeu, avançando e tomando-lhe o violino gentilmente das mãos.

– Ei! O que houve? Errei alguma coisa? – Ela estranhou, esquadrinhando-o.

Bryan a puxou, para que ficasse de pé. E a abraçou estreitamente, beijando-a. Varínia correspondeu com naturalidade ao carinho, mas, quando enfim se distanciaram, tomou um susto com o que ele proferiu, sem sobreaviso.

– Escute: quer se casar comigo? Vamos viver juntos de uma vez, e acabar com o tormento desta pouca distância que ainda faz você me torturar, com noites passadas longe de mim! – E sorriu, chantageando: – Costumo sofrer de insônia, não é de hoje! E esta circunstância, cada vez mais, está virando um inferno para mim! Diga que sim, Varínia! – Pediu, em tom apaixonado, que a emudeceu durante vários segundos.

– Eu... – ela engasgou, sem ação por breve instante.

Deixou escapar um riso mal achado. Em nenhum momento sequer cogitara que ouviria dele tal proposta; menos ainda assim de improviso.

– Isto é um “sim”? – Bryan forçou a resposta, rindo. E a beijou de novo, prolongadamente, sem querer deixar que ela o contradissesse. Mas a moça, enfim, empurrou-o de leve e comentou, sentindo-se um tanto zozza.

– Espere! Você me pegou de surpresa! Isso não se decide assim, não sei o que dizer! – Comentou, hesitante, porém lhe devolvendo o sorriso com delicadeza.

Contudo, seu olhar afetuoso antecipava ao músico o que os lábios ainda relutavam em falar.

– E como se decide? – Ele replicou, jovialmente. Varínia, notou-lhe no estado de espírito daquela noite, em particular, especial bom humor.

– Eu tenho de pensar no Tadeu, Bryan! No que é bom para ele! – Ela vacilou, tentando desprender-se, mas ele não permitiu.

– E por que não seria bom para ele?

– O que seria bom para o meu filho é uma união estável, com consistência! Você deve admitir que é coisa séria para o lado emocional de uma criança ver a mãe se envolver com alguém que...

– Que ninguém sabe se estará aqui amanhã... – ele completou-lhe o pensamento, serenizando-se, embora compreensivo.

Aquilo a perturbou grandemente. E ela meneou a cabeça, abraçando-o de novo.

– Oh, não, meu amor! Por favor, não quis dizer isso! – replicou, sensibilizada.

– Tudo bem. Calma. Mas, pense, *my dear...* Nunca temos garantia de nada. Você ficou viúva, anos atrás, por razões diferentes. E pensou que isso aconteceria quando se casou com ele na época?

Varínia sabia que o argumento era exato e que na verdade aquele comentário irrefletido fora antes subterfúgio de que lançara mão para ganhar tempo e pensar no que responder. Aliás, para adiar o que já sabia que responderia.

Olhou-o, sentindo-se momentaneamente destituída de iniciativas mais apropriadas. O maestro, lendo a descoberto em seu olhar o que ela ainda relutava em dizer, tornou a atraí-la para si, apaixonadamente. Ela não resistiu mais, nem com gestos nem com palavras. Abraçou-o, carinhosamente. Beijaram-se. E estava dada, com isto, a sua resposta.

Entrementes, não permaneceram muito tempo naquele idílio celebrativo. A campainha soou no outro lado da sala, inesperadamente, interrompendo-os.

– Está esperando alguém, meu amor? – Ele estranhou.

E, como Varínia fizesse que não, um tanto perdida, e arrancando-se com relutância dos instantes de enlevo que compartilhavam no silêncio reconfortador da moradia, o próprio Bryan se dispôs a atender a porta.

Olhou pela vigia e se surpreendeu com a presença de dois homens do lado de fora, no corredor.

– *My dear...* Veja se os conhece! – A moça avançou, espiou; e, intimidando-se um tanto, recuou uns passos, sem dizer nada.

Bryan estranhou-lhe a atitude esquiva, perguntando:

– Quem são, meu amor?

– Pode abrir. São dois dos meus irmãos! – declarou, ligeiramente empalidecida por razões que o maestro ainda desconhecia, mas que de

imediate intuiu.

Varínia, até então, não encontrara coragem para contar-lhe da alteração havida com Maurício dias antes – justo um dos dois irmãos que aguardavam do lado de fora da porta. Bryan, no entanto, descobriria tudo ali, naquele momento, da pior forma. Obedeceu à sua aluna e abriu a porta, cumprimentando os dois visitantes com cordialidade, tendo Varínia silenciosa por detrás de si.

– Boa noite...

Algo surpresos também, ambos olharam por breves momentos para o casal, antes de ela falar:

– Maurício! Renan! Que surpresa vê-los aqui a esta hora! – A moça se antecipou nos cumprimentos, tentando já de início impor serenidade ao episódio, já que um mau pressentimento lhe segredou que os modos dos dois não prenunciavam nada de bom, pelo jeito como, de início, esquadrinharam Bryan analiticamente.

– Boa noite! – Foi Renan quem falou primeiro, avançando alguns passos, seguido de perto por Maurício, ignorando, não se sabe se de caso pensado, a mão que o professor já lhe estendia para cumprimentá-lo. – Olá, Varínia! – Desviou-se para a agora temerosa irmã. E depois, de novo, para o então observador maestro: – O senhor é, então, Bryan, o professor de música da nossa irmã?

– Sim – ele confirmou, silenciando, em expectativa.

Mas Maurício, com as palavras seguintes, encarregou-se de desiludir de vez Varínia quanto às intenções de sua visita.

– Pois é com o senhor mesmo que precisamos falar. Algo nos confiou que o encontraríamos aqui hoje!

Varínia o advertiu, todavia, adiantando-se:

– Maurício, por favor! Se o que pretende é o que eu desconfio, quero lembrá-lo de que o meu filho está em casa, brincando no quarto!

Ambos os irmãos entreolharam-se.

– Vamos cumprimentar nosso sobrinho, antes de pedir que o professor nos conceda a devida atenção, em caráter particular – disse Renan para a irmã, sério. Depois, encaminharam-se para o interior da moradia.

Varínia, afrita, relanceou, então, os olhos cheios de receio em Bryan. O maestro, entretanto, em pressentindo nela a disposição insegura, entrelaçou-lhe a mão, afetuosamente, mantendo-se apenas em expectativa.

– Oh, Bryan... – cochichou-lhe, angustiada. – Eu devia ter lhe contado, mas não quis preocupá-lo! Dia desses Maurício esteve aqui e tivemos uma discussão séria!

– Shh, *my dear* – para a sua surpresa, ele a tranquilizou, com o olhar confiante. – Fique tranquila. Está tudo bem, imagino o que aconteceu. Vamos esperar, ok?

Dali a alguns momentos, Renan e Maurício retornaram de um dos quartos situados no apartamento, onde se demoraram conversando e brincando um pouco com Tadeu, aproveitando para aconselhá-lo a não interromper a mamãe nos minutos seguintes, pois estariam todos conversando sobre coisas sérias. Obediente, o menino se manteve onde estava, entretido com suas brincadeiras. E, de volta à sala, indagaram a Varínia onde poderiam ter com o professor de música, em situação de discricção.

– Ali. No meu escritório! – Ela respondeu, embora sem esconder no semblante a ameaça de contrariedade pela circunstância extemporânea imposta pelos dois em sua própria casa e ainda em momento tão inadequado, quando tomavam, ela e Bryan, decisões felizes e importantes para o futuro.

Encaminharam-se à saleta indicada e a moça teve oportunidade de agravar o seu aborrecimento quando Maurício percebeu que ela acompanhava o músico, agora apenas silencioso, embora calmo, em expectativa.

– Varínia... Preferíamos que este entendimento se desse apenas entre nós dois e o seu professor de violino!

– Ele não é só o meu professor de violino! – Ela respondeu, agora de fato deixando entrever o seu desgosto. Mas, nesse ponto, Bryan enfim abandonou a postura de apenas esperar para ver até onde os dois iriam e atalhou, tomando a frente do impasse.

– Desculpe... Não fomos apresentados. Maurício é o seu nome, não? Acontece que não existe entendimento comigo que se dê fora do conhecimento de Varínia! Não temos segredos um para o outro; inclusive, vocês chegaram no exato momento em que combinávamos o nosso estado de união definitiva para breve!

Os dois rapazes entreolharam-se, novamente surpreendidos. Notava-se, de acréscimo, uma preocupação franca nas suas expressões fisionômicas.

– Que bom que não existem mais segredos entre vocês... *agora*, não é, professor? – Sugeriu o irmão mais velho da violinista, a esta altura em estado de aflição crescente, verdadeiramente chocada com a atitude daquele familiar com quem sempre se entendera muito bem.

Bryan, contudo, não soltava a sua mão. Volta e meia, reparando o seu nervosismo, premia-a, de leve, como se quisesse transmitir-lhe segurança e reconforto.

– Maurício, por favor! O que é isso? O que vocês querem, por Deus?

– Fazer este senhor entender um lado do que está acontecendo, bastante arriscado para você, que ele parece insistir em ignorar, Varínia! – Renan respondeu pelo outro, que continuou, dirigindo-se ao maestro com inabalável firmeza.

– Ouça, professor! Não temos nada contra o senhor, diretamente! Mas permita que eu lhe pergunte: o senhor tem família, não tem? Mãe, pai, irmãos... Porque, mesmo sendo britânico...

– Galês, meu amigo! – Bryan o interrompeu, sem se alterar. Dava a impressão de sentir mais curiosidade pelo episódio em curso, do que irritação ou constrangimento.

– Seja! O senhor, portanto, vem de cultura e nacionalidade diferentes das nossas! Assim, não deve reparar o nosso modo pouco europeu, por assim dizer, de demonstrar a nossa preocupação pelo que está acontecendo com a nossa irmã! Mas o que quero dizer, aqui, é que o senhor, apesar da nacionalidade diversa e do seu estado de saúde vulnerável, não deve ter se transformado num autômato, fechado em autopiedade pela sua situação, sem poder enxergar nada mais além disso, nem a posição de vulnerabilidade emocional óbvia na qual Varínia se achava quando o conheceu, após alguns

anos de viuvez! – E arrematou o discurso duro, encarando-o firmemente: – O senhor ainda é humano, não é, professor Bryan?

O músico, finalmente, se dispôs a começar a falar, ante a estupefação trânsida de que Varínia dava mostras, parada ao seu lado, fitando os dois irmãos sem poder acreditar no que acontecia.

– Escutem... Maurício e Renan. Eu queria, com sinceridade, ter conhecido a família de Varínia de outro jeito, em condições mais leves e cordiais... – começou, mas foi interrompido, outra vez, pelos modos impacientes do irmão da moça.

– Por favor, sr. Bryan Lowe! Pare com estes modos aristocráticos, porque o que é tratado aqui é sério demais! Infelizmente, não podemos mesmo lhe estender a mão e cumprimentá-lo, com um “muito prazer”! Será que já abordou este caso grave com a Varínia com inteira honestidade?! – Atacou Maurício, aproximando-se do casal, pois nenhum dos quatro tivera oportunidade de sentar-se num dos sofás confortáveis do cômodo para conversar adequadamente, tamanha a tensão do momento inopinado. – Já falou claramente a ela sobre todos os riscos? As lesões nas mucosas da boca, que favorecem o contágio; o contato mínimo com o sangue ou com alguma ferida, por menor que seja, durante um beijo? A inviabilidade mais absoluta de ela conceber filhos? Considerou sobre sangramentos na gengiva ou algo assim? Vocês já analisaram friamente essas inúmeras nuances, com total integridade, em vez de fazer de conta que nada é tão perigoso assim, colocando, com isso, em risco a vida da minha irmã e comprometendo, por tabela, todo o desenrolar da vida do meu sobrinho?! Porque, para nós, todas essas particularidades são muito óbvias. Não pense o senhor que está lidando com gente desinformada! O caso de Varínia inspira cuidado; ela sempre foi lúcida e ponderada; mas está apaixonada, professor! E, neste estado, queira ou não, quem a estima deve interceder por ela, que não se vê em condições emocionais adequadas para raciocinar com clareza!

– Maurício! – Varínia afinal se descontrolou, não aguentando ouvir mais, indignada com a invasão agressiva de sua privacidade desfechada justamente pelo irmão com quem sempre se entrosara melhor. E, dirigindo-se ao outro, agora calado, ouvindo, mas aquiescendo: – Renan! Não posso acreditar que

esteja compactuando com isto! É revoltante e inadmissível! Vocês me tratam como se eu tivesse treze anos e não fosse viúva, aos trinta e seis, com minha vida pessoal e com um filho!

– Por favor, Varínia! Tente nos compreender! Nós a amamos! E isso é uma tentativa extrema de acordá-la para esta situação impossível, antes que o que está acontecendo caia inteiramente no conhecimento de mamãe, que anda preocupadíssima com você, e também no de nosso pai! Eles não aguentarão o desgosto com o perigo que você está voluntariamente correndo, e insistindo em não enxergar! – Renan respondeu, de modo um pouco mais ameno.

Estabeleceu-se um silêncio tenso, um estado de desnorteamento, mais da parte dos três irmãos, todavia, do que de quem era alvo direto daqueles ataques. Até que, a cabo de alguns momentos, o maestro se dispôs a dizer alguma coisa.

– Vou falar agora, mas peço que não me interrompam!

Varínia, contudo, grandemente indignada, interrompeu-o:

– Por favor, Bryan! Deixe que eu resolva com eles, porque, ao que percebo, é um problema familiar a ser decidido! Não é justo que isso esteja acontecendo com você!

– *My dear...* – ele lhe dirigiu leve gesto ameno, pedindo que se aquietasse. E continuou: – Não pensem que não entendo a preocupação com Varínia, Maurício. É justa! Mesmo assim, ambos não têm o direito de julgar as minhas atitudes sem me conhecer, bem como o modo como me conduzo neste caso! O que eu sinto por Varínia não é nada leviano ou egoísta, como pensam. É sim, algo amadurecido, ponderado, e, estejam certos, inteiramente refletido! Houve grande relutância de minha parte, até afinal me decidir a assumir este envolvimento, mesmo sabendo do que sentia por ela! Acreditem. Conversei com médicos das minhas relações e com pessoas abalizadas. E hoje tenho a convicção de que, no meu caso, o de um portador do vírus, a situação pode ser conduzida satisfatoriamente e controlada com eficácia! Eu amo sua irmã e estimo o menino, já agora, como um filho meu! Foi essa convicção que eu transmiti a Varínia, a quem vocês não deveriam

atribuir tanta irreflexão, que se conduz, como vocês deveriam saber, durante todo o tempo orientada pelo que sente e pelo que é melhor para Tadeu!

– Não queira conhecer a nossa irmã melhor do que nós, professor! – Atalhou Renan. – Tudo o que o senhor afirma é, quando muito, hipotético!

– Sou uma pessoa adulta, Renan! E vou repetir: não admito esta invasão na minha privacidade! Não prossigam, por favor! – Varínia falou, em completo desalento, com os olhos banhando-se de lágrimas. – Não me obriguem a um rompimento definitivo com dois irmãos a quem eu amo e de quem compreendo o zelo! Não compreendo isso! Não o desrespeito, sob este pretexto, primeiro por mim e, depois, pelo homem que eu amo e que não merece somar aos desafios que já tem de enfrentar na vida mais esta mostra de desvario de dois familiares meus!

Com expressão de incredulidade, os dois rapazes a fitaram. Davam a impressão de depararem alguém prejudicado na sanidade mental, e isso a irritou ainda mais.

– Por favor, vão embora! – Ela pediu, chorando. E os dois, reparando no estrago feito na vulnerabilidade emocional da irmã, embora com relutância, atenderam-na. Não queriam encerrar o assunto com Bryan assim tão cedo.

Ainda assim, ao passarem pelo casal, Maurício ainda se dirigiu ao músico, de maneira intransigente, com uma quase intimação.

– Por favor, professor Bryan! Abra mão desse relacionamento, deixe a nossa irmã! Por mais que isso a fira! Porque, se algo fatal acontecer a ela no futuro, o senhor terá de fugir de mim e de Renan! Isto é um pedido da família! Não guarde dúvidas!

– Vão embora!! – Exclamou Varínia, desatinada. – Não é o Bryan que virou um autômato egoísta, Maurício! São vocês! Sempre fechados no seu pequeno mundinho de suposta “normalidade”, cheio de pessoas “felizes”, desde que com os seus iguais, transformando tudo em competição, diversão, preconceitos e mesquinhas, que normalmente ignoram as demais pessoas, apontando, julgando, censurando todo mundo! – Gritou. Mas Bryan a conteve, carinhoso, abraçando-a.

– Acho que vocês ainda encararão este problema de maneira diferente, Maurício! – Foi a resposta do maestro, encarando-lhe o olhar incendiado,

apesar de tudo, com a mesma fleuma.

CAPÍTULO 23

O rio contorna as pedras



O que deveria ter sido uma noite inesquecível para o maestro e sua aluna de violino, ao selarem a união com votos oficiais de noivado, terminou se convertendo em inesperado impasse formado com a visita intempestiva dos dois rapazes. E, embora se esforçando por ouvir o aconselhamento mais amadurecido de Bryan, ao tentar atrair a sua atenção de volta para o momento presente e para a continuidade dos seus planos, assim que se viram sozinhos, o músico logo compreendeu que Varínia, grandemente transtornada, não se via em condições, pelo menos naquele momento, de resgatar a tranquilidade feliz antes presente no seu espírito, para se concentrar somente no que tratavam no início da noite.

Escusando-se, avisou que àquela altura já passara a hora de colocar o filho na cama para dormir, e que retornaria tão logo o fizesse. Ele assentiu, e a moça retirou-se, com os olhos molhados e ainda denotando nervosismo. Deixou-o sozinho na sala, perdido em seus pensamentos.

Pouco depois voltou. Para a surpresa de Bryan, falando acaloradamente com alguém no telefone celular.

– Precisei ligar, Dalton, para ver se até você também enlouqueceu, já que sabia do Bryan...

– Eu sabia do Bryan, minha irmã! Mas não deste pano de fundo preocupante na história de vocês! – O terceiro irmão a interrompeu do outro lado, apesar de tudo amigavelmente, como sempre era o seu estilo ao falar com a irmã caçula.

Varínia largou-se no estofado onde o curioso maestro agora a ouvia, sem esconder a preocupação estampada na fisionomia.

– *Dear...* O que está acontecendo, meu amor? – Ele sussurrou-lhe, mas, a isto, Varínia fez-lhe um gesto gentil para que aguardasse um pouco.

– Não é possível, Dalton, que até você, sempre o menos impulsivo, o mais ponderado de todos os meus irmãos, esteja se voltando contra mim! Alguém precisa resguardar mamãe e papai do desvario daqueles dois loucos!

– Eu *não estou contra você!* – O outro respondeu, enfático. E como notasse na voz dela um tom de choro iminente, adivinhou o que lhe ia no pensamento, e tentou tranquilizá-la: – Escute, Varínia! De certo modo, dou-lhe razão! Ouça: não dê tanta importância às iniciativas mal sopesadas do Maurício! Você sabe como é o temperamento dele! Cuide da sua vida, apenas e por enquanto; isso supondo que, de fato, vocês saibam o que estão fazendo! – Completou Dalton, sem esconder que também guardava certas reservas com o caso da irmã. – Reconheço que você já tem idade suficiente para se orientar na vida! E não aprovo o modo de se conduzir dos dois, atacando desse jeito o seu namorado! Creio mesmo que deve ser alguém bem especial, para que você, desde que enviuvou, tão reclusa, tenha afinal abandonado o seu luto para se envolver com ele!

Varínia soltou uma exclamação de desaforo. Ainda chorosa, achegou-se a Bryan, que a ouvia grandemente interessado pelo curso dos acontecimentos e mergulhava em pensamentos dos quais seria difícil adivinhar o conteúdo, naquele minuto tenso.

– Ah! Meu Deus! Até que enfim alguém fala alguma coisa que faz sentido! Obrigada, Dalton! Obrigada! Sabia que só poderia ser você a me dizer isso, então, por favor, ajude-me, ok?

– O que você quer que eu faça? – E como ele notasse que ela soluçava do outro lado, insistiu, dirigindo um olhar preocupado à esposa, àquela altura também atenta à conversa, deitada a seu lado na cama: – Varínia?!

– O que foi, Dalton?

Ele ensaiou explicar. Mas notou que alguém tomou o fone das mãos da irmã, e silenciou.

– Dalton? Muito prazer, quem fala é o Bryan. O estopim de toda esta confusão... – cumprimentou o professor, um tanto perdido, embora centrado no que deveria dizer.

– Oh, sim... – O outro vacilou e calou-se, tomado de surpresa, sem saber num primeiro momento o que falar. Mas Bryan continuou, sem se perturbar:

– Tudo isso é muito desagradável. Queria lhe dizer o que não consegui falar aos seus outros dois irmãos ainda agora, para início de entendimento: gostaria de tê-los conhecido de um modo mais leve, mais cordial! Em não sendo possível, queria pelo menos assegurar para você, que pelo que vejo é o mais refletido dentre todos, que estamos conscientes do que estamos fazendo! E que não procede que Varínia seja tratada desse jeito, é injusto com ela.

– Com isso eu concordo, professor! Mas o senhor tem de reconhecer que há um lado, aí, também compreensível, na atitude dos meus irmãos! O fundo disso é preocupação! A situação entre vocês não é a que se pode chamar exatamente de corriqueira para todo casal!

– Sim; mas acredite que é bem pesada e, sobretudo, justificada por intenções e sentimentos amadurecidos! Acho que o que a Varínia quer lhe pedir, Dalton, é que preserve seus pais de sobressaltos desnecessários à idade deles, porque lhe garanto, com toda a segurança, que não há razões para isso!

– Entendo. Para ser sincero, não confio no comedimento nem de Maurício nem de Renan para qualquer coisa a partir de agora. Mas prometo que intercederei no que diz respeito aos nossos pais, para que o efeito de atitudes mal sopesadas não provoque estragos irreversíveis na relação de nossa família!

Bryan meneou a cabeça, satisfeito.

– Acho que isso já nos é suficiente!

– Mas, professor...

– Trate-me pelo nome, Dalton!

– Que seja. Bryan. Queria lhe pedir, e isso em nome de todos nós, que cuide da nossa irmã e de nosso sobrinho. Isso é muito sério! – Replicou o irmão de Varínia, a título de encerramento daquele entendimento extemporâneo e difícil, às quase onze horas da noite daquele sábado.

– Pode dormir, tranquilo. E grato pela compreensão.

Dalton pediu que ele passasse o telefone à irmã. Bryan o atendeu, e, durante vários minutos, ainda a aconselhou e apaziguou-lhe o espírito dominado pelo desconsolo dos acontecimentos das horas anteriores. Depois de um tempo, despediram-se.

Ela e Bryan, por sua vez, dirigiram-se ao quarto para descansar. Acomodaram-se no leito, abraçados, mantendo-se apenas silenciosos por largo intervalo, enquanto, com afagos e carinho, ele tentava apaziguar de vez o susto ingrato do desfecho de uma noite que era para ter sido especial para ambos.

– Olhe para mim! – O músico pediu, a certa altura, notando-a mais calma.

Varínia lhe obedeceu. Mas percebeu o semblante dele ligeiramente empalidecido.

– A noite também não foi tão boa para você, não é? – Comentou, com certa tristeza no tom gentil da voz.

– As noites sempre são boas quando estamos juntos! Quero fazer muitos planos com você, como pretendia quando fomos interrompidos, mas me responda uma última coisa, *my dear*, porque não julgo justo que você sacrifique sonhos seus por minha causa!

– Do que você está falando? – ela estranhou, sem entender.

– Algo do que o seu irmão falou, naquela altercação, perturbou-me um pouco! Você poderia ainda sonhar em refazer a sua vida com alguém de uma forma mais plena! Tendo outros filhos, Varínia!

Ela sentou-se, num impulso, imediatamente angustiada; e meneou a cabeça, sem acreditar.

– Meu Deus, Bryan! Não se importe com a insensatez das coisas que o Maurício falou! Ele estava fora de si, e tenho certeza de que, por mais truculento que seja, nalgum momento perceberá o quanto foi injusto com você!

– Shh... Calma! – Bryan a tranquilizou, afagando-lhe o rosto alvo agora esfogueado de ansiedade. – Varínia! Só estamos conversando! É importante que falemos sobre tudo, afinal, estamos combinando viver juntos! Só que eu não posso forçar você ao que quer que seja, sem que de fato *queira!*

– Eu *quero* ficar com você! – Ela enfatizou, agitada, fitando-o com firmeza.

– Eu não duvido... Mas você está certa de que *quer mesmo* viver comigo, sabendo que talvez algo que seria muito importante para você no futuro, como dar um irmão ao Tadeu, jamais vai se realizar, meu amor? Não comigo?

– É claro que sim! O que você está me perguntando?! Bryan!... – Inclinando-se, Varínia o fitava dentro dos olhos, como que querendo invadir-lhe a alma para lhe consolidar, ali, todas as certezas: – Você não é o HIV! Você é o homem que eu amo!

Bryan apenas concordou, olhando-a, com ternura, mas a expressão fisionômica parecia comentar que achava, ainda, que ela estava se precipitando nas conclusões sobre um aspecto sério do que viviam.

– De certo modo, eu sou sim, *my dear!*

– Nunca mais repita isso! – A violinista o intimou, com franqueza enérgica e os olhos novamente se umedecendo.

Observando-a, o maestro achou que já bastava para aquela noite. Não queria molestar-lhe a sensibilidade para além do que já fora feito; assim, forçou-se a encerrar o assunto e a desviar a conversa para temas mais felizes.

– Ok, ok, calma! – Sorriu-lhe. – Eu acredito que está sendo sincera! Então, vamos combinar outra coisa? – Meio aérea, confundida, a moça fez que sim. – Você precisa aprender inglês! Vou ensiná-la! Sabia? Porque um

dia você há de tocar na minha orquestra, que sempre viaja, e terá de saber outros idiomas!

Um sorriso infantil tomou-lhe o semblante, denunciando ao outro que a sua estratégia tinha funcionado.

– Aprender inglês? Puxa! – Ela vacilou, incerta. – Está bem! Eu adoraria, ainda mais com você! Só tenho o inglês que aprendi no ensino médio!

– Vai precisar também noutra situação que já comentei com você hoje! Quando viajar comigo para Gales! E isso haverá de ser logo! – Devolveu Bryan, também mais alentado. Como a moça ainda o encarasse um tanto perdida em iniciativas, somente o ouvindo, ele a atraiu para si e finalizou: – Estamos combinados, então, por enquanto, deixemos tudo isso de lado! Temos outro assunto mais interessante a tratar! – Brincou.

E apagou a luz do abajur ao lado da cama, abraçando-a e beijando-a, apaixonadamente.

CAPÍTULO 24

Desagradável descoberta



Tão logo Varínia chegou ao estúdio, na companhia de Bryan, para mais um ensaio de uma nova audição, avistou vários músicos já presentes, em expectativa. Uns tocavam sozinhos, afinando instrumentos, outros se entretinham em palestra discreta.

A um canto, ela avistou Amanda, que não notara de pronto a sua chegada por se ver entretida com Hortênsia e Vagner em conversa que lhes absorvia inteiramente a atenção.

Tanto Bryan quanto Varínia perceberam que o assunto era acalorado, embora não tratado com discrição. E também que, tão logo se deram conta de sua presença, quase ao mesmo tempo, Hortênsia foi a primeira que avançou, sorridente e cordial, como era de seu temperamento, para recebê-los.

– Varínia! Querida violinista! – Exclamou a moça ruiva, com simpatia, estendendo os braços para abraçá-la e surpreendendo-a de maneira agradável com a recepção amistosa.

Malgrado isso, enquanto arrumava instrumentos e apetrechos nas proximidades, Bryan observava certas nuances da situação das quais a sua

companheira não se dava conta.

– Como você está? – Hortênsia indagou, enquanto Amanda se acercou dos recém-vindos.

– Bem, e você? Faz tempo... – a aprendiz de música retribuiu, bem-disposta, às palavras amáveis, embora tivesse lhe ocorrido algo em descompasso no modo como foi saudada.

Pareceu-lhe que, tanto Hortênsia quanto Amanda, indagavam o seu passado como se preocupadas com alguém que há pouco atravessara algum episódio desagradável de acidente ou revés sério de saúde.

As duas musicistas voltaram-se para o maestro, saudando-o com a mesma gentileza, embora mais contidas, a que ele respondeu com um meneio cortês, mas observador.

– Ensaaiaram o solo neste meio-tempo? – Indagou, só para dizer alguma coisa; ao que ambas concordaram de pronto, sem maiores anotações.

O professor não disse mais nada. Varínia acomodou-se por ali, prazerosa e atenta à movimentação intensa dos componentes da orquestra se arrumando. Mas acendeu para Bryan um sinal de alerta qualquer, que, a princípio, deixou-o apenas intrigado.

Com o decorrer das horas, no entanto, naturalmente foi levado a suspeitar de coisas desagradáveis acontecendo, sem o seu conhecimento, no seu ambiente de trabalho.

Sem margem a enganos, reparava, nos intervalos entre as peças musicais, olhares disfarçados de alguns dos instrumentistas na sua direção, nos quais se adivinhava um tipo qualquer, diferente, de curiosidade. E, durante algum tempo, ele se perguntou se aquilo se devia ao fato de já ter-lhes chegado ao conhecimento o seu envolvimento com a aluna de violino.

Todavia, algo entreouvido, num dos intervalos para descanso, da conversa mal encoberta e mantida por dois dos percussionistas, num ambiente onde os presentes se serviam de café ou chá, levou-o a outra conclusão, tão surpreendente quanto inoportuna.

Ele se chegou à agora silenciosa Varínia, sentada no mesmo lugar do auditório onde toda vez se entregava à contemplação enlevada do desempenho da orquestra. Agachou-se e beijou-a.

– Está tudo bem? Como vai indo o desempenho de todos? – ela perguntou, sentindo-se bem-disposta com o que assistia.

– Bem, como esperado – ele respondeu, entregando-lhe a xícara de chá que lhe trouxera e sentando-se ao seu lado para degustar a sua própria.

A moça observou-o por breve minuto. E, reparando de pronto algo de diferente no semblante dele, inclinou-se, tocando-lhe a mão, de leve.

– Ei, amor... – murmurou – O que há? Parece preocupado.

Bryan correspondeu-lhe ao olhar. E não quis fazer segredo do que pensava. Assim, achegando-se mais, e moderando o tom da voz, uma vez que havia nas proximidades alguns dos músicos em palestra animada, perguntou:

– Diga, *my dear*... Você conhece a Amanda há muitos anos, como disse – Gesticulou a propósito, passando a mão pelos cabelos, como se ao mesmo tempo que falasse se perdesse em cogitações. – Sabe, você já deve ter ouvido dela a história de que, durante um tempo, anos atrás, convivemos mais próximos, embora sem maiores consequências. Mas, para certas coisas, nós, homens, não somos tão perceptivos quanto vocês...

Varínia o encarou, surpresa e um tanto desconcertada. Riu, incerta, mexeu-se no assento, um tanto incomodada, e comentou:

– Bem, Bryan... Eu soube da versão desta história, contada pela Amanda... Nunca por você, que certa vez fez alusão ao caso sem entrar em detalhes...

Mas, ainda reflexivo, divagando o olhar pelos músicos dispersos pelo ambiente amplo do estúdio, e mais detidamente em Amanda, sentada a distância a examinar uma partitura, ele a interrompeu, com um sorriso dispersivo:

– É porque nunca houve nada de mais entre mim e ela, meu amor. Nada, de fato. Não o permiti e não expus a ela as razões reais na época, o que não foi muito correto, e deve tê-la deixado realmente intrigada...

– Bryan, aonde você quer chegar com isso? O que está acontecendo?

– O que eu me pergunto... – Ele continuou, fitando-a, agora mais objetivamente: – É se agora, que ela enfim se inteirou do que acontece a meu respeito, está sabendo se manter discreta. O que você acha?

– Mas, por quê? Por que está preocupado com isso? – Insistiu Varínia, inquieta.

– Pelo que venho percebendo desde que cheguei aqui com você. E pelo que entreouvi ainda agora, quando peguei o seu chá. – O regente revelou, sério, e sem esconder certa contrariedade.

Aquilo surpreendeu Varínia até onde era possível.

– O que você ouviu? Tem certeza de que é mesmo algo com que deva se preocupar? – Indagou preocupada, entrelaçando a mão do músico, sem se importar mais com quem poderia estar observando a cena.

Bryan fez um meneio de cabeça.

– Vê aqueles dois, a um canto? O de camisa bege, ao lado do músico mais novo, vestindo uma jaqueta preta? – E como ela assentisse, continuou, bebendo mais do chá e contando: – O primeiro parecia dizer qualquer coisa ao outro a respeito de alguma coisa que de fato o deixava admirado. Ouvi-o argumentar ao que o segundo devolveu ao seu comentário cochichado: “Ora, Vinícius, mas você há de convir que este envolvimento é um risco enorme para ela!”.

Varínia franziu rudemente o cenho, chocada.

Poderia não ser nada. Mas os termos do diálogo justificavam a preocupação do maestro, somando-se, a isso, sua percepção com o modo como fora olhado ao chegarem ao estúdio. Ainda assim, ela abanou a cabeça, incisiva:

– Não! Não quero acreditar que Amanda seja assim tão indiscreta! – E levantou-se, de um impulso, soltando-se de Bryan e entregando-lhe a xícara ainda meio cheia de chá, pegando-o de surpresa, antes que ele pudesse impedi-la. – Preciso falar com ela! Espere aqui!

– Varínia! Não! – Ele saiu em seu encalço, e tentou detê-la: – Meu amor, acalme-se! – Cochichou. – Não lhe confidencie isso para que se entregue à revolta deste jeito! Esqueça, por enquanto!

– Amanda não tinha o direito! – Ela protestou, impávida, as faces incendidas de indignação. – Ela não podia comprometê-lo assim, no seu próprio ambiente de trabalho, Bryan!

O regente, com firmeza, segurou-a por uma das mãos.

– Shh. *Esqueça*, meu amor! – Insistiu, enérgico. – Aqui não é hora nem lugar para que aborde este assunto com ninguém! Ou poderá agravar, sem querer, uma situação que quero neutralizar, da melhor forma possível! Falatórios existem, em muitas ocasiões! Mas desde que não demos a isto atenção demais, esvai-se por si, mais dia, menos dia!

– Mas algo assim é grave, Bryan! Pode comprometer o andamento do seu trabalho!

– *Não vai comprometer!* – ele teimou, imperativo. E, sem soltá-la, não permitiu mais argumentos: – *Eu não permitirei*, Varínia! Ouça-me!

Entreolharam-se; a violinista, embora cheia de indignação, paralisou-se pelo magnetismo irresistível do olhar dele. O maestro a puxou de volta ao assento.

– Se quer falar com ela, fale, mas não agora, *my dear!* Por favor! Apenas confiei a você uma impressão, quando muito uma percepção de algo desagradável acontecendo, à nossa revelia! Mas nada que precisemos permitir que nos perturbe mais do que o razoável! Está bem? – Pediu, sentando-se com ela, e devolvendo-lhe a xícara com chá.

A moça suspirou, mais inconformada que convencida. Todavia, malgrado atendendo-o de imediato para não aborrecê-lo ainda mais, decidiu abordar a amiga tão logo se visse desembaraçada para tanto.

E este momento seria na noite daquela mesma data, ao final do domingo, aproveitando-se de que Bryan se deitara mais cedo para dormir por se sentir indisposto pelo efeito colateral agressivo de um dos remédios.

Era por volta de dez da noite. Ela conferiu se ambos, o filho e o músico, já haviam adormecido. E, dirigindo-se ao telefone da sala silenciosa, digitou o número de Amanda, que depois de algum tempo atendeu, após ser chamada pela mãe.

– Varínia? Que surpresa, não esperava falar com você novamente hoje!

– Pois você não imagina como eu me via indócil para falar outra vez com você! – Ela respondeu, fazendo por onde manter o tom de voz ameno a fim de não despertar Tadeu e o agora praticamente desmaiado Bryan, largado na cama de seu quarto a rressonar.

– Sim? – Amanda estranhou – Mas... O que houve? Está ansiosa! Aconteceu alguma coisa?

Em vez de sondar a amiga, o que, se percebido, permitiria a ela criar subterfúgios, Varínia preferiu simular uma certeza absoluta do cerne do seu questionamento, para apanhá-la relativamente desprevenida e avaliar-lhe as reações.

– Amanda! Por que, por Deus, você foi dar com a língua nos dentes com o pessoal da orquestra sobre o que acontece ao Bryan? O que ele lhe fez? Nunca esperei algo assim de você!

– Mas... – O susto da outra era visível à violinista, apesar de também ser perceptível a presença de espírito com que a cantora procurou se esquivar. – A que se refere? Como assim?

– Ora, vamos, Amanda! Não existe isso entre nós! Não entre nós duas, com todos esses anos de convivência! Posso até perdoar uma confissão franca de indiscrição! Mas não que queira despistar a causa dos inúmeros olhares mal disfarçados com que vários músicos hoje examinaram o Bryan, como se vissem uma aparição, o maestro da orquestra, a quem eles sempre estimaram e respeitaram tanto!

Fez-se um silêncio tenso, incômodo, do outro lado.

– Vamos, Amanda! Eu tinha de conversar com você, embora o próprio Bryan, zeloso da seriedade do trabalho de hoje no estúdio, tenha me impedido, quando eu quis fazer isso logo, enquanto ainda estávamos lá! O caso é que você expôs, com essa atitude impensada, não apenas a minha privacidade, mas principalmente a dele, o que é inaceitável! Isto comprometerá horrivelmente a qualidade de convivência entre todos a partir de agora, porque o Bryan é extremamente formal!

– Oh, Varínia... – outra pausa, relutante. O impulso de Amanda, sem nenhuma dúvida, seria desligar o telefone, mas tinha consciência de que não seria nada honesto com a amiga de tanto tempo. – Sabe?... Bem... o meu mal foi ter confidenciado isso a Hortênsia! Ela se dá com grande parte dos músicos e, como cometi a imprudência de não pedir discrição rígida que o caso pedia, ela de fato, ao que parece, fez o relatório para vários deles... E agora não há mais como desfazer o mal! Desculpe!

O pedido de desculpas era sincero; mas Varínia deixou cair o queixo. A confissão estava feita. E, ainda assim, ela quase se recusava a acreditar.

– Amanda! Não posso acreditar nisso, Amanda! Por Deus! – Exclamou. E se deu conta de que já falava alto, e olhou em volta, apreensiva, moderando o tom da voz de novo, a custo: – Sabe o que me parece? Que de algum modo você se vingou de Bryan! Pelo que aconteceu entre vocês antes, de um modo mal resolvido! – Ela atacou, quase fora de si, sem poder se conter. E sem saber, de resto, que, argumentando assim, atingia bem de perto o alvo, porque não atinara, até aquele momento, o tanto de despeito oculto com que Amanda acompanhava o desenrolar do seu romance com o maestro de forma, a despeito de tudo, bem-sucedida em virtude do amor autêntico existente entre os dois. – Então isso é tudo? Tudo o que tem a dizer? – Desfechou, por fim.

Não podia conter a decepção impiedosa sofrida com a revelação dura que, a par de expor às claras a traição inesperada da parte daquela a quem tinha como confidente, inevitavelmente acarretaria também prejuízos de convivência profissional ao companheiro, que já possuía uma bagagem suficiente de provações a enfrentar na vida.

– Você não pode desfazer o que fez? E o que nós, de nosso lado, faremos, para conseguir remediar as consequências disso, Amanda?! – Desabafou, quase transtornada. – Justo numa das poucas áreas da vida dele ainda resguardada, a vida profissional, da qual ele usufrui com tanta seriedade, inteireza e felicidade!

O diálogo difícil se encerraria ali, com a amizade das duas musicistas seriamente estremecida.

CAPÍTULO 25

Impasse profissional



N^o café da manhã do dia seguinte, antes que cada qual saísse rumo às suas atividades diárias, Varínia reparou que Bryan se mostrava com melhor disposição em relação ao mal-estar da noite anterior. Assim, buscou poupá-lo, sem querer abordar os acontecimentos desagradáveis relacionados ao diálogo difícil mantido com Amanda, horas antes.

Ela colocou o risonho Tadeu na cadeira, diante do lanche matutino e da televisão ligada na copa para distraí-lo com os programas infantis de hábito, sem reparar que, sentado à mesa próxima dali, o professor de música a observava, com um sorriso sereno pairando nos lábios, como se a admirasse no seu vaivém de mãe zelosa vestida nos trajes joviais do começo de manhã.

Concluídos aqueles cuidados, a moça enfim cruzou seu olhar com o dele, deparando-o a contemplá-la naquele estado, misto de reflexão e embevecimento. Dirigiu-se, enfim, à mesa, e, sentando-se para dividir o desjejum, beijou-o, carinhosa, comentando:

– Fico feliz por vê-lo mais saudável, e com este sorriso adorável olhando para mim... – disse, graciosamente.

Bryan entrelaçou-lhe a mão, aceitando a xícara de chá que ela oferecia a ele. Devolveu-lhe o beijo e, bebendo um pouco, demorou-se ainda em silêncio durante uns segundos, até enfim falar.

– Eu, mais do que ninguém, estou feliz por me sentir melhor, *my dear!* Não é para menos! Tenho uma semana cheia pela frente e, de outro lado, não me lembro de ter sido tão bem cuidado antes! Vai me deixar mal-acostumado deste jeito, controlando a hora dos meus remédios e me oferecendo-os na cama! Não convém que eu destreine a minha memória! – Concluiu, agradecido.

– Pois pode ficar mal-acostumado! Você já tem coisas demais com que se preocupar; deixe as miudezas para mim! Mulheres têm visão periférica, todos sabem disso!

Bryan alteou as sobrancelhas e mostrou-lhe um sorriso cativante, enquanto se interrompia no meio de outro gole do chá de maçã.

– Ah, é mesmo? Isso é novidade para mim! Sua visão periférica precisa receber um *download* de dados novos, meu amor! Passou mais de uma hora ontem procurando por aquela sua bolsa de maquiagem, e quem, afinal, encontrou-a, fui eu... perto do meu creme de barbear, na pia do banheiro! – Declarou, de propósito zombando do que ouvira da agora meio amolada violinista, que respondeu à provocação apenas com um muxoxo:

– Ora... não seja bobo! – Reclamou, bebendo seu chá também.

Demoraram-se mais alguns momentos calados, apenas prestando atenção ao menino entretido com o programa televisivo à sua frente e esquecido do copo com vitamina, ainda cheio.

– Tadeu detesta essa vitamina, Varínia... – Bryan riu de novo. E, como ela somente observasse, agora, o filho entretido relutantemente com a refeição da manhã, afinal o maestro se encorajou para abordar o assunto que em verdade desde mais cedo ocupava os seus pensamentos com maior relevância: – *My dear...* Conte-me, por favor. Sua “visão periférica” a levou, ontem, a se desentender seriamente com Amanda! Diga-me por que...

Aquilo pegou a outra de improviso, e ela o encarou, grandemente surpreendida.

Julgara o companheiro verdadeiramente desmaiado na noite anterior, quando afinal decidiu colocar a cantora contra a parede quanto ao assunto que vinha consumindo as suas preocupações desde a sua visita ao estúdio. Jamais imaginaria que ele tivesse surpreendido qualquer momento daquele enfrentamento complicado às altas horas da madrugada.

– Do que está falando, meu amor? – Ela relutou, intimidada.

Bryan pressionou, carinhoso, a mão que tinha entrelaçada à sua.

– Ontem, quando já havia me deitado para dormir, acordei de repente ouvindo a sua voz em tom exaltado. Não pude me dar conta exata do que acontecia, porque também o meu estado não me permitia nem mesmo me levantar da cama, eu estava um trapo! – Ele contou, com franqueza, e continuou: – Mas confesso que me obriguei a ficar na cama e tornar a dormir, preocupado com você! Do pouco que entreouvi, entendi claramente que o assunto me dizia respeito! O que foi, Varínia?

Olharam-se. E ficou claro para Bryan que ela relutava em falar para poupá-lo de algo desagradável.

– Deve me contar! – Insistiu, diante da inércia insegura com que ainda o encarava, visivelmente condoída. – Principalmente porque, se o assunto se relaciona a mim, tenho de estar inteirado, já que se trata de uma das cantoras da minha orquestra!

A moça suspirou, derrotada, amuando.

– Puxa, Bryan! Tive tanto cuidado de preservar o seu sono! De nada adiantou!

– Eu já estou bem! Por favor, *my dear!* Não sou nenhuma criança!

– Está bem! Tínhamos razão quanto àquelas suposições a respeito da Amanda! Telefonei para ela, porque precisava tirar a limpo! E foi mesmo ela, Bryan, quem cometeu a indiscrição a seu respeito, com Hortênsia, que, para minha surpresa, encarregou-se de completar o serviço para alguns outros músicos! – Agora era ela que, de seu lado, inclinava-se para ele, súplice: – Mas, talvez seja melhor esquecer mesmo isso, como você me disse ontem, não é? Mexericos acontecem, mas os dias passam, e eles perdem em interesse!

Bryan a ouvia, encostando-se na cadeira, pensativo.

– Receio que não neste caso, Varínia!

Ela notou que o ar desanuviado de antes havia desaparecido da fisionomia dele.

– O que quer dizer? Por que não?

– Porque não sei a extensão das consequências, no que se relaciona à administração do projeto do qual participo! Há empresas, patrocinadores envolvidos! Outros à frente desta iniciativa, comigo! – Bryan olhou para ela, fazendo por onde se explicar, mas notava-se que estava indisfarçavelmente preocupado, em escala crescente, de minuto para minuto.

– Acho que entendo... – A moça vacilou, entristecida e hesitante: – Oh, meu Deus. Você deve satisfações a alguém que o ajuda no patrocínio deste projeto musical? É isso que quer dizer, Bryan?

– Mais ou menos. O problema é que tenho quase certeza, não sei por que, que isso tudo já tenha inconvenientemente alcançado o conhecimento do Moisés, o grande articulador de tudo!

– Eu... não compreendi bem! – Varínia comentou, com certo desamparo originado na inexperiência. Mas, a isso, o regente, acossado pela ansiedade que o acometeu de imediato, não conseguiu mais ficar sentado.

Levantou-se e a beijou apressadamente.

– Meu amor. Tenho de sair e tentar falar com Amanda antes que ela chegue ao banco!

Mas Varínia, a isso, saltou da cadeira e tentou impedi-lo, empurrando-o de volta.

– Oh, não senhor! Enlouqueceu? Nada pode ser tão importante agora quanto você se alimentar devidamente, para tolerar a sua massacrante dose diária de remédios!

Mas Bryan não queria se deixar convencer e a conteve, embora com amabilidade.

– Varínia, escute! Obrigado, mas não dá para esperar! É muito sério!

– Sente-se, Bryan! – Ela teimou, entre aflita e irritada, mas sem resultado.

– Preciso ter um entendimento definitivo com a Amanda, meu amor, ou esta história, para mim, pode ter desdobramentos mais sérios e

desagradáveis! Mas, para isso, tenho de sair *agora*! Ela realmente extrapolou os limites!

– Mas sem tomar o seu chá, Bryan? Ontem você estava péssimo! – Varínia insistiu, desconsolada.

– *Eu sei me cuidar! God!* Durante todos estes anos tenho feito isso, *darling!*

Segurando-a com firmeza pelas mãos, fez por onde lhe sorrir, afetuoso, para amenizar a acentuada impaciência com que lhe respondia, durante aquela breve discussão.

Beijou-a rapidamente, por fim, ante a sua inércia impotente. Despediu-se, apressando-se para se vestir e prometendo que telefonaria com notícias assim que lhe fosse possível.

A violinista descaiu no assento, de volta ao seu chá, dominada pelo desânimo e, agora sozinha na mesa, tendo como companhia apenas o menino inocente ainda entretido com a sua vitamina e com os programas infantis exibidos na TV.



Bryan teve sorte, alcançou Amanda ainda no trajeto final da avenida tumultuada, antes que pudesse ganhar o ambiente do seu trabalho diário, numa das grandes agências bancárias do Rio de Janeiro.

Varínia estaria por chegar, poucos minutos mais tarde.

A cantora empalideceu ligeiramente ao ser abordada de um jeito um tanto intempestivo, pois de imediato experimentou um mau pressentimento.

– Professor Bryan? Nossa... Bom dia! – Ela se confundiu um pouco nos cumprimentos, sem atinar qual a razão da presença do músico, embora talvez a intuisse, procurando, instintivamente, ganhar tempo. – O que houve para estar por aqui assim, tão cedo? Veio com a Varínia?

– Não, Amanda, vim mesmo para falar com você, e não podemos esperar, porque o assunto é sério e terei uma reunião com a diretoria do patrocínio

do Projeto Hator depois de amanhã!

O modo ligeiramente exaltado como ele falava, nunca antes presenciado na fleuma habitual de seu temperamento britânico, assustou-a de pronto, sem que ela conseguisse esconder.

– Mas... – ela gesticulou, perdida. – Se é um assunto sério, é difícil tratá-lo agora, e aqui! Estou quase entrando no meu expediente bancário, Bryan! Ademais, o que pode ter a ver comigo o assunto da sua reunião com a diretoria depois de amanhã?

O maestro fixou nela um olhar quase tão afiado quanto uma lança, cujo brilho sombrio agravou a sensação desagradável da cantora. Segurou-a por um braço, com firmeza suficiente para que ela não pudesse resistir ao seu chamado, e a conduziu até ao ponto mais recuado da avenida onde tinha estacionado o seu carro.

– Não se preocupe, vou lhe explicar com brevidade!

– Professor... – Amanda ainda tentou argumentar, em vão.

O regente se colocou diante dela e começou a falar, tão objetivamente quanto lhe era possível para o que a urgência da situação pedia.

– Amanda, temos uma relação profissional bastante prolongada! Você é uma cantora solista da orquestra, já consagrada pelo tempo que nos acompanha; mas isso não quer dizer que tem o direito de confundir as estações e adotar uma conduta de desrespeito profissional!

– Meu Deus! Do que está falando? – Perguntou, com a expressão do rosto patenteando o grande desagrado pelo que ouvia.

– Sua antiguidade na composição da orquestra não lhe permite prejudicar ninguém profissionalmente com atitudes impensadas na hora de promover mexericos sobre a minha vida particular, Amanda! – Ele atacou, com uma frieza dura, ríspida, que a levou a quase desconhecê-lo, depois de todos os anos em que conviveram.

Chegando a recuar, pálida como o mármore, a cantora fixou-lhe o olhar entre espantado e aborrecido, com grande contrariedade.

– Professor Bryan, desconheço, em absoluto, o que se passa com o senhor! – procurou, naquela altura, formalizar intencionalmente a forma de tratamento. – O que o faz pensar que pode me abordar dessa forma

enlouquecida, na entrada do meu trabalho, para me desfechar essas acusações das quais mal consigo atinar com o motivo?

Mas o maestro a cortou, irritado, com um gesto seco e firme.

– Eu é que a desconheço. Primeiro, como pode reagir com todo este cinismo, depois do que tratou com a Varínia ontem, ao que eu ouvi sem que ela o soubesse? Bem como também não posso atinar com o que pode ter lhe passado pela cabeça ao entender que poderia promover, impune, o alarido que fez no ambiente do meu trabalho sobre particularidades da minha privacidade, que mantenho sempre à parte da minha vida profissional, Amanda!

A palidez no rosto dela se acentuou e fez com que recuasse ainda mais, quase em choque, sem encontrar de pronto mais argumentos.

Mas, antes que o conseguisse, arrancando-se daquela paralisia súbita, o músico continuou o esclarecimento, que queria definitivo:

– Sinto muito, Amanda, mas isso foi imperdoável, uma invasão inadmissível da minha privacidade e um abuso da confiança que Varínia sempre depositou no seu papel de suposta amiga de muitos anos! – E, completou, irreduzível, exclamando: – A situação de convivência, a partir disso, e apesar do seu talento, tornou-se insustentável! Você está fora!

Aquela declaração proferida ali, sem sobreaviso, de rompante e, de resto, em meio à movimentação já intensa daquele começo de uma segunda-feira acalorada no centro da cidade encarregou-se de completar, nela, o seu estado de pasmo e estarrecimento.

– Mas quem traiu a sua privacidade, em primeiro lugar, foi a Varínia ao me contar sua história! – Ela rebateu, enfim às claras, quase fora de si. Mas, sem deixá-la concluir a invectiva que o indignou ainda mais, Bryan gesticulou, já rubro, cortando-a quando já ia abrindo a boca para falar mais.

– *My God, Amanda! Please!* Não continue! Varínia confiou na sua discrição, tendo em conta a amizade entre vocês! Como pode ser tão pífida?!

Entreolharam-se, estáticos, em meio à agitação barulhenta das proximidades do banco. E, ao findar de alguns segundos, a altiva solista

conseguiu somente retrucar, embora interiormente totalmente desestruturada.

– Quem se importa, maestro?! Acha mesmo que é apenas isso, me pôr para fora e fim? Afinal, tudo sempre se modifica, e o senhor mesmo não estará mais aqui, daqui a algum tempo! Não é mesmo?! – Disse impiedosamente, encharcada de desatino no amor-próprio duplamente ferido e sem medir, neste estado de desorientação extremo, o grau de insensibilidade flagrante no seu libelo final. – Por que será, então, que se comporta desse jeito, como um deus infalível e como censor das atitudes dos outros?

Deu-lhe as costas, saindo quase a correr. E deixou Bryan ali, tentando acalmar seus próprios pensamentos. Entrementes, ele não teria como adivinhar que os desdobramentos daquele confronto ainda lhe provocariam dilemas maiores.

CAPÍTULO 26

Dias difíceis



Entre, maestro Lowe! Seja bem-vindo! E sente-se para tratarmos de um assunto de certa urgência!

Bryan fora chamado ao escritório de Moisés Arruda um dia antes da reunião programada com a diretoria do projeto artístico do qual tomava o cargo de direção da orquestra, quase adivinhando que o que havia a ser tratado era de teor delicado e desagradável.

Cumprimentou o patrocinador, apertando-lhe a mão com cordialidade, como de praxe, e atendeu ao convite para acomodar-se, enquanto Moisés, um empresário médio que possuía como *hobby* financiar projetos culturais e artísticos reconhecidamente valorosos, providenciava que o auxiliar servisse uma bebida ao visitante.

– Acompanha-me, professor? – Ofereceu, empunhando o copo com uísque.

– Hoje não, Moisés. Prefiro água, obrigado! – E passou logo à introdução do diálogo, que era o que de fato lhe interessava mais de perto. – Sete da manhã! – Sorrindo com comedimento, ele comentou: – Fiz por onde ser pontual ao encontro; confesso que, em parte, por estar curioso!

Algo aparentemente o preocupa, como me foi dado a perceber na nossa conversa pelo telefone! O que é?

Moisés não era dado a subterfúgios, era objetivo e prático em assuntos de seu interesse. Assim, sentando-se diante de seu convidado, brandiu o copo, comentando:

– Realmente, meu caro, algo me preocupa. E pretendo expor sem meias palavras a questão, por sempre ter-me entendido com você da melhor forma!
– Olhou-o, de um modo um tanto analítico que, para início, incomodou-o em certa medida. Ele mudou a posição no assento onde se acomodava e continuou: – Quando se iniciou o Projeto Hator, felizmente bem-sucedido desde o seu princípio, sabia que assim seria principalmente por tê-lo escolhido acertadamente para a direção da orquestra, Bryan! É por essa razão que preciso ter esclarecida, o mais rápido possível, uma informação obscura, que me chegou ao conhecimento um tanto intempestivamente, no fim do dia de ontem!

– Por favor! – Bryan o instigou a falar logo, ao que Moisés de pronto atendeu, sem deixá-lo por mais tempo torturado pela curiosidade.

– Está havendo uma crise no seu ambiente de trabalho com os músicos, professor?

– Crise?! – O músico franziu o cenho, desagradavelmente surpreendido. Ainda não queria acreditar no que a sua intuição lhe segredava, contrariando-o grandemente. Não podia crer que Amanda tivesse mesmo ido assim tão longe nas suas atitudes descalibradas.

– Bryan, você é o diretor da orquestra, repito, e confio inteiramente no seu tirocínio ao se relacionar e conduzir, no âmbito profissional, os seus músicos! Mas soube, ontem, e da maneira mais desastrada, que você demitiu sumariamente a principal cantora solista do grupo, única e exclusivamente por desentendimentos de ordem pessoal!

O maestro chegou a sentir o estômago descair, num vácuo gélido. E passou uma das mãos pelo rosto, talvez na esperança de se forçar a acordar de um pesadelo malsão.

Suas piores perspectivas, quanto àquele contratempo sério, estavam se confirmando! E, era obrigado a admitir que, em parte, por ingerência sua no

momento de lidar com a situação diante daquela moça, ao que agora percebia, grandemente desequilibrada na sua feição emocional.

E, dada a extensão séria das implicações do caso – ele deduziu – todo o desenrolar das consequências malfadadas terminariam por atingi-lo em cheio, única e exclusivamente.

Antes de dizer qualquer coisa, contudo, teve o sangue-frio para induzir o empresário a detalhar mais a ocorrência.

– Mas... Moisés, perdoe-me! Não compreendo bem, ainda, a que está se referindo! O que aconteceu, afinal?

Moisés brandiu outra vez o copo, depois de beber mais alguns goles cujo ardor alcoólico lhe marejou ligeiramente os olhos claros.

– Ontem, ao final do dia, aquela moça... – a memória falhou um pouco – Amanda... Não é este o nome dela? Chegou aqui praticamente desatinada. Forçou a entrada com a minha secretária, e, como formalmente ela indagasse da hora marcada para a entrevista, tomou-se de horrenda reação! Invadiu esta sala, empurrando a porta então entreaberta! E, ante o meu mais absoluto pasmo, despejou sobre mim uma algaravia confusa, dizendo ter sido demitida por você de forma irregular e arbitrária e exigindo, a altos brados, seus direitos! – Moisés continuou, ainda confuso: – Estela veio atrás e ofereceu-se para tirá-la, compulsoriamente. Mas, entendendo ser ela, uma das musicistas, por reconhecê-la de algumas apresentações recentes, e notando-lhe o estado deplorável, dispensei a secretária. Pedi-lhe que nos deixasse a sós, oferecendo-lhe para beber algo que a acalmasse! Então, ela desabafou atropeladamente acontecimentos intrigantes a respeito de você tê-la demitido e a acusado de indiscrição por causa de um problema sério de saúde do qual, recentemente, ela, por acaso, tomou conhecimento! Francamente, Bryan... – arrematou Moisés, questionando-o com o olhar lúcido, na entonação normalmente tranquila com que discutia os mais intrincados problemas. – Até agora, sinto-me meio estatelado com o que ouvi e não consigo compreender bem! Então, quero saber *de você*: o que está acontecendo?

Nervoso, Bryan se levantou, andando pela sala, sob a atenção agora interrogativa do outro. Seu nervosismo derivava inteiramente não do que se

relacionava aos episódios de sua vida particular; mas do modo como foram parar, da maneira mais desastrosa, nos ouvidos do patrocinador do projeto ao qual se dedicava, como lhe era habitual, com tão absoluto e impecável profissionalismo.

– Moisés... – Ele começou, por fim, parando e o olhando: – Quero lhe pedir desculpas por este contratempo infeliz! Na verdade, parte da culpa disso é mesmo minha. Mas, talvez, não em relação ao significado desses fatos no que diz respeito a mim tenho de ser sincero. Antes, por ter conduzido de forma pouco sensata um episódio inopinado havido entre essa moça e a minha atual noiva, derivando, daí, o envolvimento da minha privacidade... Entende? – Finalizou, visivelmente perdido nas palavras, embora de dentro da serenidade que lhe era característica na solução de eventuais problemas.

Moisés também meneou a cabeça, instigando-o, sem entender tanto quanto queria.

– E isso era razão para demiti-la? Veja bem, Lowe! Como pensa resolver o impasse que essa demissão extemporânea criará? Não temos tanto tempo assim até a próxima audição para que você tenha certeza de que conseguirá outra cantora à altura e a tempo de ser devidamente ensaiada e entrosada com o grupo. E não me agrada perder uma boa musicista, assim como também me desagradaria não tê-lo mais à frente do projeto, deste modo súbito, pouco formal!

Isso lhe soou quase como uma advertência. Mas Bryan suspirou, alegando:

– Desculpe, Moisés, mas não houve alternativa! Ela cometeu uma indiscrição grave, expondo minha privacidade diante dos músicos, e isso afeta, até certo ponto, a qualidade do que vimos desenvolvendo!

– E que doença séria é esta a que ela se referiu? – Indagou o outro, sinceramente interessado. – Ela falava de um jeito tão atrapalhado e nervoso que não me permitiu entender muito bem; mas a revelação desse pormenor obscuro deixou-me, antes, preocupado com você, maestro Lowe! Está mesmo passando mal de saúde?

A isso, Bryan demorou a responder, acentuando no empresário a curiosidade. Mas este, sempre sensato, deixou que ele refletisse quanto

quisesse, até resolver falar de novo.

Depois de andar durante um intervalo pela sala e de parar um momento diante da vidraça espaçosa que dava vista magnífica para a orla da praia de Icaraí, o professor de música aparentemente decidiu-se. E retornou, sentando-se diante do patrocinador de seu projeto.

– Vou lhe contar, Moisés; mas preciso, antes, perguntar-lhe, embora já sabendo a provável resposta. Afinal, o conheço há quase dez anos! Tem condição de manter sob sigilo absoluto uma informação pessoal? E, principalmente, sente-se preparado para *entender*? Promete-me que isso não implicará prejuízos no trabalho que desenvolvo e no patrocínio?

– Minha nossa, maestro! – Moisés deixou escapar um riso preso, inseguro, e esqueceu o copo ainda cheio sobre a mesinha de mogno. – Está me assustando! Obviamente guardarei uma informação sigilosa, sob palavra de honra, e antecipo mesmo que, se ela diz respeito à sua privacidade, você, em absoluto, nem precisa me expor! Doutra feita, pergunto-lhe como uma coisa dessas poderia prejudicá-lo no desempenho do nosso projeto?

– Poderia me prejudicar, não pela situação em si, mas na dependência da sua reação. Trata-se de algo inusitado, que nem de longe lhe ocorreria... e que diz, mesmo, respeito não a uma doença, na acepção usual da palavra; mas a uma restrição séria de saúde, com a qual venho convivendo já há vários anos, embora isso não precise comprometer, em nenhuma hipótese, a qualidade do que já há tantos anos desempenho! – Ele enfatizou.

Uma sombra de preocupação franca perpassou o semblante do experiente empreendedor, pois, a despeito de tudo, estimava o maestro com sinceridade, por quem, com o passar do tempo, aprendera a cultivar o grau de amizade em alta conta, em razão da integridade natural evidente no caráter do músico, e do virtuosismo raro, característico da sua performance como regente de uma orquestra com mais de cem artistas.

Moisés notou, flagrante na palidez com que o rapaz o fitava, a preocupação quase mórbida com que tratava aquele caso, evidentemente trazido à baila pela cantora desatinada em circunstâncias que se desencadearam totalmente à sua revelia.

– Fale, professor Bryan! – Replicou, em entonação quase paterna. – E conte com a minha discrição! Doutra feita, também não pretendo prejudicá-lo, nem ao andamento do projeto; mas sim contornar e conciliar, no que nos for possível! A menos que me revelasse, de repente, ser um assassino! – Arrematou, com um sorriso, misto de triste ironia e sincera preocupação.

Bryan revestiu-se de coragem, uma última vez, pois compreendeu que teria mesmo de falar diante daquele impasse. Moisés não permitiria que o encontro se findasse, recebendo como explicação para as ocorrências obscuras que atingiram o seu conhecimento apenas o silêncio, ou algum subterfúgio mal engendrado.

Assim, declarou, afinal, consciencioso, apesar de visivelmente relutante:

– Eu sou portador do vírus HIV, Moisés! Sou soropositivo...

CAPÍTULO 27

Reveses



O entendimento entre Bryan e o empresário cultural desaguou, intencionalmente, para temas mais amenos após aquela revelação surpreendente que apanhou Moisés absolutamente despreparado para reagir de acordo.

Pela amizade e consideração sedimentadas com o passar dos anos por Bryan, ele fez por onde não se deter tanto em ponderações a respeito, desviando habilmente o foco de suas especulações para os aspectos profissionais relacionados ao assunto.

De fato, demonstrou certa preocupação, lamentando com sinceridade, quando o músico lhe relatou, em pinceladas rápidas, a mesma história de seu passado já contada para Varínia, assim agindo, inclusive, no interesse de que ele não tecesse considerações precipitadas sobre o histórico progresso de sua vida.

Mas Moisés se limitou a expressar certo grau honesto de cuidados sobre o seu estado de saúde, para depois reservar-se a reflexões mais detidas a respeito do caso noutra momento, quando sozinho e distante do músico, para não lhe melindrar o brio, nem incorrer em indelicadeza e indiscrição.

Abordou, portanto, o seu zelo para com a particularidade do impasse com a demissão de Amanda, e Bryan terminou se vendo compelido, à sua revelia, a concordar com a permanência da moça no grupo pelo menos até o próximo espetáculo, já que, mesmo por questões de lisura trabalhista, não seria correto afastá-la daquele modo precipitado antes que ela terminasse a temporada.

Depois disso, um tanto contrariado, e sem saber como contornaria o dilema de ter de deparar novamente com a cantora após os instantes difíceis vividos com ela anteriormente, o maestro forçou o assunto na direção de algo que lhe evocava maior bem-estar íntimo, qual as aulas e o treinamento promissor que vinha regularmente dando a Varínia. Expôs ao empresário os seus planos de integrá-la como violinista no grupo que regia tão logo ela se mostrasse preparada, talvez dali a um ano ou dois, ao que Moisés acedeu de boa vontade, e mostrando-se francamente interessado em ser apresentado à noiva do músico.

Ainda assim, permitiu-se um conselho que queria, para Lowe, mais como uma imposição, autorizada pelos muitos anos de amizade, dado o visível desgaste tanto de ordem física quanto emocional denotado pelo regente durante toda a duração daquela entrevista: intimou-o a um período de férias, após o desfecho daquele projeto, de forma a usufruir descanso e refazimento emocional. Ao que, de início, Bryan relutou até onde pôde, medindo o seu patrocinador com olhar percuciente.

– Não está me demitindo de maneira diplomática, não é Moisés? *Please!* Não precisamos disso no nosso entendimento!

– Bryan, você me conhece! – Retorquiou Moisés, antes que enfim o outro se levantasse, denunciando sua despedida. – Há quantos meses vem trabalhando sem parar nisso? Entre ensaios e apresentações, entremeadas de aulas a estudantes de música, já lá se vão quase dois anos, e não sei como ainda consegue achar tempo para o lazer e, finalmente, para ter encontrado uma cara-metade que o tirasse da sua vida de solteiro convicto! – E, batendo-lhe no ombro com cordialidade, ao passo que apertava-lhe a mão, disse: – Continue o seu trabalho, maestro, atendendo apenas àquela minha ressalva, quanto a manter Amanda pelo menos durante algum tempo! Isso

vai nos poupar de contratempos durante a reunião com a diretoria do projeto amanhã e manteremos em sigilo profissional tudo o que me relatou aqui hoje! E quanto à sua saúde, meu rapaz... não ousou opinar, nem emitir julgamento de valor, de vez que se trata de assunto seu, que não interessa a ninguém mais. Todavia, peço-lhe que continue se cuidando, como vem fazendo... em nome da nossa velha amizade!

O regente dirigiu-lhe um sorriso grato e, amistosamente, prometeu que consideraria as suas sugestões de descanso.

Saiu da entrevista delicada não necessariamente desafogado das preocupações de antes, mas remoendo os planos que havia algum tempo acalentava: viajar com Varínia e Tadeu para o seu país natal, a fim de apresentá-los à sua família, e, durante um intervalo maior pelo menos, relaxar um pouco e esquecer um lado de sua vida que, de tempos àquela parte, corria um tanto tumultuado.

Não imaginaria, de outra sorte, que, com o decorrer de alguns poucos dias, durante os quais contactou Varínia apenas pelo telefone devido à multiplicidade de suas ocupações, também ela enfrentava momentos delicados na convivência com a família.

A moça, a seu turno, sensível como poucos, fazia por onde ocultar dele os detalhes desses lances críticos, sabedora de sua rotina intensa de ocupações e compromissos.

Mas, na quarta-feira, dia em que ele mantivera a reunião de feição séria com Moisés Arruda, também ela deparou com desafios diante de uma visita repentina da mãe, tão logo retornou do trabalho e da escola onde buscara Tadeu.

Efetivamente, a chegada de Carmem, em horário no qual quase nunca se fazia presente em sua moradia, provocou-lhe a intuição avantajada, de saída, acentuado mau pressentimento.

Infelizmente, este se confirmou, quando, tão logo abriu a porta, metade feliz com o inusitado da visita, tomou-se de certa surpresa com um comentário, como sempre direto, da mãe.

– Varínia, sei que estranha a minha presença aqui, neste momento, pois reservo minhas visitas para os fins de semana, quando posso me demorar

mais e usufruir melhor meu neto!

– Sim, mãe – notou a moça, com a gentileza carinhosa de sempre no trato com os familiares. E acrescentou, com alguma estranheza: – Mas a senhora tem espaçado demais suas vindas! Tadeu tem sentido sua falta... – Ia dizendo, mas Carmem a interrompeu, com um gesto ameno, todavia, denotando logo nos modos algo da ansiedade que a empolgava, desde a sua decisão de se dirigir à casa da filha.

– Seu pai não sabe da minha presença aqui, agora... E não pense que é um acaso eu não ter vindo mais nas tardes de domingo!

Varínia emudeceu, na mesma hora. Com Tadeu ao colo, mediu a mãe, sentindo uma mistura incômoda de apreensão e angústia. Notando isso, a outra prosseguiu, de seu lado contemplando a filha sem poder esconder de todo a preocupação obsessiva que a dominava.

– Você parece, de fato, renovada e feliz atualmente, não, Varínia? Devido ao seu envolvimento com o seu professor de música! – E acrescentou uma nota dúbia, que confundiu a filha, ainda a examiná-la com preocupação: – Ele tem sido bom para o menino? Esse Bryan Lowe?

– Ele é adorável, mãe! – A musicista confirmou, emocionada. – Mas... por favor, explique-me o que a angustia desse jeito! É visível!

– Seus olhos brilham só de mencioná-lo. O que me antecipa o tanto que me será difícil tentar alertá-la para coisas que parece não enxergar, embora esteja, até este momento, ocultando de mim e de seu pai aspectos graves desse seu envolvimento! – Olhou o agora curioso Tadeu com ternura e, num meneio gentil, sugeriu: – Leve-o para se entreter com qualquer coisa para que possamos conversar!

A filha a atendeu de bom grado, carregando o filho para o seu quarto e entregando-lhe os brinquedos preferidos.

Carmem se acomodou nos estofados confortáveis da sala, e em poucos minutos Varínia voltou, sentando-se perto dela com expressão indefinível. Entreolharam-se, naquele minuto difícil. A moça não aguentou e questionou:

– Mãe! O que, afinal, o Maurício foi lhe falar que, está visto, perturbou-a tanto?

– Oh, sim, tivemos praticamente uma assembleia familiar à qual todos os seus irmãos foram convocados! E, à parte, Dalton, que como você mesma sabe sempre enxergou a vida com uma percepção romântica demais, todos fomos do mesmo consenso: que deveríamos, a todo custo, envidar argumentos que a demovessem da loucura que está cometendo! Ou, em último caso, intervir na sua tutela de mãe, para preservar Tadeu!

– O que é isso, mãe?! – Varínia tomou-se de um choque, chegando a levantar-se de um impulso.

Mas Carmem, sem irritação, e antes tomada de uma angústia quase dolorida, convidou-a a sentar-se outra vez, anotando:

– Varínia! Compreendo mesmo que ame esse homem! Mas será que você já mediu a extensão das consequências? Já considerou devidamente que a sua vida jamais será plena ao lado dele, e, de resto, ainda cheia de riscos diários... que podem, nada menos, *levá-la à morte?! – A mulher meneou gravemente a cabeça, sem disfarçar a contrariedade. – Não quero acreditar que, no caso de ter ponderado lucidamente todas as implicações, ainda assim insista em impor ao seu filho pequeno o risco de ficar órfão também de mãe!*

A isso, contudo, a moça voltou a levantar, nervosa. E, caminhando até uma cômoda próxima, para estranheza da outra, pôs-se a vasculhar uma gaveta cheia de papéis, contas e receitas.

Ao encontrar o que procurava, voltou, estendendo-lhe algumas folhas, onde imprimira, da internet, uma matéria médica.

– Pelo amor de Deus, mamãe! Maurício não é médico! Por que a senhora não procura se informar melhor sobre o assunto, sobre o que é ser portador do vírus, o seu tratamento e a diferença entre ele e o que adocece de forma mais grave, nesse contexto?

Incerta, Carmem segurou os papéis, percorrendo neles os olhos de maneira um tanto superficial, para logo depois colocá-los de lado, consumida intimamente pela ideia que mais a obcecava.

– Estas coisas todas devem ser corretas, Varínia, mas, infelizmente, não nos servem como entendimento, aqui e agora!

– Mas, como não, mãe? – Revoltou-se a violinista, sentando-se outra vez diante dela. – É preciso que entenda que o portador do vírus não desenvolveu a doença e toma apenas medicamentos de controle! Muitos levam a vida de forma saudável, sem nem mesmo saberem que têm o vírus!

– Mas contagiam os outros do mesmo jeito, Varínia! – Carmem inclinou-se, incisiva, falando à filha, quase súplice: – Será que não entende?! Você já pode estar infectada, neste mesmo minuto! – Gesticulou indignada.

– Já fiz o teste! Não estou! – Devolveu Varínia. – E o vírus não é transmitido por contato, pelo ar ou por um beijo!

– Não está hoje, mas poderá estar amanhã ou depois! Os riscos não se esvaem com um teste, mas se repetem a cada dia, com a sua intimidade com este homem!

– Bryan é severamente metódico quanto a isso! – Defendeu ela. – Não preciso detalhar a nossa intimidade e me referir ao que seja! Oh, mãe, por Deus! – Exclamou. – Que volume enorme de aborrecimentos por causa dos destemperos do Maurício!

– Destemperos?! – Retorquiu a mãe. – Maurício a ama, minha filha! Eis tudo! Assim como eu, seu pai, e todos os seus irmãos! Trata-se, nada menos, de um caso de vida ou morte, o que tratamos aqui! Você não poderia fazer prevalecer a sua fragilidade emocional de viuvez recente para se entregar assim, de corpo e alma, a uma relação como esta, quase suicida!

– *Chega, mamãe!* – Impacientou-se Varínia, com os belos olhos castanhos outra vez inundados de lágrimas que lhe escorriam, livres, pelo rosto agora descomposto pelo rude desgosto. Mas Carmem estava resolvida e não lhe deu trégua.

– Responda-me, Varínia! Algo do que lhe afirmo aqui é uma inverdade?! Ou você não corre riscos, de nenhuma espécie?! Que tipo de mãe é você? – Perguntou, e agora era ela quem se levantava, encarando a rubra Varínia diretamente nos olhos. – O que aconteceu com o seu bom-senso? Não sabe que espécie de sacrifício tive de mobilizar para deter seu pai e impedi-lo, não de falar com você, a quem ele já considera um caso perdido... mas com o maestro, que, ao que todos nós percebemos, é um homem sem um mínimo de sensibilidade!

– Bryan não é insensível! É um homem maravilhoso, que me ama com sinceridade! E eu também o amo! Sobretudo, é um ser humano, mamãe! Tem sentimentos, sim! E não merece ser discriminado dessa forma quase bárbara, por algo que nem sequer tem culpa! Será que já viveu tanto que se esqueceu de como é amar outra pessoa? Chega! Fale baixo! – A custo, ela interrompeu o ataque incontido e moderou o tom, ao se lembrar do menino brincando no quarto. – Tadeu é pequeno demais para ser envolvido nisso!

Carmem meneou a cabeça de propósito.

– Oh! Que boa coisa perceber que você ainda se lembra disso, pelo menos nalgum momento!

Não conseguiram se dizer mais nada. Magoada, a senhora, denotando no semblante um quase transtorno interior, lançou à filha um último olhar súplice e se dirigiu à porta, com lágrimas também lhe descendo pelo rosto marcado pelas vicissitudes do tempo. Saiu precipitada, sem conseguir se despedir do neto.

CAPÍTULO 28

Prova de amor



O encontro difícil com Carmem desmoronara com o sossego íntimo de Varínia.

Desde sempre, altamente susceptível às opiniões maternas, todavia, tormento maior era ver aquela mesma mãe e mentora acusá-la, por sua vez, de maternidade descuidosa do seu amado pequeno.

Aguentaria, de bom grado, todas as acusações impensadas do irmão, todas as pressões. Mas as críticas duras contra o seu desempenho materno a feriam fundo e, com o passar dos dias posteriores, aquela lesão séria à sua sensibilidade terminou por lhe minar, embora sem seriedade, a saúde física. Bryan foi encontrá-la, na sexta-feira seguinte, acamada e febril, por volta das sete horas da noite, ao chegar para passarem juntos o fim de semana, como de hábito, após a sua insistência, sem sucesso, no decorrer dos telefonemas da semana, em saber o que a estava deprimindo, estado que se fez notar por aquela forma evidente no seu tom de voz, ultimamente sempre feliz e carinhoso.

Entrando, bem-disposto e ansioso por vê-la, no entanto, ele se preocupou ao deparar com a moça de braços cruzados, encolhida, com os

olhos meio injetados e o rosto delicado um tanto rubro.

– *My dear!* – Ele exclamou, surpreso, abraçando-a. – O que você tem?!

Todavia, preocupada, ela se esquivou:

– Está louco? Largue-me, Bryan, você não pode adoecer! É só uma gripe!

– Sim, uma gripe, e desta vez quem vai cuidar de você sou eu! – Ele insistiu em abraçá-la, teimoso; e beijou-a, à sua revelia, demoradamente. – Não esperava encontrá-la desse jeito! Por que não me disse que estava assim?

– Para não preocupá-lo – foi a resposta, um tanto esquivada.

Mas Bryan logo percebeu que havia algo mais, de ordem emocional, por detrás daquela indisposição orgânica e comentou:

– Você não está bem mesmo, nem de corpo, nem de espírito, *darling...* Vai ter de me contar a razão, mas não agora! – Querendo animá-la, brincou um pouco e a pegou no colo. – Vamos para a cama! Onde está o Tadeu?

– Imagine! Cama! – Ela protestou; afinal sorriu um pouco, empurrando-o de leve: – Largue-me, por favor! Estava providenciando o jantar!

– Eu termino de fazer!

Prometeu e fez. Deu arremate ao preparo do jantar e obrigou-a a comer, pelo menos o suficiente, apesar do seu pouco apetite.

Depois, brincou um pouco com Tadeu e, não obstante a teimosia de Varínia, a manteve na cama. Passou a administrar-lhe as doses de remédios e o antitérmico. Preparou-lhe sucos e a obrigou a recolher-se mais cedo, alegando a sua necessidade de descanso, para que se recuperasse mais rápido. Tudo usando de uma autoridade carinhosa, mas firme, uma vez que já conhecia de Varínia a sua autossuficiência inflexível e predisposição às polêmicas.

Na manhã seguinte, ao acordar, o músico reparou, com satisfação, que a moça já apresentava melhoras. O rosto já retomava um aspecto saudável, e a febre cedera, bem como o esmorecimento orgânico do qual dera mostras na noite anterior.

– Nada de aula de violino hoje. Você deve se preservar... – comentou, ao se acomodarem à mesa para o desjejum.

Mas Varínia mal ouviu, observando, dispersiva, a brincadeira de Tadeu com alguns bichos de pelúcia ali por perto.

A isso, Bryan, enfim, comentou:

– Meu amor, tome seu café. Vou querer saber o que está acontecendo para que o seu ânimo, sempre tão vivaz, tenha se apagado deste jeito, e não é de hoje que eu reparo! Está visto que há algo errado. De uns dias para cá, você não é mais a mesma! – Tomou-lhe das mãos, atraindo-lhe a atenção e, olhando-a, afetuoso, completou: – E logo agora, que tenho tantos planos felizes para combinar com você para o fim do ano!

– Mesmo? – Varínia esquivou-se, bebendo um pouco de suco. – E quais são eles?

– Algo que já havia mencionado para você mais de uma vez. Pretendo levá-la a Gales, na época do Natal! Precisamos providenciar o seu passaporte, que costuma demorar a sair, mas como tenho alguns conhecimentos, isso pode nos ajudar; penso que talvez dê tempo...

A moça fez que sim, simplesmente. E aquela resposta inócua a algo que anteriormente lhe despertara tanto entusiasmo só fez confirmar as suas suposições da presença de alguma nuvem ensombrando-lhe o dia a dia.

– Vamos lá... – Bryan suspirou. – Pode me contar agora? Devemos jogar fora o que entulha a nossa mente para ocupá-la com coisas mais agradáveis!

A violinista replicou, com os pensamentos aparentemente desviados noutro sentido.

– Bryan, você tem alguma religião?

A pergunta o embatucou um pouco e ele deu de ombros, sem entender bem.

– Bem... eu sou cristão – sorriu – mais por tradição familiar, confesso. Durante a maior parte do meu tempo, não me volto para esses assuntos.

– Eu sou cristã, espírita – ela denotava estar mergulhada em reflexões enquanto falava, olhando, distraída, para as mãos de ambos, entrelaçadas sobre a mesa. – Creio firmemente que para tudo nesta vida há uma causa! Não existe acaso, no meu modo de ver, mesmo para o quê de momento aparente ser a coisa mais banal ou sem sentido!

Ele tentou alcançar-lhe a linha de raciocínio e examinava seus modos e o que ela queria dizer com aquela conversa. Desistiu.

– Sim, entendo. Mas o que tem isso a ver com o que conversávamos antes?

– Tinha vontade de entender a razão do que está acontecendo conosco!

A explicação, em lugar de esclarecer, confundiu-o mais.

– Como assim, *my dear*?

Varínia, afinal, fitou-o com maior atenção, arrancando-se de seus pensamentos, para esclarecer melhor o significado de suas alusões.

– Quarta-feira mamãe esteve aqui, de supetão, Bryan! E confesso a você que jamais tivemos anteriormente um entendimento tão ingrato quanto o que aconteceu!

Na mesma hora, o maestro entendeu a extensão do problema e asserenou o seu ânimo.

– Já sei. Seu irmão, afinal, fez o que prometeu e tirou o sossego dos seus pais, relatando o nosso caso segundo o próprio entendimento. – Ele meneou a cabeça diante da confirmação muda de Varínia, e acrescentou, não exatamente surpreendido: – Mas, *darling*... Eu já esperava isso, para mais dia, menos dia.

– Eu também. Mas não a reação de mamãe! Ela está absolutamente inflexível, inconformada, meu amor... Eu diria que está tomada de transtorno! Chegou a contar que até consideraram interditar a guarda do meu filho!

Os olhos voltaram a se encher de lágrimas; mas agora era Bryan quem se via progressivamente tomado de autêntico estupor.

– *What?!... Dear me!*¹ Não posso acreditar que tenha ouvido uma coisa dessas! Agora entendo o seu estado de espírito tão abatido!

Varínia prosseguiu na sua linha de raciocínio, embora sem a mesma exaltação dos dias anteriores, agora que enfim a presença do músico lhe pacificava extraordinariamente a alma.

– Estou perdida, sentindo-me confusa! Não sou má para o meu filho, Bryan, e não aceito que, por estar com você, passe a ser! É por essa razão que queria lhe pedir um favor. Eu não acredito, não é possível, que toda esta ordem de acontecimentos esteja se dando para nós sem uma origem, lá para trás...

– Mas, que origem? Refere-se ao começo do nosso envolvimento? Está arrependida? – Ele considerou a possibilidade, embora notadamente entristecido em seu tom de voz, e isso tirou a moça mais um pouco do seu estado de letargia.

– Oh, não, meu amor! De jeito nenhum, não me refiro a isso! Digo do que está acontecendo a nós, conjuntamente, e isso diz respeito, até mesmo, à minha viuvez precoce, na época anterior à que me conheceu, meses atrás, e nos ligamos! Para mim, não é por acaso que nos encontramos nesta fase da vida, em que ambos enfrentávamos desafios ríspidos desfechados pela existência!

Entreolharam-se um pouco. E o músico julgou entender mais.

– Ah... Refere-se, talvez, a algo acontecido em vidas anteriores? Não é nisso que vocês creem? – Varínia concordou. E ele, embora respeitando essa visão, teve outras dúvidas: – Mas, que favor posso fazer por você neste sentido, Varínia?

– Queria que fosse comigo à Casa Espírita que frequento. O sr. Valério, um dos trabalhadores de lá, certa vez mencionou, por alto, que havia razões justas para o que nós dois vimos vivendo, assim, com estas características pouco comuns!

– E que razões são estas?

– Quem nos diria seriam os nossos amigos, mentores da vida invisível!

– Espíritos? – Perguntou Bryan, sentindo-se sinceramente confundido pelo diálogo, e indisfarçavelmente incomodado pelas implicações do que poderia significar.

– Sim.

– E acredita mesmo nisso? Não acha que deveríamos nos ater a causas e soluções mais práticas, mais viáveis e acessíveis a partir daqui, deste mesmo lugar onde nos achamos agora, *sweetheart*²?

Varínia meneou a cabeça com certo desânimo ao perceber que havia grande distanciamento de compreensão entre si mesma e o companheiro em relação a esta percepção de vida, em particular.

– Não se trata de crer ou não, meu amor. Já vi e vivi coisas suficientes que me comprovaram ser assim! Não se trata de mera teoria. Tenho alguma

mediunidade, sabe?

Mas aquela linguagem era ainda e sempre uma incógnita para o espírito prosaico de um galês.

Mesmo assim, não viu impedimentos em atender-lhe um pedido aparentemente tão inofensivo. Quando não – considerou – teria, nela, um bom efeito psicológico.

– Combinaremos, então, quando achar que for o melhor momento – reconfortou-a – Mas agora, vamos nos ater ao que a está incomodando tanto, com considerações de ordem mais imediata. Escute! – E ele buscou-lhe de novo o olhar dispersivo pelos arredores, onde o menino prosseguia a correr com as suas brincadeiras: – Não posso crer que, na emoção do momento, as coisas ditas pela sua mãe possam ser entendidas como algum tipo de ameaça real! Certamente, vocês duas estavam nervosas! Mas deixe que lhe diga uma coisa, que é uma necessidade minha, inadiável para o momento!

– Fale! – ela pediu, notando, pela expressão do olhar do músico, a intensidade da sinceridade de suas declarações.

– Durante todos esses anos nos quais tive de conviver com este problema constante, *my dear*, não conheci ninguém, nem me envolvi com sequer uma mulher que me tenha oferecido tamanha prova de amor! Não sei se repara que está colocando em xeque a qualidade de convivência com toda a sua família, Varínia, e inclusive com amizades antigas – mencionou, lembrando-se de Amanda –, não apenas para defender a mim de preconceitos aos quais já havia me habituado a confrontar, como pude presenciar na visita do seu irmão; mas também ao nosso sentimento mútuo! Você teria todas as razões para me repelir, em nome do bem-estar, seu e de seu filho, e, ainda assim, eu não teria o direito de reclamar, nem de lhe cobrar nada! No entanto, você continua ao meu lado, tendo de enfrentar constantemente lances desagradáveis, como o que está me relatando agora! E é por essa razão que eu a amo tanto, *dear*... – reafirmou, emocionado, beijando-lhe, carinhoso e grato, uma das mãos, que ainda segurava. – E é por tudo isso que você terá sempre, a qualquer tempo, toda a liberdade para não suportar e desistir! *Please, my dear!* – Frisou. – *Não quero*, e talvez não venha a permitir, que você

se sacrifique por mim, a um ponto que lhe seja intolerável! E isso nunca alterará em nada o meu amor por você!

Ela já chorava de novo, fragilizada, e ele interrompeu sua declaração apaixonada para reconfortá-la. Levantou-se e, aproximando-se, abraçou-a, com ternura, repetindo:

– Ninguém tirará o seu filho de você por minha causa, meu amor! Ouvia? Prometo-lhe! Acredite!

CAPÍTULO 29
A visita de Otávio



Bryan fez um movimento largo e imponente, dando início ao ensaio sinfônico daquela tarde de sábado.

De seu lugar no estúdio, como sempre, Varínia assistia, com enlevo, ao desempenho impecável do regente, que, a despeito do tempo relativamente pequeno para a profissão, já patenteava currículo e performances de veterano.

A ocasião, contudo, apresentava-se de feição diferente de todas as outras a que a estudante de violino já comparecera. Havia uma atmosfera adversa. Porque, apesar de o ambiente de convivência entre o maestro e os músicos ter, àquela altura, retomado a austeridade habitual, preservada de novos episódios de fuxicos e comentários tecidos em surdina, graças à natural altivez com que ele sempre conduzia a direção dos trabalhos, havia, ainda, o pormenor delicado da presença destoante de Amanda no grupo.

Afastada, ela apenas aguardava a sua vez de participar. Mas dera entrada no recinto do estúdio aparentando estapafúrdia altivez, na qual se percebia uma ironia clara, trocando com Bryan seco e breve cumprimento, e tomando logo o seu lugar dentre os músicos, embora se conservando estranhamente

retraída. Fora Moisés que lhe dera a notícia da sua permanência provisória, pelo menos até que se encerrasse a temporada do projeto, embora lhe recomendando severa austeridade aos modos para que não gerasse mais contratempos inadmissíveis num trabalho daquela seriedade e jaez.

“Que situação insustentável!”, pensou Varínia, assistindo à cena de onde estava. “Até a mim ela se dirigiu com essa altivez estúpida, como se fosse eu a autora dos problemas gerados pelo seu destemperado! *Amiga...*”, retorquiu ainda, de si para si, com desprezo.

Bryan, de seu lado, deu cabo daquela tarefa lamentavelmente desagradável, de vez que não atribuiu àquele último ensaio anterior à apresentação em São Paulo uma qualidade condigna, devido ao clima tenso havido com a cantora.

Deu-se, portanto, por satisfeito com a conclusão do horário. Trocou algumas últimas impressões e orientações com gerentes de estúdio e diretores musicais presentes, bem como com os músicos mais abalizados dentre todos; dentre eles, Hortênsia, que não conseguia disfarçar o seu constrangimento, por ter de alguma forma colaborado para todo o mal-estar havido em relação à Amanda e ao maestro a um só tempo.

Enfim, sentindo-se liberado, depois de mais de duas horas de ensaios, dirigiu-se até Varínia e suspirou aliviado.

Ela se levantou e, como de costume, abraçou-o e beijou, carinhosa, cumprimentando-o pela beleza da apresentação.

Tinham um compromisso combinado ainda para aquela tarde, e Bryan não havia esquecido.

De forma inexplicável, sentia-se mesmo reconfortado pela perspectiva do que realizariam pouco depois, visitando a Casa Espírita, o que, à primeira vista, lhe comparecia antes como a necessidade de ser solidário com um desejo pessoal de Varínia, única e exclusivamente.

Poucas horas depois, contudo, descobriria que a questão não era assim, tão simples.



Valério foi até a entrada da Casa da Paz para receber sua pupila acompanhada do agora deslocado Bryan Lowe.

Por maior boa vontade que ele tivesse, não podia esconder que aquele tipo de ambiente não lhe correspondia, num primeiro momento, à índole de estrangeiro, cujas lembranças mais remotas guardavam imagens da religião dominante em seu país, nas ramificações protestantes do cristianismo.

Ademais, homem ligado à música de maneira visceral, durante toda a fase madura de sua existência deixara cada vez mais para trás as especulações, a seu ver, destituídas de utilidade prática, acerca dos postulados teológicos e suas aplicações, para ater-se, na prática do seu cotidiano, quando muito à reverência interior honesta para com Aquele que cria como Fonte indiscutível de tudo, bem como ao seu Filho, enviado ao mundo em sacrifício para resgatar os pecados de todos.

Malgrado essa particularidade, que Valério, de cima da experiência da idade muito mais avançada, percebeu de pronto, o mentor sábio soube receber com eficiência na Casa Espírita aquele *“irmão provindo de terras distantes, para estabelecer com os brasileiros laços sagrados de afeição”*, como logo de início expôs ao recém-vindo, a título de saudação cordial.

Bem impressionado pelos modos acolhedores do ancião encanecido, mais alentado, Bryan se deixou conduzir para o interior, na companhia da moça, que também trocou com Valério os mesmos cumprimentos cordiais do hábito.

Ela mostrava-se visivelmente feliz por ter enfim levado Bryan consigo. Sentia que a promessa feita semanas antes por Valério se cumpriria naquela tarde, e que lhes estavam reservadas, da parte da espiritualidade, revelações importantes e de grande valia na solução dos dilemas difíceis que vinham enfrentando nos últimos meses.

Recolheram-se, assim, na mesma salinha silenciosa destinada a trabalhos especiais de ordem espiritual, onde outrora o mentor da Casa Espírita

entrevistara a violinista num de seus momentos de maior aflição.

Sentaram-se, e Valério passou à breve preleção.

– Não questionarei o irmão a respeito de suas convicções religiosas, porque, aqui, entendemos que o íntimo de cada um faz o verdadeiro homem, para o melhor e para o pior – explicou, paternalmente, esboçando um gesto amigável. – Nossa Varínia aqui esteve, tempos atrás, e nos confiou a aconselhamento o dilema que está vivendo no âmbito da sua privacidade, do qual, é evidente, não nos cabe julgamento de valor, senão respeito e disposição de auxílio, quando assim nos é requisitado, sem lhes violentar o livre-arbítrio, como é de nosso princípio, pois entendemos que isso é uma ferramenta humana, o mais poderoso motor de evolução e aperfeiçoamento disponível, a qualquer tempo, à raça humana em trajetória breve sobre a face do mundo!

E como o casal apenas escutasse, atento, sentados um ao lado do outro de mãos dadas, com Bryan evidenciando o agrado que lhe proporcionou ao espírito sempre realista as diretrizes ideológicas que o mentor sintetizava, este continuou:

– Hoje, com a permissão de Jesus, teremos a visita de amigos nossos, habitantes de dimensões outras da vida, para atendê-los com oportuno socorro de ordem espiritual, uma vez que a irmã, de há muito, o tem requisitado nas suas preces em horas de maior aflição íntima!

Varínia se mostrou de imediato emocionada com a notícia, indagando, enquanto o atento Bryan apenas se limitava a assistir a tudo, em silêncio, embora respeitoso:

– Oh, Valério! Como lhe sou grata! Quem será que vai se apresentar para nos dar um lenitivo e talvez algum esclarecimento, que nos elucide melhor as causas dos acontecimentos desafiadores que vimos atravessando?

Valério olhou-a de início, aparentando apenas concentrar-se, de algum modo, nalguma nuance da atmosfera circundante. Fechou os olhos brevemente, em meditação.

Bryan notou Varínia, de seu lado, durante um momento acompanhando o estado meditativo do mentor encanecido, como se em prece. E, depois

dessa pausa rápida, o senhor bondoso abriu os olhos percucientes, exibindo para a moça um sorriso leve, mas cheio de significação.

– Otávio está aqui para visitá-los e, na medida do possível, esclarecê-los!

A isso, involuntariamente Varínia apertou a mão de Bryan, quase que de forma convulsiva. Um frio atingiu-lhe o estômago, e instintivamente, com os olhos marejados de lágrimas, esquadrinhou, mais com o íntimo, o ambiente silencioso em torno. Bryan a imitou, surpreso, mais por reflexo.

Sem margem a enganos, ela de fato sentia, de algum modo, a presença do finado marido.

– Oh, meu Deus... – sussurrou, comovida. – Justo Otávio? Que terá ele a dizer-me? Justo quando venho acompanhada de Bryan, sr. Valério?

– O certo é que nada se dá por acaso, minha irmã! Mas não desperdicemos o tempo precioso com especulações que em nada vão nos esclarecer, vamos dar voz a quem nos atende de tanta boa vontade as necessidades espirituais!

Silenciaram, como que obedecendo a comando invisível, e, na sala acolhedora e banhada por suave luminosidade, apenas repousante música clássica soava, em volume baixo, pairando em todo o recinto, à guisa de melhoria espontânea da qualidade vibratória do lugar.

Daí a instantes, Valério voltou a falar. Mas com a tonalidade e timbre de voz completamente modificados. Aparentava, estranhamente, menos idade naquele momento respeitável, e aquilo emudeceu a trãnsida Varínia de emoção.

– Como está indo você, querida *Vaska*? – Indagou o visitante, por meio de Valério, com cativante sorriso.

Mas bastou este único cumprimento para a moça quase desfalecer de profunda emoção!

Apenas ela conhecia aquele modo particular que o finado marido usava para tratá-la, na intimidade carinhosa de ambos – misturando, de um jeito pitoresco, o seu nome, Varínia, com o time de futebol para o qual, por hábito familiar, torciam: o Vasco.

Sem nada entender, assustado, Bryan inclinou-se para ela, ao vê-la afundar em soluços incontidos.

– Varínia! – Cochichou – *God!* O que você tem, *my dear?*

– Não se preocupe, meu amigo de outras épocas! É somente emoção ao escutar o antigo companheiro... – o espírito comentou, em auxílio atencioso, por intermédio de Valério, e atraindo, com isso, a atenção imediata do maestro.

– O que ele quer dizer com isso? – Indagou, murmurando a Varínia, que ainda abraçava, zeloso de seu estado.

Mas a moça, com lágrimas de alegria escorrendo de seus olhos, respondeu-lhe, baixinho:

– Pergunte direto a ele!

– A quem? – Confundiu-se Lowe, olhando-a, um tanto nervoso.

– Olhe para o sr. Valério e pergunte o que me disse, meu amor! Otávio é quem está falando! Ele vai nos esclarecer!

Mas a pergunta já estava feita, e o visitante logo respondeu a ambos, jovialmente:

– Varínia, minha querida companheira! Não quero mais vê-la me pedindo desculpas pelo que quer que seja. Tudo o que nos acontece, enquanto estamos aí, esteja certa, obedece a uma programação útil! Fomos felizes nos breves anos de união, como poucos o são, por vezes, durante décadas de consórcio, e é a qualidade da convivência o que de fato importou para nós! E, meu amigo, maestro Lowe! Só tenho a lhe agradecer, porque, nesta etapa, está cumprindo fielmente o nosso compromisso, tendo reencontrado Varínia para que, juntos, deem continuidade a uma história antes quase interrompida, de forma tão intempestiva!

Bryan esquadrinhou por breve instante a fisionomia inspirada de Valério, àquela altura, e de modo inexplicável ao seu entendimento, praticamente transmudado em outra pessoa. E, compelido meio a meio pela dúvida e pelo temor místico, redarguiu:

– Desculpe, mas não compreendo bem! A que se refere?

A isso, porém, Otávio, por meio de Valério, sorriu, amistosamente, meneando a cabeça:

– Não é necessário que entenda tudo agora, meu amigo galês! O fato é que os ancestrais de seu país natal desta etapa lidavam habitualmente com

os espíritos tutelares das suas terras, nas épocas das divergências contra tribos milenares do passado, sendo conhecida e revitalizada, ainda hoje, a sabida espiritualidade do povo celta, de cujas convicções religiosas dos druidas de outrora você também compartilhou! Para o momento, contudo, basta-nos que lhe expliquemos que, numa etapa mais recente, em vida vivida nos séculos passados, fomos amigos muito próximos. Mas que, devido a uma dissensão, na época considerada grave para os pruridos de honra daquele período da Inglaterra pós-medieval, tentei tirar-lhe a vida, depois de descobrir, por minha vez, uma tentativa de envenenamento lento providenciada contra a minha existência, de sua autoria! O pivô desse confronto fora uma mulher... dividida entre os sentimentos devotados a dois homens ao mesmo tempo, por circunstâncias fortuitas, que a levaram a pensar estar já o marido morto, após período prolongado de combate marítimo! – E, ante a estupefação crescente de Bryan e do assombro com o qual Varínia o ouvia, quase em vertigem, ele arrematou: – Mas de nada ela detinha culpa, uma vez que o engano se deveu a contingências do destino! Nós, que levamos o caso para uma feição pessoal e destrutiva, é que colhemos, hoje, as consequências exatas para atitudes nossas, anteriores, que, como não poderia deixar de ser, acionaram mecanicamente a Lei de Ação e Reação vigente em todo o universo, para cada iniciativa individual, reservando-nos resultados iguais e inversamente proporcionais ao que empreendemos contra ou a favor do nosso próximo!

O músico emudeceu, sem poder emitir palavra e sem saber como reagir àquilo. Malgrado isso, era forçado a reconhecer que o seu íntimo experimentava singular sensação de familiaridade pelo que ouvia do espírito em manifestação por meio do médium eficiente...

CAPÍTULO 30

Conclusões inevitáveis



Varínia, contudo, mais desenvolta na ocorrência de sua familiaridade desde há muitos anos, a despeito da emoção, soube reagir com mais desembaraço na troca de pareceres com o visitante conhecido.

– Otávio! Oh, meu querido! Isso elucida tantas coisas! Até mesmo detalhes para os quais nunca me voltei devidamente, como a atração espontânea que sempre experimentei pelos países do Reino Unido, bem como a facilidade de aprender o idioma inglês! Você bem sabe!

Otávio meneou a cabeça, em assentimento, retribuindo mais explicações dirigidas ao casal.

– Sim, Varínia! E também não foi por acaso que Bryan se viu atraído para este país, há bastante tempo, justamente por conta de uma brasileira. Ele tinha de ter o contato difícil com o elo que o ajudaria a cumprir uma etapa crítica, pela moléstia contraída, para expiação de atos passados; e, assim, da mesma forma, sediar-se definitivamente nestas terras, para afinal encontrá-la e dar conclusão à afetividade de vocês e desfecho satisfatório aos

planos traçados desde muito antes, na fase anterior à nossa atual vinda à trajetória material deste século!

Emocionada, Varínia olhou o companheiro sentado ao seu lado, ainda preso de inércia e da mais absoluta falta de iniciativa.

– Oh, Otávio... Ele está, compreensivelmente, atordoado com o que ouvi! Bryan, atualmente, possui bagagem religiosa de ordem diametralmente oposta ao nosso entendimento da vida!

Com tranquilidade, o visitante concordou, compreensivo, falando ao maestro.

– Meu amigo, todas as diferenças havidas entre nós naquele tempo recuado, com a bênção de Deus, ficaram para trás, e a estima mútua felizmente prevalece! Mas tente entender, na medida de suas possibilidades do presente, o mecanismo do destino agindo na construção da nossa vida, cujo rumo nós mesmos traçamos e seguimos, colhendo sempre os resultados! A moléstia de que você é vítima possui características degenerativas, em longo prazo... da mesma ordem que outrora me ocorreu, com a morte lenta, por envenenamento e comprometimento gradual de todo o funcionamento correto do organismo! Não se trata, porém, de vingança, de punição divina e menos ainda de fatalidade! Pense que a mulher que lhe transmitiu o vírus fatal, de forma indiscutivelmente leviana, não agiu de modo muito diverso de como você mesmo o fez no passado, conscientemente instilando-me o veneno letal, em período no qual detinha os privilégios da profissão médica, devotada, antes, e por juramento solene, à preservação da vida humana, e não à sua extinção! – E enquanto gradualmente Bryan se transferia da estupefação inicial para o assombro, Otávio pausou a explicação lúcida, proferida com mais seriedade, embora na tonalidade afável inalterada do princípio da visita, para depois acrescentar: – Você está para cumprir a realização de um desejo muito válido: levar Varínia para visitar a sua terra natal na atual etapa terrena! Aproveite, meu amigo, para encontrar ocasião de levá-la também em visita a um lugar chamado Yorkshire. Talvez experimentem sensações úteis, já que boa parte do que refiro desse passado aconteceu, para nós todos, nesse hoje denominado condado...

– Você comentou estas coisas aqui? Da nossa viagem, e de todo o detalhamento de como me aconteceu o problema do contágio no passado? – Lowe, enfim, achou voz para indagar discretamente à Varínia, ainda trânsida de emoção e enlevo.

Ao que, para o seu maior susto, dada a sinceridade inegável da resposta, ela apenas o encarou, as lágrimas de comoção lhe descendo pelas faces empalidecidas.

– Não, Bryan. Juro a você que não! Eis, aí, toda a maravilha do que nos está acontecendo agora! – E tocando-o no braço carinhosamente, sorrindo-lhe, graciosa, disse: – Conseguir entender um pouco mais agora, *my dear*?

O espírito do ex-esposo de Varínia palestrou por poucos minutos mais, comentando algo dos destinos entrelaçados do trio ali presente, bem como das vivências divididas em comum e, sobretudo, do aprendizado de ordem sempre sublime a ser-lhes reservado, se bem conseguissem extrair as lições úteis das dificuldades que atravessavam na atualidade.

Com patente afetividade, endereçou palavras tocantes de saudades e amor ao filhinho pequeno. E instruiu Varínia, no sentido de se desfazer definitivamente de culpas, tanto no que se relacionava aos seus antigos escrúpulos no momento em que se envolveu com o músico, quanto também, e principalmente para o momento, no que dizia respeito às acusações recebidas da família, ainda sem compreender devidamente a situação do casal para se eximir de tecer julgamentos precipitados e deixar de adotar atitudes impulsivas.

Aconselhou-os, portanto, a conduzirem com tato os acontecimentos, sempre respeitando e buscando o entendimento das razões de cada um, embora reservando o direito inalienável de criar, juntos, os próprios caminhos para a felicidade.

Abençoou-os, por fim, com votos de amizade e amparo a partir das dimensões maravilhosas onde agora habitava.

Valério, afinal despertando, primeiro dirigiu emocionada prece a Jesus e aos mentores, pela oportunidade oferecida em favor do esclarecimento dos visitantes. Então, reabrindo os olhos, endereçou-lhes cativante sorriso e

questionou-os com o olhar, acerca de suas impressões pela inesquecível experiência.

No entanto, ambos se viam compreensivelmente, nos primeiros minutos, impressionados demais para tecerem qualquer comentário – Bryan, por de fato lhe faltar o entendimento básico do funcionamento da vida para além das paisagens da matéria, e Varínia, na razão inversa, com base na compreensão mais plena do que representava o sublime favor recebido do antigo companheiro de experiências, então habitante das estâncias invisíveis, a fim de beneficiá-la com uma luz maior acerca das causas dos seus sofrimentos atuais, aparentemente destituídos, numa primeira análise, de sentido e causalidade.

À despedida do casal, tendo se mantido até então silencioso, o professor de música afinal dirigiu ao mentor uma impressão pessoal, talvez com a intenção de denotar algum reconhecimento, pelo menos, pela acolhida fraterna.

– Senhor Valério... Agradeço-lhe, porque percebo que este episódio proporcionou à Varínia algum tipo de medicamento para o comprometimento emocional sério de que vinha padecendo havia vários dias. Todavia, devo ser honesto para lhe confessar francamente que nada entendo desses fenômenos; e, se me permite dizer, por questão de integridade íntima, também sinto dificuldades para admitir essas explicações não usuais dos fatos da vida, de um ponto de vista lógico!

Mas, a esta observação acima de tudo franca, Valério apenas bateu paternalmente no ombro do rapaz, asseverando, enquanto os encaminhava até a saída da Casa Espírita, àquela hora agitada por grande movimento de participantes da multiplicidade de sessões e atendimentos proporcionados aos visitantes de ambos os lados da vida:

– Maestro Lowe... o senhor realiza, nesta presente etapa de sua jornada existencial, uma obra de elevado valor, qual o de embevecer o espírito humano regendo as composições clássicas atemporais! Talvez o senhor não saiba, mas todos os trabalhos administrados aqui acontecem sob a influência salutar dessas obras, responsáveis pela facilitação da poderosa canalização das energias superiores de cura, dirigidas aos mais diversos males de corpo e

de alma que recebem tratamento, neste posto avançado de trabalho, de duas esferas existenciais coligadas em pura missão de amor! Nada acontece por acaso, meu amigo! Não ignore, portanto, que o seu presente momento de atuação é de grande valia e nobreza no universo das leis que regem os destinos, e isso envolve, no processo, o senhor e a nossa Varínia! Seu quadro de moléstia, dessa forma, e a despeito das aparências de fatalidade que a envolvem sob os pareceres da medicina tradicional, já se acha sob intenso processo de cura; mas entenda que me refiro à cura das causas, situadas lá atrás, em tempos em que, ignorando os mecanismos de causa e efeito, os mobilizaram, sem ter disso noção clara, o senhor e o nosso irmão, que hoje nos honrou com a sua visita confraterna, porque ambos eram inconscientes das consequências certas para cada ato nosso, por menor que seja, hoje, ou num amanhã mais distanciado! Assim... – finalizou, com grande inspiração: –, sua moléstia atual, não guarde dúvidas, é mera extensão de um passado que já ficou para trás! Trate, pois, de criar sua felicidade no presente, meu caro, renovando atitudes para melhor, na companhia desta que é a sua amada, desde tempos já perdidos nas extensões dos séculos findos! Dessa forma – arrematou, com simpatia, referindo-se também à ainda comovida Varínia, agora apenas chorando em silêncio: –, reverterão todo possível quadro adverso de acontecimentos e se encaminharão para um futuro de autêntica realização íntima! Vão com Deus, meus filhos!

CAPÍTULO 31
Entendimento de pai



Uma nova segunda-feira se iniciava, principiando outra semana cheia de trabalho e atividades.

Como sempre apressada na sua saída para o banco, tendo de levar Tadeu à escola, a violinista se deteve no seu vaivém por dentro da casa quando passou pelo toalete.

Parou, meio sorrindo com curiosidade, sem entender o que fazia Bryan diante do espelho, mexendo atentamente nalguma coisa dentro da boca.

– Ei! O que foi?

Ele de imediato se voltou. Só então Varínia viu que empunhava uma bisnaga de pomada.

– Tenho de curar uma bendita afta sanguinolenta, bem aqui... – e apontou, para que a moça visse. – Enquanto isso, não posso beijá-la! Estou usando uma pomada!

Entre surpresa e desconcertada, Varínia examinou a lesão incômoda no lábio inferior.

– Oh, isso incomoda! E leva dias para sarar! Você deve estar com alguma fragilidade no estômago! Talvez pelos remédios!

– Não! – ele respondeu, meio de chacota, tornando a olhar-se no espelho para passar a pomada. – Mordi-me sem querer quando a beijei outro dia! Ora, você se lembra... – recordou, malicioso.

Varínia deu uma risada, desta vez de fato irônica.

– Ah, bom... pelo menos, é bom entender, afinal, que não está me evitando! Desde anteontem que o noto sem querer muita proximidade! Já estava cismada!

– Cismada ficaria se de repente notasse este negócio em mim, comigo ainda a beijá-la na boca, normalmente! – Devolveu o músico, com o mesmo riso zombeteiro.

A isso, porém, a moça consultou o relógio, e viu que não poderia mais perder tempo naquela conversa. Intimamente feliz e reconfortada por observar sempre o companheiro zeloso da manutenção de sua saúde, pegou a mãozinha de Tadeu, que se lhe achegava, curioso, já de mochila nas costas e devidamente arrumado para a saída. E avisou:

– Bem, *my dear...* Mais tarde nos falamos! – Era visível para Bryan o quanto estava mais alentada depois da entrevista marcante acontecida na Casa da Paz. E, em notando isso, também ele se reconhecia mais fortalecido para, com ela, tocar os acontecimentos.

Varínia beijou-o no rosto. Dirigiu-lhe um lindo sorriso, acompanhado de um bom-dia. Tadeu também acenou, risonho e já habituado com a presença certa de Bryan depois de todos os fins de semana.

Logo saíram. O agora arejado maestro demorou-se ainda entretido com alguns preparativos, para também deixar a moradia e se encaminhar às aulas de música agendadas para o decorrer daquele dia.

Cerca de dez minutos depois da saída de Varínia, contudo, a campainha soou e, já arrumado, Lowe se adiantou para atender, intrigado, e supondo se tratar de algum trabalhador do prédio com recados ou encomendas.

Abriu, e examinou, interrogativamente, um homem já idoso parado na entrada, a encará-lo com ar percuciente.

Era Lobato. Mas Bryan não sabia, pois até então só o conhecia de fotos, a partir das quais, contudo, não reteve impressões suficientes para se recordar com exatidão agora.

No entanto, mais por intuição, Lobato soube quem era ele na mesma hora em que o viu. E tratou logo de se apresentar, sem rodeios.

– Senhor Bryan? Sou Dimitri Lobato, pai de Varínia!

O maestro se tomou de imediata quanto visível surpresa.

– De fato? – E prontamente gesticulou, com cordialidade, convidando-o a entrar, e preparando-se interiormente para um entendimento que adivinhou tão importante quanto definitivo.

Afinal, tratava-se, o homem encanecido e de aparência solene parado à sua frente, nada menos do que o representante de toda a família de sua noiva. E antecipava que daquele encontro talvez se definiria a postura de todos eles para com o impasse de convivência que já se prolongava havia vários meses.

Bryan compreendeu que Lobato viera ao seu encontro na ausência da filha de caso pensado. De modo algum se iludiria quanto àquilo. E também, que a conversa que se iniciaria naquele momento determinaria a qualidade de relacionamento que prevaleceria com a família, no decorrer de todo o tempo no futuro.

– Entre e sente-se, sr. Lobato! Fique à vontade! Varínia saiu há pouco, não tem ainda quinze minutos!

– Sim, eu sei! Eu a vi, de longe! – Devolveu o outro, sério, entrando e sentando-se num dos sofás, enquanto o maestro discretamente analisava-lhe os modos e fechava a porta.

Não conseguia, não obstante, identificar no visitante, de forma alguma, um possível inimigo.

De saída, o que se fazia flagrante no homem já meio encurvado pelas canseiras do tempo não ia além de um pai compreensivelmente preocupado com os rumos da vida da filha mais nova e de seu neto pequeno. Assim, manteve inalterada a cordialidade, e também a mente aberta.

Ofereceu-lhe algo para beber, e, em sendo recusado, ouviu do outro, que agora o encarava de maneira um tanto crítica:

– O senhor, ao que observo, já vive maritalmente com minha filha...

Aquela primeira pergunta, um tanto indiscreta, apanhou o músico até certo ponto desprevenido. Mas ele respondeu com sua forma usual, íntegra e

comprometida com a verdade:

– Bem... – sorriu de leve. – Mais ou menos, sr. Lobato! Tenho passado os fins de semana com a Varínia e o Tadeu! Considero a fase, antes, como de noivado!

Mas Lobato meneou a cabeça, um tanto rude:

– Na idade de vocês, e no mundo em que estão vivendo, essas coisas não existem mais, professor! – E como Bryan preferisse se manter silencioso àquela percepção brusca e particular das coisas, ele enveredou para o desenvolvimento do assunto que, naquele momento, ali, e finalmente diante do homem que considerava uma ameaça à felicidade futura da filha, entendeu mais difícil de abordar do que supunha nas suas reflexões anteriores. – Diga-me... Soube que vai levar Varínia e o meu neto para o seu país nos próximos meses! Não está pretendendo se transferir de país com ela, para subtrair-se, e à minha filha e ao meu neto, da nossa convivência, que entendo lhe seja bastante complicada e incômoda, não é, maestro? Porque não o permitirei! – sublinhou, enfático. – Ainda que se transfira com eles para a Antártida, nalgum momento, esteja certo, chegarei lá para ter com os que são meus!

Novamente Bryan se surpreendia, e desta vez do tanto que já iam adiantados a amargura e os temores daquele pai aflito.

Assim, sem perder sua tranquilidade – de vez que conscientemente sabia que nada devia! – Ele refutou a observação.

– Senhor Lobato, não sei de que fonte, exatamente, extraiu essas conclusões inexatas! O que temos combinado é que Varínia seja por mim levada com Tadeu a Gales, na época do Natal, para conhecer o meu país e a minha família! E para aqui retornaremos, na época oportuna, de vez que se trata, o Brasil, não apenas do país nato deles, mas também do de minha voluntária permanência, já de há muitos anos!

– Sei! Desde que contraiu o vírus da aids e para aqui se transferiu para talvez afogar o seu desgosto em paisagens e hábitos diferentes! Talvez tenha pensado que aqui, sr. Lowe, e pela infeliz fama que detêm muitas das brasileiras no exterior, devido a propagandas mal-afamadas e mentirosas, fosse encontrar uma totalidade de mulheres levianas e entregues,

prioritariamente, a atividades de turismo sexual! Penso, contudo, que, passados os anos, o senhor já dispôs de tempo suficiente para perceber que não se trata, o Brasil, de nenhuma tribo! E, de nenhum modo, a maior parte de nossas mulheres, de aventureiras! *E menos ainda a minha filha!* – Frisou, com dureza ríspida na entonação da voz.

Infelizmente, a frieza quando muito curiosa com que Bryan o ouvia, sentado à sua frente, só fazia irritá-lo ainda mais. Jamais consideraria, na sua visão preconcebida da pessoa do músico, que aquilo se fundamentava apenas em simpatia e compreensão antecipada das suas razões.

Bryan parou um pouco para passar as mãos pelo rosto, revestindo-se de paciência e inspiração.

– Senhor Lobato... Como posso conseguir que o senhor entenda que está equivocado em relação à minha percepção das coisas, bem como, e principalmente, quanto ao que considera que sinto pela Varínia?

Lobato ameaçou precipitar algum comentário ingrato a mais, mas Bryan se inclinou no assento, e, esboçando um gesto cordial, mas decidido, interpelou:

– Ouça, senhor! Vou lhe afirmar uma coisa definitiva, o que não é do meu costume, porque penso não dever satisfações gratuitas da minha privacidade para quem quer que seja! Mas o senhor é o pai dela! Então, é importante que entenda! – E como agora Lobato se interrompesse para escutá-lo, com certa relutância, ele continuou: – Eu jamais poderei retribuir à Varínia, de maneira adequada, tudo o que ela sente e faz por mim!

– É gratidão, então, o que sente... porque minha filha está arriscando a vida por causa desse sentimento doentio pelo senhor?

– Não, sr. Lobato! *Eu amo sua filha!* Ela é a mulher da minha vida! E, por esse motivo, vou me casar com ela, mas entenda, dou-lhe a minha palavra de honra que a preservarei, do mesmo modo como o senhor o faria!

Estabeleceu-se uma pausa tensa. Depois, Dimitri, inquieto, se pôs de pé, andando, grave e reflexivo, pelo ambiente da sala silenciosa, onde se viam alguns brinquedos de Tadeu espalhados aqui e ali.

Lobato pegou um deles, distraído; e, após alguns instantes, Bryan o ouviu dizer, murmurando mais para si mesmo, em tom de ironia:

– Os arrebatamentos da juventude... Rá!...

Mas, embora aquele comentário entreouvido não se lhe fosse dirigido diretamente, Lowe não gostou do que escutou, e respondeu, embora conservando a civilidade:

– Por favor, senhor, gostaria que não colocasse em dúvida a minha integridade! Se realmente a Varínia é uma mulher excepcional, como eu concordo, o senhor, por sua vez, talvez não disponha ainda de elementos suficientes para me conhecer melhor! Não vim do Reino Unido para cá para fazer turismo sexual, senhor! Sou um maestro, um homem dedicado à música, apesar dos meus possíveis destemperos de juventude! Mas, quem não os cometeu, nalgum momento?

– Escute-me, por sua vez... – Dimitri voltou-se, colocando-se novamente diante dele. E Bryan se pôs de pé para se nivelar ao seu olhar firme. – Não pense que, na minha idade, eu me veja senil ou destituído da capacidade de avaliar com acerto o íntimo de outro homem, e ainda de um bem mais jovem do que eu, como é o seu caso, senhor Lowe! Eu olho para o senhor e, de certa forma, vejo-me, em muitos aspectos da época em que tinha os meus quarenta e poucos anos! A paixão ainda indômita, mas oportunamente disciplinada, nos impulsos passionais e afetivos! Um grau de maturidade, em muitas das vezes, acertado e esclarecido... mas não em todos os momentos! Assim, entendo, e mais do que supõe, o que se passa com o senhor em relação à minha filha! Os seus sentimentos, possivelmente verdadeiros, embora em meio a um mundo de dilemas e hesitações! Todavia, mesmo sabedor dessas peculiaridades, sr. Bryan, o que eu conheço, acima de tudo, e de cima do meu amor pela minha filha, que *jamais* será sequer igualado pelo seu... – enfatizou – é que não me cabe o direito de interferir com despotismo no que Varínia decide a respeito do refazimento de sua vida familiar, e nas escolhas nesse sentido, por mais que com elas eu não concorde! – Sentou-se de novo. E, com ele, Bryan, agora apenas ouvindo, atento, mas defensivo. – Durante todas as últimas semanas minha família entrou em ebulição, em decorrência do seu aparecimento inesperado no percurso da nossa vida! Minha esposa, há dias, sofre de insônia! Maurício praticamente rompeu relações com a irmã, assim como Renan, e, confesso,

quase que eu mesmo! Apenas Dalton encarou esta história de cima da santa complacência que sempre emprega, mesmo diante dos desafios mais críticos! – Lobato agora espelhava certo cansaço e flagrante abatimento íntimo. – Mas não posso permitir que esta provação, até então inédita no meu ambiente familiar, estenda-se por mais tempo! Todos sofrem! Assim, ante o inevitável e desistindo da atitude exasperante e improdutiva de apenas culpá-lo exclusivamente e de lamentar pelo que entendemos como mostra de desvario da minha filha, sr. Lowe, decidi, sozinho, e ainda sem o conhecimento de ninguém, vir até aqui para fazer ao senhor um único pedido! Melhor dizendo, uma grave *exigência*!

– Terei prazer em poder atendê-lo, sr. Lobato! Não há dúvidas de que, mesmo nas condições adversas nas quais os conheci, tenho em grande consideração toda a família da minha noiva! – Notou Bryan, com seriedade.

E se surpreendeu com a impressão forte de que, naquele minuto, os olhos fatigados do pai de Varínia se marejavam, incontinentemente.

– Cuide da minha filha e do meu neto, sr. Lowe! Preserve-os! Eles já sofreram demais com a perda precoce de Otávio! E, na medida do seu possível, faça-os felizes! Lembre-se de que, *de fato*, o senhor tem uma grande dívida de gratidão pela generosidade do sentimento que Varínia lhe dedica, porque bem conhece que não é qualquer mulher séria que se arriscaria a tanto, obedecendo apenas a uma visão da vida que considero, sobretudo, ingênua, romântica, e temerária, a um grau inadmissível!

Entreolhavam-se. E agora o músico julgava poder perceber naquele homem idoso o quase desespero impotente com que lhe dirigia aquela relutante súplica.

Dirigiu-lhe, de seu lado, um leve sorriso. E lhe assegurou:

– Ninguém melhor do que eu mesmo guarda a noção da verdade do que diz agora. Esteja, portanto, tranquilo, sr. Lobato! Peço-lhe, por minha vez, um voto de confiança no sentimento que devoto à sua filha! E, prometo-lhe, sob palavra de honra, que farei de tudo para que ela e Tadeu sejam felizes na minha companhia!

CAPÍTULO 32

Viagem a Gales



Passaram-se dois meses, e enfim chegou a época de Natal.

Após o difícil encontro entre Bryan e Lobato, deu-se uma trégua no clima cheio de tensões entre Varínia e sua família.

Falavam-se espaçadamente, e Carmem prosseguiu nas visitas ocasionais de fim de semana à casa da filha. Todavia, em sempre encontrando Bryan presente, a situação exigia dela imenso esforço de adaptação íntima, para a qual ainda não se via devidamente preparada. Varínia notou, com tristeza, que a mãe passou a vir menos vezes do que de costume. Mas, pelo menos, não tratava o músico com hostilidade nas vezes em que o encontrava, em parte, por influência do marido, que, a despeito de tudo, resolveu relatar-lhe o encontro com Lowe, fez por onde realçar as qualidades inquestionáveis de civilidade observadas no maestro durante o diálogo entre ambos, na intenção de apaziguar o mais possível uma situação que já entendia irremediável, e da qual não tolerava mais os zelos, temores e exasperações.

Quando Bryan chegou, na noite de uma sexta-feira, para passar mais um fim de semana com a noiva e o menino, a quem já tinha em conta de

enteado, encontrou Varínia arrematando outro diálogo, que logo entendeu sensível, com a mãe ao telefone.

Como viajariam dali a dois dias, após beijá-la e cumprimentar amigavelmente o pequeno, ouviu Varínia indagando a Carmem se poderiam, ela, na sua companhia, e com Tadeu, passarem em sua casa para uma despedida rápida na tarde de domingo.

Ao que ele percebeu, pela fisionomia meio enfadada, meio resignada da moça, que ela ouviu um “sim”. Mas não dado exatamente de boa vontade.

– Oh, mamãe, por Deus! É a primeira vez que viajo para o exterior com Tadeu, e na companhia do homem que eu amo! Não pode ficar feliz comigo, nem mais um pouquinho? Quantos Natais ainda passaremos juntas?

Bryan meneou a cabeça sorrindo, e achou melhor encaminhar-se para um banho, antes de conversar com a moça. Estava visto que Carmem promovia com a filha uma calculada chantagem emocional.

– *My love...* – cochichou-lhe ao ouvido, indicando o corredor. – Vou tomar um banho, ok? Depois conversamos!

Varínia tapou o bocal do telefone com a mão e correspondeu-lhe ao beijo.

– Está bem, já arrumei a toalha para você! – Sussurrou-lhe, com um sorriso.

– Ah! Diga isto em inglês para mim! Lembre-se do que lhe ensinei! – Ele brincou, já que havia várias semanas vinha administrando aulas regulares da sua língua pátria à moça, como prometido.

– Ahn... – Pega de surpresa, ela atrapalhou-se entre ouvir a mãe do outro lado e obedecer-lhe. – Bryan!

– Fale! – o maestro insistiu, autoritário, fixando-lhe os olhos aquilinos e cercando-a com o corpo de encontro ao sofá, o que a fez gesticular, amolada, e atendê-lo de uma vez.

– Arre! *I put a towel in the bathroom for you!*³ Pronto, *teacher!* – ela exclamou, afinal, dando-lhe um tapa de brincadeira e empurrando-o, confundindo a mãe do outro lado da linha.

– Varínia! O que disse?

– Nada, mamãe... Mas, o que dizia mesmo?

Minutos mais tarde, a conversa já havia se encerrado, e o músico, com aspecto mais bem-disposto do que quando chegou, visivelmente exausto, enfim se dispôs a sentar-se na sala para conversar melhor.

– Está se lembrando dos meus três planos, não está? Tenho de repetir, porque você está me saindo uma aluna mais rebelde do que supunha! – Abraçou-a estreitamente, e o menino correu de onde estava para sentar-se no colo da mãe, enciumado.

– Já sei, Bryan! Já sei! – Ela riu e repetiu com ele: – Aprender inglês, para conversar com a sua família e os seus amigos em Gales; pensar seriamente em aprender canto, para no futuro integrar os cantores da sua orquestra; e começar a pensar em me apresentar com eles numa peça mais simples, entre os violinistas!

Varínia meneou a cabeça, olhando-o.

– Bryan! Amanda estava há pelo menos oito anos cantando com vocês! Não acha que é forte planejar tão já que eu integre os cantores?

– Por que, se você já cantou antes? Não foi você mesma que me contou?

– Anos e anos atrás, no coral da igreja e da universidade! Completamente destreinada, hoje é como se jamais houvesse cantado!

– Isso você vai deixar comigo! – Ele alegou. – Hortênsia é excelente professora de canto!

– Sim, professor implacável! – Ela não resistiu e deu uma risada, agoniando-se. – E você também vai me ensinar inglês em tempo recorde; e me fazer desmaiar, por me introduzir numa apresentação sinfônica antes que eu me sinta segura para tanto! – Varínia repreendeu-o suavemente com o olhar. – Bryan, está investindo demais em mim! Venho sendo um projeto à parte e prioritário para você, não venho? Tem certeza de que os seus patrocinadores concordarão com esta série de devaneios que você alimenta a meu respeito?

– Você não confia em mim?

– Claro que sim! – Devolveu ela, embora a fisionomia entregasse para ele a insegurança com que acompanhava o andamento daqueles preparativos.

– Então, meu amor, passemos agora ao que nos interessa mais de perto, porque estes planos serão realizados a contento, e segundo as minhas

previsões, em tempo certo! – Disse, puxando-a pela mão, na direção dos quartos. – Vamos acabar de arrumar nossas malas, *dear!* Esta viagem será marcante e inesquecível para nós, esteja certa!

A viagem em perspectiva representaria, efetivamente, a realização antecipada de uma lua de mel. Não teriam como imaginar, contudo, que o seu término inauguraria um período posterior no qual os aguardariam as suas mais rudes provações.



O Reino Unido estava mergulhado no inverno. Tomada de certo assombro ante a totalidade dos cenários que os cercavam, nos quais tudo lhe constituía novidade ao espírito extasiado, à sua chegada com Bryan e o filho em Heathrow, o aeroporto londrino, Varínia se via esgotada pelos efeitos da longa viagem, mas também verdadeiramente hipnotizada pela beleza particular de um país em tudo diverso dos climas e paisagens dos trópicos, aos quais se via intrinsecamente adaptada.

Atendendo ao pedido especial da violinista, decidiram-se por visitar primeiro, a passeio, Yorkshire, e determinados lugares da Inglaterra, acatando a sugestão cheia de significações incompreensíveis do amável Valério, o mentor da Casa da Paz. Depois embarcariam em voo direto para Gales, pousando no Cardiff International Airport, provavelmente, dali a dois ou três dias, à noite.

Sorrindo, à vontade, durante a chegada, depois de tantos anos, aos lugares que conhecia tão bem das lembranças mais recuadas de sua vida, Bryan achegou a si a encolhida Varínia, metida em agasalhos pesados que jamais usara anteriormente, com os quais fora presenteada por ele antes do embarque, porque o músico antecipou que aquela moça friorenta se ressentiria, particularmente, do clima de sua terra natal naquela época do ano, por vezes marcada por nevascas e temperaturas negativas.

– Ouça, amor! Viemos em período no qual as apresentações sinfônicas ganham relevância em todo o Reino Unido! Faço questão de comparecer especialmente a algumas das melhores com vocês! – E como ela o olhasse, mais alentada, de dentro do gorro e do casaco felpudo que só deixava entrever praticamente os seus olhos e o nariz rubro da friagem, ele expandiu o sorriso divertido e a beijou, dizendo-lhe, apaixonadamente: – Eu a amo!

De posse das bagagens, encaminharam-se o mais rápido possível para um táxi que os levasse ao hotel onde fizeram a reserva. Ambientaria Varínia e Tadeu da melhor forma e depois se dedicaria a levá-los a York e a lugares onde esperava satisfazê-la no seu anseio um tanto enigmático.

Bryan se achava numa disposição particularmente feliz, e aquilo, inegavelmente, a despeito do nervosismo natural inerente à situação inédita que vivia com o filho, enchia Varínia também de ânimo renovado e de otimismo para o futuro.

Sentiam, juntos, a vívida impressão de terem deixado para trás, nalgum ocaso de inexistência, e pelo simples fato de viajarem para aquele país fascinante, todos os problemas e inquietações que os molestaram durante as últimas semanas.

– Mamãe, por que faz tanto frio aqui? – Comentou Tadeu, em tom de reclamação, assim que desceram do táxi e deram entrada no hotel sóbrio e de aspecto bastante disparatado em relação aos estabelecimentos de hospedagem brasileiros.

Varínia só pôde, de início, tiritar, voltando-se para o filho e trazendo-o pela mão, rente a si. Mas foi Bryan que tentou satisfazer-lhe a curiosidade natural naquele contexto.

– O clima, aqui, é muito diferente do que existe no Brasil, filho! Além do mais, aqui é inverno, enquanto lá já se inicia o verão!

– Mas é um inverno gelado! Vou virar um sorvete! – Tornou a resmungar o pequeno, apesar do agasalho também grosso que ganhara de presente do músico, além de outras roupas para a viagem.

Varínia comentou, agora que afinal se fechavam, com um suspiro de alívio, dentro do quarto aquecido:

– Você foi tão gentil em nos presentear de surpresa com todo este enxoval de inverno, Bryan! – Ela disse achando graça. – Confesso que, realmente, não sabia como sobreviveríamos a este clima com os nossos melhores agasalhos de lá, por mais que fossem suficientes para as viagens de turismo que andamos fazendo para o sul do país!

Lowe se aproximou e, atraindo-a a si, abraçou-a com vontade. E sussurrou-lhe no ouvido, enquanto Tadeu corria e se jogava em cima de um dos leitos confortáveis do quarto.

– *Eu* serei o seu melhor agasalho! – Brincou, malicioso.

No entanto, e a despeito de ser inerente à sua natureza de patricio daqueles países britânicos adaptar-se com facilidade aos invernos intensos, Bryan sentiu a impressão inesperada de que mesmo ele, após tantos anos distanciado dos climas aos quais era afeiçoado no passado, ressentia-se um tanto, agora, dos extremos de frio com os quais depararam tão logo chegaram ao aeroporto londrino. Todavia, deixou de lado estas sensações, a seu ver destituídas de maior importância, para se concentrar na programação em perspectiva.

Não via a hora, forçoso confessar para si mesmo ao menos, de enfim aportar em Cardiff, rever a mãe e alguns irmãos e familiares; talvez apaziguar situações mal resolvidas do passado, e enfim apresentar-lhes a mulher com quem pretendia arrematar os seus dias na presente existência.

CAPÍTULO 33

Em Cardiff



A reação de Victoria Lowe foi a usual e esperada, típica do temperamento dos habitantes de um país onde o que prevalecia na índole do povo eram os requisitos de formalidade, mesmo nas relações supostamente mais íntimas, dado o grau próximo de parentesco, ao dar novamente com o filho mais novo diante de si, após todos aqueles anos de sofrimentos e de mal-entendidos sem solução satisfatória, e amenizados apenas por visitas raras do músico desde que se avistaram pela última vez na reunião tumultuada quando ele comunicou a sua decisão de acompanhar Bárbara ao Brasil.

Assim, a agora retraída Varínia, cujo nervosismo mal podia ser disfarçado na sua fisionomia empalidecida, durante a situação em tudo inédita para si mesma e para o seu filho, apenas observava, quando a viúva de aspecto altivo, embora um tanto desgastado pelas vicissitudes do tempo, encarou com certa solenidade o músico, à soleira da porta. E declarou, à guisa de saudação, naquela vez em que enfim o via e ouvia-lhe a voz mais demoradamente, sem ser por intermédio das longínquas ligações telefônicas:

– *I still do not forgive you for having left us. But I still love you.*⁴

A moça notou um contido, mas emocionado Bryan avançar, respeitoso, para abraçar a senhora, que agora denunciava os olhos azuis rasos de lágrimas. Ao fazer isso, ele percebia o que ela já havia notado: a presença de mais pessoas na casa, a secundar na recepção aquela mãe de uma numerosa família.

Sem esquecê-la, porém, atrás de si, Bryan recuou um passo, para tomá-la, decidido, pela mão, e puxá-la para o seu lado, apresentando-a, e a Tadeu, tão logo acenou para dois de seus irmãos, que também o aguardavam, alguns passos para dentro da sala arrumada com distinção para aquele momento de reencontro.

– Mãe. Mitchie, Patrícia... Esta é Varínia, a minha noiva, e o seu filho Tadeu, que eu trouxe para conhecê-los!

E, ante o sorriso polido com que eram saudados, a ainda empalidecida Varínia procurou cumprimentá-los de forma digna, e escusando-se pelo idioma talvez não muito claro na pronúncia, que ainda aprendia a falar.

Para seu alívio inicial, todavia, foi a mesma mãe de Bryan quem, em notando-lhe o quase doentio retraimento, avançou, tomando-a gentilmente pelo braço e conduzindo-a para dentro da casa.

– Prazer em conhecê-la. Não se importe com nada. Durante estes dias, terá oportunidade de aprender mais conosco! – sorriu-lhe, gentil, e saudando também, educada, o pequeno que assistia a tudo curioso e contido, conforme instruído pela mãe.⁵

Destarte, Varínia participava daquele acontecimento singular, agora cumprimentando os irmãos do maestro, que também a cercaram para as devidas palavras iniciais de boas-vindas, sentindo-se intimamente dividida entre as emoções fortes do momento e as lembranças de outras, que experimentara com Bryan durante a visita recente de ambos a Yorkshire.

De fato, a estada de alguns dias nos cenários frios e floridos da pitoresca cidade inglesa foi marcada por horas de enleio e prazer usuais para todo turista que visita os países do Reino Unido pela primeira vez, vindo de paisagens e climas tropicais diametralmente opostos às índoles e temperamentos vigentes naquela região setentrional do mundo. À exceção,

porém, de um momento insólito, acontecido no decorrer do passeio que Bryan fez questão de empreender à região montanhosa frígida, na qual se avistava, além das esplendorosas extensões verdes e floridas daquela época do ano já salpicada pelos primeiros cumes de neve, um majestoso castelo, atração turística obrigatória para todo estrangeiro, mas que também sobre ele, desde a época recuada de sua infância, exercia singular atração.

Tão logo, entusiasmado pela excursão, Bryan iniciou a incursão pela paisagem impressionante, reparando o efeito hipnótico que ela exercia no espírito claramente extasiado da companheira, subitamente, e sem razão plausível, ela foi acometida por uma síncope que a levou a desmaiar, deixando-o sem saber o que fazer diante dos gritos assustados do choroso Tadeu.

Debalde circunstâncias a passeio também acorreram para oferecer auxílio, porque, nos primeiros momentos, nada a trazia de volta.

Até que, apática de espírito, e sem se recordar de nada com exatidão, depois de pelo menos quinze minutos em que se revezaram cuidados no sentido de embeber-lhe conhaque em compressas no nariz e de tentar levá-la a ingerir goles de bebidas quentes, afinal ela foi despertando, devagar, e percorrendo o olhar alheio e embaciado pelos arredores, sem se deter em ninguém a princípio.

Indagada pelo ainda assustado Bryan sobre o que sentira, e o que julgava ter desencadeado aquilo, soube apenas comentar, passadas as horas, mas ainda com a mente vazia, que a única coisa de que se recordava era de ter sentido uma espécie de “empurrão”, e da sensação de algum tipo de “queda no vácuo”, sem mais nem menos, tão logo ganharam o domínio esplendoroso das montanhas majestosas. Mas, da razão daquilo, ela não detinha sequer ideia!

E, no decorrer do passeio, o maestro, após a recuperação plena do bem-estar dela, acabou atribuindo o fato inexplicável a algum provável revés de pressão da moça ante as altitudes às quais não estava acostumada.

Para Varínia, embora de maneira oclusiva, contudo, o episódio se manteve destituído de explicação satisfatória, embora guardasse uma única certeza: não se devera aquilo a algum revés de pressão! Detinha a inabalável

convicção de ter, de fato, levado uma espécie de empurrão inopinado às suas costas.

Arrastada entusiasmadamente pelo músico, contudo, para a continuidade do que em comum acordo ambos classificavam como uma antecipação da lua de mel, e sem querer estragar o clima perfeito de satisfação que usufruíam desde a partida do Brasil, a moça fez por onde empurrar para outra hora as cogitações a respeito daquele fato inexplicável.

Efetivamente, as expectativas do esperado encontro com os familiares dele, em Cardiff, deveriam assumir lugar de prioridade, também nas suas considerações.

Assim, e uma vez vencido o capítulo tenso da chegada de ambos à residência vistosa da família Lowe, situada em avenida bucólica e arborizada da bela capital de Gales, a estudante de violino passou mais a observar do que participar, a princípio, daquele tocante reencontro do seu professor de música com a família, detendo-se também em cuidar de Tadeu, enquanto refletia em quanto se esconde por detrás das cortinas da história de cada ser humano com quem somos levados a travar conhecimento no decorrer das nossas trajetórias de vida.

Uma vez acomodados confortavelmente num quarto de casal aprazível da moradia, enquanto desfaziam as bagagens, Bryan observava Varínia olhando com certa curiosidade pela janela de vidros com contornos caprichosos para o filho, lá embaixo, no jardim fronteiriço da casa em companhia de Patrícia, de vez que se achava o cômodo onde estavam no segundo andar da casa. Notava, interessada, o modo gentil com que a moça entretinha o menino com pássaros pousados sobre as plantas, quando Bryan afinal dirigiu-lhe a pergunta:

– Então, que achou deles, meu amor?

Ela se voltou, sorrindo-lhe, com expressão amorosa:

– Dignos de você, Bryan! Muito gentis! Mas não posso esconder que estou nervosa com esta coisa de falar um inglês que ainda eu mesma mal entendo!

O músico meneou a cabeça achando graça.

– Se eu aprendi português, você haverá de falar inglês. E mais rápido do que espera. Afinal, viveu aqui, nalguma época, comigo. Não foi? – Ele lembrou, aludindo de boa vontade às revelações da Casa da Paz, embora sem muita seriedade.

– Oh, Bryan, não brinque com isso... – ela replicou, graciosamente, enquanto o ajudava na retirada das roupas das malas.

Entreolharam-se, apaixonados e felizes. E se beijaram.

Bryan silenciou. E, observando-o, depois de alguns instantes, ela notou qualquer coisa diferente na sua fisionomia:

– O que há? Estava tão animado há pouco! Está tudo bem? É preocupação com o andar dos próximos acontecimentos em família? – Quis saber, achegando-se a ele e atraindo-lhe o olhar agora um tanto dispersivo, como se tomado involuntariamente de algum incômodo súbito.

– Não, *my dear!* Estou bem! Apenas uma dor de cabeça leve, mas agora é a minha vez de tomar um banho, e creio que bastará isso para acabar com este mal-estar! Ok? E não estou preocupado com nada! Você haverá de gostar do nosso Natal! Nós tocamos e cantamos!

Sorriu-lhe, e ela lhe retribuiu o olhar carinhoso.

Mas ficou claro que a resposta, apesar de à primeira vista arejada e otimista, não era de todo verdadeira.

CAPÍTULO 34

Sonata ao amor



Aquele Natal marcaria para sempre a vida de Varínia. Entre o entrosamento diário com os familiares de Bryan, com quem ela se surpreendia por vários aspectos interessantes de convivência, nas particularidades de educação próprias de outro povo e as atividades que a contataram com outros conhecimentos e amizades do músico, ela se surpreendeu, sobretudo, com o modo insuspeitado como todos do seu círculo mais próximo de parentesco e de conhecimentos reagiam, acerca do seu repertório delicado de saúde.

Sem exceção, nas poucas ocasiões em que os viu abordando o caso, fizeram-no dentro de uma lisura e sutileza de trato irrepreensíveis. Sempre resguardando, acima de tudo, os direitos à privacidade, sem críticas ou julgamentos de valor sobre o que quer que se relacionasse ao episódio.

Em nenhum momento houve questionamentos deselegantes. Nada, nenhuma alusão às particularidades das origens do problema e menos ainda sugestões inoportunas sobre como deveria ele se conduzir, a partir da situação.

Ao contrário, agradavelmente surpreendida, ao mesmo tempo em que intimamente magoada pelo disparate de percepção do caso, existente entre eles e a sua própria família, no Brasil, foi com autêntico assombro que, durante um diálogo amigável mantido entre ela e Victória, e a filha, Patrícia, na manhã anterior aos preparativos do Natal, ouviu dela o agradecimento pela forma como lidava com o quadro peculiar existente no repertório de vida do filho.

Ainda rateando um tanto no inglês, ela respondeu, grandemente desconcertada, enquanto as auxiliava com alguns arranjos de flores com os quais ambas as mulheres enfeitavam a casa, com a ajuda de uma caseira idosa.

– Como pode me agradecer por algo que acontece, antes de tudo, pelo sentimento verdadeiro que dedico ao seu filho, sra. Victória?

Mas a mulher experiente meneou a cabeça enquanto Patrícia se limitava a aquiescer com o que dizia a mãe, atenta ao diálogo.

– Sensibilidade é atributo de poucos, Varínia, e me apraz que meu filho, um homem especial, por ter vindo a este mundo dotado desta qualidade superior de sentimentos, tenha contado, e tão longe do nosso país, com o afeto de uma mulher que lhe corresponda, à altura, ao perfil de seu caráter!

Varínia concordou, sem entender direito a que exatamente ela se referia ao mencionar o termo sensibilidade, uma vez que reconhecia entre os países latinos e os do continente europeu grande distância de entendimento e de postura no que se referia à área sentimental humana.

Talvez, falando em sensibilidade, ela fizesse menção ao refinamento de modos com os quais, ao que parecia, procuravam primar por encarar todos os fatos da vida, dos mais corriqueiros aos mais sérios.

Antes que, sem graça, expusesse da melhor forma suas dúvidas, uma vez que ainda escolhia o vocabulário e, no momento, não dispusesse de Bryan a seu lado como tradutor, já que, intencionalmente, ele saíra para passear com Tadeu, para deixá-la entregue a um maior entrosamento com a mãe e a irmã, Victória retomou a palavra para comentar outro aspecto da questão, de um modo que novamente a admirou.

– Durante vários telefonemas, antes que aqui chegassem, Bryan nos falou sobre você e sobre tudo o que lhes acontecia no Brasil, de bom e de menos agradável! Assim, devo lhe dizer, de outra forma, que entendemos a preocupação justa de seus familiares pelo que se passa em relação ao seu romance com o meu filho, Varínia! Eis outra razão para que também lhe agradeçamos; porque isso veio ao meu conhecimento para apaziguar o meu coração, aqui, tão longe dos lugares onde Bryan vive atualmente, a respeito das dúvidas e dos temores que, por vezes, eu alimentava, sem saber que espécie de mulher estaria convivendo com ele, nesta conjuntura especial! – Parou, diante da agora emocionada violinista, sorrindo-lhe de leve. E ofereceu-lhe um buquê pequeno das flores brancas que segurava, dizendo: – *Thanks, my dear!*⁶ Por amar com sinceridade o meu Bryan! No começo, tive muita raiva das mulheres do seu país, de um modo geral, porque atribuía a elas, indiscriminadamente, a culpa daquela única que transmitiu a ele o fardo malsinado que hoje em dia carrega em si! Mas você veio para me ensinar que nada é definitivo! Pois, também brasileira, chegou para preencher satisfatoriamente esta lacuna grave que vinha minando, na vida dele, a plenitude de toda a esperança de felicidade!

Encarando-a, um tanto inerte, a moça gastou alguns momentos sem saber o que responder. Até que atinou com alguma coisa justa.

– Eu é que lhe agradeço, sra. Victória. Bryan veio também de tão longe para, por sua vez, oferecer-me novo alento à minha vida afetiva, até então mergulhada em luto e pesar, pelas razões que já pude lhe relatar, desde a minha chegada!

Mediram-se, com simpatia mútua. Patrícia, feliz pelo que presenciava, convidou-as a retomarem a arrumação da casa para a data natalina, ressaltando àquela que já tinha como cunhada que também ela e o irmão compartilhavam da visão da mãe sobre aquelas coisas, e que esta também, certamente, seria a opinião do falecido Mark Lowe, seu pai, já que a sua vinda com Bryan representava, afinal, o fim das diferenças havidas a partir do início do drama vivido pelo irmão, e que o havia distanciado para longe, anos antes.

Na noite daquele mesmo dia, Bryan levaria Varínia para assistir, como prometido, a uma das muitas apresentações sinfônicas clássicas, comuns naquela época iluminada do ano.

Deixou Tadeu aos cuidados zelosos da mãe, e reservou aquela data especial para ambos, levando a moça a passeio, logo ao fim do jantar, pelas ruas frias e lindamente ornamentadas com luzes, e com as peculiaridades regionais da população local para a data maior da cristandade em todo o mundo, ao modo dos países britânicos.

De fato, Varínia nunca vira antes Bryan tão absolutamente feliz. E mesmo ela não se recordava, nos últimos anos, de ter vivido tão completa ventura, de forma que se sentia renascendo em novo ciclo de vida: renovada, venturosa e praticamente esquecida, durante aqueles dias, de todos os sobressaltos e desgostos experimentados, mesmo recentemente, durante os lances desafiadores do começo do seu romance com o maestro.

Uma vez no elegante teatro iluminado e decorado conforme o rígido estilo clássico europeu e já lotado para a apresentação a se iniciar dali a poucos minutos, o músico acomodou-se com ela num lugar bem situado da plateia seleta e comentou, sorrindo-lhe, e outra vez colhendo-a desprevenida.

– Tenho uma surpresa para você! Não era para estar lhe confiando isso agora, mas somente na noite de amanhã! Contudo, sinceramente, espero que goste, *my dear!* Sei que a fará muito feliz!

– Oh, Bryan! – Replicou ela, à semelhança de criança impertinente. – A noite já está me parecendo uma cena de sonho, e você ainda me informa de algo assim, sem me dizer do que se trata? Isso não se faz!

– Perdoe-me, meu amor, mas vou deixá-la curiosa! – Sorria, quase radiante, e ela percebia a ventura ostensiva estampada no brilho intenso do olhar significativo e apaixonado que ele lhe dirigia. – Aproveitemos, então, a noite de sonho, que está apenas começando! Quero que tudo aqui, em Cardiff, seja inesquecível para você! – Beijou-a, carinhosamente, reparando na forma enlevada e feliz com que o encarava, ouvindo-o e tentando adivinhar. – Nunca vou poder lhe agradecer o suficiente pelo que trouxe de bom para a minha vida, Varínia! – Murmurou, concluindo o diálogo, já que

o espetáculo musical estava a se iniciar, com a diminuição das luzes no ambiente vasto do teatro.

Assim, assistiram à magnífica audição da noite e a concluíram, intimamente, ao modo romântico que vinha caracterizando, para os dois, todo o decorrer daquela viagem.

Almoçaram em família no dia seguinte, com Varínia ainda lutando significativamente contra a sua pouca familiaridade com os costumes do lugar, e ressentindo-se, de maneira inevitável, das saudades da família, então distante naquela época do ano tão especial. Todavia, telefonava para eles, quase diariamente. E em sendo o tempo todo ciceroneada e adulada pelo músico e pela amizade bem-vinda de Victória e Patrícia, saía-se bem nas situações inéditas, com relativa facilidade.

Chegou, afinal, a noite sagrada do cristianismo, celebrada por cada cultura com os característicos religiosos próprios de cada país. Em Cardiff, havia cerimoniais nas igrejas e muitos cânticos, incluindo os ambientes familiares. E paladares diversificados, para os festejos próprios de cada etapa do dia.

Na residência, fartamente decorada e iluminada da família Lowe, compareceram para a celebração ambos os irmãos de Bryan que Varínia já conhecia. Mitchie levava a esposa, Lory, e seus dois filhos, cujas idades regulavam com a de Tadeu, facultando a que o menino ganhasse dois novos e peculiares amigos.

Com todos distintamente arrumados para a ocasião, houve troca de presentes, brindes e sorrisos, em clima aconchegante de paz. Até que, em dado momento, pouco antes do horário da ceia, Bryan, enfim, chamou Varínia, distanciada em palestra agradável com Mitchie e Lory.

Ela se escusou e foi até ele, entregando-lhe uma taça com *brandy*, e ele se deteve por breve momento fascinado pela beleza da moça, arrumada com esmero para a ocasião.

– O que foi? – Perguntou, interrogativa pela expressão ininteligível com que ele a olhava, entre a admiração e o ar de quem lhe diria algo inesperado.

Mas, em vez de falar, Bryan aceitou a bebida, e, enquanto a tomava, puxou-a pela mão na direção do piano.

Curiosa, Varínia notou que, a isso, o restante da família, como que obedecendo a um sinal pré-combinado, aos poucos, reuniu-se ao redor do instrumento, em expectativa, enquanto as crianças prosseguiram com seus assuntos ao redor da grande e iluminada árvore de Natal situada em outro ângulo da sala.

Varínia desconhecia que era um hábito as canções familiares, e, em sendo Bryan um músico de profissão, de resto dotado de voz melodiosa e agradável, sempre coubera a ele esse momento de confraternização, em que todos, reunidos, cantavam os temas natalinos.

Antes que iniciasse, ao sentar-se para tocar, diante da satisfação evidente na fisionomia de Victória, visivelmente feliz com a ocasião grata da família ali completa, depois de tanto tempo, o maestro fez aos circunstantes uma breve preleção, puxando pela mão a agora intimidada violinista.

– Ouçam, tenho muito a agradecer, em particular, neste Natal! E não vou fazer rodeios para explicar a que se deve este novo episódio, em especial feliz, da minha vida, porque a razão está aqui, bem diante de vocês: a pessoa que compareceu na história até então indefinida do meu destino, para me oferecer nova chance à realização completa da minha felicidade! E, por consequência, também uma nova oportunidade de felicidade familiar, para todos nós, aqui reunidos! – E, ante o silêncio respeitoso e a aquiescência satisfeita dos demais presentes, ele enfim olhou direta e apaixonadamente para Varínia, agora empalidecida de emoção, completando: – Então, *my dear*, enfim lhe reservo a surpresa que comentei ontem: o meu anúncio oficial do nosso casamento, diante dos meus familiares... – declarou, sorrindo-lhe jovialmente, e entregando-lhe pequeno *box* rubro e aveludado contendo lindíssimo anel de noivado, cravejado de safiras – e uma pequena sonata, que compus para você, especialmente para o dia de hoje, inaugurando as canções de Natal da noite: a *Sonata ao Amor*!

Quase atônita, sem poder acreditar no que lhe acontecia, e que se lhe assemelhava às cenas dos contos de fadas já praticamente desconsiderados da

mente pragmática dos séculos correntes, a moça passou da palidez acentuada ao vivo rubor emocionado nas faces suavemente maquiadas.

Seus olhos castanhos e belos se umedeceram, ante os aplausos de cumprimento e os sorrisos dos presentes.

Bryan levantou-se, beijou-a, e colocou o anel em seu dedo anular, enternecidamente. Depois, acomodando-se, passou a tocar a peça ao piano, sob a assistência admirativa dos circunstantes e as lágrimas incontidas da noiva, perdida entre o êxtase do seu enlevo e o esforço para se convencer de que aquilo não se tratava apenas de algum sonho maravilhoso, mas fugidio.

CAPÍTULO 35

De volta ao Brasil



Aquele Natal feliz passou, para o venturoso casal de músicos, de fato como marcante quanto inesquecível sonho bom. E logo chegou a data de retorno ao país sul-americano, onde os esperavam os compromissos e demais componentes habituais do seu contexto de vida, embora a volta se desse após período mais breve do que a princípio haviam combinado. A saúde do pequeno Tadeu terminou por se fragilizar diante do inverno rigoroso de Gales, e, para a surpresa de Varínia, não apenas a dele se ressentiu. Após alguns dias passados do Natal, também Bryan deu sinais de se debilitar com a friagem implacável, uma vez que havia anos se via adaptado ao clima ameno das estações brasileiras.

Começou a apresentar sinais fortes de gripe, acompanhados de um estado febril renitente, que acabou alarmando a violinista e levando-a a convencê-lo, a despeito da sua insistência em dar ares de desimportância ao fato, a retornar antes do que haviam planejado.

O maestro afinal consentiu – mais, porém, atento ao bem-estar de Tadeu.

Todavia, os desdobramentos reais do período mágico vivido por ambos nas antigas terras celtas do Reino Unido serviram para sedimentar, de forma magnífica entre ambos, a confiança mútua, a autenticidade dos seus sentimentos, e as convicções do que de fato queriam para o seu futuro em comum.

Retornaram, portanto, ao Rio de Janeiro, com a promessa de Victória e, eventualmente, do restante de seus filhos, de comparecerem à cerimônia de oficialização da união, marcada para breve. Com o Ano-Novo, Bryan propôs a Varínia que a data se desse por ocasião do aniversário da moça, no mês de junho.

A despeito da jornada de volta da viagem acontecer debaixo dos sintomas gripais desagradáveis, no entanto, Bryan se sentia tão bem intimamente que, durante todo o trajeto, elaborou aqueles mesmos planos já expostos anteriormente à sua aluna de violino. Iria encaminhá-la, portanto, e tão logo possível, ao aprendizado do canto, mediante acerto prévio com Hortênsia. E, dando prosseguimento às aulas de violino, também continuaria com assiduidade as lições da língua inglesa, visando antecipadamente às ocasiões futuras, em que ela decerto o acompanharia em viagem com a sua orquestra para as audições realizadas de tempos em tempos em variados países.

Varínia achava graça naqueles projetos, os quais ainda julgava distanciados demais de se tornarem de fato uma realidade palpável na sua vida. Assim, num primeiro momento, preferiu se preocupar, prioritariamente, com o arremate aos cuidados do restabelecimento de saúde, tanto do filho, quanto do músico.

E, como se viam ainda em período de férias, ela não permitiu, num primeiro momento, que ele voltasse para o seu apartamento nas Laranjeiras, alegando esses mesmos cuidados.

A providência agradou a ele por um lado, mas por outro o preocupou, deixando-o dominado por uma mistura de divertimento com desassossego por aquele excesso de zelo da noiva.

– Quero acompanhar a evolução da sua recuperação, sr. maestro! Não haverá de sair daqui sob qualquer pretexto que seja, e não permitirei que

ninguém tome conhecimento do nosso retorno agora, ou não conseguirei mais ficar longe do telefone quando, por ora, tenho remédios e cuidados prioritários para com você e Tadeu! – Ela declarou, em entonação taxativa, enquanto se movimentava, risonha, e enfim à vontade, pelo seu quarto, desarrumando bagagens, com Bryan acompanhando-a com o olhar e ouvindo, entre irônico e curioso, aquelas determinações.

– *My dear...* – ele comentou, por fim, levantando-se da cama para onde, meio autoritária, meio brincalhona, ela o havia empurrado. – Não vai me prender aqui, por Deus! Tenho um monte de coisas para fazer! Dentre elas, revelar as quase trezentas fotos que batemos e também ver o meu carro, parado há um mês naquele estacionamento do prédio!

– Seu carro não vai se desintegrar se passar mais uns dias sem vê-lo, “my love”! – Respondeu, zombeteira.

– Eu sei, mas... Varínia! – Argumentou o músico, passando uma das mãos pelos cabelos. E, se aproximando, fez com que ela parasse um pouco, abraçando-a, e falando: – É sério! Não poderei ficar parado aqui por causa de uma gripe! Ensino música na Universidade e devo fazer Moisés saber do nosso retorno, para o caso de qualquer eventualidade!

– Você está de férias, Bryan! – Ela repreendeu. – Por recomendação dele mesmo! – E aponto a mão carinhosa na sua frente, quis usar de uma alegação definitiva: – Está se comportando como criança! Afinal, sua febre ainda não cedeu!

– Sim, eu sei! Mas há responsabilidades relacionadas ao que faço que não se esvaem por causa de um período de férias! Além do mais, há o que providenciar para nós dois! Lembra-se do que planejamos? Devemos procurar, com alguma antecedência, o cartório, para marcar a data de celebração da nossa união civil, ou não conseguiremos fazê-lo no dia do seu aniversário! – Replicou, compreensivo para com as suas intenções a seu respeito, porém decidido a convencê-la. – Vou deixá-la cuidar de mim; mas não poderá esconder a chave da porta! Combinado?

A resposta de Varínia foi apenas um suspiro, irresignado e preocupado, que arrancou do maestro apenas um abanar de cabeça, acompanhado de um sorriso pueril.

Malgrado este diálogo, ao passo que com a volta ao clima ao qual era adaptado, Tadeu se refez da indisposição quase que instantaneamente, o músico, porém, ainda ardeu de febre durante uma madrugada inteira, debaixo da preocupação aflitiva da companheira a seu lado, sem se permitir dormir em nenhum momento para administrar-lhe o antitérmico e zelar pelo seu sono agitado e febril.

Na manhã do dia seguinte, uma segunda-feira, Bryan despertou um tanto apático, mas sem febre. E encontrou Varínia ao seu lado na cama, com uma bandeja contendo o seu desjejum, e sorrindo-lhe graciosamente, a despeito do aspecto grandemente fatigado que denunciara, à primeira percepção do músico, a sua noite em claro.

– Como está se sentindo, meu amor? – Ela quis saber, afetuosa.

– Zonzo... – ele murmurou, fazendo por onde se colocar logo sentado na cama. – Deve ser a fraqueza orgânica. Maldita gripe! Nunca fui acometido dessas coisas na época em que ainda vivia lá, enfrentando temperaturas negativas, nevascas e jornadas de alpinismo naqueles picos gelados! – Riu para ela. – Ouvindo-me agora, parece que não é verdade, não é?

A moça ainda olhava para ele do mesmo jeito carinhoso, tentando esconder na fisionomia o tanto que a situação a preocupava.

– A febre já baixou, e não creio que retorne – comentou, otimista; e, inclinando-se, beijou-o amorosa e repetidamente no rosto, abraçando-o.

Mas não conseguiu esconder que o fazia ocultando a grande angústia íntima e os olhos marejados, em virtude do estado emocional exasperado pelos excessos de preocupação com o seu estado.

Bryan retribuiu-lhe na mesma hora, estreitamente, o abraço, acabando de despertar e sussurrando-lhe no ouvido.

– Ei, estou bem! Por que está assim, *sweetheart*?

– Por nada... Sempre fui assim, Bryan, excessivamente preocupada com qualquer acontecimento fora da rotina! É que tivemos um mês tão absolutamente perfeito! Quero vê-lo bem, meu amor!

Ele enxugou-lhe as lágrimas que já principiavam a escorrer-lhe à revelia dos belos e expressivos olhos castanhos.

Entendia a realidade do que se escondia por detrás daquele estado aflitivo, os temores que ela não admitia transparecer por debaixo do zelo pelas aparências inocentes de um acesso gripal e relacionados a outros pormenores, mais graves.

– Como está o Tadeu? Já melhor também, não é? – Interessou-se, querendo desviar dele mesmo o foco do assunto.

– Ah, sim...

– Então? O mesmo já está acontecendo comigo! Crianças são mais rápidas para se recuperar de tudo, e eu já estou ficando velho, meu amor!

Ambos riram. Varínia soltou-se um pouco, encarando-o.

– Velho? Você? Olhe, vou ficar bem também, tão logo a gente retome a nossa rotina! Não ligue! – E ela procurou desviar o assunto para algo mais arejado, que espantasse dos seus modos o tanto que a preocupava o seu estado, por mais que soubesse, ou adivinhasse, que provavelmente aquilo ainda não significaria nada quanto àqueles seus maiores medos. – Tomara que enfim tenhamos liberdade de movimentos, porque eu tenho os meus planos também!

– E quais são eles? – Bryan indagou, curioso, começando a se servir do lanche generoso que ela lhe oferecera caprichosamente sobre uma bandeja.

– Quero ir, ainda esta semana, à Casa da Paz para conversar com Valério sobre o episódio que me aconteceu em Yorkshire! – E completou, ante a expressão agora interrogativa do maestro: – Aquele desmaio não se tratou de uma pane de pressão ou de vertigem relacionada à altitude, pura e simplesmente, Bryan! Algo muito estranho aconteceu ali, e talvez conversando com Valério encontre explicações que façam mais sentido para mim!

Ele gesticulou, perdido com o assunto que já havia até esquecido.

– E o que acha que pode ter sido, *darling*?

Varínia deu de ombros.

– Como adivinhar? Mas se levar em conta o que ouvimos naquele dia de Otávio e o que nos revelou sobre termos vivido naquela região do mundo acontecimentos que foram importantes para nós dois, tudo passa a fazer mais sentido! De toda forma, não quero deixar de tomar essa providência...

tão logo lhe dê “alta”, meu paciente, amado e teimoso! – Brincava, olhando-o, entre o enlevo e o enternecimento.

O músico, sempre agradecido, devolveu-lhe, na expressão apaixonada do olhar, o carinho cheio de zelo que ela lhe endereçava.

CAPÍTULO 36

O casamento



Decorreram alguns meses. Bryan Lowe retomou seus compromissos habituais, finalizando o Projeto Hator de maneira brilhante, com apresentações sinfônicas magníficas em variados estados do Brasil. Varínia o acompanhava, na medida do possível, entremeando a dedicação ao relacionamento com o músico com suas atividades e trabalhos habituais, dividida entre as atenções a Tadeu e à sua família, ultimamente mais resignada ante o que consideravam inevitável.

Destarte, ela procurava contornar intimamente a percepção sempre incômoda de que, desde a volta de Gales, a constância de saúde mais robusta em Bryan anteriormente se fragilizara, de alguma forma mais sensível.

Com os familiares da moça acompanhando tudo de certa distância, apreensivos, lidavam, pois, volta e meia com alguns contratempos; mas ela fazia por onde não emprestar ao caso maior relevância do que se pedia de cada episódio, porque o músico era extremamente metódico nas suas visitas médicas periódicas e cumpria de maneira pontual as orientações.

Todavia, com o término do Projeto Hator, realmente se escasseara a frequência dos seus contatos com Amanda.

Malgrado isso, e uma vez trabalhando em mesas paralelas no ambiente bancário, algo da sua convivência teria de ser necessariamente preservado, de modo que, desde sempre de índole pacífica, a violinista não refutou as tentativas progressivas com que a colega fez por onde se reaproximar, até certo ponto, com modos e ares de quem sinceramente se escusava pela falta grave cometida em prejuízo da privacidade do relacionamento de Varínia com o professor de música que, afinal, fora por ela mesma apresentado à moça, de início.

Nesse contexto e com o passar dos dias, forçosamente nalgum momento Varínia comentou, ainda que evasivamente, sobre a oficialização de sua união com o maestro, ante uma pergunta mais direta da outra sobre como iam as coisas naquele sentido.

– Será basicamente uma formalização civil. Nem eu, nem Bryan, queremos nem precisamos de mais nada além disso... – ela contou, num início de expediente de uma quarta-feira.

Aquilo levou Amanda a empalidecer drasticamente, mas, entretida com a movimentação intensa do começo de um dia de trabalho, Varínia, de seu lado, sempre fora destituída demais de premeditação nos seus relacionamentos para se deter naquele pormenor insidioso no aspecto da outra, que, depois de alguns instantes em silêncio arrumando alguns papéis, como se não tivesse ouvido, enfim comentou:

– Sabe? Eu realmente admiro sua dedicação e seu sentimento por ele, Varínia! – E agora a olhava diretamente, com seriedade. – Não sei se, fosse eu em seu lugar, teria toda essa coragem! Muito provavelmente, eu não passaria daquele estágio inicial difícil, da época em que ele enfim lhe contou tudo!

– Se assim acontecesse, seria porque não o amava de verdade! – devolveu a moça, desviando-se daquele olhar inquisitivo para emprestar à conversa certa distância do tom confidencial que já tomava, pois estava resolvida a não mais encarar a antiga amiga daquele ponto de vista totalmente desarmado.

– É possível... – Amanda admitiu. – Entretanto, penso que a situação, em si, não é nada assim, tão simplista, sabe? Há graus e compreensões diferentes para o que é e o que pode o amor!

Percebendo o rumo perigoso que a outra já imprimia ao que falava, Varínia preferiu silenciar e não comentar mais nada. Desviou-se para temas associados ao trabalho que se iniciava e também não deu mostras de sugerir que a convidaria para a ocasião da cerimônia, como ocultamente Amanda nutria esperanças que faria, pelo menos em reconhecimento pelo fato de que fora ela quem os apresentara, tempos antes.

Entrementes, depois daquilo, decorreram os meses restantes até a venturosa data da troca de alianças entre o casal de músicos, e, somente depois de muitas diferenças no modo de perceber a questão, Bryan enfim consentiu que Varínia a convidasse, por uma questão de retidão de consciência.

Ela alegou que, não fosse pela intermediação de Amanda, eles jamais teriam se conhecido.

– E talvez que pela intermediação de Amanda quase teríamos rompido um com o outro, não é, meu amor? – Ele ainda uma vez replicou, na manhã do dia da cerimônia, enquanto acabavam de se arrumar, na sua moradia, já que o aprazível local onde compareceria o juiz de paz para o enlace ficava nas Laranjeiras. – Lembra-se do que me contou sobre os pareceres dela, na ocasião em que enfim lhe expus todo o problema? Não estou certo de que você, de fato, deve algum tipo de reconhecimento a uma pessoa assim! As atitudes de Amanda não têm coerência!

Varínia suspirou, olhando-o, amorosa.

– Porque provavelmente, e embora praticamente casada com Fernando, nunca tenha deixado de nutrir alguma coisa oculta por você! – Ela procurou brincar um pouco para desfazer, no semblante de Bryan, aquela acentuada prevenção. – Você partiu o coração da coitada, *my dear!*

O músico apenas sorriu. Decidiu consentir com a clara intenção dela de desanuviar os ânimos, e aceitou empurrar tais lembranças inúteis para depois.

Afinal, dali a algumas horas estariam casados; aquelas coisas todas ficariam para trás. E era forçado a admitir que a cantora não deveria nem poderia mais ser necessariamente um incômodo, a menos que o permitissem.



Com a oficialização da união naquele sábado ensolarado, o dia doze de junho do ano iniciado após o inesquecível Natal passado em Gales marcaria, dessa forma, e para sempre, a vida de Varínia e do regente Bryan Lowe.

Victoria comparecera, como prometido, à cerimônia, na companhia de Patrícia e de Mitchie, com esposa e filhos. Todos foram recebidos calorosamente no belo e bucólico parque campestre, onde se reuniam os outros convidados mais íntimos do casal, para grande emoção da violinista.

O fato contribuiu, doutra feita, para influenciar beneficentemente a família de Varínia, apesar de tudo, completa na ocasião, em sendo observada a grande civilidade com que eram tratados pelos visitantes vindos de tão longe em razão de afeição sincera por Bryan, e com a finalidade única de prestigiar-lhe o desfecho das escolhas afetivas.

Era visível o tanto que Victória se regozijava, assistindo, com enlevo, de braços dados com Patrícia, e embora fosse proferido em português, ao discurso poético e inspirado do juiz acerca do acontecimento. Como pano de fundo, ouviam-se os acordes melodiosos da peça para violino tocada pelos instrumentistas presentes, componentes da orquestra convidados pelo maestro para participar da cerimônia.

As palavras finais do juiz se deram justamente sob a melodia tocante *Sonata ao Amor*, composta por Bryan e presenteada à noiva meses antes, nos cenários do Natal galês. A surpresa encheu de lágrimas incontidas os olhos expressivos de Varínia, arrumada com gracioso esmero para a ocasião.

Ao término do cerimonial, feliz, o casal abraçou-se e beijou-se prolongadamente, sob os aplausos discretos do grupo ali reunido.

Efetivaram-se os testemunhos, e passou-se aos cumprimentos e à recepção de todos em um seletto *buffet*.

Carmem e Dimitri enfim se aproximaram mais demoradamente do casal. E, num primeiro momento, todos emocionados, embora por razões diferentes para cada um deles, apenas se entreolharam, perdidos em iniciativas e palavras.

Mas fora a mãe, Carmem, a primeira a tomar-se de inspiração adequada para cumprimentar a filha e o genro a quem, a despeito de tudo, passara a admirar com progressiva discricção, com o passar do tempo e das oportunidades que tivera para encontrá-lo, sendo sempre tratada por ele com irretocável distinção.

– Senhor Bryan, o dia de hoje é feliz para a minha filha, bem o vejo! Por conseguinte, deve sê-lo também para todos nós! O senhor conseguiu resgatar Varínia para o gosto pela vida, então, só posso agradecer-lhe. E desejar que a sua felicidade permaneça, por muitos e muitos anos!

– Por favor, dona Carmem, a senhora pode me chamar pelo nome! – Replicou Bryan, um tanto desconcertado. – Não precisamos mais de tantas formalidades, mas fico feliz pelos seus votos e palavras gentis. E, como já lhes expliquei... – acrescentou, relanceando o olhar ao apesar de tudo emocionado Lobato: – tenho uma dívida de gratidão eterna para com a Varínia e por tudo o que ela representa na minha vida!

Varínia só conseguia chorar, contidamente, sorrindo com suavidade.

Carmem a abraçou durante largo intervalo, as lágrimas também lhe desciam pelo rosto. Lobato e Bryan, de seu lado, cumprimentaram-se com sinceridade.

– Minha responsabilidade de trinta e sete anos agora também está em suas mãos, maestro! Que a vida os faça felizes, e esta será, também, a minha felicidade!

Por detrás de Lobato, quando se abraçaram, Bryan avistou, curioso, um contido Maurício, secundado por Renan, Dalton e seus familiares.

Compreendeu se tratar de um momento de entendimento importante, uma vez que desde aquela data malfadada na moradia de Varínia não

encontrara mais ocasião de conversar decentemente com aquele irmão da moça – o mais velho e resistente na postura a seu respeito.

Lobato abriu espaço, e Maurício, aproximando-se, primeiro abraçou, demorada e emocionadamente, a irmã, mergulhada em receios e expectativas por aquele encontro.

Olharam-se um pouco. Ele a beijou, assanhando-lhe os cabelos como fazia com ela quando ainda era uma menina vivaz. E aquilo lhe conferiu grande alívio, sinalizando que provavelmente tudo para eles se aclararia.

– Você sempre foi uma teimosa incorrigível, não? – ele cochichou no ouvido dela. No entanto, sorriu-lhe com divertimento, desfazendo na moça a tensão inicial com que ouviu o dúbio comentário. – Seja feliz! Porque nós a amamos!

Então, voltou-se para Bryan, que se empertigou ligeiramente, esperando. Entreolharam-se. Ao cabo de alguns segundos de expectativa de todos, estendeu-lhe enfim a mão; e o músico logo retribuiu ao cumprimento, inicialmente silencioso.

– Maestro, não pense que o tenho em mau conceito, e releve-me algum excesso! – Maurício olhou para os que os circundavam, acrescentando: – Todos aqui apenas amamos a mesma pessoa que você, eis tudo! Mas o tempo me favoreceu a reconhecer no senhor uma pessoa idônea e um homem de caráter! – Comentou sério, apesar de ainda não conseguir remover das entrelinhas as notas de preocupação que o caso lhe inspirava; todavia, encarava aquela faceta delicada sob outras impressões, mais amenas. Sobretudo, mais humanas. – Demorei um pouco para compreender que o senhor tem um grande desafio a superar todos os dias; e isto exige de nós compreensão, apoio e solidariedade, e não julgamentos! Assim, quero que saiba que pode contar conosco. Sempre. E falo em nome de todos aqui.

– Obrigado – Bryan apenas respondeu, com simplicidade.

Os demais irmãos de Varínia o abraçaram também, além da esposa, e dos filhos de Dalton, que logo depois se espalharam com Tadeu em correrias pelos arredores.

Resgatava-se, daquele modo, algo da tranquilidade familiar entre os familiares de Varínia e o músico, inaugurando uma fase ao menos mais

desanuviada para todos nessa área da vida do casal.

Então, ambos passaram a dar atenção também a Hortênsia, aos músicos convidados, e, finalmente, aos cumprimentos sinceros, embora reservados, de Amanda e de Fernando – este último até aquela data sem compreender com exatidão a origem certa de todos os contratempos havidos entre a noiva e o maestro, que desaguaram no inexplicável afastamento da cantora do corpo definitivo das solistas da orquestra, e na frieza com que, desde então, ambos se tratavam, nas poucas vezes em que se viam.

Decorreu, dessa forma, aquele dia de forma maravilhosa para os noivos, radiantes com o acontecimento e com a intensidade do seu sentimento mútuo que, a ambos, oferecera uma espécie de segunda chance à felicidade no decurso da vida deles.

A certa altura da recepção, quando enfim se pilharam um pouco a sós, enquanto os convidados se entretinham entre si e com a apresentação de magnífica peça musical executada pelos violinistas, Bryan atraiu Varínia até um canto mais reservado e florido do amplo parque.

A moça notou que, puxando-a carinhosamente pela mão, ele carregava algo: uma bela pasta de couro trabalhado, cujo conteúdo ela não conseguiu atinar de pronto.

Sentaram-se num assento rupestre, cercado de lindos arbustos floridos, e, para sua surpresa, ele entregou-lhe a pasta, comentando:

– Isto é para você, além de meu presente de casamento! – Disse, referindo-se à deslumbrante joia com que a presenteara pela manhã, ainda quando estavam em casa. – É a partitura da *Sonata ao Amor* que compus para você. E que quero vê-la tocando para mim algum dia, ok? Prometa que vai se empenhar em aprender!

Havia uma nota qualquer, quase imperceptível, de desamparo naquele pedido emocionado que ele lhe endereçava naquele instante, acompanhado de um abraço estreito e carinhoso. E aquilo lhe banhou os olhos de lágrimas novamente, embora sem que pudesse entender de imediato a razão; se por emoção natural das alegrias vividas naquela data, se por algo mais, oclusivo, e que temia considerar.

– Oh, meu amor! Será que estarei preparada? Uma composição sua, e que eu amo tanto, desde a primeira vez em que a ouvi! No entanto, vou me esforçar para atendê-lo!

Sentiu vontade de perguntar o motivo de ele dirigir a ela aquele pedido, naquela ocasião especial e disposição de espírito em particular. Mas teve medo. Não se arriscou a externar sua dúvida. Contentou-se em retribuiu-lhe o abraço e o beijo, intenso, ardente e prolongado.

Preferiu intuitivamente se manter, pelo menos naquele momento apaixonante e inesquecível para os dois, e de comum acordo, apenas e plenamente feliz.

CAPÍTULO 37

A explicação



A medida que, por razões justas, Amanda necessariamente se afastou do ritmo de contatos estreito que mantinha com Varínia, Hortênsia, de seu lado, aos poucos foi se aproximando. A princípio, porque, também violinista, desde aquela data já distante na qual se conheceram por ocasião da audição em Cabo Frio, descobrira pontos em comum com a moça, inclusive e principalmente no tocante à sua compreensão espírita da vida. Depois, naturalmente viu intensificada a sua frequência na residência do casal, em virtude de ter sido oficialmente convidada por Bryan para ministrar um curso completo de canto à sua esposa, ao que a musicista acedeu de bom grado, convertendo-se, a par de professora, também à categoria de amiga próxima da sua mais nova aluna.

Tudo isso propiciou que a posição outrora ocupada por Amanda acabasse sendo assumida pela risonha e simpática soprano. Ela soube conquistar, com a sua distinção de trato, as desculpas sinceras de Varínia e de Bryan pelo mal-estar antes causado involuntariamente no ambiente de trabalho do maestro, a partir das indiscrições da outra cantora e, com isso,

ganhar a estima gradativa da violinista, guindando-se à situação de amiga mais próxima, que Amanda não soube preservar nem valorizar devidamente, vitimada que fora por despeitos mal contidos relacionados à consumação bem-sucedida do romance de Varínia com o músico.

Decorridos poucos meses, portanto, Hortênsia já se achava a par de algumas particularidades da história do casal, confidenciais por Varínia, em razão de guardar relação com os episódios acontecidos na Casa da Paz, cujas minúcias fizeram a soprano realmente se surpreender.

Com os preparativos do casamento, seguidos da viagem rápida de lua de mel a Gramado e muitas outras ocupações cotidianas desde então, Varínia ainda não encontrara tempo para, como prometera a Bryan, retornar ao lugar, a fim de ter com Valério sobre o episódio surpreendente acontecido durante o passeio a Yorkshire. Convidada, Hortênsia concordou, interessadíssima, em fazer-lhe companhia naquela visita à Casa Espírita, em data marcada previamente por Valério para tratarem exclusivamente do assunto.

Bryan, afastado naquela semana por alguns poucos dias, em razão de compromissos que o atraíam a projetos musicais alinhavados em outros estados, não estava presente para acompanhá-la. Mas não fez caso, quando Varínia lhe comunicou a sua intenção de convidar Hortênsia para o casamento, pois, a despeito das atitudes mal medidas da moça num passado recente, estimava-a com sinceridade, reconhecendo nela a ausência de dissimulação presente na antiga amiga da esposa.

Dirigiram-se, portanto, à Casa da Paz na tarde de um sábado durante o qual Varínia, em plena fase de lua de mel, ressentia-se bastante, tristonha, pela ausência do maestro, uma vez que os fins de semana se transmudaram em dias de autêntica alegria desde que se casaram, com divertimentos e passeios sempre inéditos na companhia do marido e do filho.

Ela deixou Tadeu com os pais, para grande satisfação deles, ultimamente bastante aliviados da carga de tensões vividas na fase mais recente; e, pouco mais tarde, ganharam as proximidades da acolhedora Casa Espírita, onde sempre era bem recebida, sob a observação atenta e entusiasmada da musicista que compartilhava com a nova amiga, sobre a maior parte dos

aspectos da vida, os pensamentos e entendimentos pautados na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

À entrada, sorrindo-lhe com a gentileza paternal do costume, aguardava-as previamente o bondoso Valério, mas desta vez fazendo-se acompanhar de outro indivíduo de aspecto distinto, a respeito de quem já fizera à recém-vinda alguns comentários, por entendimento telefônico.

Cumprimentaram-se cordialmente; Valério saudou com gentileza a acompanhante de Varínia e, apresentando Odilon Vargas, aludiu, oportuno:

– Filha, eis o doutor, psicólogo especializado em processos de regressão de memória que mencionei. Como conversamos, você sempre precisa de explicações mais esmiuçadas para o seu pleno esclarecimento íntimo, o que reputo justo, dados os acontecimentos mais recentes da sua vida, que já expus por alto ao dr. Odilon! Assim, palestraremos um pouco, para que obtenham um entendimento inicial, e conto com o auxílio da espiritualidade e, inclusive, do próprio Otávio, que sei novamente aqui presente no dia de hoje, para que, enfim, você apazigue seu coração quanto aos fatos singulares dos quais vem me dando ciência ultimamente!

Passaram, desse modo, à mesma sala destinada àquele gênero específico de trabalhos e trocaram entre si algumas palavras iniciais. O psicólogo, com simpatia, dirigiu a Varínia algumas perguntas essenciais ao cometimento em perspectiva.

– Veja, filha... – ele explicou, atencioso e denotando franco interesse pelo caso. – Não há garantias de que logo nesta primeira sessão alcancemos sucesso com as nossas metas, porque os guias espirituais que assistem e dirigem estes trabalhos, por vezes, têm prioridades de tratamento diferente das nossas, já que possuem uma visão mais privilegiada. Todavia, analisando o histórico do seu caso, reputo altas as chances de que a entrevista de hoje seja proveitosa, nalgum sentido! Assim, rogo-lhe que se submeta a ela com destemor, porque certamente contamos com amparo seguro das dimensões invisíveis ao nosso redor e do ambiente profilático desta instituição idônea!

– Há problemas em Hortênsia acompanhar a sessão? – Varínia antecipou a indagação muda na fisionomia da amiga.

– Não. Pelo que já sabemos, trata-se de uma confeira, uma irmã de ideal! Poderá até ser útil na cadeia magnética, por meio da mentalização e da prece! – Valério explicou, com simplicidade.

Uma vez na sala silenciosa, portanto, tomaram lugar nos assentos confortáveis, como sempre sob os efeitos da música clássica em volume reconfortador, soando no ambiente.

Valério elevou uma prece sincera a Jesus e aos mentores e amigos espirituais presentes, enquanto Odilon providenciava os preparativos, impondo a mão sobre a fronte de Varínia e lhe passando algumas instruções simples, às quais ela obedeceu de boa vontade, embora visivelmente emocionada.

Foi-lhe explicado que apelariam, com a autorização dos seus mentores, ao expediente da regressão de memória, visando a talvez esclarecer o ponto obscuro havido durante sua viagem a Gales com o marido.

Assim, decorridos alguns minutos com a sala mergulhada na semiobscuridade das luzes azulíneas diminuídas de propósito, fez-se presente, a partir das dimensões invisíveis, primeiro um dos mentores da Casa da Paz, apresentando quem indicava como os guias conjuntos de Bryan e de Varínia; e depois, novamente, Otávio, saudando a ex-esposa com a mesma amizade terna da primeira vez.

Mais alguns instantes passados, sob os efeitos da cadeia magnética formada a partir dos dois lados da vida, e então Odilon tomava a frente da reunião peculiar, orientando uma sonolenta Varínia, descaída no assento, sob a observação respeitosa de Valério e Hortênsia, como se mergulhada em intenso estado de transe.

Era visível o grau acentuado de mediunidade apresentado pela moça, tendo os olhos semicerrados e em completo estado de alheamento. À certa altura, percebendo o instante propício, Odilon perguntou:

– Varínia! O que você vê?

– Há alguém me levando para um lugar onde há muito sol!

– E que lugar é este? Sabe informar?

– Quem está ao meu lado diz se tratar... – e ela pausou de súbito, estremecendo ligeiramente, como se ressonasse.

– Sim... – induziu, Odilon, sem alterar o timbre sereno, mas firme, de sua voz.

– Parece... algum país britânico! Não tenho certeza!

– Pergunte a quem lhe está conduzindo.

Houve uma pausa de alguns segundos.

Varínia inspirou fundo, mexendo-se no assento, e voltou a falar:

– Não consigo ver quem está ao meu lado! Ele me disse que é a Inglaterra!

Odilon trocou um olhar breve e significativo com o tranquilo Valério sentado ao seu lado.

– Varínia. Está tudo bem. Poderá voltar assim que quiser. Mas descreva para nós. O que está fazendo lá?

– Eu... sempre gostei de ir lá... – e pausou de novo a voz como se esmorecendo de vez em quando na garganta, em sonolência – ...com Richard! Sempre que podemos...

– Quem é Richard? – Indagou Odilon, gentilmente.

– Richard... – e novamente ela vacilava. – Veja! Montanhas! – desviou-se, franzindo um pouco o cenho e aparentemente sorrindo com o que via, como se se tratasse de algo que lhe proporcionasse bem-estar ao espírito. – Lindas montanhas! Mas frias! Estou lá, com o Richard...

Odilon percebeu que ela afinal reassumia as lembranças daquele passado incógnito e que era o momento de puxar mais pelo que dizia.

– O que estão fazendo, Varínia?

– Estamos passeando...

– E o que o Richard é para você?

Mas, ainda daquela feita, ela interrompeu de inopino o curso do que dizia, e Odilon teve a nítida impressão de que esbarrava, naquele ponto, nalgum tópico melindroso da regressão de memória em curso.

Ela continuou, todavia, atraindo a atenção interessada dos circunstantes.

– Estamos passeando, pela manhã! Ele é... o médico da minha família!

– Há alguém doente na sua família?

– Não... só que...

Outra pausa súbita, extemporânea. Respeitosos, Odilon, Valério e Hortênsia não emitiam um som, acompanhando o ritmo que a própria paciente impunha às difíceis recordações em curso.

– Varínia... – Odilon tentou por outro atalho. – Sabe me dizer que época é esta em que está? Qual o ano?

– Mil quinhentos e... Mil e seiscentos...

Mais uma pausa. Odilon observava-a atentamente, e empertigou-se, reparando no modo como repentinamente Varínia aparentou empalidecer, de chofre. E, para maior comoção de todos, de repente ela pulou da cadeira, incontida, e gritando alto, dolorosamente. Quase foi ao solo. Odilon teve de se precipitar com Valério rapidamente para ampará-la e reconduzi-la ao assento, enquanto, para funda emoção dos presentes, ela ainda gritava, com lágrimas impetuosas escorrendo de seus olhos. Seu olhar agora era esgazeado, ausente.

– *Help me!! Help me! Somebody help me!! Someone shot him!*⁷

Impressionados, porém compreensivos, Odilon e Valério afinal se entreolharam, e o psicólogo preferiu, neste ponto, atrair sua paciente de volta.

Estava visto o estágio crítico da regressão de memória que enfim explicava toda a ocorrência havida nas montanhas de Yorkshire, e que, para o casal de músicos, não fez nenhum outro sentido que não, e a princípio, uma síncope comum de pressão.

Foi trazida de volta, em processo lento e cuidadoso, e, tendo afinal se acalmado sob o amparo das preces e da interveniência do psicólogo experiente, Otávio compareceu para explicar aos presentes o cerne da cena chocante.

Fora, ele, o então Wallace Parkson dos idos daquele século findo, quem, por vingança, e já sob os efeitos da sina fatal de envenenamento que lhe tiraria a vida dias depois, saindo fugidamente no encalço do casal venturoso, alvejara friamente, a distância, o outrora amigo daquela sua vida longínqua acontecida nas terras britânicas, Richard Bristol, e amante de sua então esposa – Bryan Lowe da presente jornada na materialidade, vivendo em terras brasileiras!

E fora Varínia, a esposa, Jaclyn, daqueles anos perdidos nas névoas do passado, o pivô do crime bárbaro cometido em períodos da história nos quais a humanidade ainda não suspeitava de todo o novelo ingrato de consequências a se desenrolar, a curto ou longo prazos, na esteira dos séculos seguintes, atraídas por cada um como colheita certa para as nossas melhores ou piores iniciativas.

CAPÍTULO 38

Quando o amor prevalece



A conclusão daquela sessão particular na Casa da Paz foi emocionante para todos os que dela participaram, porque lhes permitiu extrair importantes ensinamentos, a partir da vivência regressiva ali realizada, e obter elucidações com as explicações oferecidas por Otávio, justamente um dos protagonistas daquele sofrido drama de um passado já perdido nas névoas dos séculos.

Daquelles esclarecimentos, restou claro para todos que, mesmo em casos assim e estando os personagens envolvidos devidamente abertos às possibilidades de renovação íntima, na medida da chegada das novas vivências, o amor acaba prevalecendo, em intenções e atitudes.

Entrementes, e mesmo estando longe, Bryan não se descuidava de telefonar para a esposa distante em qualquer intervalo que lhe sobrava, sob os impulsos da intensidade apaixonada presente em todo começo de união conjugal. Mas, no decorrer da tarde do mesmo dia, tomou-se de imediata preocupação, quando quem atendeu ao telefone de sua casa, para a sua estranheza, foi Hortênsia.

– Olá, Bryan! Como está?

– Como vai, Hortênsia? – E, dando voz imediata aos questionamentos que o intrigavam, perguntou, esforçando-se por se fazer ouvir no ambiente tumultuado de um *ball* de hotel no Rio Grande do Sul: – Ao que vejo, Varínia a convidou para passarem a tarde juntas, não é mesmo? Gostaria de saber como foi a visita de vocês à Casa Espírita. Minha esposa andava ansiosa por esse acontecimento!

Hortênsia relanceou o olhar algo inquieto pelo ambiente da sala, porque Varínia, em verdade, em tendo deixado a Casa da Paz visivelmente esgotada de corpo e de espírito pela sessão mediúnica intensa da qual participara, achava-se recolhida para descanso no leito, sob os cuidados atenciosos da violinista, e respondeu:

– Bryan, correu tudo bem, e creio que ela terá novidades interessantes a lhe contar. Mas é que...

– O que foi? – Ele antecipou algo apreensivo: – Varínia está bem? Aconteceu alguma coisa?

– Não, Bryan! Não exatamente, mas é que houve para ela descobertas importantes durante a sessão, que a extenuaram um pouco! Está descansando! Que pena que não pôde ir conosco! – A musicista comentou com a intenção de aliviar um tanto a inquietação visível na entonação com que ele se exprimia.

O músico silenciou por um momento, claramente preocupado.

– Ela está dormindo?

– Sim. Tomou um chá que preparei e adormeceu!

– Peça para me telefonar assim que acordar, está bem?

– Pode deixar, mas fique tranquilo! Não há nada com o que se preocupar, de fato.

Ele desligou, ansiando por antecipação a hora em que afinal tomaria o avião de volta, o que só aconteceria na manhã do dia seguinte.

Mais tarde, ao telefone, a esposa não lhe anteciparia com exatidão nada do que acontecera na sessão dirigida por Valério e Odilon. Preferia conversar com ele pessoalmente sobre o caso, já que se tratava de um assunto a respeito do qual não comungavam exatamente do mesmo entendimento.

Na manhã do dia posterior, portanto, e já refeita do impacto das revelações do sábado, Varínia foi pessoalmente, acompanhada de Tadeu, buscar Bryan no aeroporto. E, ao desembarque, ambos se abraçaram e se beijaram intensa e demoradamente, sob as atenções do pequeno, para quem o músico logo estendeu um presente, cumprimentando-o e assanhando-lhe os cabelos afavelmente.

De posse das bagagens, enfim, dirigiram-se até o carro. E ele não perdeu tempo para tentar saciar a curiosidade que o empolgava.

– Vamos, *my dear!* Enquanto voltamos, você já poderia começar a me contar o que a abalou tanto ontem, a ponto de cair de cama sob os cuidados de Hortênsia! Não foi justo me deixar preocupado, para me contar apenas hoje!

– Em casa, meu ansioso! Em casa! – Replicou a moça, relanceando no menino, a caminhar alegremente ao seu lado, de modo sugestivo, os olhos zelosos. E aquilo fez com que Bryan suspirasse, concordando, e se contendo mais uma vez. – Mas não há razão para que se aflija; somente vou contar a você uma história curta do nosso passado e da qual você já ouviu uma parte. Ela explica o que nos acontece de ininteligível nos dias de hoje!

– Hum... – fez o maestro, olhando-a de um jeito interrogativo, porque para ele aqueles fatos permaneciam apenas como especulações ou, quando muito, no território nebuloso dos mistérios insolúveis.

Assim, uma vez em casa, e depois de algum descanso da viagem algo exaustiva, sempre curioso, Bryan retomou o assunto, aproveitando-se de um instante no qual Tadeu se divertia com o brinquedo que lhe trouxera de presente, para atraí-la ao ambiente aprazível da varanda de seu apartamento nas Laranjeiras, onde resolveram residir após o casamento, em razão das suas conveniências de trabalho em estúdio.

Puxou-a, portanto, pela mão, e acomodaram-se, abraçados, no assento, ainda expressando carinhosamente a felicidade por afinal se reencontrarem após aqueles dias.

Então, Varínia buscou inspiração para contar e decidiu não inquietá-lo mais com mistérios.

– Ouça, então, meu amor, o que aconteceu na Casa da Paz, na reunião que desta vez foi dirigida por um psicólogo especializado em regressão de memória!

– Como assim? – O músico estranhou. E a moça teve de lhe dar uma explicação prévia a respeito do que se tratava os trabalhos em franco desenvolvimento, na área da psicologia reencarnacionista, de regressão de memória aos eventos situados no passado mais distante, no âmbito da nossa vida anterior.

– O recurso só é usado, pelo terapeuta consciencioso, naqueles casos em que se evidencia a utilidade de se despertarem essas reminiscências, pois nem sempre é assim, e a retomada de lembranças indiscriminada pode, antes, desencadear um choque inesperado e nocivo, se forem evocadas em obediência leviana à mera curiosidade.

Bryan concordou, ligeiramente incomodado pelo que ouvia.

– Sim... – comentou, zeloso. – Como, ao que vejo, aconteceu com você, não, Varínia? – E, deslizando de leve a mão, carinhoso, pelo rosto delicado da companheira, acrescentou: – Será que havia mesmo a necessidade disso, por causa de um episódio tão banal quanto o que nos aconteceu em Yorkshire, *dear?* – Insistiu num ponto de vista que já havia externado anteriormente.

Mas, a isso, Varínia o conteve com delicadeza, aludindo:

– Calma, precipitado! Aquilo não foi assim, tão banal, e eu tive a prova! E o dr. Odilon é um profissional renomado e muito meticuloso! Não fui vítima de nenhum choque, do jeito que imagina; mas houve um esgotamento físico e emocional natural em sessões desse teor, muito comum em médiuns mais sensíveis, como é o meu caso!

Pausaram, com Bryan tentando assimilar, com a melhor boa vontade que conseguia, aquelas noções, que em absoluto não encontravam facilidade de entendimento no seu perfil psicológico mais pragmático.

A cabo de alguns instantes, ele suspirou, embora a encarando do mesmo modo enternecido, mas, antes, como quem olha para uma criança que ainda se vê iludida pelas crenças nos seres do reino das fadas.

– Meu amor... será que precisamos mesmo disso?

– Não sei. Mas você queria saber, não queria? Então, está disposto a ouvir? – Ela questionou, agora um tanto amuada por aquela expressão paternalista no rosto dele.

– Desculpe... Continue, claro que quero! – O músico se recompôs interiormente, todavia, mais com a intenção de não lhe molestar a sensibilidade que, reparava, já ameaçava se ressentir da sua atitude de descrédito.

Então, durante vários minutos, Varínia lhe relatou o acontecido na Casa da Paz, com explicações entremeadas da significação de cada detalhe à luz dos esclarecimentos de Otávio, e do conteúdo da doutrina espírita sobre o funcionamento da Lei de Causa e Efeito e da reencarnação.

– Como percebe, querido, esclarece-se, desse jeito, todo o contexto acontecido desde Otávio, e também os reverses que o vitimaram há tanto tempo, naquele seu relacionamento malfadado com Bárbara! Nem isso foi destituído de utilidade, porque, atraindo essa situação ao seu destino naqueles séculos distantes, quando usou indevidamente os seus conhecimentos de Medicina para tentar abater um rival, você houve de se envolver justo com uma brasileira, que terminou por atraí-lo ao lugar onde, no fim, haveríamos de nos reencontrar! Só que tudo o que aconteceu naquele tempo distante, se hoje analisado com mais acerto e frieza, não passou de um grande mal-entendido, levado às vias de fato pelos temperamentos inflamados daquela época! Otávio, o Wallace de então, era meu marido, e fora um militar da marinha inglesa, a quem julguei morto após cinco anos de desaparecimento em combates marítimos. E você, o Richard, foi um médico familiar, sob cujos cuidados fiquei durante algum tempo, em virtude do que acabamos por nos envolver amorosamente! Só que, tempos depois, para grande transtorno de todos, Wallace retornou, surpreendendo-nos! E estava estabelecido o grande drama que não soubemos superar com sabedoria, para só agora resgatarmos as consequências de todas as atitudes mal medidas!

– Se assim fosse, então, estaríamos, ainda, em pleno processo desse resgate, Varínia! Sinceramente, isso é fatalismo! – Ele argumentou sério, meneando a cabeça, mas pensativo, porque experimentava sensações

contraditórias quanto àquilo: aquelas ideias, apesar de confundi-lo, não exatamente eram repudiadas pelo seu íntimo intuitivo, forçoso admitir, nem que somente para si mesmo. Mas, por outro lado, sentia sobre elas forte repulsa. Por que, afinal, haveria de se ver compelido pelas convicções de Varínia, a considerá-las de maneira reiterada, e justo na sua condição de saúde especial? Era que, tendo a base da sua formação religiosa na presente reencarnação enraizada nas correntes do protestantismo, não dispunha, momentaneamente, dos recursos íntimos necessários para reconhecer, nesta peculiaridade engendrada pelo destino, a ferramenta útil que lhe comparecia ao entendimento, na pessoa da sua amada esposa de então, detentora das explicações mais válidas para as razões maiores do que lhes ocorria. Assim, continuou, gesticulando, incisivo: – *My darling*, prefiro não adotar para o meu destino este perfil determinista! Estamos falando de punição divina! E eu creio firmemente no meu poder de decisão para mudar meu percurso!

– Sim, sim, meu amor! – Ela contemporizou. – E você não está errado! Só que, para cada ato nosso, aqui e agora, há consequências, e inevitáveis! Haverá de ser sempre assim! É da vida, e você observa isso todos os dias! Contudo, às vezes, as colhemos não agora ou amanhã, por razões justas, mas numa vida posterior!

Deram necessária pausa. E, para amenizar o calor do diálogo, Bryan a beijou nos lábios, carinhosamente.

Depois, retomou a palavra, procurando imprimir no tom o máximo de compreensão de que dispunha para conversarem sobre um dos poucos assuntos a respeito dos quais discordavam, em vários quesitos importantes.

– Escute, Varínia! Nem mesmo estou negando que tenha sido assim para nós e que estas coisas sejam uma realidade, mas admito que apenas sob a ótica de uma possibilidade muito remota! Seriam precisos dados mais concretos para me convencer! No entanto, eu lhe prometo... – afiançou, fitando-a com indiscutível sinceridade, e contendo-a, com gentileza, quando já ia precipitadamente argumentando outra coisa: – que, se for mesmo desse jeito, no dia em que eu me for, darei um jeito de voltar para lhe contar,

nalgun momento! Está bem? – Sorriu-lhe, seguro, e querendo arrematar aquele assunto difícil, para passar a temas mais leves.

– Você não vai antes de mim! – Ela se deixou levar pelo que ouvia, subitamente chorosa, e arrastada emocionalmente pelas implicações doloridas das palavras do músico, que agora também a contemplava sem poder esconder a involuntária comoção. – Não quero passar por isso duas vezes, não vou aguentar! *Não vou permitir*, Bryan! Por que está me falando assim?

– Para fazê-la entender, meu amor, que não importa o que tenha nos acontecido naquele passado, ou seja lá em que tempo for! O que nos interessa é que *nos amamos*! Que estamos juntos, e que *eu não vou deixá-la*! Faremos muitas coisas maravilhosas a partir disso! Compreendeu? – Enfatizou, sussurrando-lhe, com firmeza.

Finalmente, atraiu-a para si, estreitamente, sem querer deixar que ela percebesse que, por razões que desconhecia, não conseguia evitar que também os seus olhos, naquele minuto intenso, se banhassem de lágrimas, e o seu espírito, de inexplicável tristeza.

CAPÍTULO 39

Tempos de expiação



Decorreram dois anos venturosos para a vida em comum do casal de músicos.

Seguindo satisfatoriamente os planos do maestro Bryan, Varínia estudou com afincos o instrumento para o qual mostrava indiscutível talento, e, a cabo desse tempo, já executava, com algum virtuosismo, não apenas algumas peças para violino, sob a indefectível orientação de seu professor e marido, mas, também, e para o seu regozijo, a *Sonata ao Amor*, o seu presente de casamento, naquela data marcante para a vida de ambos.

Também progredia bastante nas aulas ministradas por Hortênsia, e já realizara até mesmo pequena participação em numeroso coral, com acompanhamento sinfônico regido por Lowe, por ocasião da Semana Santa, cerca de um ano depois dos últimos fatos narrados. E, em conjunto com esse quadro promissor na sua carreira musical, ela também se entusiasmava incedivelmente, cheia de orgulho e alegria, ao constatar o entrosamento feliz que, de forma gradativa, foi se estabelecendo entre Bryan e o pequeno filho, já àquela altura tratando-o habitualmente como o pai que viera para

substituir dignamente a missão de Otávio – este, de seu lado, a acompanhar o curso dos acontecimentos, durante aqueles anos, tomado de verdadeiro agrado, a partir das dimensões invisíveis da vida.

Finalizava-se, desse modo, mais um período na vida dos nossos personagens, e, por aquela época, intensificavam-se, como era habitual na proximidade dos fins de ano, os compromissos de trabalho do maestro pelo país afora, tendo de atender a convites e projetos musicais que o levavam, com a sua orquestra, de um lugar para outro frequentemente e em praticamente todas as semanas do mês.

Varínia, como de hábito, fazia questão de acompanhá-lo nas excursões, sempre que os seus períodos de férias e de disponibilidade no serviço permitiam-lhe atender aos convites atenciosos, por meio dos quais ele deixava claro que a sua presença era importante a seu lado, também naquelas ocasiões.

Todavia, nem sempre o planejamento se fazia possível, e daquela vez aconteceu desse modo. A viagem com os músicos se deu no mês de outubro imediatamente anterior aos dias em que a moça pretendia reservar para o começo das férias daquele fim de ano.

Despediram-se, pois, no aeroporto, com os extremos de carinho habituais. Bryan tomou o avião, acenando afetuosamente para uma Varínia que, sem que ele percebesse nas palavras trocadas antes do último aviso de embarque, lutava para disfarçar o seu desânimo, sob a impressão forte de um mal-estar íntimo qualquer, inexplicável.

O músico embarcou, e ela, tentando consolar a si mesma dizendo-se que aquilo não passava de prevenções exageradas e inúteis, e que uma semana passaria rápido, pegou a mão do filho e retornou com ele para o carro.

Entretanto, não teve tempo de chegar de volta em casa.

No meio caminho o seu celular tocou, e uma voz desconhecida dirigiu-se a ela diretamente pelo nome.

– Boa tarde. Falo com a esposa do maestro Bryan Lowe?

– Sim... – ela concordou logo, encostando o carro para falar com mais desembaraço, mas de imediato um baque gélido acometeu-lhe o estômago, sem que pudesse compreender a razão.

– Senhora, falo do aeroporto, onde o maestro embarcaria há pouco! Peço que retorne, por favor, o mais rápido possível, pois deveremos encaminhá-lo com urgência a um hospital! Ele passou mal antes da decolagem!

A violinista largou-se, trânsida, quase em vertigem, no banco do motorista, assustando de imediato Tadeu, sentado atrás.

– Bryan! – Exclamou, desatinada, os olhos de pronto banhando-se de lágrimas.

– Mãe!! O que foi? – O menino imediatamente afligiu-se, lembrando-lhe a urgência de conter-se, para que a situação não se tornasse insustentável.

Varínia, após informar o funcionário de que já estava a caminho e depois de breves segundos se recompondo minimamente, dirigiu-se ao filho, de modo a acalmá-lo. Pisou no acelerador do carro e dirigiu-se ao Galeão o mais rápido que o trânsito lhe permitiu.



Quando o maestro voltou a abrir os olhos, já se achava acolhido no leito confortável de um hospital particular, com a jovem esposa a custo disfarçando a preocupação dolorida, sentada ao seu lado.

Tadeu, de longe, acomodado num sofá, assistia a tudo perdido quanto às causas daquelas surpresas extemporâneas, num dia em que a mãe havia lhe prometido um restante de tarde agradável no cinema e, depois, numa lanchonete de sua preferência. Estava também preocupado com sinceridade com o músico, a quem de havia muito já aprendera a estimar como a um pai.

– *My dear...* – ele disse logo, no tom de voz custoso com que conseguiu falar, depois da síncope de pressão que o acometera de chofre, tão logo havia acessado o voo que o levaria a um dos estados do Nordeste do Brasil. – Desculpe-me por ter lhe pregado este susto. Foi involuntário! – Tentou sorrir, mas a palidez marmórea em seu rosto era impressiva, e Varínia não

conseguia aliviar-se, examinando-lhe o abatimento inegável. – Acho que foi o desgosto por você não ter podido me acompanhar!

– O médico tentou me tranquilizar! Disse que você será liberado logo, mas que nem deve pensar em entrar num avião outra vez, nas próximas horas! Prescreveu-lhe repouso severo durante pelo menos quatro dias, mas não me explicou a razão, por mais que eu teimasse! – Ela reclamou, mas, a isso, Bryan lhe espalmou, amoroso, a mão no rosto delicado e descomposto.

– Meu amor... Nós *sabemos* a razão, *dear!*

– *Não!!* – Ela rejeitou, exclamando: – *Não, Bryan!* Não deve ter nada a ver com isso!

Ele se manteve segurando-lhe o rosto com carinhosa firmeza, falando-lhe com lucidez:

– Varínia! Varínia, por favor! Assumimos esta situação para nós, anos atrás, de comum acordo e em consciência! Você, por vezes, parece uma criança, *my darling!* – E como ela meneasse a cabeça, sem conseguir falar, com as lágrimas escorrendo de seus olhos sentidos, ele continuou, sorrindo-lhe e, apesar de tudo, confiante: – Meu amor, escute! Nos próximos dias, amanhã mesmo, se houver um modo, vou ao meu médico! Você deve se recordar de que o portador do vírus não desenvolve a doença do mesmo modo fatal que os demais; todavia, sempre terá a saúde mais propensa a alguma fragilidade! Já me acompanhou em contratempos semelhantes anteriormente! Por que está reagindo assim?

– Porque eu não quero... *eu não posso perdê-lo!* – Ela declarou, adoradamente, irrompendo em soluços.

– Mas, por que, mamãe? Por que vamos perder o Bryan? – A voz súbita de Tadeu se fez ouvir naquele instante, porque a mãe, dominada pelo intenso estado aflitivo, havia momentaneamente se distraído da presença dele no quarto.

Ela e Lowe se entreolharam, e o músico a advertiu gentilmente, com a expressão fisionômica. Depois, ele chamou Tadeu, que se levantou, aproximando-se, um tanto receoso.

– Venha cá, rapaz. Escute-me! – Tomou-o, amigavelmente, pela mão e continuou: – Você tem de me ajudar a acalmar sua mãe. Ela está assustada

por muito pouco, eu não estou morrendo! Apenas passei mal! Já não lhe aconteceu de passar mal? – E como o menino, ainda temeroso, apenas concordasse, ao mesmo tempo em que media a mãe ainda lutando para conter satisfatoriamente a sua comoção, ele concluiu: – Pois foi o que aconteceu. Penso que você já pode saber que volta e meia isso me acontece, talvez com mais frequência do que com vocês e com outras pessoas, porque possuo uma característica orgânica que facilita, em mim, as infecções e as moléstias!

– Como assim, Bryan? – Interessou-se Tadeu, a seu modo também preocupado.

– Meu corpo não se defende tão bem quanto o seu. Por causa de um vírus, que por acaso contraí, há muitos anos, e para o qual ainda não existem remédios, nem cura definitiva!

– Igual ao vírus da gripe? Eu li outro dia na internet que não existe ainda cura para o vírus da gripe!

– Isso mesmo. Só que o vírus da gripe, na maior parte das vezes, é menos perigoso do que este que me pegou! Ainda assim, no meu caso particular, o problema não será tão grave, se eu tomar os devidos cuidados e for ao médico com frequência! Entendeu? – Tadeu assentiu. – Ajude-me, então, a lembrar a sua mãe disso, porque ela está nervosa e estou tendo dificuldades de convencê-la!

O menino concordou. E olhou a mãe, ainda chorosa, condoído, apondo a mão carinhosa em seus cabelos.

– Mamãe! Não fique assim! Não está ouvindo o Bryan? Ele vai ficar bem! Sabe... eu li também que muitas vezes a própria gripe mata! Mas, veja o Bryan, ele já está se recuperando, e acho que se você ficar desse jeito não vai ajudá-lo a melhorar mais rápido!

A moça, afinal acordando, retribuiu o olhar ansioso do menino. Caiu em si e desculpou-se.

– Perdoe-me, Tadeu! Não quis assustá-lo. Mas é que já perdemos o seu pai, lembra-se? E eu sofri muito! Você já é um rapazinho, e sei que está tentando me acalmar! Acredite; tão logo saíamos daqui com ele, tudo ficará melhor! – Ela prometeu.

Assim, na noite daquele mesmo dia, Bryan recebeu alta para voltar para casa na companhia mais aliviada da esposa e do enteado. E cumpriria à risca as suas determinações íntimas no sentido de, no dia imediato, procurar o médico de sua confiança, que havia vários anos o acompanhava, para adotar todas as medidas necessárias a um restabelecimento mais rápido.

Contudo, mesmo na saída do hospital, e sempre que se via na presença enervada de Varínia noutras ocasiões semelhantes, quando se esmerava em palavras de reconforto para sossegar o íntimo da companheira, não conseguia esconder de si mesmo que, na proporção exata do que dizia a ela com essa finalidade inspirada no amor que lhe sentia, no que lhe dizia respeito esse mesmo pormenor fazia com que, interiormente, se mortificasse, numa mistura de emoções agressiva à sua sensibilidade, envolvendo inconformação e um quase desespero pelo que o futuro lhes reservaria.

Martirizava-se, dessa forma, reiteradamente, nos instantes em que se pilhava sozinho numa ou noutra circunstância, no trânsito ou noutra situação na qual se visse longe da família formada recentemente.

Nunca voltara devidamente os pensamentos para Deus. No entanto, ultimamente, com o recrudescimento preocupante dos seus reveses de saúde em escala lenta, mas crescente, de modo recorrente se via mentalizando aquela Força Superior. Rogava-Lhe auxílio e confienciava, de si para si, que também lhe seria coisa intolerável ser afinal arrebatado daquela vida que prezava tanto, principalmente nos últimos anos, para alguma situação ou lugar, qualquer que fosse, que o separasse definitivamente da mulher que amava de maneira quase obsessiva.

Reconfortava-a, noutros momentos, da melhor maneira que podia, sempre que necessário transmitindo-lhe segurança, e uma confiança íntima que, ele mesmo, e por mais que disfarçasse, não mais sentia. E aquilo quase que o desarvorava. Daí a sua pertinácia obcecada, nas visitas médicas, e em adotar todos os recursos que estivessem ao seu alcance para que aquela situação tão temida e malfadada não os atingisse, lançando-o, e principalmente à violinista, num estado de sofrimento que adivinhava intenso e talvez insuportável!

O médico, dr. Bastos, um imunologista dos mais conceituados do Rio de Janeiro, atendeu-o em caráter de urgência logo na terça-feira. Conversaram longamente. Foram solicitados alguns exames e, de saída, foi diagnosticada uma inflamação severa de garganta, que o molestara durante todas as últimas horas com febre alta e de difícil controle. Todavia, os medicamentos de ponta receitados pelo facultativo experiente contornariam, com eficiência, aquele incômodo em particular.

O que preocupou o médico principalmente foram outras anotações, que deparou logo aos primeiros resultados dos exames, e ao conferir-lhe algumas manchas na derme de aspecto suspeito.

– Sua baixa súbita de linfócitos está me preocupando, Lowe! Devo informá-lo disso, para que possamos tomar as medidas necessárias!

– E o que está provocando isso? – Ele quis saber, lutando para se manter interiormente centrado a fim de acatar a orientação médica e reagir ao dilema com prontidão.

Bastos olhou-o e respondeu com sinceridade.

– Acredito que, infelizmente, e depois de todos estes anos, é possível que o vírus esteja, enfim, começando a manifestar a sua influência no organismo de forma mais agressiva. A sua defesa orgânica nunca esteve tão comprometida!

Bryan silenciou, mudando de posição no assento, sem poder esconder a sua inquietação.

– E o que podemos fazer para controlar o problema? Se é que há o que fazer... – ele arrematou, consciencioso, embora o médico reparasse pela sua entonação, um completo estado de desamparo íntimo. – O senhor sabe como é a minha vida, dr. Bastos! – e gesticulou, um tanto perdido sobre o que dizer diante daquele impasse ameaçador. – Sou músico, atualmente com responsabilidades importantes relacionadas a vários projetos no país! E contraí matrimônio há poucos anos! Por favor... – implorou, com franqueza: – ajude-me, no que puder, a adiar o mais possível o inevitável; a controlar este problema pelo maior tempo possível, porque não sei se a minha esposa resistirá, com a força necessária, a outro desgosto deste tipo! Quando a conheci, o senhor já sabe, estava viúva havia apenas dois anos!

Bastos, como sempre, respondeu-lhe de dentro das possibilidades conhecidas pela medicina de ponta, da qual lançava mão para todos os casos delicados como o do maestro:

– Sabe que estou aqui para auxiliá-lo com presteza, pois o acompanhamento desde que chegou ao Brasil. Vamos reforçar a dose dos medicamentos, Bryan. Haverá de se ressentir um pouco com os efeitos colaterais; mas é o caminho, e é contornável! Isso haverá de lhe assegurar uma dilação de prazo para a manutenção da sua qualidade de vida e fortalecimento da sua imunidade. Mas, como o senhor sabe, tudo é muito incerto! Torçamos para que, brevemente, a medicina descubra alguma saída mais contundente para a cura, e não para o simples controle desta moléstia ingrata!

O músico assentiu, visivelmente agradecido. Apesar disso, jamais se sentira tão desorientado quanto naquele momento. Resolveu, todavia, e ali mesmo, ocultar da companheira, que sabia de antemão extremamente sensível, aquelas nuances preocupantes da sua entrevista médica.

Queria, tanto quanto possível, que aquele drama ingrato decorresse para ela, até o seu arremate, de forma mais indolor.

CAPÍTULO 40

Diálogo confidencial



Dias depois, durante uma tarde de sábado, Varínia ensaiava no estúdio de Bryan vários exercícios exaustivos na performance do violino, sob a observação discreta e enamorada do marido. Ele se encantava, progressivamente, com o afloramento indiscutível do talento musical da moça, no decorrer daqueles anos de estudo sob sua orientação. E, em decorrência disso, e de outras cogitações que ultimamente tecia somente no seu íntimo, havia tomado algumas resoluções, que, contudo, seriam confidenciais apenas a uma determinada pessoa, que estava para chegar, atendendo ao compromisso habitual dos fins de semana: as aulas de canto à Varínia.

Entoado o último acorde daquela peça musical semitonada e cheia de nuances, a moça afinal depôs o instrumento de lado, sob os aplausos do músico que de imediato se levantou de onde estava, indo ao seu encontro, entre fascinado e divertido da expressão amuada que a esposa lhe endereçava.

– Deus, Bryan! Ainda terei mesmo aula de canto hoje? Não pode me dar uma folga? Estou exausta, e todo este treinamento nem ao menos objetiva

alguma apresentação sinfônica! São somente meras aulas, meu amor!

Ele riu, inclinando-se e beijando-a carinhosamente.

– Não objetiva *agora, my dear!* – Enfatizou. – Mas sabe bem dos nossos projetos, com os quais, aliás, você concordou, já há muito tempo!

– Sim, Bryan, concordei! Mas, sinceramente, não consigo me enxergar nem tão cedo fazendo parte da sua orquestra, nem me apresentando em público! Que coisa, isso parece uma obsessão!

Varínia não se mostrava exatamente aborrecida; apenas cansada, retribuindo ao marido o sorriso afetuosamente, apesar de tudo. Assim, entregou a ele o violino, anunciando:

– Tome, *teacher!* E, por favor, dê-me um intervalo! Devo verificar o que Tadeu está fazendo com o meu sobrinho esse tempo todo diante do computador, porque eles ainda têm de estudar geografia! E eu também quero tomar um banho! Se Hortênsia chegar, converse com ela e peça-lhe que espere um pouco, está bem?

Beijou-o, carinhosa, ante a sua aquiescência ainda irônica diante do seu patente cansaço, e saiu rápido, sumindo no corredor de acesso à suíte do casal.

Bryan ficou por ali arrumando apetrechos, partituras e instrumentos e, não decorridos nem dez minutos, ouviu a campainha soar.

Era a hora em que colocaria em prática as ideias remoídas nas suas cogitações mais íntimas dos últimos dias; mas havia de se dar durante a ausência de Varínia.

Assim, recebeu Hortênsia com cordialidade, atraindo-a de volta ao estúdio e explicando a ausência momentânea da esposa, para depois introduzir com ela o assunto que queria abordar com certa urgência.

– Ela saiu daqui há pouco, praticamente indignada comigo, Hortênsia! Mas não posso evitar submetê-la a esta sabatina, porque, à parte o fato de ser minha esposa e eu realmente estimá-la, é com toda a isenção que lhe digo que Varínia é excepcionalmente talentosa! E seria um desperdício que eu, como um profissional da música, ignorasse isso e consentisse em desistir de tentar promovê-la dos seus planos modestos de aprender música apenas à guisa de terapia! – Comentou com boa disposição na entonação e nos modos

e convidou-a a se sentar, adiantando-se para servir-lhe um refrigerante, dado o calor excessivo daquela tarde. – Quero-a fazendo parte da minha orquestra! Não admito menos do que isso! – E a moça, atenta, agradeceu a bebida, com um sorriso gentil, enquanto reparava que, ao mesmo tempo em que lhe declarava aquelas coisas, ele aparentava especular para si mesmo sobre planos maiores.

Entrementes, a professora de canto reparou na maneira como, agora se voltando e encarando-a intimativamente, o maestro relanceou o olhar atento pelos arredores, surpreendendo-a com a declaração seguinte, antes que ela pudesse dizer alguma coisa:

– E é bem sobre isso que quero aproveitar a oportunidade para falar com você durante um momento, fora das vistas dela, porque eu gostaria, Hortênsia, em nome da boa convivência que mantivemos durante todos estes anos, desde os seus tempos como minha aluna, de delegar-lhe, em confiança, uma missão com relação a Varínia!

A moça olhou-o, curiosa, sentindo aguçar-se o seu interesse pelo que lhe dizia o músico, daquele modo tão absolutamente inesperado, quando tudo quanto ela contava para aquela tarde seria um período agradável de aulas de canto para a amiga e violinista.

– Nossa! – Ela gesticulou, afinal, devolvendo-lhe um sorriso amigável. – Bem, em se tratando de você e dela, por quem tenho a mais alta consideração, só tenho a lhe pedir que diga logo o que quer, e tentarei atendê-lo da melhor forma possível!

Contudo, o que Bryan lhe declarou no momento seguinte a desconcertou grandemente. Jamais imaginaria que, somado ao favor mencionado, ele aproveitaria o instante fugidio de entendimento entre ambos para praticamente lhe confidenciar sobre uma situação que, de dentro da sua formalidade profissional rígida habitual, jamais abordara com qualquer pessoa do seu ambiente de trabalho, nem por alto!

Apesar de tudo, notou, ainda assim, que ele despendia grande cota de esforço íntimo para obrigar-se a lançar mão daquele expediente, assim como, conforme foi falando, para a sua autêntica surpresa, percebeu também

as razões reais e o grau evidente de aflição que o demovia a afrontar o próprio perfil reservado daquela forma avessa ao seu modo de ser.

– Hortênsia, devo falar tudo antes que Varínia volte! – A descontração inicial cedeu lugar rapidamente à seriedade tensa que se assenhoreou de sua expressão fisionômica. – Você tomou conhecimento, há algum tempo, embora de forma não muito adequada, do drama de feição particular com que eu e ela somos compelidos a conviver, em razão da minha saúde! – Bryan encarou-a. E como notasse que a moça emudecera, um tanto chocada, retraída, prosseguiu, reconfortando-a com um gesto ameno: – Não, não; ouça! Não precisa se constranger desse jeito! – E tornou a olhar em torno, zeloso. – Devemos ser objetivos, aqui, neste momento, Hortênsia, porque, apesar do tratamento constante que venho mantendo durante todos estes anos sob orientação médica, o fato é que não há como sabermos ao certo de quanto tempo ainda disponho por aqui!

– Mas... – Hortênsia vacilou, agora emocionada, porque estimava com sinceridade o casal, também à conta de amigos. – Por favor, Bryan, não deve falar desse jeito!

Mas ele a interrompeu, gentil e interessado em concluir com brevidade tudo o que tinha a dizer.

– Trata-se do que é, de fato! Mas não posso falar nestes mesmos termos com a Varínia, porque ela não tem de jeito nenhum compleição emocional e psicológica para encarar a questão desta ótica mais realista! Sou forçado a embalá-la ao sabor da fé que vocês comungam e que, de outro lado, auxilia-me a mantê-la otimista e confiante!

– Refere-se ao Espiritismo?

– Sim – ele concordou. – Isso a auxilia bastante, mas também não a censuro, quando insiste em encarar o problema do ponto de vista ingênuo de quem se vê às voltas com uma enxaqueca, sempre contornável, e nunca de consequências fatais!

Hortênsia agora o olhava, sinceramente compadecida.

– Oh, Bryan... Eu compreendo! Mas o que posso fazer para auxiliá-los?

O maestro a fitou. E a cantora julgou notar, velado naquele olhar profundo, um brilho no qual se espelhava, flagrante, um grande sofrimento,

a pulso contido no mundo interior do homem dedicado, com extremos de amor, à esposa e à família de há pouco formada, acima do músico e do profissional.

– Quando, enfim, eu me for, Hortênsia, e não há como se saber quando isso vai acontecer, alguém precisará me ajudar a manter a Varínia de pé! E conservá-la firme nos seus objetivos de vida, que ela sempre me promete que cumprirá à risca, no que se relaciona ao filho e aos planos que lhe expus há pouco, quanto à música! Só que sei que ela só me promete isso enquanto estou aqui! – Afirmou, abaixando o tom da voz para um nível ainda mais discreto. – Já a conheço o suficiente para saber que um segundo sofrimento de perda, assim, acontecendo de modo ainda pior que o primeiro, será capaz de destruí-la, se não houver por perto pessoas a quem ela de fato estima para auxiliá-la! Prometa-me que, sendo alguém vinculada a Varínia, atualmente, no nível mais próximo de amizade, somará esforços aos da família, para sustentá-la! E, mais tarde, quando toda a tormenta houver afinal amainado, que também tentará reconduzi-la ao trabalho com a música e introduzi-la na orquestra, porque, mais do que aquele serviço insípido por detrás de um caixa de banco, é para isso que a minha Varínia veio a esta vida! É o que ela sabe e o que gosta de fazer!

Àquela altura do discurso, os olhos esverdeados de Hortênsia se viam rasos de lágrimas. Ela desculpou-se, enxugando-os esquivamente, e de imediato prometendo, na intenção de sossegar a angústia que se refletia, gritante, naquele pedido tocante do seu antigo professor de música.

– Oh, Bryan, o que eu posso lhe dizer? Eu os estimo tanto! Pode ficar tranquilo, prometo-lhe ficar sempre ao lado de Varínia! Todavia... – ela aludiu, com certa resistência íntima em aceitar que tudo se desse daquele modo tão dramático para todos. – Quero crer, ainda, na intervenção da Providência Divina, para que vocês vivam felizes e juntos ainda por muitos e muitos anos! Oh, meu Deus... Há de ser assim! – Replicou, olhando-o, condoída.

– Obrigado pelos bons votos. Mas agradeço-lhe ainda mais por me reconfortar quanto a este pedido, que lhe faço em caráter sigiloso e

confidencial! Por favor, em nenhum momento conte a ela sobre nossa conversa, ok?

Hortênsia assentiu de pronto; mas, quando ia comentando algo a mais, se viram compelidos a mudar o assunto, de abrupto.

Varínia chegava, radiante, para recebê-la, com a disposição de espírito renovada após o banho refrescante que lhe refizera as energias e o bom estado de ânimo. Avançou risonha. E, sob o olhar agora apenas pensativo do maestro, abraçaram-se carinhosamente, demorando-se em palestra descontraída sobre amenidades, antes de afinal passarem às aulas de canto.

Naquela tarde, Bryan aliviara-se grandemente quanto a algumas de suas maiores e mais veladas preocupações.

CAPÍTULO 41

Ode à alegria



– ra, vamos, *my dear!* Você tem de concordar que é uma música espiritual!

⑨ Nunca reparou na letra?

– O que tem a letra? – Varínia perguntou, perdida.

– Você já me perguntou isso naquele dia e lhe expliquei – eles conversavam no seu estúdio doméstico, antes de enfim saírem de casa, enquanto Bryan providenciava o material de regência.

Então, ele se sentou um pouco, convidando a esposa a fazer o mesmo, com um gesto carinhoso. Quando ela se aproximou, ainda se sentindo tonta com o assunto, o músico a beijou e lhe passou o violino, dirigindo-lhe um olhar amoroso e pedindo-lhe, ainda uma vez, tentando distraí-la o suficiente para que se descontraísse em relação àquele impasse difícil:

– Vamos. Toque de novo para mim, meu amor. Por favor. A nossa *Sonata ao Amor*.

Varínia obedeceu-lhe, sob a assistência satisfeita e amorosa do marido, ao passo que se recordava: num acesso de loucura, ela tinha concordado – lembrava agora, vários dias depois, enquanto pegava das mãos dele o violino, com um sorriso incerto, e começava a tocar, relanceando-lhe um

olhar terno. Mas – lembrava – não demorou a recuar intimamente e a cair em si. Onde ela estaria com a cabeça?

Aquela noite de sábado para ela e Bryan havia sido particularmente maravilhosa. Haviam se presenteado com um programa a dois, num fim de semana. Sairiam, jantariam fora e dançariam.

Aproveitavam, destarte, a ocasião em que Dalton convidara Tadeu para passar com a família o sábado e o domingo, no seu sítio em São Pedro da Aldeia. Assim, o casal, bem a propósito, ficaria liberado para uma oportuna noite de núpcias, depois de um período particularmente tenso e sofrido após os últimos acontecimentos e sobressaltos em torno do estado de saúde de Bryan.

Saíram, portanto, sem hora para voltar, desanuviados como há muito não se sentiam. Jantaram no lugar preferido do Rio de Janeiro, onde também dançaram apaixonadamente muitas músicas românticas, durante várias horas, experimentando grata e renovada felicidade.

Foi na duração daquele idílio, mais tarde finalizado por inesquecíveis momentos íntimos divididos numa pousada aprazível à beira-mar, que o maestro enfim expôs à esposa o seu plano, para o qual – e como de hábito de acordo com o seu temperamento sempre decidido – não admitiria com facilidade recusas, porque seria parte da realização dos seus sonhos de introduzir a moça nos trabalhos musicais de elevado virtuosismo que já regia havia mais de uma década, no país que escolhera para residir e viver.

– Cantar no coral?! Durante uma sinfonia de Beethoven? – Varínia não podia acreditar, encarando o marido agora risonho e divertido com a sua reação, como se o julgasse desprovido da plenitude da saúde mental. E meneou a cabeça, sentindo-se sem fôlego: – Bryan! Como?! Enlouqueceu?!

– Oh, sim! De amor por você! – ele respondeu, meio apaixonado, meio de brincadeira. Depois resolveu fazê-la compreender que falava sério. – Varínia, por que o espanto? Não é o que já combinávamos há alguns anos, desde o início do seu curso de canto e violino? Lembre-se de que isso não é inédito para você, meu amor, pois já possuía experiência em corais, anteriormente!

– Isso foi há muito tempo! – Ela devolveu, taxativa e agitada, e o músico, levando-lhe gentilmente uma das mãos aos lábios, olhou em volta, advertindo:

– Shh, Varínia! Estamos dançando, fale baixo!

– Esta peça é toda cantada em alemão! – A moça rebateu, desassossegada.

– Já foi cantada em vários idiomas, e você haverá de se sair bem! Poderemos executá-la em inglês! E teremos muitos ensaios; mas quero intimá-la devidamente um pouco antes, porque já começaremos no próximo fim de semana!

Varínia ouvia, atarantada num primeiro momento. No começo, teimou e refutou. Mas o jeito envolvente com que o regente a enredou nos seus argumentos, de resto embalados pelo clima idílico dos momentos que vivenciavam naquele sábado em especial, terminou provocando nela algum efeito sedativo que a levou a capitular, e, em meio a beijos e palavras apaixonadas entremeando o assunto, enfim concordar com tudo.

Só que agora, às vésperas do primeiro ensaio, que aconteceria dali a alguns momentos naquele mesmo estúdio de Teresópolis onde se conheceram, ela repentinamente se retraiu, ameaçando deixar-se dominar pela timidez e pelos receios de que algo desse muito errado.

Mas Bryan não permitiria que ela recuasse, àquela altura. E bem-humorado, apesar de tudo, tratou logo de fechar a porta de casa antes que a moça desse um jeito de voltar para dentro e fincasse o pé para desistir de vez. Porque, malgrado sabendo que provavelmente ela não chegaria a tanto, nem que apenas para não decepcioná-lo, fazia-se evidente na sua fisionomia a palidez flagrante pela expectativa daquela experiência inédita.

– O que você quer dizer com “música espiritual”? – Ela redarguiu, a esmo, enquanto o regente a puxava, decidido, na direção do elevador. – Bryan, a espiritualidade da música não vem ao caso, aqui! Acredita mesmo que já estudei canto o suficiente para dar conta de uma responsabilidade destas?! Há instrumentistas consagrados na sua orquestra, e quase a totalidade deles são professores de música! A própria Hortênsia é!

– Sim. Durante quanto tempo você estudou música, anos atrás? Diga para mim!

Varínia deu de ombros.

– Ah, uns anos, quatro, cinco, somando-se ao tempo que participei dos corais. Mas...

– Hortênsia só fez refrescar a sua memória. Eu completei o seu curso de música, e quanto ao idioma, não se preocupe! Ensaaiaremos tudo exaustivamente, e você deve apenas evitar balançar o corpo, como se dançasse, enquanto canta! – Ele explicou, rindo. E como ela ameaçasse prorromper de novo em protestos, apelando agora para o argumento da sua inegável timidez, Bryan resolveu usar uma alegação definitiva: –Varínia! – E parou de andar, trazendo-a para junto de si, afetuosamente: – Vai duvidar do meu julgamento? – Cobrou, com certa autoridade que desconcertou a esposa.

Ela se deteve, olhando-o, perdida, sem saber o que mais dizer. Bryan sorriu e voltou a puxá-la pela mão, até chegarem à garagem.

– Vamos, então, medrosa?

Dessa forma, iniciou-se um período intenso de ensaios, inaugurando para a violinista uma fase de vivências da qual sequer ela suspeitaria para o seu futuro anos antes que o destino a levasse ao encontro daquela união com o voluntarioso professor de música e regente de orquestras.

A princípio tímida, e em sendo recebida carinhosamente pela entusiasta Hortênsia, tão logo chegaram ao estúdio – esta última, de seu lado, já devidamente prevenida por Lowe sobre os seus propósitos a respeito da apresentação da impetuosa Nona Sinfonia de Beethoven pela ocasião da próxima audição, a se dar dali a alguns meses no estado do Paraná – Varínia ainda se demorou, durante cerca de meia hora, sob os efeitos da palestra dedicada que ele fez questão de lhe ministrar, reservadamente, com o intuito de orientá-la e reconfortá-la, transmitindo-lhe instruções de molde a que participasse daquele primeiro ensaio da forma mais descontraída que lhe fosse possível.

Primeiro, portanto, assistiria a um ensaio completo. Na segunda execução, seria introduzida e tentaria entrar, lembrando de suas orientações e sob o apoio de Hortênsia nos vocais, da melhor forma que conseguisse, e que seria por ele observada, para depois tecer os devidos comentários e anotações. Teria em mãos a partitura e a letra da *Ode à Alegria*, em inglês,

que era o idioma já bem dominado após os anos de lições tomadas com o próprio marido.

Bryan assegurou-lhe, por fim, e desta vez de bom humor, com a intenção premeditada de aliviar-lhe a evidente tensão, que dali a alguns dias ela se veria em condições de cantar a peça inteira sozinha, se lhe pedisse, de vez que ensaiariam tal quantidade de vezes que reverteria nada menos que em perfeição nas performances. Disse-lhe que certamente acabaria reproduzindo até mesmo em sonhos a sua participação completa, antes mesmo do dia da estreia.

E quando ela argumentou a respeito do aspecto emocional da questão, indagando para onde atiraria o provável bloqueio que a timidez na certa lhe provocaria, na primeira vez em sua vida em que se apresentaria num coral daquele porte, acompanhada por uma orquestra sinfônica e regida por um maestro conceituado como ele, Bryan endereçou-lhe o sorriso cheio de ardor amoroso que ela conhecia muito bem e que sempre a desarmava durante muitas situações polêmicas, alegando:

– Você cantará olhando para mim. Cantará *para mim!* O seu marido! – Acentuou. – Garanto-lhe que, nessas condições, nenhum bloqueio acontecerá para você. *Confie em mim!*

Decorreram, portanto, vertiginosamente, semanas de ensaios, entremeados com as atividades rotineiras do dia a dia.

A família de Varínia foi convidada para a apresentação sinfônica da noite, e, já convivendo com a realidade daquela união peculiar com outra disposição de espírito, mais acolhedora e feliz, viajaram todos juntos, comparecendo de boa vontade na data marcada. Levaram Tadeu com eles, o que também contribuiu maravilhosamente para relaxar o ânimo da musicista, exaltada emocionalmente quase ao ponto de algum desfalecimento, nas horas anteriores ao instante de se dirigir ao teatro lotado.

O momento azado assim chegou, e o teatro cheio e lindamente iluminado caiu em silêncio, diante da numerosa orquestra enfim se acomodando em seus lugares, sob intensos aplausos, que o altivo maestro agradeceu com um sorriso amistoso, cavalheirescamente.

Ele relanceou um último olhar a Varínia, postada ao lado de Hortênsia. Ambas se viam distintamente arrumadas para a ocasião. Mas era visível para Lowe que a esposa estava numa disposição de espírito anestesiada, quase como se estivesse em transe, apesar de saber por antecipação que ela se sairia de maneira soberba na participação.

Intuíra que a força benéfica e poderosa do sentimento profundo que dividiam prevaleceria, instilando-lhe a segurança e a inspiração necessárias durante todo o espetáculo.

E, assim, de fato e para grande satisfação de amigos e familiares presentes, enlevados ante a beleza sublime da audição sinfônica, executou-se a magistral Nona Sinfonia de Ludwig van Beethoven, com o famoso texto inspirado no poema de Friedrich von Schiller, escolhido como hino do Conselho da Europa em 1972, nas suas expressões de liberdade, paz e solidariedade, e cantado pelo coro, no seu quarto movimento.

(Barítono)⁸

Oh, amigos, mudemos de tom!

Entoemos algo mais agradável

E cheio de alegria!

(Barítonos, quarteto e coro)

Alegria, mais belo fulgor divino,

Filha de Elíseo,

Ébrios de fogo entramos

Em teu santuário celeste!

Teus encantos unem novamente

O que o rigor da moda separou.

Todos os homens se irmanam

Onde pairar teu voo suave.

A quem a boa sorte tenha favorecido

De ser amigo de um amigo,

Quem já conquistou uma doce companheira

Rejuble-se conosco!

Sim, também aquele que apenas uma alma,

*possa chamar de sua sobre a Terra.
Mas quem nunca o tenha podido
Livre de seu pranto esta Aliança!
Alegria bebem todos os seres
No seio da Natureza:
Todos os bons, todos os maus,
Seguem seu rastro de rosas.
Ela nos dá beijos e as vinhas
Um amigo provado até a morte;
A volúpia foi concedida ao verme
E o Querubim está diante de Deus!
(Tenor solo e coro)
Alegres, como voam seus sóis
Através da esplêndida abóboda celeste
Sigam irmãos sua rota
Gozosos como o herói para a vitória.
(Coro)
Abracem-se milhões de seres!
Enviem este beijo para todo o mundo!
Irmãos! Sobre a abóboda estrelada
Deve morar o Pai Amado.
Vos prosternais, Multidões?
Mundo, presentes ao Criador?
Buscais além da abóboda estrelada!
Sobre as estrelas Ele deve morar.*

Feliz, arrebatado por exaltada realização íntima, Bryan regeria, naquela noite, a sua última e mais brilhante audição, ovacionada de pé, durante vários instantes depois do seu término.

CAPÍTULO 42

Despedida



Aquela noite mágica passara, marcando para sempre as melhores lembranças de Varínia desde que conhecera Bryan. O aniversário de Tadeu acontecera no começo do mês de agosto, e fora festejado no *playground* do prédio, onde a harmoniosa família de músicos residia. Foi também uma data feliz, que contou novamente com a presença de todos os familiares da violinista, tendo ficado Carmem na residência do casal para auxiliá-los a arrumar tudo após os festejos e usufruir daquele restante de domingo na companhia da filha, do genro e do neto.

A despeito de a comemoração ter acontecido de maneira satisfatória, a moça ocultara, durante todo o tempo, a ponta de preocupação com o modo como novamente Bryan dava mostras de debilidade orgânica. Dessa vez, havia alguns dias estava acometido por problemas gástricos que, contudo, aparentemente não o abatiam demasiadamente.

Mas o princípio do dia seguinte se encarregaria de desfazer na esposa a percepção errônea da situação.

Algo exaustos da festa, haviam se recolhido cedo, e, apesar de seu estado, Bryan ainda dividiu momentos apaixonados com Varínia, trocando com ela, até altas horas da madrugada, comentários sobre detalhes divertidos do evento da noite anterior. E, com isso, ambos adormeceram tarde demais, o que quase fez a moça se descuidar do chamado insistente do rádio relógio sobre a cômoda na manhã seguinte.

Ela se ergueu na cama de má vontade, esfregando os olhos embaciados de sono pela noite dormida de maneira incompleta; depois se inclinou, conferindo o sono do marido, ainda ressonando profundamente a seu lado. Olhando-o, embevecida, pareceu-lhe que o músico estava bem.

Todavia, ao fazer um movimento para se pôr de pé, entreviu algo que lhe despertou de chofre a atenção, baqueando-lhe o estômago, com um pressentimento lúgubre.

Varínia segurou o rosto do marido com cuidado, virando-o de leve. E percebeu o travesseiro sobre o qual dormia, em vários pontos, manchado com sangue.

De um salto, ela levou ambas as mãos à boca, trêmula. E tentou logo despertá-lo.

“Talvez não fosse nada; alguma lesão na gengiva”, torcia doloridamente, de si para si.

– Bryan!! Bryan, meu amor! Acorde!!...

Ao cabo de alguns segundos, ele enfim abriu os olhos, olhando-a, de imediato aturdido com a palidez marmórea no rosto descomposto da esposa.

– O que foi, Varínia?... – Murmurou, a voz rouca de sonolência, tentando se erguer. Mas teve de se interromper, sentindo uma vertigem súbita.

Evidenciou-se, ali, de imediato, que de fato algo de lamentável acontecia.

– *Bryan!!* – A esposa gritou, alarmada, quando, sem que pudesse evitar, o músico, num impulso, desviou-se, vomitando uma golfada de sangue.

Horas depois desses instantes difíceis e cheios de aflitivo tumulto na residência, com uma angustiada Carmem auxiliando no que podia para

acalmar a filha e ajudar a socorrer o genro, o maestro afinal era encaminhado, com a ajuda de Maurício e de Lobato, ao hospital mais próximo, onde fora convocado o médico que havia anos cuidava daquele caso delicado.

O diagnóstico que ofereceria à transtornada esposa e aos seus familiares ansiosos, momentos depois, não contribuiria para aliviá-los, nem para que alimentassem muitas esperanças pelo que estava por vir.

Bryan fora acometido por severa e invasiva infecção generalizada.

Como seria de se esperar, Varínia, ao primeiro choque, baqueou em desmaio profundo, tendo de ser também tratada durante as primeiras horas. Todavia, algo do próprio desespero da situação a levou a se refazer rápido da síncope. Pois, tão logo acordou, apenas uma coisa lhe consumia implacavelmente as emoções em desatino: ir para perto do marido, ficar com ele!

Praticamente arrastada, combalida, devastada pela dor, fora encaminhada cuidadosamente por Bastos para perto do agora adormecido Bryan, após o médico ter adotado os cuidados de aconselhá-la, compassivamente, e de ministrar-lhe forte dose de tranquilizante que a capacitasse a enfrentar os momentos difíceis que estavam por vir.

Ele a deixou acomodada ao lado do marido, e, respeitoso, retirou-se. Varínia largou-se sobre Bryan, abraçando-o, aos soluços incontidos, e aquilo de imediato se encarregou de devolvê-lo à consciência, despertando-o da letargia que os anestésicos pesados administrados pelo médico lhe impunham às forças orgânicas.

– Varínia... meu amor... – ele sussurrou, assim que, dolorosamente surpreso, notou-a naquele estado de alma deplorável. – Por favor. Vamos conversar. Não fique assim...

Entrementes, lágrimas que não conseguia conter também lhe molhavam os olhos, acima de todo o brio que se cobrava para tentar transmitir à esposa algum reconforto.

Doía-lhe, desesperadamente, a inconformação por algum tipo de derrota pessoal definitiva, e que não podia evitar. Fugira-lhe ao controle a situação, e, por mais que tivesse se prevenido, cuidado meticulosamente, antevia que não conseguiria subtrair àquele sofrimento inaudito justo a mulher a quem

sabia amar com uma força e intensidade desconhecidas, que, agora, arrastavam-no mesmo a acreditar pertencer, as origens daquele sentimento, a algum passado distante, como única explicação mais lógica e possível para o que lhes acontecia.

Doutra feita, naquele momento doloroso, amargava intensamente um período desanuviado de seu passado já distante, durante o qual, provavelmente – só agora via com clareza –, se conduzira de maneira leviana demais, sem pensar na verdade do que certa vez Varínia lhe dissera: “Para todos os nossos menores atos existem consequências, melhores ou piores, conforme a essência das nossas intenções e atitudes”.

Por quê, por Deus, não fora mais avisado, como obrigatoriamente deveria ter sido na época em que se envolvera com Bárbara? Em tempos em que já a aids se alastrava pelo mundo de forma inclemente, sem mais admitir da parte de ninguém a alegação de ingenuidade ou de ignorância dos fatores que envolviam o problema?!

Ele atraiu estreitamente Varínia para si. E, pela primeira vez desde que a conhecera, não conseguiu se conter. Soluçou com ela. As palavras lhe fugiam.

– Varínia. Eu a amo! Por favor, nunca se esqueça disso!

Ambos choraram, abraçados, durante um longo tempo. Então, o músico encontrou forças para continuar:

– Tenha certeza, *my dear*... de que envidei toda a minha força íntima e tudo o que pude mobilizar em mim e de mim, para estar ao seu lado pelo máximo de tempo possível. Pensei que conseguiria... – interrompeu-se. As lágrimas embargaram-lhe momentaneamente a voz. – Não pude! Desculpe, meu amor! Como somos arrogantes, meu Deus! Mas, ouça-me... – Levantando-lhe gentilmente o rosto delicado e lavado de lágrimas dolorosas, o músico a beijou, e tentou ainda extrair forças para apelar para outros recursos, na tentativa persistente de acalmá-la, o mais que pudesse: – Você deve se lembrar também de Tadeu, que depende, para tudo, do seu amor e de você, Varínia! E quero que pense também noutra coisa importante: no que soubemos, naquele dia, na Casa da Paz! Recordar-se da história, não é?

– Oh, Bryan, por favor! Não me recorde daquilo aqui! – Ela soluçou, apenas, sem conseguir falar mais.

– Mas é preciso! Escute! Lembre-se de que Otávio, o Wallace naquele episódio, tentou me tirar a vida, mas que isso não aconteceu! Foi o que ele nos contou! Fui socorrido. Recuperei-me do tiro; mas ele, não, meu amor! Ele sucumbiu à armadilha que lhe preparei! Tudo o que está acontecendo, agora, faz mais sentido, diante deste cenário do passado, que já me vejo obrigado a admitir! Eu tinha de passar por isso! Ver-me separado de você em processo gradativo, lento, doloroso; tinha de sentir em mim o que impus à outra pessoa que – pior! – Na ocasião, ao que parece, ainda pertencia ao meu círculo mais considerado de amizades! Eu lhe peço, por favor, e por nós, que não se esqueça disso agora, neste instante difícil, Varínia! Porque, entendendo dessa forma, certamente será menos rude para nós dois!

Interrompeu-se durante uns instantes, ofegando, sem muito fôlego. E a moça o beijou carinhosamente, pedindo que se aquietasse.

– Shh... Bryan. Descanse! Pare, não fale mais! Eu entendi. Entendi o que está dizendo! Mas não me peça... – a garganta contraiu-se.

Tombou o rosto, chorando de novo. A perturbação era imensa demais. O desespero, indescritível, para que ambos conseguissem concatenar mais ideias ou palavras, com alguma frieza e lucidez.

– Eu sempre estarei ao seu lado, minha Varínia... – o músico agora lhe sorria suavemente, as lágrimas deslizando-lhe, silenciosas, pelo rosto abatido e pálido. – É por essa razão... que devemos ser fortes. Que você deve rogar a Deus forças... e continuar... Por mim... Obrigado por tudo, *my beloved... my sweetheart!*⁹

Beijaram-se e abraçaram-se, intensa e sofridamente. Poucas horas depois, o inevitável estaria consumado.

Pela segunda vez a violinista enviuvava, de maneira lastimável e inaudita. E Bryan Lowe, debilitado, mergulhado em ríspido estado de sofrimento, era recebido por amparadores e amigos espirituais, dentre os quais se via o atualmente lúcido Otávio, nas dimensões invisíveis imediatamente adjacentes ao orbe.

CAPÍTULO 43

Epílogo: em nossa intenção



A última imagem que se manteve no nível consciente de minhas percepções, naquele instante dramático ainda tão latente nos meus sentimentos e impressões mais fortes do desfecho desta última jornada, fora Varínia tocando, ainda em casa, e para mim, naquela última vez antes da audição, a nossa *Sonata ao Amor*.

Hoje a acompanho na continuidade do seu caminho na Terra, sempre que o permitem os meus amigos e mentores destas dimensões mais autênticas da vida.

Existem momentos corretos para essas excursões de retorno, porque, das experiências da última estadia material nos cabe resguardar, preferencialmente, o que foi de mais belo e útil no âmbito da alma. Contudo, por mais dolorosa que esta necessidade se constate nos primeiros momentos da transição, mais cedo ou mais tarde devemos prosseguir.

Há de se recuperar, com o auxílio precioso do tempo, as condições emocionais, a saúde espiritual e física. Necessidade, esta, da parte daqueles

que ficam e dos que simplesmente se transferem de hospedagem, na imensidão das dimensões povoadas de vida no universo.

Nos primeiros dias da minha volta inconformada e cheia de revolta e irresignação, mantive-me próximo de Varínia e de Tadeu, de modo quase obsessivo. E, nisto, não fui tolhido por aqueles que me receberam depois do meu desligamento, apesar dos seus convites e aconselhamentos gentis no sentido de me conduzirem a planos e objetivos mais benéficos.

Mas eu não conseguia enxergar benefícios em qualquer meta diversa daquilo que havia projetado, de maneira tenaz, para o meu futuro, na companhia da família constituída havia poucos anos antes, e que me proporcionara tão grande renovação interior, em se comparando à visão árida nutrida até então, em decorrência da minha desesperança e desconfiança nos rumos da vida e nas pessoas.

Dedicara-me, até encontrar Varínia, à profissão como regente e músico, como se seguisse com austeridade rígida uma meta por mim mesmo traçada, e da qual não me permitia desviar a atenção, sob qualquer hipótese, para o que àquela altura considerava um gênero de distração perigosa, conservando-se, assim, são e salvo de maiores contratempos, depois da vinda definitiva para o Brasil.

E foi ela, inesperadamente – a minha nova aluna de violino, retraída e quase assustadiça, a mim apresentada por uma cantora da orquestra – a responsável por me fazer descobrir a realidade surpreendente de que ainda me cabia a felicidade de amar, e de ser e de fazer alguém feliz. Com origens diferentes para o mesmo tipo de desencanto, parecia que a vida nos confiava nova chance, a partir do sentimento avassalador que nos assenhoreou, em perfeita empatia, logo aos primeiros encontros objetivando o que, a princípio, pretendia-se como meras aulas rotineiras de música, da qualidade das que já ministrara às centenas, para tantos outros alunos.

Assim, fora uma felicidade desmedida este quadro repleto de luz e de renovadas emoções, que a união com Varínia me proporcionara.

De que forma, então, obrigar-me a arrancar-me do sonho maravilhoso, de maneira tão abrupta e ao sabor do que qualifiquei, em completo desespero e frustração, como tirania aleatória e despótica do destino?

“Como”, perguntava-me, tão logo me dando conta ser verdade tudo o que Varínia me asseverou, assim como o sr. Valério, naquele dia já distante na Casa da Paz “consentir em simplesmente me retirar, desistindo do que para mim consistia na minha nova referência mais absoluta de felicidade e realização?”

Nas primeiras horas e dias, portanto, em que me descobri devolvido à consciência e à noção de mim mesmo, predominou a necessidade desesperada de me conservar obsessivamente ao lado da mulher que ainda hoje amo com extremos que em nada esmoreceram ou diminuíram na sua expressão.

Mantive-me ao seu lado durante todo o drama inaudito havido no hospital e até o instante da despedida final, após a minha passagem. Em casa, acompanhei o seu desespero doloroso, ao longo de dias a fio, tentando inculcar-lhe, na maior parte das vezes inutilmente, a noção de que de algum modo eu ali estava, ainda mais vivo do que antes, e dotado de absolutamente todas as minhas características físicas, emocionais e psicológicas. Abraçando-a, beijando-a, e esforçando-me, com pertinácia, por me fazer ouvir e sentir.

Quando ela acomodava Tadeu para dormir, recorrendo aos restos de lucidez que lhe sobravam para lembrar-se do que lhe supliquei no entendimento final, acerca de que deveria ser forte para se fazer valer ao lado do filho, ali também eu estava. E nos deitávamos juntos, no leito confortável do nosso quarto, sem que de nada ela se apercebesse. Ela adormecia de exaustão após horas de soluços dolorosos, mergulhada em desatino. E eu, perdido, desorientado ante a minha ineficiência para sustar-lhe os acessos sucessivos de sofrimento, terminava por absorver-lhe, de maneira deplorável para as nossas condições íntimas, a bagagem ingrata de seus acessos emocionais.

Em nada auxiliava e ainda agravava o meu próprio estado depressivo, em simbiose lastimável de negatividade.

Noutras vezes, esperava, esperançoso, que ela adormecesse, para que pudéssemos nos reencontrar, de forma mais lúcida de sua parte, e não apenas pela insuficiente sensação de intuir a minha presença esporadicamente,

durante o passar das horas, julgando-se debilitada psicologicamente ou vitimizada por saudades doentias.

Insistia, abraçando-a, aconselhando-a a voltar a procurar a Casa da Paz, fonte certa do necessário reconforto para a sua alma combalida. Em vão, nos primeiros tempos. Ela nada ouvia ou sentia!

Noutra frente, acompanhava os esforços de dona Carmem, então hospedada em nossa casa a fim de auxiliar a recuperação da filha, e fazia por onde dirigir à senhora aflita ideias úteis, que de algum modo reforçassem suas iniciativas. E, de resto, apoiava a fiel Hortênsia, também presença frequente nos dias mais ríspidos de sofrimento, durante os quais se fez, ela, qual irmã imprescindível, nos instantes de não permitir à Varínia que sucumbisse, esmorecendo de vez...

A passagem inexorável do tempo, todavia, terminou por devolver-me algum tino, exaurido como me achava, de corpo e de alma, depois de um longo período despendido nestas tentativas desgastantes para o meu estado de ânimo durante tantos anos, que não reverteram, nem em resultados satisfatórios, nem na plenitude de espírito que usufruíra na comunhão amorosa outrora dividida com a alma querida.

Capitulei, terminando por compreender, a custo, que não poderia mais interferir, ou melhorar sequer, o curso dos acontecimentos; que o maior terapeuta para as nossas feridas seria a renúncia temporária, delegando aos recursos sábios do decorrer dos dias, das semanas, dos anos, a necessária cura, para que, de outra forma, enfim refizéssemos pensamentos, iniciativas e planos.

E, sob o peso de renovada sensação de sacrifício, reputado para além do que julgava suportar, acedi, enfim, ao apelo dos amigos e familiares da atual morada, para melhor me recompor do período difícil, e, de dentro de condições melhores no futuro, ver-me em situação para, de fato, auxiliar.

Com o passar do tempo necessário à minha adaptação e refazimento de saúde nas instituições situadas nas extensões inimagináveis do lugar luminoso da vida invisível que me acolheu com extremos de dedicação, à conta de paciente renitente, mas submisso, aos poucos refiz minhas forças. E, sob o amparo e aconselhamento dos orientadores responsáveis pelo

direcionamento do meu caso, retomei, a princípio, e somente a título de terapia prescrita aos meus nervos exauridos, as atividades com a música.

Associei-me a alguns amigos, conhecidos de vidas anteriores e afins em vivências compartilhadas nesta mesma área, e passei a dar aulas de música a estudantes interessados e a orientar grupos corais e musicais em projetos sinfônicos muito parecidos aos que me dedicava quando ainda reencarnado – mas dispondo de recursos indescritivelmente mais aperfeiçoados, nestas dimensões da existência insuspeitada por tantos!

Meus mentores, desde então, reconfortam-me com regularidade, assegurando-me que vivi bem e de maneira digna a etapa finda, resgatando a contento aquele passado sombrio. E, apesar disso, não me confirmo inteiramente refeito para usufruir de tudo com a devida completude. Falta-me, metaforicamente, um “braço”; uma metade essencial de mim mesmo – e esta metade essencial é Varínia – a minha mais importante incentivadora, o combustível imprescindível para que eu realize e refaça planos sob uma nova luz, responsável por emprestar a estes significados maiores da existência cor, brilho e intensidade!

Hoje, treze anos depois do ato final deste drama pessoal e anônimo, dentre tantos outros de mesmo teor espalhados nos entrechoques humanos do mundo, vejo-me, afinal, curado dos efeitos da moléstia funesta que me comprometera uma existência na materialidade. Mais importante, acima de tudo, a doença serviu como aprendizado de resgate e de expiação, prioritários sobre os nossos melhores sonhos dourados de felicidade.

Desencadeei, outrora, uma nota dissonante grave no percurso de um amigo, cuja existência de então não precisaria ter o desfecho sombrio sob o qual feneceu, se agíssemos, todos os envolvidos, de dentro das prerrogativas da compreensão – atributo divino na alma humana que, a qualquer tempo, preserva-nos dos impulsos mal medidos que, por inumeráveis vezes, comprometem-nos os destinos até mesmo ao prazo de múltiplas vidas materiais à frente.

A nota dissonante fora a tentativa de crime, de supressão letal e inexorável de uma vida cujas origens se perdeu nos mistérios dos desígnios divinos, como acontece para todos nós. E essa nota dissonante repercutiu, de

maneira idêntica em expressão e intensidade, a partir da essência do meu espírito, para se materializar nas provações graves da minha saúde física, enchendo-me de assombro e pesar, ao afinal compreender que não existe, de fato, separação entre os seres em jornada pelo mundo, segundo as leis sábias que ainda fogem da compreensão humana.

Um padrão sequer, por mais menosprezado nas suas implicações, que manifestemos na expressão de nossos pensamentos, sentimentos e atitudes durante a convivência com os que nos cercam, meu caro leitor, é o que haverá de prevalecer, iniludivelmente, também para nós, sob os efeitos da colheita para cada plantio, ou do retorno dos efeitos para cada causa que desencadeamos, no território incerto das nossas escolhas.

Todavia, o imenso alento é que os nossos melhores sentimentos e intenções são tudo o que de mais válido resta de cada um de nós – em qualquer lugar e a qualquer tempo.

E assim é que, cumprindo o que prometi certa vez a Varínia, agora retorno, valendo-me da anuência amigável dos meus mentores e do auxílio precioso da mediunidade a serviço do esclarecimento dos que estagiam nas esferas da vida material terrena, para contar do que sobressai em verdade e realidade, tão logo reencontramos nossa identidade, após a temida passagem entre as dimensões da vida.

Volto para lhe confirmar, Varínia – se de algum modo, que espero com profunda fé, acessar este precioso canal de contato –, que você tinha razão!

Tudo tem causa, continuidade eterna e consequência! A vida, simplesmente, prossegue. E aqui nos achamos, hoje, e superados todos os embates difíceis do passado, eu e Otávio, para oferecer, também a outros, e a partir desta esfera maior da existência, o nosso testemunho.

É, pois, em nossa intenção, *my dear*, que dedico aos leitores de boa vontade esta narrativa, permeada, mais do que tudo, com amor, sinceridade, esperança e fé num futuro certamente mais pleno em realizações. Mais feliz!

Que sob a inspiração de Jesus, e sempre com a certeza do meu amor e das mais caras lembranças dos tempos em que estivemos próximos, você continue tocando a nossa *Sonata ao Amor, Varínia!*

Viva e reviva. Cante, toque violino; *persista*, sob o amparo caloroso do carinho e do afeto de todos os que a estimam!

Faça de sua vida uma sinfonia de luz – em minha memória.

E assim, daqui eu a estarei esperando. Feliz!

Certo do nosso reencontro.

Bryan Lowe

(ESPÍRITO IOHAN)

Rio de Janeiro, 10 de novembro de 2011

¹ *Dear me!*: “Caramba, puxa!”. Expressão idiomática inglesa (Nota da Médium).

² *Sweetheart*: Namorada, querida, em inglês (N.M.).

³ Tradução: Coloquei uma toalha no banheiro para você (Nota da Edição).

⁴ Tradução: Eu ainda não o perdoo por ter nos deixado. Mas ainda amo você (N.M.).

⁵ Fica acertado, nesta parte da narrativa, que para clareza e facilidade na leitura os diálogos mais longos havidos com personagens familiares do país natal do autor serão automaticamente convertidos ao português (N.M.).

⁶ Tradução: Obrigada, minha querida (N.M.).

⁷ Tradução: Ajude-me! Ajude-me! Alguém me ajude! Alguém atirou nele! (N.M.).

⁸ Ludwig van Beethoven. *Ode à Alegria*. Tradução da versão em inglês. Wikipédia, (N.M.).

⁹ Tradução: Minha amada, minha querida (N.M.).